

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS- MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LEITURA E COGNIÇÃO

Maria Isabel Lopes

O IMPACTO DO “PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA” NO ENSINO DA LEITURA INICIAL EM ESCOLAS MUNICIPAIS E ESTADUAIS DE SANTA CRUZ DO SUL: DANDO VOZ AOS PROFESSORES

Santa Cruz do Sul

2015

Maria Isabel Lopes

O IMPACTO DO “PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA” NO ENSINO DA LEITURA INICIAL EM ESCOLAS MUNICIPAIS E ESTADUAIS DE SANTA CRUZ DO SUL: DANDO VOZ AOS PROFESSORES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado e Letras – Área de concentração Leitura e Cognição. Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Dra. Rosângela Gabriel

Santa Cruz do Sul

2015

Maria Isabel Lopes

O IMPACTO DO “PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA” NO ENSINO DA LEITURA INICIAL EM ESCOLAS MUNICIPAIS E ESTADUAIS DE SANTA CRUZ DO SUL: DANDO VOZ AOS PROFESSORES

Dissertação defendida em 22 de janeiro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Rosângela Gabriel

Prof. Dra. Ana Paula Rigatti-Scherer

Prof. Dra. Angela Fronckowiak

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL

2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Lucilene Bender de Sousa, por ter incentivado meu sonho.

Agradeço ao meu marido Flávio Renato Rieck Bugs, pelo respeito a minha escolha, pela paciência e amor.

Agradeço à amiga Adriana Janice Lenz, pelo apoio e por ter me contaminado pela busca do conhecimento sobre a alfabetização.

Agradeço à amiga Graciela Pacheco, pelo incansável apoio e amizade nos momentos difíceis.

Agradeço à amiga Katiele Naiara Hirsch, pela alegria e incentivo na hora certa.

Agradeço ao meu irmão João Roque Lopes, pela força e fé que fortaleceram a minha alma.

Agradeço às professoras alfabetizadoras que foram fundamentais para a realização da pesquisa.

Agradeço à minha professora orientadora Rosângela Gabriel, pela paciência, pelo carinho, pelos ensinamentos, pelas oportunidades de aprendizagens de vida e para a vida. Por ser a melhor professora que já tive em minha vida escolar. Por ser linda por dentro e por fora. Agradeço pela competência e insistência em conduzir o trabalho de orientação da forma mais gentil, amorosa e profissional.

Agradeço a Deus pela oportunidade de conviver e aprender com essas pessoas lindas, que foram essenciais na minha conquista.

*“Se você acha que a educação é cara,
tenha coragem de experimentar a ignorância.”*

Derek Curtis Bok

RESUMO

Esta dissertação tem como tema a aprendizagem e o ensino da leitura de crianças, tendo por objetivo investigar o impacto do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa nas práticas de ensino inicial da leitura nas escolas municipais e estaduais no município de Santa Cruz do Sul. A escolha de investigar a aprendizagem e o ensino da leitura na formação proposta pelo Pacto também tem caráter pessoal, pois a pesquisadora vivenciou essa formação como professora alfabetizadora do 2º ano em uma escola pública municipal. Para alcançar esse objetivo, contamos com duas metodologias, uma bibliográfica e outra experimental. No primeiro capítulo, de investigação bibliográfica, pautamos a linguagem e sua relação com a cognição e as implicações para a compreensão da natureza da leitura. Relacionamos o desenvolvimento cognitivo com a consciência fonológica no processo de aprender a ler e a escrever. Em seguida, direcionamos nossa atenção para os estudos sobre alfabetização. Analisamos os métodos de alfabetização e as implicações do método fônico e do método global, sob a ótica histórica da alfabetização no Brasil. Na sequência, apresentamos o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa no ensino da leitura inicial como uma política pública que tem por objetivo a melhora da qualidade na Educação Básica. No segundo capítulo, de natureza experimental, apresentamos a descrição da pesquisa, os dados e sua análise. A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas com professores alfabetizadores da rede pública, municipal e estadual, e seus respectivos coordenadores, no município de Santa Cruz do Sul/RS. Os resultados evidenciaram que o Pacto teve um efeito positivo na qualificação dos professores alfabetizadores no que tange à compreensão das habilidades da leitura e da escrita, pautada na prática do letramento, considerando os usos sociais da língua escrita. Por outro lado, a ausência de conhecimentos específicos sobre o desenvolvimento da habilidade de análise fonêmica e de decodificação fonológica demonstra que a formação atingiu de forma parcial a qualificação dos professores alfabetizadores. Além disso, a falta de discussão sobre o ensino e a metodologia adequada para o período de alfabetização com auxílio e os benefícios da neurociência foi comprovada, pois a maioria dos professores alfabetizadores tinha informações superficiais,

revelando a necessidade da exploração desses temas. É preciso que o governo brasileiro continue investindo na formação continuada dos professores, a exemplo do que ocorre com o Pacto, para qualificar os professores alfabetizadores, mas que seja dada maior relevância aos avanços dos conhecimentos das neurociências sobre o aprendizado da leitura, para que de fato possa haver qualificação do processo de ensino e aprendizagem da leitura.

Palavras-chave: leitura, alfabetização, consciência fonológica, Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

ABSTRACT

This dissertation has as theme the learning and the teaching of reading for children aiming to investigate the impact of the National Pact for Literacy at the Right Age in the initial teaching practices of reading in municipal and state schools in Santa Cruz do Sul. The choice to investigate the learning and the teaching of reading in training Pact also has personal, as the researcher participates in this training as a literacy teacher for the 2nd year in a public school. To achieve this goal we have two methods: one bibliographic and another experimental. In the first chapter, in which we have the bibliographic research, we cover the language and its relation to cognition and the implications for the comprehension of the nature of reading. We also relate cognitive development with phonological awareness in the process of learning to read and write. After, we turn our attention to the studies on literacy. We analyzed the literacy methods and implications of the phonic method and the global method in the historical perspective of literacy in Brazil. Following, we present the National Pact for Literacy at the Right Age in initial teaching reading as a public policy that aims to improve quality in basic education. In the second chapter, in which we have the experimental part of the research, we present the description of the research, the data that we have obtained and the analysis of them. The data collection was performed through interviews with literacy teachers of public schools, municipal and state schools, and their respective coordinators, in Santa Cruz do Sul / RS.

The results evidenced that the National Pact for Literacy at the Right Age had a positive effect in the qualification of the literacy teachers in regard to the understanding of reading and writing skills, based on the practice of literacy, considering the social uses of written language. On the other hand, the lack of expertise on the development of phonemic analysis and phonological decoding demonstrates that the training of literacy teachers was only partial. In addition, the lack of discussion about teaching and the appropriate methodology for

literacy period based on the recent findings in neuroscience was proven, because most of the literacy teachers had only superficial information about this, revealing the need for exploration of such issues. It is necessary that the Brazilian government to keep investing in the continuing education of teachers, similar to what occurs with the National Pact for Literacy at the Right Age, to qualify literacy teachers. But we emphasize the importance of giving great relevance to the improvement of knowledge of neuroscience on reading learning, so that in fact there may be qualification and advancement of teaching and learning of reading.

Keywords: reading, literacy, phonological awareness, National Pact for Literacy at the Right Age.

LISTA DE ABREVIATURAS

ANA	Avaliação Nacional de Alfabetização
ANEB	Avaliação Nacional da Educação Básica
ANRESC	Avaliação Nacional do Rendimento Escolar
BIA	Bloco Inicial de Alfabetização
CNE	Conselho Nacional da Educação
CRE	Coordenadoria Regional de Educação
EAD	Educação à Distância
EEG	Electroencefalografia
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
GEEMPA	Grupo de Estudos sobre Educação Metodologia de Pesquisa e Ação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP	Instituto Nacional Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IRM	Imagem por Ressonância Magnética
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
MEG	Magneto electroencefalografia
PARFOR	Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PDDE	Programa Dinheiro Direto na Escola
PDE	Plano de Desenvolvimento da Educação

PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Docente
PISA	Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes
PNAIC	Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa
PNBE	Programa Nacional Biblioteca na Escola
PNE	Plano Nacional de Educação
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PROFA	Programa de Formação de Professores Alfabetizadores
SAEB	Sistema Avaliação da Educação Básica
SEB	Secretaria de Educação Básica
SECAD	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
SEDUC	Secretaria da Educação de Porto Alegre
SMEC	Secretaria Municipal de Educação e Cultura
UNISC	Universidade de Santa Cruz do Sul

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1.	O APRENDIZADO INICIAL DA LEITURA	17
1.1.	Relação Cognição, Linguagem e Leitura	17
1.2.	Bases neurológicas da leitura – o cérebro aprende a ler	24
1.3.	Como se aprende a ler e escrever: Alfabetização	26
1.3.1.	Métodos de alfabetização	36
1.3.2.	Método global	37
1.3.3.	Método fônico	39
1.3.4.	Questões sobre o método global e o método fônico	41
1.4.	Alfabetização no Brasil	44
1.4.1.	O que diz a Lei de Diretrizes e Bases - LDB	48
1.4.2.	O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa	51
1.4.3.	Dados de Avaliações: Provinha Brasil e ANA	59
1.4.4.	Santa Cruz do Sul, a capital do Vale do Rio Pardo – escolas públicas – municipais e estaduais	65
2.	O ENSINO DA LEITURA: CONVERSANDO COM OS PROFESSORES	68
2.1.	Pesquisa Experimental	69
2.2.	Objetivos	69
2.3.	Justificativa	70
2.4.	Hipóteses	71
2.5.	Metodologia da produção dos dados	71
2.5.1.	Participantes	72
2.5.2.	Procedimentos de produção de dados.....	73
2.5.3.	Procedimentos para a análise dos dados	74
2.6.	Apresentação dos dados	74
2.6.1.	Perfil dos participantes	74
2.6.2.	Conversando com os professores	79

2.6.3	Conversando com os coordenadores	
2.7.	Discussão	122
	CONCLUSÃO	128
	REFERÊNCIAS.....	131
	ANEXOS	137

INTRODUÇÃO

A leitura ocupa um lugar de destaque em nossa sociedade, na prática, segundo Moraes (1996 p.12), “é um meio de aquisição de informação (e a escritura um meio de transmissão de informação)”. Transformamo-nos a cada dia, e para sermos cidadãos plenos em uma sociedade letrada é preciso dominar a habilidade de saber ler e escrever.

Com o desafio de melhorar o desempenho dos alunos e qualificar o processo de ensino da leitura, o governo brasileiro lançou em 2012 o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, hoje conhecido como Pacto, cujo objetivo é alfabetizar todas as crianças até 8 anos de idade, no 3º ano do ensino fundamental - um compromisso assumido entre o governo federal, estadual, municipal e o Distrito Federal. O Pacto também é destinado à formação continuada de professores alfabetizadores, que são professores que atuam nas turmas de 1º, 2º e 3º anos do ensino fundamental e professores de classe multisseriadas.

O Pacto conta com um conjunto de programas, materiais e referências curriculares e pedagógicas e tem como marco principal a formação continuada dos professores alfabetizadores com o objetivo de contribuir para a melhora da alfabetização e o letramento. Os conteúdos definidos para esta formação continuada estão alicerçados no tratamento sobre os direitos de aprendizagem das crianças do ciclo de alfabetização; sobre a avaliação e acompanhamento da aprendizagem das crianças; sobre o planejamento e avaliação das situações didáticas e sobre o conhecimento e uso dos materiais distribuídos pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2012).

Através dessa iniciativa o governo federal busca melhorar o ensino e a aprendizagem no Brasil, especialmente em relação à habilidade inicial de leitura e escrita, a partir do desempenho dos estudantes em avaliações para verificar a qualidade e o ensino da leitura no país.

O Brasil possui algumas ferramentas para verificar a qualidade do ensino da leitura no país. Entre elas pode-se citar o Sistema Avaliação da Educação Básica (SAEB): uma avaliação com provas de língua portuguesa, matemática e questionários socioeconômicos, que tem como objetivo realizar um diagnóstico

dos sistemas educacionais e gerar informações sobre a qualidade do ensino. O SAEB é uma avaliação externa, de larga escala, aplicada desde 1990 pelo Instituto Nacional Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Em 2005, foi reformulado e passou a realizar duas avaliações: ANEB (Avaliação Nacional da Educação Básica), que avalia alunos de 5º e 9º anos do ensino fundamental e também do ensino médio; ANRESC (Avaliação Nacional do Rendimento Escolar, mais conhecida como Prova Brasil) que envolve um número maior de alunos, pois é aplicada em escolas que possuem no mínimo 20 alunos matriculados na série avaliada. A partir destes dados que são oferecidos por escola, município, unidade da federação e país, é calculado o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Criado pelo o INEP em 2007, o IDEB é um indicador calculado a partir de dois conceitos importantes para a qualidade da educação: fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações do SAEB e a Prova Brasil. Em termos numéricos, numa escala de zero a dez, nos anos iniciais (1º ao 5º ano), o IDEB nacional alcançou 5,0 sendo que a meta para 2022 é de 6,0 (estabelecida pelo Plano de Desenvolvimento da Educação - INEP, 2014).

Além dos dados nacionais, o Brasil conta com o PISA (Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes), uma avaliação comparada, aplicada a estudantes de 15 anos, que ocorre a cada três anos nas áreas de conhecimento em Matemática, Leitura e Ciências. Em 2003, especificamente, o desempenho de 1/4 dos estudantes brasileiros, em uma pontuação de 0 a 6, não alcançaram o nível 2 em leitura, isso quer dizer que nossos alunos não conseguem deduzir informações do texto, estabelecer relações entre diferentes partes do texto e não compreendem variações na linguagem. Em 2012, nos testes de leitura do PISA, o nível de proficiência em leitura mais comum entre os brasileiros é o nível 2, isso significa que são capazes de deduzir informações de texto, estabelecer relação entre diferentes partes do texto e as tarefas de reflexão típicas deste nível exigem comparações e conexões entre o texto e experiências e atitudes pessoais (INEP, 2012).

Um instrumento de avaliação que acompanha as ações do Pacto é a Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA), uma avaliação externa que objetiva aferir os níveis de alfabetização e letramento dos estudantes do 3º ano do ensino fundamental das escolas públicas, realizada a partir do ano de 2013.

A prova fornece o resultado em desempenho em leitura, em matemática e escrita e apresenta o Indicador de Nível Socioeconômico e o Indicador de Formação Docente como indicadores contextuais do trabalho escolar. A construção dos testes tem como base Matrizes de Referência, referentes ao ciclo de alfabetização e as provas seguem a mesma metodologia utilizada no SAEB. As escalas de proficiência em leitura vão do nível 1 (até 425 pontos), nível 2 (maior que 425 até 525 pontos), nível 3 (maior que 525 até 625 pontos) até o nível 4 (maior que 625 ponto), que é inferir sentido de palavra de texto verbal; reconhecer os participantes de um diálogo em uma entrevista ficcional e inferir sentido em texto verbal. A divulgação dos dados e resultados de cada escola será através de boletim eletrônico e poderá ser analisado cada nível de proficiência e a descrição das habilidades referentes a cada nível.

Tendo em vista esse panorama de ações, relacionadas à qualificação da aprendizagem da leitura, queremos conhecer e verificar a concepção de alfabetização que o Pacto apresenta, pois em relação à leitura inicial, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (1997) trazem como referência a superação da concepção de que “ler é simplesmente decodificar”, deixando claro através desta orientação a redução da importância da decodificação na alfabetização, colocando como objetivo final e principal a compreensão do texto. Precisamos verificar até que ponto a manutenção dessa concepção afeta a prática docente e mantém as dificuldades que o ensino de leitura tem enfrentado nas escolas e nos resultados em avaliações externas.

Este estudo tem como objetivo investigar qual o impacto do Pacto na formação dos professores alfabetizadores, tendo como referência à situação atual do ensino e da aprendizagem da leitura no Brasil. A análise das questões pertinentes as ações do Pacto visa à promoção de políticas públicas específicas que apontem para a qualificação deste processo para entender como a qualificação no ensino-aprendizagem da leitura e da escrita pode alterar o cotidiano escolar. Realizamos entrevistas com os professores alfabetizadores da rede municipal e da rede estadual, que participam da formação Pacto no município de Santa Cruz do Sul, RS, Brasil. Através de perguntas sobre os conhecimentos em leitura, conceitos de alfabetização e letramento, enriquecimento na prática de sala de aula, buscamos investigar de que forma o Pacto impacta.

Esta dissertação é composta, inicialmente, por este capítulo, que é esta **Introdução**. O **Capítulo I** traz os pressupostos teóricos que estão relacionados às bases neurológicas da leitura e o papel da memória no processo de aprendizagem. A cognição, a linguagem e a leitura também serão abordadas, como se aprende a ler e escrever e quais os modelos de métodos de alfabetização. Em seguida, a descrição do que é o Pacto e as mudanças relacionadas pela Lei de Diretrizes e Bases - LDB, documentos orientadores e políticas públicas, e a avaliação da alfabetização no Brasil. No **capítulo II**, está descrita a pesquisa, os instrumentos e procedimentos para a obtenção dos dados e a apresentação e análise do que dizem os professores e coordenadores. Buscamos organizar algumas ponderações sobre os resultados obtidos pela pesquisa com as teorias e práticas que envolvem a qualificação da leitura. Com esta pesquisa, desejamos colaborar na ampliação de discussões a respeito da formação de leitores e das concepções a cerca do ensino e da aprendizagem da leitura inicial.

1. APRENDIZADO INICIAL DA LEITURA

Neste capítulo, pautamos a relação entre a cognição e a linguagem na aprendizagem da leitura e procuramos entender como a interação do sujeito com o meio desenvolve e amplia o conhecimento, em especial àqueles que serão acionados durante a leitura. Em seguida, evidenciamos o funcionamento do cérebro e das estruturas neuronais responsáveis pelo o aprendizado da leitura. Investigamos como se aprende a ler e a escrever e quais os métodos conhecidos e utilizados pelos professores. Através da história da alfabetização no Brasil, apresentamos os períodos definidos pelos métodos de alfabetização e buscamos compreender como chegamos ao momento atual no que diz respeito à aprendizagem inicial da leitura e da escrita. Enfocamos as mudanças na LDB responsáveis pela busca na melhora da qualidade na Educação Básica. Apresentamos o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), seus princípios, seus objetivos, seus cadernos e as avaliações que monitoram o processo de ensino e de aprendizagem da leitura através da Provinha Brasil e ANA. Enfim, apresentamos o município de Santa Cruz do Sul e suas escolas.

A partir da reunião dos conhecimentos oriundos de diversas fontes teóricas e sociais, acreditamos que a pesquisa bibliográfica a ser descrita na sequência fornecerá subsídios para a busca dos objetivos a que esta dissertação se propõe.

1.1. Relação cognição, linguagem e leitura

Como a aprendizagem da leitura é o foco desta pesquisa, precisamos entender de que forma esse processo acontece. Este estudo é baseado no paradigma interacionista de Vygotsky (1896-1934) e Tomasello (2003), que busca compreender como surge a cognição e qual a relação da cognição com a linguagem. A leitura por sua vez desponta como produto cultural decorrente da relação entre cognição e linguagem, e ao mesmo tempo tem o papel fundamental de aprimorar essa relação.

O interacionismo de Vygotsky considera que o sujeito, ao interagir com o meio social, constrói e desenvolve conhecimento. Mas então, como surge o pensamento? Como a criança desenvolve seu conhecimento? Buscando responder à relação pensamento e linguagem, Vygotsky esclarece que nos primeiros meses de vida do bebê, o desenvolvimento do pensamento é separado do desenvolvimento da linguagem e não é paralelo; por volta dos dois anos, pensamento e linguagem se unem, iniciando deste modo, um comportamento distinto. Sendo assim, é fundamental fazermos referência à linguagem como determinante no surgimento do pensamento e no desenvolvimento intelectual da criança. O uso da linguagem que inicialmente estava relacionada ao convívio social, passa a ensejar um pensamento mais racional e estruturado. Considera ainda, a língua como um meio fundamental no processo de conhecer e é por intermédio da língua que ocorre o processo de interação do sujeito com o mundo. Ao falar durante o seu brincar, a criança demonstra como ocorre o processo de ação do sujeito sobre o objeto e que a fala atua como instrumento de construção de seu conhecimento. Ao privilegiar o ambiente social, Vygotsky enfatiza que há interação entre desenvolvimento e aprendizagem caracterizando que a construção do conhecimento acontece do social para o individual. Essa perspectiva pode ser denominada também de sociointeracionista (VYGOTSKY, 1998).

A teoria sociointeracionista de Vygotsky (1896-1934) enfatiza que é através da linguagem que nos constituímos como sujeitos e que a língua é a grande mediadora no processo de interação do sujeito com o mundo. Ressalta que a função básica da interação é comunicar algo, destacando o aspecto social do ser humano. Entretanto só há comunicação verdadeira quando esta vem acompanhada do pensamento generalizante, que é o significado do que é expresso. Para Vygotsky (1996, p. 5), “as formas mais elevadas da comunicação humana somente são possíveis porque o pensamento do homem reflete uma realidade conceitualizada”. Ressalta a importância das duas funções da linguagem, a de comunicar e a de compartilhar o significado com seu grupo social e que são indispensáveis para o desenvolvimento do pensamento da criança e de seu desenvolvimento social. Assim, é possível considerar que a linguagem organiza e é capaz de transformar o que pensamos (VYGOTSKY, 1996).

Vygotsky, ao defender o interacionismo, revela a importância dos processos de interação e mediação no desenvolvimento humano e que a linguagem não é apenas uma expressão do conhecimento. Existe “uma inter-relação fundamental entre pensamento e linguagem, um proporcionando recursos ao outro. Desta forma a linguagem tem papel essencial na formação do pensamento e do caráter do indivíduo” (VYGOTSKY, 1998, p. 3-4). A formação do pensamento da criança tem suporte nas primeiras conversas da mãe com o bebê, nas mediações com o grupo familiar e na convivência com o grupo social. A ampliação do conhecimento e a garantia de que através da linguagem serão transmitidos os valores que formam a cultura daquele grupo específico é parte dessa interação.

Na mesma direção, Tomasello (2003) tem como objeto de estudo a linguagem como mecanismo de transmissão da cultura humana e um meio de comunicação poderoso. Dá ênfase específica à aquisição e ao desenvolvimento de competências linguísticas humanas, que ocorrem através de processos que envolvem habilidades sociocognitivas humanas de compreensão. E é através de atividades com indivíduos humanos, linguística e simbolicamente competentes, que ocorre o desenvolvimento cognitivo, e conseqüentemente, o desenvolvimento linguístico. Propõe que através da interação ocorrem alterações significativas que são capazes de modificar habilidades e conhecimentos pertencentes à mesma cultura. Podemos considerar, baseados neste pensamento de Tomasello (2003), que o desenvolvimento do pensamento do bebê e a linguagem fazem parte de um processo gradual que está organizado em ações. Estas ações são as protoconversas, que são interações para expressar e compartilhar emoções básicas e também imitações do comportamento dos adultos.

Sendo assim, como a linguagem tem papel decisivo no desenvolvimento do pensamento e do conhecimento da criança, Vygotsky (1998) classifica que a aquisição da linguagem se dá em três fases: a linguagem social, a linguagem egocêntrica e a linguagem interior, que está vinculada ao pensamento. A linguagem social é a primeira fase que surge e tem função de comunicar e interagir. Na transição para a segunda fase, da fala social para a fala egocêntrica, ocorre à passagem da função comunicativa para a função

intelectual, sendo fundamental para organizar e planejar melhor as ideias. É a fala da criança com ela mesma e não tem a função de comunicar.

Por volta do dois anos de idade, paralelamente ao desenvolvimento do pensamento e da linguagem, surge um novo comportamento. Nesta fase, a linguagem começa a exercer uma função intelectual e os pensamentos passam a ser expressos por perguntas. Numa fase posterior, surge o discurso interior, momento em que a criança vai adquirindo a capacidade de pensar as palavras sem precisar dizê-las. Já num plano mais profundo do discurso interior, desenvolve-se o pensamento amparado na linguagem, que é responsável por criar conexões e resolver problemas. A partir deste momento, a criança é capaz de representar o seu pensamento através de suas ações, sendo a linguagem fundamental na formação do pensamento (VYGOTSKY, 1998).

Também indispensável para a aquisição da linguagem é a compreensão da intenção comunicativa, quando a criança compreende que os adultos utilizam símbolos falados ou escritos para atingir seus objetivos. Para Tomasello (2003), a atenção conjunta, que é a habilidade de direcionada atenção do adulto e da criança a um terceiro objeto, se manifesta de maneira específica ao determinar o processo que desenvolve as interações sociais ao compartilharem experiências. A atenção conjunta é um instrumento importante no processo de aprendizagem da criança e com ajuda do adulto, ela percebe detalhes do que está sendo comunicado.

Outro aspecto relevante na teoria interacionista é a importância do significado, do sentido que é dado ao falar. É o significado que garante o intercâmbio social, como uma ferramenta mediadora que traz na palavra a questão semântica e a questão psicológica de generalização. A generalização é possível quando a base da linguagem tem função comunicativa e representativa articulada com o pensamento. Ao possuir uma representação mental generalizada, transferimos o conhecimento mediado pelas experiências anteriores e muitas vezes aprendemos com a experiência do outro.

Vygotsky (1998, p. 131), ao explicar a importância do significado, esclarece que “uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso por palavras permanece uma sombra”. Neste processo de interação, a linguagem não é vista apenas como um código casual, mas parte essencial do desenvolvimento cognitivo da criança. Um

ambiente rico de significados é responsável por desenvolver e criar representações mentais capazes de manter a relação de mediação entre o sujeito que aprende e o conhecimento (VYGOTSKY, 1998).

Por isso, ao desenvolver a linguagem, o indivíduo ganha em aspectos cognitivos como a atenção, a memória, a percepção e aprende a categorizar, classificar, nomear, facilitando a organização de sua vida dentro da lógica e da ciência, como também na poesia. Portanto, a linguagem tem papel importante no processo de desenvolvimento cognitivo, determinando de que maneira se vai aprender a pensar, uma vez que formas avançadas de pensamento são transmitidas através de palavras. A participação dos processos cognitivos no desenvolvimento da linguagem faz o homem avançar em conhecimento de si mesmo e sobre suas obras. O uso da linguagem proporciona o acesso em nível superior de consciência (Changeux citado por Dehaene, 2012, p. 10).

Retomando a hipótese interacionista, destacamos a relação da ação do sujeito, a influência para a aprendizagem e para o desenvolvimento humano, buscando assim, a explicação dos processos relacionados à cognição e à linguagem.

Nesta trajetória da aprendizagem, a leitura tem a sua importância, pois é uma ferramenta de alteração social, transformando o sujeito e ampliando seu papel na sociedade. Precisamos dos órgãos da visão e da audição para atividades de leitura, mas a capacidade da leitura é cognitiva e esta capacidade transforma representações fonológicas em significações, que são combinadas no sistema de linguagem (MORAIS, 1996). Ao ler uma palavra, acionamos sua representação fonológica e sua representação ortográfica, pois em nosso sistema mental, as representações estão engramadas em redes de maneira interativa.

Mas o que é leitura? Segundo Morais (1996 p.109), “é a capacidade de reconhecimento de palavras escritas, isto é, a capacidade de identificar cada palavra como forma ortográfica que tem uma capacidade de significação e atribuir-lhe uma pronúncia”. Através do conjunto de processos perceptivos e mentais, desenvolvemos nossa capacidade para a leitura. O sistema de leitura normal ocorre quando a palavra escrita passa primeiramente pela análise visual e depois pela categorização das letras. Como consequência, esta

operação segue para o subsistema das unidades ortográficas, que resulta em duas rotas: a rota ortográfica e a rota fonológica.

A rota ortográfica ativa as unidades que representam as palavras de forma ortográfica, faz a conversão grafofonológica, que estimula as representações semânticas e representações fonológicas. A rota fonológica faz a conversão grafema-fonema nas regras da pronúncia, transforma em representações de fonemas e, através do processo de combinação, ativa as formas fonológicas que ativam as representações semânticas e ortográficas das palavras. As duas rotas, ortográfica e fonológica, em consonância com a representação ortográfica, fonológica e semântica da palavra, atuam de forma recíproca e de interação mútua. Nesta operação de análise visual, as duas vias são ativadas e desempenham papel importante no reconhecimento da palavra. A capacidade de identificação das palavras tem relação com o domínio do princípio alfabético, por meio do qual a criança passa a identificar padrões ortográficos, forma fonológica e semântica, ampliando consideravelmente seu léxico ortográfico (MORAIS, 1996).

Além disso, a aprendizagem da leitura não se faz de forma espontânea, necessita de instrução e prática de leitura, num primeiro momento, uma aprendizagem consciente e, num segundo momento, um saber não consciente, como um sistema progressivo (MORAIS, 1996). Ao identificar uma palavra através do processo de decodificação, mais tempo o leitor terá para realizar processos de análise e compreensão. Para compreender o que estamos lendo, precisamos desenvolver capacidades cognitivas gerais. Temos de, entre outras coisas:

manter a atenção no que lemos; recuperar conhecimentos prévios (sobre ideias, fatos, etc); manter as informações já obtidas em uma memória ativa, chamada memória de trabalho, porque, se necessário, as repetimos na mente para reutilização imediata; relacionar informações que estão em frases diferentes para extrair delas um sentido que pode não estar explícito no texto (MORAIS, 2013, p.13).

Outro passo importante no desenvolvimento da capacidade de compreensão é a leitura de livros em voz alta, que expande o significado e a demarcação entre as palavras, as variações de sons e amplia o repertório de palavras. Ao ler em voz alta buscamos recuperar a pronúncia da palavra,

queremos aprender seu significado e ter a capacidade de compreender o que está sendo lido. Em relação à leitura, especificamente, expandimos nossa capacidade de traduzir o que está escrito e readquirimos no material escrito a representação gráfica da linguagem que representa a fala interna ou o pensamento verbal, desenvolvendo várias capacidades. Essas capacidades fazem parte de um sistema de tratamento da informação e são adquiridas progressivamente com a prática da leitura. No plano das capacidades e dos conhecimentos linguísticos, temos de Morais (2013, p. 13):

ativar o significado preciso das palavras reconhecidas sem ignorar o contexto (a rosa dos ventos não é uma flor nem uma cor); interpretar as expressões metafóricas e outras figuras de estilo; analisar a estrutura sintática de cada frase; construir o seu sentido a partir de todos esses dados; ligar cada frase à seguinte tendo em conta as marcas explícitas de transição (“assim”, “porém”, “também”, “do mesmo modo.

No plano afetivo, a leitura desperta através da voz, da entonação e do significado das palavras, a descoberta de novos mundos favorecendo os conhecimentos linguísticos e cognitivos. Como podemos ver, necessitamos de capacidades e conhecimentos cognitivos e esses incluem os linguísticos e afetivos, para que ocorra a aprendizagem da leitura. Mas o que é necessário para que ocorra a compreensão de um texto?

Para Marcuschi (2008, p.230), “compreender exige habilidade, interação e trabalho”. A compreensão faz parte de uma relação com o outro, um modo de agir dentro da cultura e uma forma de conviver socialmente. Compreender envolve tempo, aplicação, dedicação, o que é trabalhoso para conquistar. Talvez a interação seja a parte mais dinâmica, em que, com o auxílio do outro e o conhecimento que circula no grupo, podemos formular ou ampliar nossos conceitos.

Para Solé (1998, p. 32), “o processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda o texto e que possa ir construindo uma ideia sobre seu conteúdo, extraíndo dele o que lhe interessa, em função dos seus objetivos”. É imprescindível retornar, retomar, relacionar para conseguir avançar na compreensão de palavras e dos significados no texto. A leitura enriquece nossa linguagem, estimula novos conhecimentos e, ao mesmo tempo, faz com que o leitor retorne a ela cada vez mais hábil.

A leitura compreensiva é essencial para a vida do homem, pois através dela, ele elabora conhecimentos mais complexos, processa informações, estabelece outras estratégias e experiências (KLEIMAN, 1999).

A partir da abordagem sobre a relação da cognição, da linguagem e da leitura, é possível verificar o papel da interação para a aprendizagem e para o desenvolvimento do potencial humano de comunicação e reflexão por meio da linguagem. Na seção seguinte, buscaremos descrever o estado da arte das pesquisas sobre como o cérebro aprende a ler.

1.2. Bases neurológicas da leitura- O cérebro aprende a ler

Segundo Dehaene (2012, p.25), “o tratamento da escrita começa no olho”. A região da retina, chamada de fóvea, rica em células fotorreceptoras de resolução muito alta é capaz de captar as letras com detalhes para reconhecê-las. A fóvea é a única região da retina útil para a leitura e sua estreiteza é responsável pelos movimentos que realizamos ao ler, que são chamadas de sacadas. Outro aspecto relevante é que só conseguimos enxergar com precisão quando fixamos o olhar em determinada palavra, dificilmente em espaços em branco. As fixações podem ser longas e podemos também fazer regressões, retornando ao sentir dificuldade no texto. Identificamos no máximo dez ou doze letras por sacada e a periferia do campo visual não é legível.

Quando aprendemos a ler, acessamos através da visão as regiões que são responsáveis pela linguagem falada. Nosso sistema visual realiza cálculos precisos durante a leitura como a decomposição das palavras escritas em fragmentos abstratos (letras, grafemas, bigramas, morfema). O reconhecimento das palavras é complexo, sendo preciso atingir um reconhecimento invariante. (DEHAENE, 2012). O reconhecimento das invariâncias acontece por duas razões distintas, uma porque o mecanismo adaptativo do sistema visual dos primatas distingue as formas básicas do que existe na natureza, e a outra é determinada pela capacidade humana dos neurônios da região occípito-temporal-ventral esquerda, em reconhecer os traços invariantes que compõem as letras e levarem através das sinapses as informações para os neurônios de regiões que estão ligadas à linguagem verbal e ao processamento do

significado. A invariância tem relação com o tamanho das letras e diz respeito à posição e à forma das palavras. Outro aspecto relevante é a preservação e a ampliação de detalhes nas palavras, o reposicionamento de letras e as regularidades ortográficas, independente da palavra estar escrita na caixa alta ou baixa como MALA ou mala, ou na fonte e estilo como bala, *bala*, **bala** ou bala (SCLIAR-CABRAL, 2009).

Nosso cérebro trabalha com processadores ultraespecializados em todos os níveis, traços, letras e palavras. (DEHAENE, 2012). Através de exames de Imagem por Ressonância Magnética (IRM), a electroencefalografia (EEG), e a magneto electroencefalografia (MEG), que medem o processamento da leitura, podemos acompanhar *online* alguns experimentos em que a região occípito-temporal-ventral esquerda se ilumina quando as pessoas são expostas a palavras escritas, o que não ocorre quando são palavras ouvidas, revelando que o processamento das palavras escritas ocorre em algumas partes da região occípito-temporal-ventral esquerda, uma região especializada para a leitura, sendo que a região contra-lateral do hemisfério direito utiliza o reconhecimento de faces (SCLIAR-CABRAL, 2009).

Segundo Dehaene (2012, p. 161), “na realidade, a capacidade de aprendizagem deve acima de tudo ser considerada como uma evolução sofisticada do córtex”. Nosso organismo ganha ao adaptar-se aos padrões externos e o que prepara o cérebro para a leitura é o aperfeiçoamento linguístico e visual da criança. Conseguimos desenvolver a capacidade para ler porque nosso sistema visual aperfeiçoou, através da plasticidade, o reconhecimento invariante das letras e palavras. Aproveitamos o que já possuímos, refazemos competências e utilizamos a leitura, um produto cultural que está ligado ao funcionamento dos circuitos cerebrais. Toda aprendizagem implica em formação de memórias, que poderão ser recuperadas nos momentos em que forem demandadas. Portanto, não há forma de aprender que não necessite da criação de memórias, assim a memória tem papel essencial na aprendizagem da leitura.

A memória é responsável por armazenar os fatos, as informações, guardar lembranças de tudo que vivenciamos ou experimentamos. Somos feitos de nossas memórias e lembrar é imprescindível no planejamento do nosso futuro. A memória guarda nossos costumes, experiências e com isso

vamos formando um conjunto de memórias que nos caracteriza como pessoas. Para Izquierdo (2013, p. 15), “memória é a aquisição, conservação e evocação de informações. A aquisição se denomina também aprendizado.” Temos a memória operacional ou de trabalho, que utilizamos quando estamos realizando algo no momento presente. Ela retém a informação por pouco tempo sendo conhecida como memória imediata. Já a memória de curta duração armazena as informações por algumas horas e a memória de longa duração é aquela que consolida o que aprendemos ou vivenciamos. O processo de memorização funciona com uma estrutura de modulação que envolve vias nervosas e modifica as atividades através de sistemas bioquímicos que estão ligados ao processamento da memória. Estas modificações ocorrem a partir de emoções, sentimentos e estados de ânimo ou de atenção dos indivíduos. (IZQUIERDO, 2002). Este processo tem relação com a aprendizagem, retendo a informação e guardando de forma seletiva, alterando o que guarda a partir da importância que o fato tem para o indivíduo. Outro aspecto relevante é que quando usamos a memória, estimulamos as funções cerebrais e reduzimos o déficit funcional. Segundo Izquierdo (2002, p.32), “as funções cerebrais são o exemplo característico de que “a função faz o órgão”. Quanto mais usarmos nosso cérebro, mais estimulamos as vias responsáveis pela memória. De acordo com este pensamento, quanto mais estimularmos nossa memória, quanto mais requisitarmos seu uso em atividades variadas, melhor será seu desempenho.

Abordamos a importância das fixações oculares, da região cerebral do hemisfério esquerdo e o papel da memória em armazenar fatos, eventos, lembrar o alfabeto, a grafia e o significado das palavras, sendo imprescindível na aprendizagem da leitura e da escrita. Na seção seguinte iremos abordar como se aprende a ler e a escrever e a relevância da consciência fonológica neste processo.

1.3. Como se aprende a ler e a escrever: Alfabetização

Aprender a ler e a escrever envolve processos paralelos como o domínio de correspondência dos fonemas e grafemas e o domínio dos conhecimentos

que permitem o uso dessas habilidades nas práticas sociais. Como é um processo complexo, requer estudos em seus diferentes aspectos.

Quando falamos sobre o processo específico de aprender a ler e a escrever, o destaque é para a alfabetização, que do ponto de vista linguístico, em sua fase inicial, é vista como um processo de passagem da forma sonora para a forma gráfica da escrita. É, principalmente, o progressivo domínio de regularidades e irregularidades, estabelecendo uma relação entre sons e símbolos gráficos. Segundo Lemle (1984, p. 42):

podemos dividir esquematicamente o processo de alfabetização em cinco etapas, quais sejam: a fase em que os pré-requisitos nocionais e perceptuais (auditivos, visuais) devem estar amadurecidos; a fase da teoria fonética; a fase da aquisição das regras de contextualização; a fase do reconhecimento da existência de algumas relações arbitrárias entre som e letra; a fase do estabelecimento de algumas regras morfológicas.

Segundo Lemle (1984), na fase inicial da alfabetização, a criança precisa ter a capacidade de perceber que o som da fala é representado por uma sequência de letras e que esta correspondência é linear e contém significado. É dar-se conta de que na escrita as palavras necessitam estar entre espaços e os períodos devem ser representados começando com letra maiúscula e terminados por ponto. É indispensável que consiga discriminar traços sutis entre as letras como o “m” do “n”, o “g” do “q” ou o “p” pelo “q”. É imprescindível identificar as diferenças mínimas em sons como “d” e “t”, “p” e “b” entre outros. Paralelo a esses pré-requisitos a criança começa a conceber a letra como um símbolo do som da fala.

Ainda segundo Lemle (1984), a próxima fase da criança no processo de ler e de escrever é de três hipóteses, sendo a primeira de correspondência biunívoca, em que cada som é usado pela mesma letra e o uso de palavras simples que representam o som conforme o seu contexto e o seu valor fonético. A segunda hipótese é que as letras correspondem a diferentes sons segundo o contexto, e a terceira hipótese, que o som que é representado por uma letra num dado contexto é por outra letra num outro contexto. Nesta fase, o aprendiz utiliza a leitura e escrita de palavras formadas pelo valor fonético, ou seja, cada som é representado por uma letra, terá também uma pronúncia

artificial e cometerá erros de transcrição. Ao entrar na segunda fase, a criança verifica que a primeira fase não satisfaz as suas hipóteses, sendo que a mesma letra pode representar mais de um som e que o mesmo som pode ser representado por outras letras e dígrafos. Entrando na terceira fase, a criança verifica a importância do contexto para a escrita de determinada palavra, em função dos casos de letras que podem representar o mesmo som no mesmo contexto, sendo determinante a escolha unicamente lexical. Ao chegar à quarta fase, que é arbitrária no aspecto fonológico, a criança analisa uma ortografia plausível, observando os afixos e a estrutura morfológica das palavras (LEMLE, 1984). Na busca pelo domínio da relação fonema-grafema durante o período de alfabetização, o percurso didático ideal é o de respeitar a ordem de ir do mais fácil para o mais difícil e garantir plenamente o domínio ortográfico e fonológico da língua portuguesa.

O processo para aprender a ler e escrever requer uma sequência que deve ser respeitada, é preciso dar valor ao processo de decodificação como sendo imprescindível para a aquisição das habilidades posteriores, como a compreensão e a interpretação textual.

Para aprender a ler e a escrever, é importante saber o nome da letra, mas muito mais relevante e decisivo é adquirir a consciência que os fonemas são entidades abstratas e são representados por letras. E é necessário utilizar o som, para apresentar o fonema relacionando-o com a fala e o grafema que ele está representando. É preciso que a criança ouça ou entreouça as variações da mesma letra e perceba que a letra pode ser lida em outra palavra. A criança, ao tomar consciência dos fonemas e ao associá-los à letra, inicia seu processo de decodificação (MORAIS e KOLINSKY, 2014). E para que esse processo avance é indispensável o reconhecimento dos traços invariantes das letras tanto para direita ou esquerda e para cima e para baixo os grafemas é que possibilita a leitura de palavras escritas (SCLIAR-CABRAL, 2013).

O primeiro aspecto a ser considerado é o desenvolvimento da consciência fonológica pelo fato de desempenhar um papel fundamental no processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Na linguagem oral não necessitamos pensar sobre os sons da fala, sendo que para aprender a ler precisamos despertar a consciência fonológica, pois ela é responsável pelo rápido avanço da capacidade de discriminar as diferenças e a sequência das letras nas

palavras. O que as crianças precisam perceber é que os sons da fala são os mesmos sons representados pelos grafemas. Esses sons representam os fonemas que são as pequenas unidades da fala que correspondem a letras de um sistema de escrita alfabética. Prestar atenção aos fonemas não é uma tarefa fácil e é necessário fazer com que a criança repare nos fonemas, reflita sobre sua existência e consiga separá-los (ADAMS *et al.*, 2012).

Para desenvolver a consciência fonológica é preciso trabalhar e relacionar diferentes formas de expressão oral que evidenciam a estrutura dos sons de nossa língua. Nas brincadeiras de rima podemos avaliar e produzir palavras que rimam entre si através de canções conhecidas das crianças desde cedo, como “o sapo não lava o pé, não lava porque não quer” e para aprimorá-las inverter com “a sapa na lava pá, na lava parca na cá”, alterando seu julgamento na percepção e apropriação de diferentes possibilidades de palavras. Estas experiências oportunizam combinar as construções orais que podem ser feitas e que auxiliam no início da alfabetização com a habilidade da leitura.

A carência de estímulos em relação ao desenvolvimento inicial da consciência fonológica gera grande dificuldade na aprendizagem da leitura e da escrita e na produção da escrita alfabética no período da alfabetização escolar. Essa evidência ressalta a importância de sua utilização e instrução em crianças em idade pré-escolar. Para garantir o sucesso das crianças desde a fase pré-escolar, é importante o uso de atividades eficazes e concretas como rimas, escuta de diferentes sons, que facilitam a aprendizagem da leitura para as séries escolares seguintes. Ao realizar a reflexão sobre as propriedades fonológicas das expressões desenvolvemos, de forma gradativa, a relação com os símbolos depois que representam os sons em um sistema de escrita alfabética, desenvolvemos a consciência fonológica (ADAMS *et al.*, 2012).

Considerando a consciência fonológica como a capacidade de o indivíduo se debruçar sobre a cadeia da fala, ao ler e escrever ele reflete sobre a existência de fonemas e inicia sua passagem pela consciência da fala e a relação existente entre fonema-grafema e sua representação (SCLIAR-CABRAL, 2013). No momento em que o indivíduo pensa, desmembra a sílaba em unidades para representar a fala vai se dando conta de que pode escrever e ler o que fala, iniciando assim seu processo de alfabetização.

A consciência fonológica é mais do que discriminar e perceber sons, ela nos faz refletir sobre nossas expressões e avaliar expressões que rimam entre si. A atividade de observar o som ou a rima pode começar muito cedo, próximo aos dois anos de idade, desempenhando um papel importante nas autocorreções de pronúncia da criança (MORAIS, 1996).

Para garantir a decodificação das palavras no primeiro ano do ensino fundamental, tornando a leitura fluente para o ano seguinte, é essencial utilizar primeiro as unidades linguísticas menores, grafemas e fonemas correspondentes e depois unidades maiores, sílabas e rimas. (MORAIS, LEITE e KOLINSKY, 2013). Ao observarmos uma criança que começa a ler, ela soletra letra por letra, fazendo o som inicial da sílaba “sa/po”, carregando o som inicial, em seguida melhora sua pronúncia e diz “sa-po” e por fim diz “sapo”, e consegue relacionar o que leu com o que está escrito ao seu significado.

De acordo com Uta Frith, citado por A. Capovilla e F. Capovilla (2004a), existem três fases para a aprendizagem da leitura e da escrita. A partir de três anos de idade, a criança entra no primeiro estágio, o logográfico, quando a palavra escrita tem uma representação pictoideográfica e o reconhecimento da palavra é feito de forma global. O material escrito a que a criança é exposta com frequência é reconhecido como “Coca-cola”, mas não ocorre à leitura por decodificação.

O segundo estágio é o alfabético, no qual a criança faz a seleção das letras e seu som, começando a respeitar a sequência das letras. Ao escrever, a criança faz codificação fonografêmica e transforma simultaneamente os sons da fala em letras. Neste estágio a criança escreve palavras regulares como “menina”, podendo num momento inicial, suprimir letras e escrever “mnina”. Ocorre o mesmo com o processo da leitura, a decodificação grafofonêmica, a transformação das letras em seus respectivos sons.

No terceiro estágio, o ortográfico, a criança aprendeu a relação grafema e fonema e as irregularidades das palavras. A criança passa a verificar que existem diferentes formas de escrever o que falamos (por exemplo: táxi, chinelo e bruxa), começando a dar atenção às regras e à estratégia lexical. Memorizadas as regras de correspondência, aprende o significado das palavras novas, mais frequentes em textos escritos, e começa a automatizar a

identificação das palavras através do reconhecimento visual direto e não somente a decodificação.

Essas três fases da aprendizagem da leitura têm características específicas, estão disponíveis para a criança o tempo todo e não estão distribuídas de forma rígida. Na primeira fase a criança não decodifica a estrutura da palavra e seu sistema visual explora as cores, a forma a orientação das letras e suas curvas. A criança pode continuar utilizando a estratégia logográfica, que é o reconhecimento visual direto com base no contexto, sem perceber a substituição de alguma letra, respeitando a primeira letra da palavra que é o caso de marcas famosas, para os símbolos matemáticos e sinais de trânsito (DEHAENE, 2012). Na segunda fase para identificar pseudopalavras e ler palavras desconhecidas à criança, recorre à estratégia fonológica, que utiliza a decodificação da palavra para conseguir realizar a leitura e descobrir os fonemas que as letras representam - são as unidades da fala abstratas e escondidas. A aprendizagem do nome e da forma da letra pode inclusive ser um conhecimento que atrase o processo de leitura, levando em conta que a criança deve associar a cadeia de letras a sua pronúncia para aprender a converter os sons da fala aos seus grafemas. Segundo Dehaene (2012, p.221):

a aprendizagem dos grafemas chama a atenção sobre as classes dos sons; a análise das classes de sons afina, por seu turno, a compreensão dos grafemas e assim, em sequência, uma espiral faz emergir simultaneamente o código grafêmico e o código fonêmico.

Conseguindo uma interação entre a descoberta do fonema e do grafema podemos verificar que a aprendizagem da leitura parte do mais simples para o mais complexo, justamente pelo fato do leitor iniciante ter dificuldade de ler palavras irregulares, em que a letra não representa o som, por exemplo, “fixo”, a criança lê com a pronúncia do “ch” e também não conseguir ler sílabas complexas como “vros”.

Por fim, para palavras conhecidas ou com irregularidades grafofonêmicas, a criança deve amparar-se na estratégia lexical de reconhecimento visual direto, não necessitando realizar a estratégia fonológica da palavra já que ao serem pronunciadas não estariam corretas e não seriam compreendidas. O

que ocorre na leitura de uma palavra como “exame”, ao ler fonologicamente, terá a pronúncia como “ch” e não com a pronúncia de “z” que é a leitura correta da palavra. Nesta etapa a leitura não é mais determinada pelo tamanho da palavra e a complexidade do grafema, sendo levado em conta a frequência em que a palavra aparece na língua (DEHAENE, 2012).

Para Morais, Leite e Kolinsky (2013), o desenvolvimento da leitura tem relação com as condições de aprendizagem. A primeira condição é descobrir o princípio alfabético. O alfabeto representa os fonemas e para aprender a ler é preciso associar letras e representações conscientes de fonemas. A segunda condição é adquirir o conhecimento do código alfabético da língua juntamente com suas regras, correspondência grafofonológica ou fonográfica, sendo um processo progressivo e intencional. A terceira condição é a formação do léxico mental ortográfico, que é a representação mental das palavras que estão organizadas e armazenadas em nosso cérebro. Na proposta teórica de Share (1995) citado por Morais, Leite e Kolinsky (2013), o léxico mental ortográfico é formado pela prática da decodificação, combinada com o conhecimento do vocabulário, destacando que o desenvolvimento da leitura é resultado do trabalho com a ortografia explícita.

É importante oferecer dados explícitos sobre as correspondências e os fonemas, com estímulos sonoros em que a criança discrimina, identifica sons e ao mesmo tempo recebe instrução efetiva sobre a importância de aprender a usar essa habilidade no momento de uma leitura contextualizada. Entretanto, segundo Morais (1996), para que a criança adquira a compreensão do princípio alfabético, ela necessita de treinamento explícito de análise fonêmica e a aprendizagem da combinação letra-fonema. Ao descobrir o princípio alfabético, a criança aprendeu um princípio abstrato. Quando falamos em treinamento explícito nos dirigimos aos jogos de linguagem dirigidos, que não devem passar de 20 minutos diários, devem seguir a sequência e o grau de dificuldade, podendo ser adaptados conforme a necessidade das crianças (ADAMS *et al*, 2012). Uma regra valiosa que deve ser observada é que as crianças devem realizar as atividades como se estivessem brincando. A utilização de letras, palavras e músicas devem fazer parte de jogos de escuta, jogos de rimas, consciência de sílabas (também podem ser incluídas as palmas), introdução de

fonemas iniciais e finais e a representação de letras e a escrita (ADAMS *et al*, 2012).

Os processos de leitura e escrita estão inter-relacionados, de forma que é apropriado defini-los como paralelos, mas é possível especificar diferenças básicas entre aprender a ler e a escrever. Para aprender a ler é preciso descobrir o princípio alfabético, conhecer o código ortográfico e suas regras e formar o léxico mental responsável pelo armazenamento de maneira organizada da ortografia das palavras em nosso cérebro (MORAIS, LEITE e KOLINSKY, 2013).

Para aprender a escrever precisamos desenvolver aspectos como: a caligrafia, a ortografia e a consciência sintática. A caligrafia refere-se a maneira de cada um escrever, a legibilidade e a fluência nas anotações feitas à mão. A ortografia é o conhecimento de um acordo ortográfico e a melhor forma de garanti-lo é através da decodificação, que obedece ao processo de transformar sons em palavras. O desenvolvimento da consciência sintática está muito ligado a compreensão das características da língua escrita, principalmente em relação à frase (OLIVEIRA, 2004).

Em relação à escrita distinguimos também a habilidade de escrever e de redigir, pois ao copiar a criança está transcrevendo o código oral para o código escrito, utilizando a caligrafia e a ortografia que são tarefas de escrita fundamentais para uma escrita legível e eficiente, mas mais simples em relação à tarefa de redigir que envolve autonomia de produção, capacidade de escolher palavras e desenvolver ideias (OLIVEIRA, 2004). Escrevemos para nos comunicar e é uma tarefa complexa que requer uma forma sistemática e consciente de percorrer as cinco fases do processo de escrita. A primeira fase é planejar, a criança deve aprender a definir o quê, para que, para quem e quais as ideias e em que ordem, buscando planejar antes de começar a escrever. Na prática é a orientação que o professor dá ao encaminhar para a redação, relembra, faz perguntas e estimula as lembranças guardadas sobre fatos já vividos ou que passam pela imaginação da criança. A segunda fase é escrever, observando em redigir uma ideia de cada vez, organizar as ideias e respeitar início e fim. No período inicial da escrita a criança escreve como suas ideias vão aparecendo não atentando para a ordem, para a conclusão das ideias. A terceira fase é rever ideias, rever a estrutura, se falta alguma coisa, se

a ordem está adequada, a escolha de palavras e se as frases estão interligadas e completas. Geralmente esta é uma prática mais difícil de ocorrer, pois muitos professores preocupam-se mais com a ortografia das palavras e acabam não orientando a criança a rever em que pode melhorar.

A quarta fase é editar, observando os aspectos formais como a disposição do texto, pontuação e a ordem correta das frases. Observar o uso correto da gramática nesse momento inicial de aprendizagem da escrita é relativo ao tempo verbal, à concordância e aos tipos de frases. De regra, no início da prática de escrever, não se chega a este estágio, mas é necessário ter como objetivo de tornar o texto mais correto e adequado.

A quinta fase é a de comunicar em que o aluno consegue dar-se conta de que está escrevendo para alguém e a forma de comunicar pode ser lendo ou colocando em um mural (OLIVEIRA, 2004). Estas fases fazem parte do ensino formal da escrita e a escrita acontece também de forma incidental ou acidental, mas a criança precisa de momentos distintos para a aprendizagem da escrita assim como para a leitura para desenvolver habilidades e aplicá-las quando necessário.

Podemos pensar no processo de leitura e escrita como diferentes, mas sempre acompanhados de trabalho específico e ordenado. O processo que envolve as atividades de ler e escrever é a alfabetização.

Alfabetização como processo particular é o ato de ensinar a ler e escrever (OLIVEIRA, 2004). Necessita de um conjunto de capacidades como atenção, memória de trabalho, conhecimento lexical e da gramática da língua, conhecimento semântico e enciclopédico, raciocínio, capacidades de análise e de síntese, além das informações que são fornecidas pela fala.

Segundo Soares (2006, p.15), alfabetização em seu sentido próprio é “o processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita”. É utilizar a técnica de ler e escrever, dominando a leitura e escrita para empregar de forma ampla e social.

Num sentido mais amplo, a alfabetização é também um processo que está a serviço das demandas sociais, econômicas, culturais e políticas. E tem o seu aspecto pedagógico e particular, que necessita de estudos articulados com um conjunto de ciências capazes de promover uma teoria coerente de alfabetização. Para alguns grupos sociais, alfabetizar pode estar relacionado

com uma simples garantia de sobrevivência e para outros é uma expressão individual (CAGLIARI, 1989).

Em contraste ao conceito de alfabetização surge o de letramento, um conceito recente, que configura a necessidade de nomear comportamentos e práticas sociais da leitura e da escrita. Esses comportamentos e práticas são importantes exatamente porque revelam a dependência da leitura e escrita para a atuação social e profissional. Letrar é uma ação paralela à alfabetização e que se estende por toda vida, vinculando situações do cotidiano com a aprendizagem da leitura e da escrita.

Dentro desta concepção, podemos estabelecer que a aprendizagem da leitura e da escrita, depende da decodificação das palavras, e deve ser conduzida observando o contexto social do indivíduo. É preciso reconhecer que alfabetização difere de letramento em relação aos processos cognitivos e linguísticos que requerem especificidade no momento da aprendizagem, revelando a diferença de letrar e alfabetizar (SOARES, 2004).

Para Tfouni (1995, p. 20), “enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de uma sociedade.” Tfouni (1995) revela neste pensamento a abrangência que a aprendizagem provoca com a decodificação das palavras e o resultado do uso dessa habilidade no dia - a - dia.

Outro conceito que se diferencia de alfabetização e de letramento é o de literacia, utilizado por Morais (2013, p.4): “literacia é o conjunto das habilidades da leitura e da escrita (identificação de palavras escritas, conhecimento da ortografia das palavras, aplicação aos textos dos processos linguísticos e cognitivos de compreensão)”. É um termo importado da literatura anglo-saxônica, que oferece um aspecto mais exato em seus estudos sobre leitura e que não abarcam o sentido ideológico da expressão usada de “letramento”. O termo “letramento”, que foi criado no Brasil, está mais voltado para a prática social, os hábitos de leitura e a utilização social que o leitor faz do texto (MORAIS, 2013). Assim, segundo o mesmo autor, a partir da alfabetização, ou seja, do domínio dos processos de codificação e decodificação, há ainda várias ações pedagógicas necessárias com o objetivo de criar leitores, que estimulam

a fluência na leitura ortográfica, o uso das estruturas linguísticas características do texto escrito, que constituem os processos de literacia.

A presente seção discutiu como se aprende a ler e escrever, o que nos leva a perguntar como se ensina a ler e escrever. Nas próximas seções, encontramos elementos para a discussão sobre como se ensina a ler e escrever.

1.3.1. Métodos de alfabetização

Como a questão que nos mobiliza é a aprendizagem da leitura e da escrita por crianças de até 8 anos, buscamos comparar e considerar os aspectos que cada método de ensino da leitura e da escrita oferece para obtenção de melhores resultados no processo de alfabetização.

O método mais usado na história do ensino da leitura é aquele que ensina o alfabeto, seus símbolos e depois se associam consoantes e vogais (MORAIS, 1996). Estudos relacionados à alfabetização e seus processos cognitivos têm discutido sobre o método que oferece as melhores estratégias na aprendizagem da leitura e da escrita, gerando um grande debate em torno de duas concepções: uma insiste na aprendizagem do código e a outra numa perspectiva global. Identificar qual método é mais eficaz no processo de alfabetização é verificar o que cada um tem a oferecer no domínio da leitura e da escrita.

Buscar um método que possa assegurar a aprendizagem da leitura e da escrita de forma eficiente é muito importante, pois, conforme Scliar-Cabral (2003, p. 20), “é nos primeiros anos de escola que se decide fundamentalmente quem será um bom leitor ou redator.” Adams *et al.* (2003) recomendam que os métodos de alfabetização devem basear-se em conhecimentos científicos, ensinar regras para decifrar o código alfabético, as estruturas linguísticas e as regras mais complexas e desenvolver os padrões ortográficos e a decodificação.

Já para Grossi (1995), precisamos buscar um método que reúna novas descobertas da psicologia cognitiva que tem relação com a alfabetização e oferecer aos professores alfabetizadores esses conhecimentos, possibilitando acesso e uso em sua prática docente.

Dois métodos que se destacam nesse cenário, o método fônico e método global, serão destacados a seguir.

1.3.2. Método global

O método global enfatiza o significado e a leitura é considerada um processo de identificação global das palavras; por consequência, considera que o ensino da leitura deva se dar do todo para as partes. O método global recebe este nome porque defende a aprendizagem da leitura global das palavras através de situações – problema e afirma que o centro do processo da aprendizagem é o aluno. Valoriza a ludicidade e o contexto em que o aluno está inserido e que o conhecimento se dá através da interação dos estímulos do meio ambiente e o aluno que aprende (GROSSI,1989).

Trabalhar a alfabetização com o aluno interagindo com o meio e, a partir desta ação, aprender e produzir seu próprio conhecimento constitui-se em uma abordagem denominada construtivismo, que apoia sua prática no método global. Segundo Franco (1998, p. 21), esta expressão se justifica pelo pensamento de Piaget de que “o conhecimento não está no sujeito nem no objeto, mas ele se CONSTROI na INTERAÇÃO do sujeito com o objeto” (grifo do autor).

Em seus estudos, Piaget pesquisou o comportamento do indivíduo desde o seu nascimento e buscou sua gênese e os processos internos da construção do conhecimento humano. Investigou as manifestações, reações e comportamentos do indivíduo e explicou como e por que o desenvolvimento cognitivo da criança funciona em esquema, assimilação, acomodação e equilíbrio. Inspirada pelos estudos de Piaget, Emília Ferreiro investigou as primeiras noções sobre a gênese da aquisição da escrita, que tem início antes da entrada da criança na escola (RICHMOND, 1975).

Estudos sobre a psicogênese da escrita de Emilia Ferreiro e colaboradores (1985) indicam a ideia de que a criança segue uma ordem de evolução que parte de uma etapa em que não associa significados à correspondência entre grafema e fonema. Essa evolução se dá através de hipóteses: a hipótese pré-silábica 1, pré-silábica 2, silábico-alfabética e alfabética.

Na hipótese pré-silábica 1, a criança utilizaria desenhos e formas gráficas para expressar sua escrita, não diferenciando o desenho de letras. Na hipótese pré-silábica 2, haveria letras acompanhadas de desenhos ou bolinhas que podem representar letras ou números. Nesta hipótese a criança relacionaria a leitura da palavra que estaria acompanhada por desenho e instituiu algumas regras como a lei da diversidade em que as letras iguais, ao se repetirem numa palavra, são impossíveis de serem lidas, e a lei da quantidade prevê que palavras com poucas letras não podem ser lidas, para ler são necessárias muitas letras. Ao entrar em contato com material escrito, a criança reformularia sua hipótese e passaria a hipótese silábica, em que cada sílaba corresponde a uma letra, contrariando a lei da variedade e quantidade de letras. Nesta hipótese o conflito surgiria ao escrever palavras monossílabas e palavras com sons repetidos, contrariando a hipótese anterior. As crianças descobrem que a sua escrita não pode ser lida, pois ainda existe a falta de letras. Ao confrontar com outras escritas, a criança entraria em conflito e procuraria a próxima hipótese que é a silábico-alfabética, buscando a correspondência letra-fonema, sendo que algumas vezes ainda ocorreria a troca de posição ou omissão de algumas letras. A partir do conflito gerado, a criança segue para a etapa alfabética, em que cada letra corresponde a um fonema (FERREIRO e TEBEROSKY, 1985).

Através destas hipóteses é possível observar, segundo Goodman (1995, p.117), “o envolvimento ativo e pessoal das crianças no desenvolvimento de sua própria alfabetização” e a importância da identificação da evolução destas hipóteses para que os professores possam reorganizar as experiências de sala de aula. O professor deve ser um facilitador, promovendo atividades que integram o contexto com uma diversidade de textos e variedade de situações que envolvam a leitura e a escrita.

Segundo a proposta construtivista, é necessário construir situações de aprendizagem, promover estratégias de ensino a partir dos saberes dos alunos. Propor problemas e tarefas que exijam a solução e a reflexão, atividades em pequenos grupos para que aprendam uns com os outros (TEBEROSKY e COLOMER, 2003). A interação com o grupo desenvolve autonomia aproveita o saber do outro, cria desafios e discussões de situações diárias e reais, construindo o sentido de aprender.

Segundo Arroyo, citado por Franco (1998, p. 80), “o professor lida com um aluno que não existe, ou melhor, com um modelo ideal de aluno, que normalmente está mais próximo ao ideal burguês”. O professor precisa conhecer como seu aluno pensa e de que forma ele está construindo seu pensamento acerca da leitura e da escrita. Entender que a aprendizagem é um processo e necessita de acompanhamento e avaliação para ser reformulado reconstruído sempre que for necessário (FRANCO, 1998).

Na próxima seção será apresentado o método fônico que, ao contrário do método global, prioriza a instrução explícita do código alfabético como forma de garantir a alfabetização.

1.3.3. Método fônico

O método fônico surgiu a partir de uma constatação: “a criança sente dificuldades em passar da associação entre os nomes das letras para a fusão dos sons e das letras a fim de obter a pronúncia das palavras” (MORAIS, 1996, p. 262). Os educadores alemães no princípio do século XVI utilizaram a correspondência entre letras e seus sons na alfabetização das crianças. As letras do alfabeto eram introduzidas de acordo com a observação de critérios funcionais e as atividades eram de formar palavras combinando e retirando letras.

Em 1967, nos Estados Unidos, um relatório escrito por Chall, citado por Morais (1996, p.263), concluiu que “os programas de ensino de leitura principiante que comportam uma instrução fônica precoce e sistemática produzem melhores resultados do que aqueles que não incluem esse tipo de ensino”. A vantagem está que este método ensina de maneira explícita, as relações entre fonemas e grafemas, reforçando a ideia de que precisam ser ensinadas, pois fazem parte de um sistema organizado.

O método fônico, para Capovilla e Capovilla (2004b), desenvolve duas habilidades inseparáveis, uma de perceber os sons da fala e outra de saber manipulá-los. A primeira é perceptiva, automática, involuntária e não necessita de ensino e já a segunda é metacognitiva e intencional, necessitando de ensino. São habilidades que ajudam a criança a compreender o princípio alfabético e desenvolver a rota fonológica, respeitando a pronúncia da palavra

e sua correspondência grafofonêmica. Com o tempo, o significado da palavra é alcançado através da mediação da pronúncia e da conversão ortográfica em forma fonológica da palavra, fazendo com que a criança leia palavras novas e desenvolva seu léxico ortográfico.

De acordo com este pensamento, a consciência fonológica é reconhecida como uma causa e uma consequência da aprendizagem da leitura e é importante na descoberta do código escrito e no uso do conhecimento fonológico, tornando a criança capaz de construir uma rota de acesso ao léxico (PINHEIRO, 1994).

Muitos estudos relacionam o desenvolvimento da consciência fonológica com o desenvolvimento mais produtivo e mais criativo na leitura e na escrita das crianças. A consciência fonológica auxilia a criança na descoberta das diferenças, semelhanças, quantidade e a ordem dos sons da fala e é um desafio que as crianças consigam perceber e separar os fonemas (ADAMS *et al*, 2006).

Existe uma dificuldade inicial em tornar consciente a estrutura fonológica da língua, isto ocorre com todas as crianças. Por isso, é preciso promover a consciência fonológica, destacando que é essencial à compreensão do código alfabético e quanto mais ela for desenvolvida na criança, melhor será seu desempenho em leitura e escrita. Destacam que o desempenho em consciência fonológica tem relação com o desempenho de leitura, portanto tem o papel decisivo na alfabetização (NUNES, BUARQUE e BRYANT, 2003).

Outro aspecto relevante, é que conforme Morais (2013, p.134), “tudo indica que os métodos fônicos são os que melhor podem ajudar as crianças de meio desfavorecido, como são, aliás, vantajosas para as de meio altos ou médios”. Buscar com o trabalho de ensino fônico oferecer oportunidades para proporcionar igualmente o desenvolvimento da leitura para as crianças de meio desfavorecido, assim como para crianças de meio favorecido, consiste em realizar atividades fônicas e atividades metafonológicas, introduzindo a sistematização de correspondências grafofonêmicas para a construção de leitura e escrita, a partir do desenvolvimento da consciência fonológica (CAPOVILLE e CAPOVILLA, 2004b).

Conforme o relatório oficial do Instituto Nacional de Saúde da Criança, apresentado por Capovilla e Capovilla (2004a, p. 21),

as instruções metafonológicas (destinadas a desenvolver a consciência fonológica, levando a criança a atentar aos fonemas e a manipulá-los em sílabas e palavras) são altamente eficazes em melhorar a aquisição de leitura e escrita sob diferentes condições de ensino e com diferentes tipos de alunos e idades, quando comparadas a instruções que não dizem respeito ao desenvolvimento dessa consciência.

A instrução fônica melhora as habilidades de leitura e escrita e pode ser trabalhada de forma lúdica e criativa para todas as crianças desde a idade pré-escolar até as séries seguintes. O reconhecimento da superioridade do método fônico para Morais (1996, p. 267) deixa claro que

os estudos que avaliam os efeitos dos métodos mostram geralmente que as crianças que aprendem a ler seguindo um programa de método fônico têm, desde o início, uma vantagem no reconhecimento de palavras.

Contando com esta vantagem, as crianças ganham em velocidade e em compreensão na leitura silenciosa, ganham em vocabulário e ortografia, sendo mais relevante para as crianças de classe social desfavorecida.

Confirmando a importância da velocidade para a compreensão da leitura Scliar-Cabral (2013, p.10) diz que “para a leitura fluente, condição necessária à compreensão textual e discursiva, faz-se necessário que o reconhecimento da palavra escrita seja muito rápido”. Assim que há o reconhecimento dos traços e das letras e o reconhecimento básico do significado, o resultado é temporariamente apontado para a memória de trabalho acomodando para os processos seguintes. A fluidez na leitura é decisiva na obtenção de resultados eficientes em termos de identificação e significação do sentido da palavra e revela que a decodificação rápida da palavra garante essa habilidade.

1.3.4. Questões sobre o método global e o método fônico

O desafio nesta seção é apontar quais as lições que podemos aproveitar da discussão para melhorar o processo de alfabetização, buscando refletir sobre questões ou críticas ao método global e ao método fônico.

A alfabetização é um processo em que a criança utiliza o aprimoramento da consciência fonológica para realizar a decodificação das palavras, que é defendida pelo método fônico e ao mesmo tempo precisa de uma prática contextualizada por palavras familiares ao meio da criança, amparada pelo método global.

É importante repensar outra possibilidade de método, pois até o momento estamos fracassando na tarefa de alfabetizar, como mostram os índices nas avaliações nacionais. A avaliação do SAEB, de 2000, revelou que em Língua Portuguesa a média exigida mínima era de 150 a 200 pontos para alunos de quarta série. A média mínima atingida em 1997 foi de 186,5 e baixou para 170,7 em 1999. Para os alunos de oitava série, a média que deve ficar de 200 a 250, baixou de 250 para 232,9. Já no caso do ensino médio em que a média exigida é de 250 a 300 pontos, o índice foi de 283,9 para 266,6. Estes índices revelam a queda no desempenho dos alunos do ensino básico (CAPOVILLA e CAPOVILLA 2004a).

Na década de 80, chegaram ao Brasil os estudos na linha construtivista, ao mesmo tempo em que surgiu o conceito de letramento, que talvez seja uma das causas responsáveis pela mudança nas características do processo de alfabetização. Segundo a proposta construtivista, a criança aprende a ler e a escrever a partir da construção de hipóteses em relação à escrita, interagindo com o objeto de conhecimento. De acordo com Soares (2003, p.17) “a proposta construtivista é justa, pois é assim mesmo que as pessoas aprendem, não apenas a ler e escrever, mas é assim que se aprende qualquer coisa: interagindo com o objeto de conhecimento”.

Através da proposta construtivista, houve uma mudança na distinção entre aprendizagem do sistema de escrita e práticas de leitura e escrita, subestimando a especificidade em relação às características da técnica da escrita e o ensino sistemático das relações entre fala e escrita.

E é justamente esta especificidade em relação à aprendizagem da escrita que enfatiza Scliar-Cabral (2003, p.71) em

que a codificação não é nem o único, nem o objetivo central da escrita, mas precisa ser fundamentada em profundidade para que os educadores possam entender melhor muitos dos problemas que se defrontam tanto para alfabetizar quanto para desenvolver a escrita em séries mais avançadas ou em situações do dia a dia.

Existe também o pensamento de que o construtivismo não é método, somente uma proposta educacional, em que a criança é exposta ao ambiente alfabetizador, desenha, escreve e tem contato com as letras, começando a perceber a relação entre a fala e a escrita, chegando a construir uma hipótese silábica. Para Palacio, citado por Soares (2006, p. 95), “a diferença entre método e proposta reside no fato de que o primeiro está centrado no processo que o professor deve seguir, e a proposta de aprendizagem, no processo que a criança realiza”.

Entretanto, quando a criança alcança a hipótese alfabética necessita orientação sistemática e progressiva no processo de apropriação do sistema ortográfico da escrita. Este trabalho deve ser acompanhado com livros e leituras reais, garantindo do mesmo modo o letramento (SOARES, 2003).

Na busca de encontrar o “melhor método” para ensinar a ler ocorre um equívoco de abordagem, pois a aprendizagem da leitura depende dos conhecimentos, habilidades e experiências que a criança traz consigo. Tunmer (2013) chama de *capital cultural letrado*, os fatores que são importantes no início da escolarização para o desenvolvimento da leitura, como o vocabulário, o conhecimento dos nomes e sons das letras, familiaridade com livros, consciência fonológica e compreensão de conceitos.

De acordo com Tunmer (2013, p. 133) “crianças com níveis elevados dessas habilidades cognitivas beneficiam-se mais do ensino da leitura e aprendem a ler mais precocemente e melhor do que outras crianças”. Concluem que é necessário garantir que todas as crianças possam dispor de capital cultural letrado para que desenvolvam a habilidade de ler, tão importante para a vida.

Enfim, podemos pensar que é possível alfabetizar, utilizando um método que valoriza a decodificação, a consciência fonológica e em paralelo abarca o letramento? É possível pensar em um método que valorize as hipóteses de construção da escrita feitas pela criança e o processo de apropriação da língua

escrita? Não podemos retroceder, precisamos nos valer de novos estudos para valer a retomada em busca de um método. Não há espaço para os antigos métodos de alfabetização (SOARES, 2006).

Morais (2006) defende a discussão de metodologias de alfabetização e pondera quatro pontos que merecem destaque: um método sozinho não atinge todos os aspectos do processo de alfabetização; em relação à prática da psicogênese da escrita houve descuido na aplicação de atividades metafonológicas, fazendo crer que o contato com livros e práticas de leitura fossem suficientes para a criança compreender o sistema alfabético e dominar suas convenções; é necessário aperfeiçoar metodologias de ensino com a clara intenção de desenvolver habilidades fonológicas e de refletir e compreender escritas alfabéticas e por fim, é possível alfabetizar e letrar, unir o ensino sistemático da notação alfabética e aproveitar as práticas letradas.

Os professores precisam encontrar um equilíbrio. Existe a possibilidade de utilizar a instrução fonética consistente com valores educativos e leitura significativa. É preciso uma combinação de métodos que valorizem o aspecto fônico e a literatura baseada na significação. Assim, os professores não precisam ter que seguir programas ou confiar em livros fórmulas e poderiam permitir aos seus alunos aplicar os princípios da fonética durante a leitura por prazer (RAYNER e colaboradores, 2002).

Buscando refletir sobre o papel da alfabetização no Brasil na seção seguinte destacamos a sequência na história da alfabetização como uma provável explicação para algumas questões pertinentes ao contexto atual.

1.4. Alfabetização no Brasil

A alfabetização no Brasil está vinculada à história dos métodos de alfabetização e neste enfoque a questão sempre gira em torno da dificuldade das crianças em aprender a ler e escrever, especialmente em escolas públicas, gerando controvérsias em relação ao problema e à solução (MORTATTI, 2006). Qual seria a causa deste fracasso em aprender a ler e escrever que é tão presente em nossas escolas?

Antes de tentar responder a essa pergunta, precisamos esclarecer sobre a questão dos métodos de leitura e escrita desde as décadas finais do século XIX.

Mortatti (2006) apresenta os métodos de alfabetização em quatro momentos distintos e a permanência da cartilha no tempo como instrumento de criação da cultura escolar e de suas tradições.

O primeiro momento é a metodização do ensino da leitura, o método usado nesta época era de marcha sintética que vai da “parte” para o “todo”. Na prática o ensino da leitura parte da soletração (alfabético), do fônico (partindo do som de cada letra) e da silabação (som das sílabas), por fim ensina a ler formando palavras simples para as mais complexas e depois forma frases. Em relação à escrita, esses métodos priorizavam a caligrafia e a ortografia. Na década de 1880, diferente dos métodos de soletração, fônico e silabação o método criado por João de Deus, poeta de Portugal, chega ao Brasil com o nome de “método de João de Deus” ou “método da palavração”, que consistia no ensino da leitura pela palavra e depois pelos valores fonéticos das letras (MORTATTI, 2006). Na disputa entre este método de João de Deus e os de soletração, fônico e silabação, o ensino da leitura passa pela questão de “como ensinar” didaticamente e está subordinada às questões de ordem linguística da época.

O segundo momento, por volta de 1890, é a institucionalização do método analítico, em que o ensino da leitura tem seu início pelo “todo”, para depois analisar as “partes”. Em meados de 1920, surge uma disputa entre os defensores do revolucionário método analítico para o ensino da leitura e os defensores dos métodos de silabação. A partir do resultado desta disputa surge à questão de “como ensinar” a partir das habilidades visuais, auditivas e motoras da criança a “quem ensinar”, o que define o ensino da leitura e escrita como uma questão de ordem didática subordinada às questões de ordem psicológica da criança.

No terceiro momento, a partir de 1920, surge a alfabetização sob medida, que é utilização dos dois métodos analíticos e sintéticos no ensino da leitura e da escrita e o uso conciliado dos dois métodos por serem considerados mais rápidos e eficientes. Com a repercussão do livro “Testes ABC para verificação da maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita” de M. B.

Lourenço Filho (1934), que divulga uma pesquisa realizada com alunos de 1º série e destaca a importância do nível de maturidade que a criança necessita para poder aprender. As cartilhas começam a basear-se nos métodos mistos (analítico e sintético) acompanhadas de manuais para professores e se instalou a prática do “período preparatório”. Deixando a questão do método em segundo plano, seu uso passou a ser relativo e tradicional.

O quarto momento - alfabetização, construtivismo e desmetodização - tem seu início na década de 1980, a partir das pesquisas de Emilia Ferreiro sobre a psicogênese da língua escrita e questiona o uso das cartilhas. A partir da proposta construtivista criou-se ilusão de que a aprendizagem independe do ensino, incluindo as orientações nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que defendem a desmetodização da alfabetização. O problema do ensino de leitura e de escrita carece de uma solução rápida e eficaz, e já existe a iniciativa de alguns pesquisadores em conciliar aspectos da proposta construtivista com o método sintético, na tentativa de reverter essa situação que perdura até os dias atuais (MORTATTI, 2006).

Para Chartier e Hébrard (1990), ao falar a palavra método, lembramos habitualmente de um livro produzido por editor, designado às crianças e com definições e objetivos pedagógicos, psicológicos ou linguísticos que devem ser atingidos. Mas é preciso ter claro que um livro apresenta algumas vezes um método que atende uma edição com exercícios que o mercado solicita e lembra que os professores dizem optar por um método ou doutrina, mas alteram a sua maneira na prática pedagógica. O livro serve como apoio pedagógico na prática do professor ou como instrumento de trabalho do aluno e auxilia no trabalho de retomada de conteúdo.

Ao analisar a história da alfabetização, percebemos que a questão do método ou da proposta de ensino de leitura e de escrita é somente um dos fatores pelo fracasso da alfabetização no Brasil, sendo necessário identificar outros fatores que interferem no processo de alfabetização. Ao mesmo tempo é preciso considerar que a alfabetização é um processo sistemático de desenvolvimento escolar com objetivos e conteúdos (MORTATTI, 2006).

Segundo Chartier e Hébrard (1990, p.143) “desse modo, à cada grande etapa da história do ensino da leitura, ordenaram-se os diferentes métodos em sistemas de oposição binária” deixando evidente que sempre existiu oposição,

confronto e poucas tentativas de conciliar o que de bom cada método possui. O que pode mudar nesse momento na história da alfabetização é que começa a existir uma percepção de que é possível conciliar alguns aspectos de cada método, buscar uma solução baseada em estudos e experiências voltadas para a maneira mais eficaz de aprender a ler.

Em relação à metodologia aplicada no atual período de alfabetização no Brasil, Capovilla e Capovilla (2004a, p. 9) esclarece que

a falta de condução de pesquisas pelos próprios professores, que têm pouco contato com a prática de pesquisa durante a sua formação e ao longo da sua profissão e que, assim, não têm tido autonomia para comparar sistematicamente a eficácia de diferentes procedimentos de ensino e dar de prova às suas conclusões.

Ao fazer valer somente decisões administrativas sem respeitar os dados de pesquisa, corremos o sério risco de ficar na tentativa de acerto e erro, experimentando sem acompanhamento e planejamento as experiências escolares. Na falta de embasamento teórico, de pesquisa com base científica e com decisão pedagógica que não está voltada para a autonomia dos professores, está estabelecida a crise na educação brasileira em relação à promoção da aprendizagem inicial da leitura e da escrita.

É preciso oportunizar aos professores aprender com a prática e encontrar na teoria resposta a suas indagações, garantir o direito ao professor alfabetizador de conduzir o seu trabalho e construir possíveis alternativas. Proporcionar que o professor alfabetizador descubra soluções rápidas e eficazes que estão presentes nos métodos de alfabetização e aproveite outros recursos para as questões relacionadas ao ensino da leitura e da escrita.

O momento atual da educação no Brasil em relação à alfabetização revela a necessidade de uma reflexão profunda sobre a condução do fazer pedagógico do professor e a retomada de uma prática específica e revisada sobre como e qual a maneira mais eficiente de alfabetizar, tendo como foco estudos e pesquisas voltadas à área da aprendizagem da leitura e escrita. Na próxima seção, destacaremos as mudanças na Lei de Diretrizes e Bases da Educação que sinalizam uma busca na adequação das leis ao contexto e aos objetivos da educação no Brasil.

1.4.1. O que diz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB

A qualidade na educação básica no Brasil é algo almejado, mas ainda distante. Em relação ao desempenho dos alunos brasileiros que estão na quarta série, mais de 60% não corresponde ao nível mínimo de leitura adequada, segundo o SAEB. Mesmo que tenha havido aumento no número de alunos que ingressam no ensino médio, menos de 60% não concluem este nível de ensino. Segundo Roitman e Ramos (2011, p. 7) “melhorar a qualidade da educação brasileira é um desafio urgente e prioritário”.

Na busca de realizar a democratização da educação e garantir a qualidade, a LDB (Lei Federal nº 9.394), aprovada em 20 de dezembro de 1996, conforme o artigo 3, incisos VI e IX, respectivamente, assegura que o ensino deve ser ministrado com base nos princípios de “gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais e garantia de padrão de qualidade”. O artigo fortalece a ideia de que a educação deve ser gratuita para todos e ter compromisso com a qualidade. Fica claro, na mesma lei que é dever do Estado garantir o acesso à educação infantil, fundamental, ensino médio e superior de forma gratuita e obrigatória em colaboração entre os municípios, estados e a união.

Cabe ao estado garantir através de planejamento e ações, uma educação pública gratuita e de qualidade, promovendo ajustes que vão ao encontro do objetivo principal da educação que é garantir o pleno desenvolvimento do educando, o acesso e a permanência na escola e defender a concepção de que a educação deve ser para todos.

Um passo positivo nesta direção foi a ampliação do ensino fundamental que era de oito anos para nove anos e a matrícula obrigatória da criança aos seis anos de idade no ensino fundamental, instituído pela Lei Federal nº 11.274 (BRASIL, 2006). Esse passo veio contribuir para o aumento no atendimento de crianças, principalmente aquelas que fazem parte de camadas populares, que antes não tinham garantia de vagas no sistema público para crianças de 6 anos. É um ajuste quantitativo significativo e é também um desafio qualitativo, conforme documentos do MEC (2007, p. 6)

é melhor que a inclusão seja aos seis anos de idade pois esta melhora se verifica através do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica - SAEB. Tal sistema demonstra que crianças com histórico de experiência na pré-escola obtiveram melhores médias de proficiência em leitura: vinte pontos a mais no resultados dos testes de leitura.

Através do Programa Mais Educação, instituído pela Portaria Interministerial nº 17 (BRASIL, 2007), o Governo Federal busca ampliar a jornada escolar e organizar o currículo para um atendimento integral da criança e do adolescente. O Programa Mais Educação é de responsabilidade da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), em parceria com a Secretaria de Educação Básica (SEB), por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). O atendimento é oferecido, primeiramente, a escolas com baixo IDEB e em regiões em que as crianças e adolescentes estejam expostos a situações de risco social.

Os critérios observados pelas escolas, para definição dos alunos escolhidos para participar do Programa mais Educação, entre outros estão à situação de risco e vulnerabilidade social, estudantes com defasagem em idade série e com alto índice de evasão e/ou repetência (BRASIL, 2009).

Cada escola, conforme seu projeto político-pedagógico, pode definir quantos e quais alunos participarão das atividades promovidas pelo Programa Mais Educação.

O programa prevê Acompanhamento Pedagógico, Meio Ambiente, Esporte e Lazer, Direitos Humanos em Educação, Cultura e Artes, Cultura Digital, Promoção da Saúde, Educomunicação, Investigação no Campo das Ciências da Natureza, Educação Econômica. As atividades oferecidas devem ser em turno oposto ao de aula e devem complementar as atividades regulares. Conta com o apoio de atletas, educadores, artistas, equipes de saúde e de área ambiental, gestores e todas as pessoas comprometidas com a educação para garantir o acesso à educação e ao direito de aprender com qualidade (BRASIL, 2009).

A educação integral exige acompanhamento e planejamento pedagógico, formação das pessoas envolvidas e infraestrutura para possibilitar a permanência do aluno na escola com aprendizagens complementares. Busca

com esse ajuste mais uma alternativa para melhorar o rendimento dos alunos, justamente por aumentar as horas de atendimento específico aos alunos que necessitam e dar ênfase a outras disciplinas. É considerada de turno integral a jornada escolar com sete horas diárias ou mais (BRASIL, 2009).

Cabe destacar que embora seja um programa financiado pelo Governo Federal e que vem ao encontro das necessidades enfrentadas pelas crianças e adolescentes em relação ao cumprimento dos objetivos estabelecidos pela escola, revela um aspecto pertinente e persistente em nossas escolas, a falta de estrutura física para atender esta nova demanda, inviabilizando oficinas em espaços adequados e que possam garantir o atendimento específico de cada área de conhecimento. Mesmo que exista alternativa como a utilização de sede da igreja, museu, pátio coberto, biblioteca e o comprometimento da comunidade em espaços fora da escola, há o risco de desvincular a atividade do objetivo pedagógico e assim, não garantindo o quesito principal do turno integral, que é o direito de aprender com dignidade, respeito buscando o desenvolvimento pleno da criança e do adolescente. Outro aspecto que devemos considerar também é que o governo federal precisa estender o Programa Mais Educação a “todas as escolas” e a “todos os alunos” garantindo assim a universalização da educação.

Outro ajuste importante para garantir a melhora na qualidade da educação é o Ciclo de Alfabetização - período de três anos dedicado à alfabetização, trazendo uma mudança na organização do tempo para alfabetizar. Esse tempo previsto sem interrupção é uma forma de garantir as aprendizagens básicas da leitura, escrita, saberes complexos e que a criança deve estar alfabetizada ao final do Ciclo de Alfabetização. Cada escola fica livre a escolha em optar, pelo regime seriado ou a mudança para ciclos ou bloco sequencial, o que é importante respeitar é a sistematização de conhecimentos e a progressão nos três anos sem interrupção conforme consta nos cadernos do Pacto:

o ciclo de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental é um tempo sequencial de três anos (600 dias letivos), sem interrupção, dedicados à inserção da criança na cultura escolar, à aprendizagem da leitura e da escrita, à ampliação das capacidades de produção e compreensão de textos orais em situações familiares e não familiares e à ampliação do universo de referências culturais (BRASIL, 2012, p.17).

A necessidade do período de três anos para a alfabetização tem suporte nas Diretrizes Curriculares Nacionais (2012)

cabe ressaltar que nestes três anos, conforme a Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais do ensino fundamental de 9 anos, estabelece, no art. 30 que os 3 anos iniciais do ensino fundamental devem assegurar a alfabetização e o letramento, mas também o desenvolvimento das diversas formas de expressão, incluindo o aprendizado da língua portuguesa, a literatura, a música e demais artes, a educação física, assim como o aprendizado da matemática, da ciência, da história e da geografia (BRASIL, 2012, p.18).”

As alterações na LDB, como ampliação do ensino fundamental em 9 anos, obrigatoriedade da matrícula a partir de 6 anos do ensino fundamental, o Ciclo de Alfabetização sem reprovação do aluno nos três primeiros anos, o oferecimento de um atendimento integral para a criança e o adolescente, através do Programa mais Educação, são algumas providências que acompanham as ações do Pacto.

Na próxima seção apresentaremos o Pacto, seus princípios centrais, suas ações e serão apontados alguns objetivos que estão relacionados diretamente ao ensino da leitura e da escrita, enfatizando o conceito de alfabetização e letramento que devem ser utilizados no trabalho pedagógico assim como o papel da consciência fonológica para a obtenção de resultados mais eficientes.

1.4.2. O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

A partir de 2013, o governo brasileiro estabeleceu o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa que é “um acordo formal assumido pelo Governo Federal, estados municípios e entidades para firmar o compromisso de alfabetizar crianças até no máximo, 8 anos de idade, ao final do ciclo da alfabetização” (BRASIL, 2012, p. 5). Tem como objetivo principal alfabetizar todas as crianças até o final do 3º ano do ensino fundamental, que é um compromisso do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), de 2007 e que compõe um das metas do novo Plano Nacional de Educação (PNE).

A realização do Pacto é resultado de outras formações e programas, que já vinham sendo implementados, sempre com o intuito de melhorar a aprendizagem dos alunos e com isso obter melhores resultados nas avaliações de larga escala, como a Prova Brasil e da Provinha Brasil. Em 2003, após os resultados alcançados no SAEB, o MEC, percebendo a gravidade destes resultados, buscou uma ação rápida e eficiente, capaz de mudar essa realidade. Foi assim que surgiu em 2005, o programa Pró-Letramento, oferecido aos professores alfabetizadores, que teve como finalidade melhorar o desempenho dos alunos.

O fascículo do Pró-Letramento - Alfabetização e Linguagem está organizado em função de dois objetivos:

apresentar conceitos e concepções fundamentais ao processo de alfabetização; sistematizar as capacidades mais relevantes a serem atingidas pelas crianças, ao longo dos três primeiros anos do Ensino Fundamental de nove anos. (BRASIL, 2008 p.8).

Com objetivos definidos e claros, o programa Pró-Letramento resultou na melhora nos índices do IDEB e da Prova Brasil. Nas séries iniciais do ensino fundamental, o índice que era de 4,2 de 2007, foi para 4,6 em 2009. Com esse movimento positivo, o MEC, adotou o Pró-Letramento como referência para a formulação do Pacto Nacional, nos moldes que se encontra hoje.

O Pacto é uma ação inédita do MEC e dos governos estaduais e municipais. Ao aderirem ao programa precisam mobilizar esforços e recursos, valorizando e apoiando professores e escola, comprometendo-se em alfabetizar todas as crianças até 8 anos de idade.

Um aspecto importante na implementação do Pacto é a adesão de grande parte dos municípios, isso demonstra o avanço na postura de pensar as ações para a educação, de formar as estratégias de ampliar e democratizar o acesso ao ensino.

O Pacto traz em seus documentos quatro princípios centrais que são considerados ao longo do desenvolvimento do trabalho pedagógico no Caderno de Apresentação, Formação do Professor Alfabetizador (BRASIL, 2012, p. 27):

O Sistema de Escrita Alfabética é complexo e exige um ensino sistemático e problematizador; o desenvolvimento das capacidades de leitura e de produção de textos ocorre durante todo o processo de escolarização, mas deve ser iniciado logo no início da Educação Básica, garantindo acesso precoce a gêneros discursivos de circulação social e a situações de interação em que as crianças se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias; conhecimentos oriundos das diferentes áreas de conhecimento podem e devem ser apropriados pelas crianças, de modo que elas possam ouvir, falar, ler, escrever sobre temas diversos e agir na sociedade; a ludicidade e o cuidado com as crianças são condições básicas nos processos de ensino e de aprendizagem.

Estes princípios centrais que orientam a formação de objetivos e ações têm a intenção de assegurar uma reflexão minuciosa sobre o processo de alfabetização e de leitura.

O ensino sistemático e problematizador que rege o processo de alfabetização estão relacionados à complexidade de nosso sistema de escrita, a grande variedade de sons representados pelas 23 letras do nosso alfabeto, criando uma dificuldade para a criança que deseja se alfabetizar, pois percebe a língua como um contínuo (SCLIAR-CABRAL, 2003). E necessita critérios definidos para explicar as implicações em relação aos grafemas e fonemas, a pronúncia, as sílabas e a segmentação das palavras.

Os gêneros textuais usados desde o início da escolarização são responsáveis pela mediação nas atividades de interação, atendendo a fatores linguísticos e socioculturais, numa concepção sociointeracionista. Auxiliam na articulação e circulação de diferentes textos como receitas, poesias, canções, notícia, email, blogs, contos entre outros que criam o conteúdo interativo e comunicativo que gera aprendizagem que pode ser trabalhada em todos os anos escolares (BRASIL, 2012e).

O princípio que defende a necessidade de integração de diferentes áreas de conhecimento está baseado no pensamento de Corcino (2007, citado por BRASIL, 2012g, p.7) em que ressalta que “é importante que o trabalho pedagógico com as crianças de seis anos de idade, nos anos /séries iniciais do ensino fundamental, garanta o estudo articulado das Ciências sociais, das Ciências Naturais, das Noções Lógico-Matemáticas e das linguagens” . As áreas de conhecimento precisam ser trabalhadas de forma integrada, com um bom planejamento didático e com estratégias voltadas para o desenvolvimento de habilidades na área de alfabetização.

Neste contexto alfabetizador, o lúdico e o cuidado com a criança fazem parte da prática diária de sala de aula, não é possível alfabetizar sem que haja lugar para a brincadeira e os jogos. Para trabalhar a alfabetização com crianças de seis anos é preciso promover situações em grande grupo, em pequenos grupos, em duplas e contemplar atividades diversificadas e planejando jogos, brincadeiras com objetivo de aprendizagem.

Para atender aos objetivos da formação do Pacto, no Caderno de Apresentação constam orientações para a formação do professor de maneira organizada e com assuntos pertinentes à alfabetização (BRASIL, 2012). Em seus objetivos específicos dois recebem destaque: o número 1 e o número 9, respectivamente, discriminados no Caderno de Apresentação do Pacto, para que professores alfabetizadores possam (BRASIL, 2012, p.31):

1. Entender a concepção de alfabetização na perspectiva do letramento, com aprofundamento de estudos utilizando, sobretudo, as obras pedagógicas do PNBE do Professor e outros textos publicados pelo MEC;

9. Entender as relações entre consciência fonológica e alfabetização, analisando e planejando atividades de reflexão fonológica e gráfica de palavras, utilizando materiais distribuídos pelo MEC.

No primeiro objetivo temos concepção de alfabetização que atende a uma perspectiva do letramento que deixa evidente a proposta sugerida para o processo de alfabetização em que as aprendizagens devem dar a preferência para atividades e jogos que proporcionem reflexões sobre o Sistema de Escrita e as práticas sociais de uma sociedade letrada e evidencia uma concepção voltada para o contexto social, uma exploração dos livros e textos que reproduzem uma prática voltada para o significado da leitura como prática social, que produz significados.

Já o objetivo nove sugere o entendimento da relação entre consciência fonológica e alfabetização. A prática está centrada na reflexão e não na sistematização de atividades que ofereçam condições para a evolução da aprendizagem da leitura, como descobrir que os fonemas são representados graficamente por letras, ter conhecimento do código ortográfico da língua e constituir o léxico mental ortográfico e acessá-lo automaticamente sem necessidade de ter consciência das operações que levam a identificação da palavra (MORAIS, LEITE e KOLINSKY, 2013). A aprendizagem de ler e de

escrever passa pela reflexão, e para entender a relação gráfica e fonológica das palavras, é preciso avançar progressivamente nas atividades que garantam esse processo.

Nos orientações dos Cadernos do Pacto ficam sugeridas atividades, jogos, livros, textos e reflexões que entendem o letramento como uma prática para consolidar o processo de alfabetização.

A Portaria nº 867, de 4 de julho de 2012, que institui o Pacto, traz as diretrizes gerais do programa, suas ações que se apoiam em quatro eixos de atuação (BRASIL, 2012, p. 5):

1-formação continuada presencial para os professores alfabetizadores e seus orientadores de estudo; 2- materiais didáticos, obras literárias, obras de apoio pedagógico, jogos e tecnologias educacionais; 3-avaliações sistemáticas; 4-gestão, controle social e mobilização.

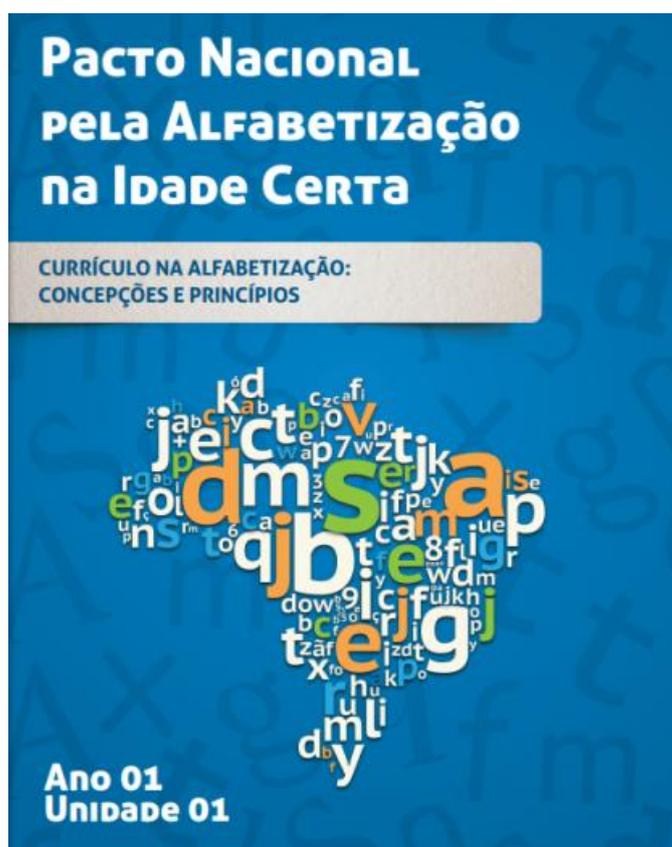
Estas ações têm como foco os aspectos que contemplam a formação continuada do professor alfabetizador com a intenção de refletir como está a escola e a qualidade do ensino. O material oferecido é o instrumento que serve de apoio ao trabalho de sala de aula, enriquecendo as dinâmicas de leitura e de interação. Uma grande contribuição é a avaliação sistemática que visa a discussão sobre os resultados do período específico de alfabetização. E a ação sobre a gestão atinge uma faceta do processo escolar que é responsável pelo embasamento na escola para que as mudanças que estão prevista no Pacto.

Em relação aos Cadernos do Pacto – material distribuído pelo MEC para ser utilizado na formação dos professores – são abordados conteúdos com textos teóricos, relatos de professores, sugestões de atividades dentre outros temas da formação e mais o caderno de apresentação do programa e um caderno específico que aborda a Educação Especial. Os Cadernos de formação estão numerados em ano (01, 02 e 03), sendo oito cadernos, respectivamente, para cada ano do ciclo de alfabetização, mas uma unidade específica sobre alfabetização de crianças com deficiência. E o caderno de apresentação que traz as orientações para a organização do trabalho, do ciclo de alfabetização, introduzindo uma reflexão sobre o Pacto e sobre o

funcionamento do curso, sendo que cada professor recebeu dez cadernos ao todo.

O Caderno de Formação - Unidade 1, ilustrado na Figura 1. para o 1ºano, aborda o currículo na alfabetização, suas concepções e princípios; para o 2ºano aprofunda o currículo no ciclo de alfabetização, sobre o monitoramento e consolidação do processo de ensino aprendizagem e para o 3º ano aborda sobre o que ensinar a partir de um currículo inclusivo (BRASIL, 2012b)..

Figura 1. Capa do Caderno de Formação 1 do 1º Ano.



Fonte: MEC (2014, <pacto.mec.gov.br>)

O Caderno de Formação - Unidade 2 para o 1ºano, 2º ano e 3º ano aprofunda sobre o planejamento, a rotina e uma organização do trabalho do professor (Figura 2.) e discorre sobre a organização do planejamento e da rotina no ciclo de alfabetização na perspectiva do letramento. Segue com o planejamento de atividades utilizando os eixos do componente curricular Língua Portuguesa e esclarece que o objetivo do período de alfabetização é ajudar a criança a se apropriar do sistema de escrita e por meio da reflexão

auxiliá-la sobre as características dos diferentes textos usados em seu convívio social (BRASIL, 2012c).

Figura 2. – Fragmento digitalizado do Caderno de Formação

Rotinas de alfabetização na perspectiva do letramento: a organização do processo de ensino e de aprendizagem.

Magna do Carmo Silva Cruz
Rosa Maria Manzoni
Adriana M. P. da Silva

A organização do trabalho pedagógico se reflete na organização da sala de aula, ou seja, no processo de ensino e de aprendizagem. Assim, para organização das rotinas é necessário considerar e articular uma clara definição dos objetivos da alfabetização, da opção conceitual e da definição das ações, procedimentos e técnicas para atingir os objetivos e não apenas estabelecer "um conjunto de prescrições geradoras de uma prática rotineira" (SOARES, 2003, p. 95). Nesse sentido, perguntamo-nos: como organizar propostas de ensino que contribuam, efetivamente, para a apropriação da alfabetização na perspectiva do letramento?

Nesse sentido, a sala de aula de alfabetização deve ter o duplo objetivo: um primeiro consiste em ajudar a criança por meio da reflexão "sobre as características dos diferentes textos que circulam ao seu redor, sobre seus estilos, usos e finalidades" (SOARES, 2003, p.70) e um segundo,

implica ajudá-la a se apropriar do sistema de escrita, para que tenha autonomia para interagir por meio da escrita. No entanto, é preciso atentar que,

"[...] sem proposições metodológicas claras, estamos correndo o risco de ampliar o fracasso escolar, ou porque rejeitamos os tradicionais métodos [...] ou porque não saberemos resolver o conflito entre uma concepção construtivista da alfabetização e a ortodoxia da escola ou [...] porque podemos incorrer no espontaneísmo." (SOARES, 2003, p. 96).

Ampliando a discussão em relação à distribuição das atividades e eixos do componente curricular Língua Portuguesa

Nos cadernos das unidades 3, 4 e 5 serão aprofundadas as reflexões sobre as diferentes dimensões da alfabetização na perspectiva do letramento.

Fonte: MEC (2014, <pacto.mec.gov.br>)

O Caderno de formação - Unidade 3 – do 1º ano especifica sobre a apropriação do sistema de escrita alfabética e o trabalho com a consciência fonológica; para o 2º ano trata também sobre a apropriação do sistema de escrita alfabética com a consolidação do processo de alfabetização e para o 3º ano aprofunda a consolidação dos conhecimentos (BRASIL, 2012d).

O Caderno de Formação - Unidade 4 – para o 1º ano, 2ºano e 3º ano aprofunda o tema do brincar e a importância dos jogos de palavras que fazem parte da tradição oral, leitura de textos rimados e trava-línguas. Reconhece que brincar com a língua vence dificuldades na pronúncia e fazem parte de um repertório inesgotável que exercita a memória e auxilia na construção de representações mentais (BRASIL, 2012e).

O Caderno de Formação - Unidade 5 – 1º ano, 2ºano e 3º ano analisa o ensino dos gêneros textuais na escola e a importância de ter contato com diferentes textos, em situações marcadas pela cultura e que favoreçam a interação social. A leitura de diferentes gêneros textuais tem a finalidade de ensinar conteúdos e de comunicar (BRASIL, 2012f). Reafirma a prática de expor as crianças a todos os tipos de textos e gêneros conduzindo um trabalho numa concepção do letramento e diversidade.

No Caderno de Formação - Unidade 6 – 1º ano, 2ºano e 3º ano integra saberes e experiências através de projetos e sequências didáticas, que são atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para sistematizar e monitorar ações que possam promover situações de leitura e escrita. Traz atividades com estratégias para atender os diferentes níveis de aprendizagem dos alunos, como pesquisa individual e coletiva, aulas práticas e dialogada (BRASIL, 2012g).

O Caderno de Formação - Unidade 7 – do 1º ano, do 2ºano e do 3º ano aborda sobre a questão da heterogeneidade em sala de aula como algo natural e inevitável e considera que a interação entre as crianças com diferentes níveis de conhecimento pode ser promotora de aprendizagens diversas (BRASIL, 2012h).

No Caderno de Formação - Unidade 8 – para o 1º ano, para o 2º ano e para o 3º ano realiza reflexões sobre a prática do professor no ciclo de alfabetização e aprofunda sobre a progressão e continuidade das aprendizagens para a construção de conhecimentos pelos alunos e a avaliação. Neste Caderno o foco é a reorganização da progressão automática do ciclo de três anos considerando o avanço na escolarização (BRASIL, 2012i).

Os Cadernos de Formação Educação para o Campo abordam os assuntos que constam nos Cadernos de Formação acima citados, com uma perspectiva voltada à diversidade e específicas para quem atende alunos que moram no campo (BRASIL, 2012j).

Por fim, o Caderno de Formação da Educação Especial, distribuído igualmente para o cada ano do ciclo de alfabetização, traz uma proposta de inclusão total do ponto de vista educacional, diferente da proposta de integração que propõe a inserção parcial da criança com deficiência (BRASIL, 2012k).

Também foram enviadas para as escolas da rede que aderiu ao Pacto, caixas de livros de literatura infantil, para serem usados na sala de aula dos anos 1º, 2º e 3º ano. Além disso, as turmas receberam uma caixa de jogos, com abecedário, fichas com letras, sílabas, palavras e figuras e dicionários com gravuras específicos para serem aproveitados pelo ciclo de alfabetização (BRASIL, 2012a).

Os Cadernos do Pacto, conhecidos também como *kits* foram enviados para cada escola da rede que aderiu ao Pacto, e devem ficar na sala de aula dos 1º, 2º e 3º anos, conforme foram identificados na caixa enviada pelo MEC. Foi enviada também uma caixa de jogos, com abecedário, fichas com letras, sílabas, palavras e figuras e dicionários com gravuras específicos para serem aproveitados pelo ciclo de alfabetização.

A seguir vamos tratar da importância da Provinha Brasil e da Avaliação Nacional da Alfabetização como instrumentos que tem a função de avaliar a educação básica do país e contribuir para a melhoria de sua qualidade.

1.4.3. Dados de Avaliações: Provinha Brasil e ANA

Apresentamos o Pacto na seção anterior, com seus princípios, seus Cadernos e o seu objetivo principal que é alfabetizar crianças até os oito anos de idade ao final do 3º ano do ensino fundamental. Para alcançar esse objetivo é indispensável o uso de avaliações com indicadores e dados que possam auxiliar no planejamento e formulação de novas políticas públicas capazes de promoverem as mudanças necessárias.

A Provinha Brasil é aplicada desde 2008 aos alunos do 2º ano do ensino fundamental e é um instrumento que tem o objetivo de oferecer informações para orientar os professores e gestores escolares, servindo para identificar o nível de alfabetização e letramento dos estudantes, com caráter diagnóstico. Através do resultado obtido pode estabelecer metas pedagógicas e promover ações que possam garantir maior qualidade no ensino (INEP, 2014). É um exame que utiliza dois cadernos por aluno, um de Língua Portuguesa e outro de Matemática, que devem ser aplicados em dias alternados. Acompanha um guia de orientações aos professores e outro caderno com as matrizes de referência. Nas matrizes de referências, constam as habilidades que são

fundamentais para a alfabetização e letramento, considerando assim que cada questão corresponde a uma habilidade que consta na matriz.

A Provinha Brasil está organizada com 20 questões, onde 10 são específicas para avaliar a leitura. A aplicação e a correção do teste são realizadas pelo professor da turma com auxílio da grade que acompanha o caderno de aplicação. Os resultados servem de subsídio e suporte pedagógico no trabalho da escola. É elaborada e distribuída pelo INEP e é de adesão opcional, ficando a critério de cada secretaria de educação sua realização (INEP, 2014).

A interpretação do resultado se dá conforme o número de acertos de cada aluno. No Guia de Interpretação dos Resultados da Provinha Brasil estão explicados e especificadas as orientações sobre cada nível. Para o final do segundo ano é esperado que os alunos estejam no nível 3, 4 e 5 e os que atingiram o nível 1 e 2 requerem um cuidado especial.

Uma limitação, de acordo com Cristofolini (2012), percebida ao verificar a edição da Provinha Brasil de 2009, é a de que sua aplicação não considera a diversidade sociocultural brasileira. Na questão de nº 22 da Provinha Brasil (2009, p.29) tem a imagem de uma vaca e o título do texto é “Fala, galera! A imagem da vaca não auxilia a relação com o que está escrito.

Contudo uma vantagem da Provinha Brasil é que sua aplicação ocorre em dois momentos, um inicial e outro ao final do processo, oferecendo condições aos professores para identificarem e utilizarem metodologias adequadas ao nível em que o aluno se encontra.

Morais, Leal e Albuquerque (2009, p. 302) julgam que a Provinha Brasil é instrumento pedagógico eficaz e asseguram que

[...] o diagnóstico precoce das aprendizagens dos pequenos alfabetizadores não só cumpre inadiável necessidade de monitoramento das práticas de alfabetização em nossa redes públicas de ensino, como deve colaborar para a definição de políticas de formação continuada e de práticas de ensino inclusivas no interior da escola, através do atendimento eficaz às diversidades de ritmos e estilos dos alunos.

De acordo com Freitag, Almeida e Rosário (2013), identificamos na Provinha Brasil quatro conceitos básicos que estão detalhados nos descritores: alfabetização, consciência fonológica, letramento e gêneros textuais. No eixo inicial têm questões para o desenvolvimento da decodificação e automatização do código escrito, como reconhecer letras, sílabas e estabelecer relação entre as unidades sonoras e seu grafema. No eixo seguinte aparecem questões que abarcam o uso da técnica na compreensão de textos escritos, como ler palavras, frases, localizar informação explícita no texto, identificar o assunto de uma texto e inferir informação. São duas aprendizagens indicadas por Soares (2003), que são diferentes e ao mesmo tempo simultâneas: uma é aprender a técnica, a decodificação, e a outra é aprender a utilizá-la nas práticas sociais. No eixo dedicado à leitura, aparecem questões voltadas para os gêneros textuais com suportes relacionados ao conteúdo do texto, considerando os aspectos da dimensão social e cultural da leitura.

Podemos verificar na questão nº 15 da Provinha Brasil (2014, p.22) no teste de leitura se o aluno consegue localizar a informação explícita no texto, após a leitura realizada pela professora, como segue abaixo (Figura 3.):

Figura 3. – Texto da Provinha Brasil

ABELHAS PASSAM A MAIOR PARTE DAVIDA (CERCA DE 7 MESES) VISITANDO FLORES PARA COLETAR PÓLEN E NÉCTAR, USADOS NA FABRICAÇÃO DE CERA E DE MEL. O MEL E O PÓLEN SÃO A BASE DA ALIMENTAÇÃO DESSES INSETOS. (PARADIZO, S. Abelhas x Vespas. Revista recreio. N. 662,15 nov. 2012

Qual é a base da alimentação das abelhas?

- (A) FLORES E NÉCTAR.
- (B) MEL E PÓLEN.
- (C) CERA E PÓLEN.
- (D) MEL E CERA.

Fonte: Fragmento da Provinha Brasil (2014, p.22)

Este item avalia a habilidade de o aluno localizar informações explícitas no texto, demonstrando que se o aluno marca a alternativa correta (letra B) tem a habilidade de ler e compreender o que é solicitado. Para realizar com sucesso essa questão a criança necessita ter adquirido o conhecimento do

código ortográfico da língua e o domínio do procedimento de decodificação. Segundo Morais, Leite e Kolinsky (2013, p. 23):

a decodificação grafofonológica, mecanismo de leitura baseado no conhecimento das regras do código ortográfico, é intencional, controlada e progride ao longo da palavra, primeiro utilizando as unidades linguísticas menores, os grafemas e fonemas correspondentes, e depois unidades maiores, os encontros consonantais complexos, as rimas, as sílabas.

A Portaria nº 867/2012, que institui o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa com o objetivo de garantir que todas as crianças sejam alfabetizadas até os 8 anos de idade, traz como novidade a utilização da Provinha Brasil como meio de verificar os resultados e um Sistema online, desenvolvido pelo INEP, que permite gerar relatórios e analisar dados com a intenção de apoiar as redes de ensino. A melhora ocorre em relação à verificação individual dos erros e acertos de cada aluno, podendo assim mobilizar esforços específicos para cada aluno e sua dificuldade. Os resultados da Provinha Brasil começam a fazer parte do processo que envolve o Ciclo de Alfabetização em três anos, buscando com isso gerar maiores discussões e prováveis ações preventivas, para com isso garantir que ao final do 3º ano do Ensino Fundamental todas as crianças estejam alfabetizadas. Busca, com isso, solucionar a questão em relação ao conhecimento e utilização dos resultados alcançados pelas escolas e se há acompanhamento e envolvimento destas mesmas para melhorar a aprendizagem dos alunos.

O que foi verificado na pesquisa “O Impacto dos indicadores da leitura na formação de leitores no Vale do Rio Pardo”, é que não há discussões dos resultados nas reuniões pedagógicas nas escolas e nem interesse de analisar os fatores que favoreceram ou prejudicaram seus índices, geralmente são comparadas os resultados de outras escolas (HIRSCH, 2014).

Um dos aspectos relevantes para fortalecer a prática pedagógica é a reflexão para a tomada de decisões a partir da avaliação, pois se o objetivo principal é buscar qualidade na educação básica e melhorar os índices de leitura é fundamental que o professor com seus supervisores e equipe diretiva possa valorizar o que o aluno aprende e considerar o que ele ainda poderá descobrir. Segundo Hoffmann (2000, p. 106),

considerar, valorizar, não significa observar e deixar como está, ou acreditar que um dia ela virá a descobrir. Pelo contrário, o “considerar” exige do professor a reflexão teórica necessária para o planejamento de situações provocativas ao aluno que favoreçam a sua descoberta, o seu aprofundamento em determinada área do saber.

Outra avaliação, prevista a partir das ações do Pacto e que busca apoiar os professores e sistemas públicos de ensino na alfabetização e no letramento dos estudantes até o final do 3º ano do Ensino Fundamental é a ANA.

A ANA é uma avaliação anual e censitária, aplicada pela primeira vez em 2013, direcionada aos estudantes do 3º ano do ensino fundamental no final ano do Ciclo de Alfabetização. Esse período de três anos é dedicado para a aquisição da leitura e da escrita, para consolidar o desenvolvimento de saberes fundamentais do currículo básico obrigatório. Seu objetivo é avaliar o nível de alfabetização e letramento em Língua Portuguesa e Matemática e realizar uma análise das condições escolares oferecidas a esse estudante.

Os principais objetivos dessa avaliação são:

avaliar o nível de alfabetização dos educandos no 3º ano do ensino fundamental; produzir indicadores sobre as condições de oferta de ensino; concorrer para a melhoria da qualidade do ensino e redução das desigualdades, em consonância com as metas e políticas estabelecidas pelas diretrizes da educação nacional (INEP, 2012, p.7).

A aplicação e correção são realizadas pelo INEP, incluindo crianças que necessitam de atendimento específico. Talvez tentando atender uma queixa dos professores em relação à organização de avaliações externas e minimizar os resultados inferiores decorrentes da participação de alunos incluídos, há uma preocupação em reconhecer através do atendimento especial, em local separado ou com professores apoiadores no momento da avaliação (HIRSCH, 2014).

A respeito das condições escolares oferecidas aos estudantes são realizados questionários aos professores e gestores, buscando informações sobre infraestrutura, formação de professores, gestão e organização do trabalho pedagógico (INEP, 2013).

Os testes contam com 20 itens. Em alfabetização Matemática todos são de múltipla escolha, mas em Língua Portuguesa 17 itens são objetivos de

múltipla escolha e 3 itens de produção escrita. Os itens de produção escrita verificam a habilidade de escrever palavras de forma convencional e de produzir textos; avalia estrutura do texto, a capacidade de gerar o conteúdo textual conforme gênero solicitado, coerência, coesão, o uso de pontuação, aspectos ortográficos e gramaticais, dentro do que está previsto para o final do Ciclo de Alfabetização.

No documento da ANA, os termos alfabetização e letramento, assumem a noção de dois processos complementares e importantes na aquisição da língua escrita. Comportam o conceito de alfabetização como domínio do sistema de escrita através da compreensão do princípio alfabético, realizando reflexões acerca das relações sonoras e gráficas das palavras. E o conceito de letramento como um trabalho sobre as práticas e usos dos diferentes tipos de texto e contexto. E, em relação à Matemática, a busca pela organização e articulação dos saberes da criança construindo conhecimentos matemáticos complementares ao processo de alfabetização. Através das avaliações em larga escala não se contemplam todos os aspectos do processo de aprendizagem, no entanto entendemos que a utilização dos dados desse tipo de avaliação pode contribuir para reorientar as decisões em relação ao Ciclo de Alfabetização (INEP, 2013).

Ao utilizar avaliações educacionais, principalmente de larga escala, buscam o que é importante ensinar e aprender e também querem produzir subsídios para fomentar políticas capazes de atender as exigências educacionais atuais. O INEP procura formular matrizes capazes de verificar características de um determinado construto que possua embasamento teórico, político e pedagógico.

Buscam através desse processo avaliativo uma avaliação da aprendizagem dos estudantes, que conta com o trabalho do professor, uma avaliação da instituição, em que todos os profissionais que trabalham na escola estão envolvidos na aprendizagem da criança e a avaliação do sistema escolar, que é representante do poder público, sendo que todos devem trabalhar de acordo e tem suas responsabilidades. Para a formação das matrizes da ANA além do apoio de várias universidades, pesquisadores e instituições civis e governamentais, o sistema de avaliação teve como base diversos documentos oficiais e documentos de formação produzidos a partir do Pacto.

A matriz tem como base o pressuposto da alfabetização e de letramento como o domínio progressivo do sistema alfabético de escrita e a compreensão de qual é a função da escrita no meio social. Assim sendo, a matriz de Língua Portuguesa está estruturada nesta base com eixos da Leitura e da Escrita, incluindo um conjunto de habilidades pertinentes a faixa etária avaliada. E a avaliação conta com questões de conhecimento de palavras até os conhecimentos e habilidades de compreensão e escrita de texto que são os de maior peso.

A Matriz de Matemática é composta por quatro eixos: Eixo Numérico e Algébrico, Eixo de Geometria, Eixo de Grandezas e Medidas e Eixo de Tratamento da Informação que tem como finalidade produzir um documento capaz de nortear uma avaliação em larga escala.

Os resultados serão repassados aos Institutos de Ensino, Município e Unidade Federativa, sendo publicado um índice de alfabetização em relação às condições verificadas em nível nacional. As informações estão de acordo com as condições de oferta e conforme resultados dos níveis em alfabetização em Língua Portuguesa e alfabetização em Matemática, sendo que não terá divulgação dos resultados por aluno.

O Pacto que está ocorrendo em todos os estados do Brasil e tem-se presente à dimensão territorial de nosso país. Sendo assim, acreditamos ser oportuno para este estudo saber algumas características da área de estudo. A seguir descrevemos a cidade polo do Vale do Rio Pardo, o município de Santa Cruz do Sul.

1.4.4. Santa Cruz do Sul, a sede do Vale do Rio Pardo. Escolas públicas municipais e estaduais

Santa Cruz do Sul localiza-se na região Centro Oriental do Rio Grande do Sul. A região apresenta grandes diferenças geográficas, econômicas, socioculturais e não possui identidade entre os municípios vizinhos (VOGT, 2001). As cidades de fronteira são Venâncio Aires, Vera Cruz, Passo do Sobrado, Sinimbu e Rio Pardo e, juntamente com outros 22 municípios, Santa Cruz do Sul forma uma área denominada Vale do Rio Pardo. É uma região central em que a principal atividade agrícola é a produção de tabaco. A

principal fonte econômica da cidade vem das plantações de fumo, atividade que trouxe para a cidade inúmeros fabricantes de cigarro e distribuidoras de fumo. Santa Cruz do Sul possui um complexo beneficiador de fumo em folha no seu Distrito Industrial e há presença das indústrias do fumo na vida econômica da região, com apoio técnico, financeiro e programas sociais para as famílias dos fumicultores.

A cidade conta com o forte comércio e empresas prestadoras de serviços. Atualmente, existem iniciativas locais, regionais e nacionais para a redução da cultura do fumo. Existe também uma campanha contra o consumo de produtos que provocam riscos à saúde como o tabagismo, tabagismo passivo e agrotóxicos usados nas lavouras de fumo.

A população do município é estimada em 105.190 na área urbana e 13.184 na área rural (IBGE, 2010). Conquistou o Selo Prioritário para o desenvolvimento do turismo por apresentar boa infraestrutura para eventos como a *Oktoberfest*, uma festa popular germânica, que ocorre todos os anos no mês de outubro e tem grande apoio da comunidade pela sua importância econômica e cultural. Tem também o Autódromo Internacional de Santa Cruz do Sul, onde são realizadas corridas de diferentes categorias. O idioma falado pela maioria da população é o português, o alemão e seus dialetos, e, em função das negociações e comércio do fumo, o inglês (WIKIPÉDIA, 2014).

É considerada uma cidade polo por atrair estudantes de toda região em função da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. Atualmente a universidade oferece 50 cursos de graduação, entre eles Medicina, Direito, Letras, Administração, Nutrição, Fisioterapia e 36 cursos *Lato Sensu*. Conta com a Incubadora Tecnológica e o Parque Científico e Tecnológico da UNISC-Tecnounisc, mais 8 cursos de Mestrado e 2 cursos de Doutorado. Conhecida como a universidade da comunidade, oferece inúmeros benefícios como fisioterapia, odontologia, natação, nutrição, educação física, apoio jurídico entre outros. Possui Campi fora da sede: em Sobradinho, em Capão da Canoa, em Venâncio Aires e em Montenegro.

Para atender o nível fundamental, o município possui 18 escolas estaduais e 29 escolas municipais com matrícula de 14.899 alunos (INEP 2012). No total são 47 escolas que participam do Pacto através de 72 professores da rede estadual e 99 professores municipais. A organização na

rede municipal é diferente da estadual, em relação à estrutura pedagógica de atendimento, onde há um coordenador e cinco orientadores que encaminham e discutem as propostas de atividades com os professores. A rede estadual para o município de Santa Cruz do Sul e arredores, reúne seus professores em algumas escolas estaduais que participam do Pacto e a organização pedagógica é composta por três orientadores-coordenadores para toda a região da 6ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), que juntamente com 14 orientadores de estudo, orientam o que deve ser encaminhado aos professores alfabetizadores (Secretaria da Educação de Porto Alegre - SEDUC; Secretaria Municipal de Educação e Cultura - SMEC). Os encontros foram realizados semanalmente, ou quinzenalmente em dois turnos, dependendo da organização de cada rede.

2. ENSINO DA LEITURA: CONVERSANDO COM OS PROFESSORES

Neste capítulo, apresentamos a pesquisa iniciando pelos motivos da investigação sobre o impacto do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) na formação dos professores alfabetizadores, tendo como referência a atual situação da leitura no Brasil.

Em relação à avaliação da leitura, o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) caracteriza quatro tipos de situação de leitura: o pessoal, que incluem cartas, emails, textos de ficção e biografias; o público, que são os documentos oficiais, informações e notícias; o educacional, que são os textos específicos e instrucionais; e o ocupacional, que são textos voltados para a intenção de ler para fazer, em seus descritores, a formação desejada para o aluno, revelando com isso a necessidade de atender ao contexto em que a leitura está sendo utilizada (INEP, 2012). Quando percebemos a dimensão da aprendizagem da leitura e da escrita, nos questionamos em relação ao trabalho que precisa ocorrer na educação básica para se alcançar este patamar de compreensão e realização.

Com este desafio de melhorar a qualidade do ensino da leitura, a primeira motivação desta pesquisa foi a insatisfação em relação à aprendizagem na leitura e escrita de nossos alunos, acompanhada da questão de como ocorre essa aprendizagem. No segundo momento, nos deparamos com a complexidade do processo de ensinar a ler e escrever e o que envolve essa prática pedagógica. Ao refletirmos sobre as mudanças necessárias para conquistar a qualidade no ensino e na aprendizagem da leitura, nos deparamos com a diferença entre alfabetização, que é a aquisição do código alfabético, e de letramento, que é o uso da leitura e da escrita em práticas sociais (SOARES, 2004).

O MEC, ao instituir o Pacto, uma formação que tem a intenção de instrumentalizar os professores alfabetizadores e atingir a meta de alfabetizar todas as crianças até aos oito anos de idade ao final do 3º ano do ensino fundamental, criou a oportunidade de investigar as questões relacionadas à aprendizagem da leitura e escrita e verificar a sua eficácia.

O caminho escolhido para atender aos questionamentos iniciou na fundamentação teórica sobre a cognição, a linguagem e a relação com a leitura. Como o cérebro reage aos estímulos da leitura e qual a maneira mais eficaz de aprender a ler e escrever foi a questão que nos motivou inicialmente. Em sequência, buscamos aprofundar os estudos sobre os métodos de alfabetização e as questões que envolvem a alfabetização no Brasil e sobre as mudanças que ocorreram na LDB. Em seguida, foi apresentado o Pacto, seus objetivos, seus princípios e o que está sendo feito para atingir a meta principal de alfabetizar os alunos até oito anos de idade. As avaliações externas foram analisadas através de seus objetivos e de suas questões e como os professores estão utilizando esses instrumentos para questionar e melhorar a sua prática pedagógica, principalmente em relação à leitura.

Reunindo esses dados, buscamos verificar esse processo de extensão nacional, em nosso próprio espaço educacional, o município de Santa Cruz do Sul, e com isso investigar os impactos do Pacto e a importância da reflexão, da pesquisa, do aproveitamento dos estudos da ciência da leitura.

2.1. Pesquisa experimental

A pesquisa experimental teve como objetivo principal coletar dados para confrontar com as hipóteses levantadas e os conteúdos trabalhados pela formação ofertada aos professores dentro do Pacto. Foram elaboradas e aplicadas perguntas a partir de estudos referentes à área da leitura e da escrita, que marcam a prática pedagógica de sala de aula, a fim de dar voz aos professores e coordenadores escolares.

2.2. Objetivos

Geral:

Investigar o impacto do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa nas práticas de ensino inicial da leitura nas escolas municipais e estaduais no município de Santa Cruz do Sul.

Específicos:

- Compreender o processo de aprendizagem inicial da leitura a partir de uma revisão de literatura sobre o tema.
- Aprofundar o conhecimento sobre autores e teorias relacionadas à Neurociência, Psicologia do Desenvolvimento, Leitura e Alfabetização.
- Conhecer os documentos orientadores e as políticas públicas dirigidos ao ensino inicial da leitura e à avaliação da alfabetização no Brasil.
- Conhecer a Política Pública denominada PNAIC, seus aspectos teóricos e sua implantação.
- Avaliar o impacto do PNAIC junto aos professores alfabetizadores da rede municipal e da rede estadual de ensino do município de Santa Cruz do Sul.

2.3. Justificativa

Para transformar o Brasil em um país de leitores (alfabetizados), é indispensável a promoção de políticas públicas que visem contribuir para a qualificação do processo do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita. Nesse contexto, o Pacto assume um papel de destaque, pois está voltado para a qualificação dos professores alfabetizadores que são os responsáveis pela alfabetização e desenvolvimento escolar inicial das crianças. Podemos verificar, através dos índices obtidos pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB)/Prova Brasil e resultados da Provinha Brasil, que a aprendizagem da leitura e da escrita gera preocupação, muitos debates, alterações na LDB e o cumprimento de resoluções que visam colocar o Brasil em outro patamar em termos educacionais. Mas mesmo estando cientes da importância da aprendizagem da leitura e da escrita para a vida do indivíduo e para a sociedade, percebemos também uma distância considerável na efetivação de ações para a melhoria deste cenário.

Sendo assim, são válidas pesquisas que busquem investigar o impacto de políticas públicas voltadas à educação, como é o caso do Pacto na formação dos professores e no processo de ensino da leitura inicial, a fim de

perceber com mais clareza os pontos a serem repensados nas iniciativas do governo.

2.4. Hipóteses

Mesmo que a LDB estabeleça que os professores devem estar habilitados em nível superior, é possível que muitos professores não tenham recebido em sua formação os conteúdos específicos relacionados ao ensino da leitura e da escrita. Além disso, como processo de produção de conhecimentos é dinâmico, um título de nível superior constitui uma etapa da formação profissional, que precisa ser continuamente aprimorada. Apesar de o governo oferecer capacitação e qualificação aos professores, precisamos verificar até que ponto tais iniciativas estão alinhadas às necessidades que surgem durante a prática de sala de aula. Assim, essa pesquisa parte das seguintes hipóteses:

- A formação oferecida aos professores das escolas públicas brasileiras através do Pacto é uma iniciativa válida no sentido de resultar em um aprimoramento significativo de conhecimentos e práticas pedagógicas com relação ao ensino da leitura;
- Os conhecimentos específicos que o professor precisa saber sobre leitura estão elencados na formação do Pacto, e estão sendo observados na prática de sala de aula;
- O Pacto tem como objetivo garantir a aprendizagem da leitura em três anos, no Ciclo de Alfabetização, e os professores estão assegurando essas mudanças;
- O professor tem papel decisivo nas mudanças sugeridas pelo Pacto, e é possível descrevê-las e compartilhá-las.

2.5. Metodologia da produção dos dados

O primeiro instrumento para produção de dados para a pesquisa foi constituído de dez perguntas, feitas aos professores alfabetizadores, sete da rede municipal, com seu coordenador e sete da rede estadual com um dos coordenadores do Pacto (ANEXOS A1 E A2). Em seguida foram selecionadas

sete escolas da rede municipal e sete escolas da rede estadual conforme sua localização nos bairros da cidade e assim definido os professores que participariam da pesquisa (ANEXO B). Para marcar a entrevista entramos em contato com os supervisores do Pacto via telefone ou *e-mail*, buscando o agendamento com o professor ou coordenador em horário e local definidos pelo entrevistado.

2.5.1. Participantes

Os participantes da pesquisa são os professores alfabetizadores da rede pública municipal e estadual e os coordenadores que participam do Pacto. Depois de confirmada a participação voluntária dos professores e dos coordenadores na entrevista presencial foi solicitada a autorização através do termo de consentimento livre e esclarecido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNISC (ANEXO C). Juntamente com o termo foi solicitado o preenchimento de uma ficha para a formação de um perfil dos sujeitos participantes (ANEXOS D1 e D2).

Foram entrevistados quatorze professores alfabetizadores, sete da rede municipal e sete da rede estadual, sendo que doze professores trabalham na área urbana (centro e bairro) e três professores trabalham na área rural. Os critérios adotados para a escolha dos professores alfabetizadores foram: participar do Pacto e lecionar para o 1º ano, 2º ano e 3º ano da rede pública estadual ou municipal.

Após o preenchimento do termo de consentimento livre e esclarecido e da ficha com os dados do professor alfabetizador, iniciamos com a leitura da primeira pergunta, tentando deixar o professor à vontade.

Elaboramos as perguntas de forma gradual sobre a rotina do professor, com questões pertinentes à leitura, à escola, às práticas que envolvem ensinar e aprender a ler e escrever.

Entrevistamos dois coordenadores do Pacto, um da rede estadual e outro da rede municipal. O coordenador é responsável pela logística da formação, promove reuniões com os professores alfabetizadores e gerencia a articulação do aperfeiçoamento das ações com o seu grupo de trabalho.

Depois do preenchimento do termo de consentimento livre e esclarecido e da ficha com os dados do coordenador, iniciamos a entrevista deixando a folha de perguntas à disposição na mesa, oportunizando que a leitura fosse acompanhada pelo coordenador.

2.5.2. Procedimentos de produção de dados

Para a realização da entrevista, o tempo não foi determinado pela entrevistadora e sim pela desenvoltura e conhecimento do professor sobre a questão abordada. As entrevistas foram realizadas no local determinado pelo professor alfabetizador, como na escola onde trabalha, em casa ou no local da formação do Pacto.

Para a entrevista utilizamos o *tablet*, colocado próximo ao professor entrevistado com a intenção de registrar a gravação em áudio. Para que os participantes não fossem identificados, utilizamos códigos na transcrição das entrevistas: Ee – professor da rede estadual; Em – professor da rede municipal; Ce – coordenador da rede estadual; Cm – coordenador da rede municipal; e o número identifica o sujeito. As respostas da entrevista foram transcritas no *Microsoft Word®*. Na transcrição, identificamos em negrito as perguntas da pesquisa, as respostas em itálico, as pausas nas respostas com reticências, os trechos subtraídos sem valor para a pesquisa com reticências entre colchetes, expressões e interjeições com aspas, nomes próprios com a letra “A” (aspas) para preservar sua identidade (ANEXO E).

A entrevista iniciou com as perguntas específicas sobre a prática de sala de aula, como ocorre o processo de ensino-aprendizagem da leitura junto aos alunos. A intenção de iniciar com essa pergunta foi uma forma de valorizar a prática e a experiência do professor no seu fazer diário, trazendo com isso a dinâmica de sala de aula, exemplos com alunos e situações vividas diariamente. As perguntas foram distribuídas de maneira em que estivessem incluídos aspectos da leitura, o ciclo de alfabetização de três anos, o Pacto e suas possíveis mudanças, fazendo a relação com os estudos da neurociência. Para atingir o máximo de fidelidade na entrevista por parte do professor alfabetizador, a pesquisadora não fez observações e nem comentou durante a

gravação, porque (a mesma) participa da formação do Pacto e conhece o funcionamento da formação, podendo assim influenciar nas respostas.

Após a transcrição, as informações foram examinadas e apreciadas de maneira prudente e criteriosa e dessa maneira acredita-se ter identificado qual o impacto do Pacto no ensino da leitura inicial nas escolas municipais e estaduais de Santa Cruz do Sul. Com estes resultados pretende-se verificar quais as mudanças necessárias a serem realizadas em relação à qualidade do ensino da leitura e buscar mobilizar todas as pessoas envolvidas neste processo.

2.5.3. Procedimentos para análise dos dados

As respostas da ficha para a formação do perfil do professor alfabetizador e coordenadores, foram quantificados e tabulados e serão apresentados em gráficos e em tabelas que nesse momento a pesquisa assume um caráter quantitativo, pois busca relacionar em que proporção os aspectos do perfil do professor influenciam na visão sobre o ensino-aprendizagem da leitura e sua importância no contexto escolar.

2.6. Apresentação dos dados

Iniciamos esta seção com a apresentação do perfil dos participantes

2.6.1. Perfil dos participantes

Entre os dados que consideramos relevantes do perfil dos professores alfabetizadores estão: a localização da escola – zona urbana ou rural, e se está inserida em área central ou periferia (bairro). Destacamos, então, que seis escolas estaduais estão localizadas na zona urbana sendo três na área central, três no bairro e uma escola na zona rural. As escolas do município, cinco estão localizadas na zona urbana e duas na zona rural e uma na área central e cinco no bairro. Tanto as redes estadual como a municipal aderiram o Pacto,

oferecendo aos seus professores a mesma formação em termos de conteúdo e estrutura.

Ao longo das entrevistas a pesquisadora pode perceber o perfil de alguns professores alfabetizadores, que falavam com propriedade sobre seus alunos e quais as soluções possíveis para alguns problemas que enfrentam no dia-a-dia. Os professores foram se mostrando, deixando de lado a preocupação de estarem certos ou errados, principalmente os professores com mais tempo de experiência no magistério, explicitando a percepção da importância do tempo e da experiência no processo de ensino e aprendizagem.

Outro aspecto que chamou a atenção é de como o pensamento de alguns professores apresentava uma linha de raciocínio coerente e linear, podendo ser acompanhado num desenrolar de ideias já pensadas e estruturadas. Respondiam o que era perguntado e estabeleciam critérios e argumentos com fundamentos pessoais adquiridos com a vivência, e também teóricos, que embasam seu trabalho pedagógico.

Em relação aos coordenadores a pesquisadora percebeu que um coordenador simpatiza com a proposta do Pacto e trabalha na concepção da perspectiva do letramento. O outro coordenador tem uma visão crítica em relação à proposta do Pacto e manifesta de maneira explícita preferência e conhecimento da concepção fônica.

Em relação às questões específicas sobre a vida profissional dos professores, a questão sobre a formação na graduação traz os resultados: treze professores são graduados em Pedagogia: Ee1, Ee3, Ee4, Ee5, Ee6, Ee7, Em8, Em9, Em10, Em11, Em12, Em13, Em14; e um professor é formado em Ciências Biológicas: Ee2. Dos quatorze professores entrevistados, todos possuem formação superior e sete deles possuem também o magistério como ensino médio.

Em relação à maior parte da formação dos professores ser em Pedagogia, demonstra que já existe conformidade entre a qualificação do professor de educação básica estar de acordo com a LDB no artigo 63, inciso I que determina como “cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinado a formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do ensino fundamental” (LDB, 1996, p.23).

O curso de Pedagogia atende os professores que trabalham com a educação infantil e educação fundamental e substitui o curso de normal superior, extinto pelo parecer 5/2005 do Conselho Nacional da Educação - CNE no segundo semestre de 2006 (BRASIL, 2005). Talvez o que fica evidente para a escola, para o poder público e inclusive para o professor alfabetizador, é que a formação de alfabetizadores seja adequada em conhecimentos para a etapa específica de alfabetizar e atender a necessidade da educação básica, e que a princípio, esses conhecimentos devem ser encontrados no curso da Pedagogia.

Em relação ao tempo de conclusão do curso de formação, o que foi percebido, através desta questão, é que independente do tempo de conclusão da graduação dos professores, sua visão da importância de agregar conhecimentos sobre informática e tecnologia foi evidenciada. Os professores de três e cinco anos de conclusão até os professores com mais de vinte um anos de conclusão estão atentos à formação continuada, necessária para acompanhar a demanda dos alunos.

Na questão da especialização ficou claro o empenho do professor em buscar qualificação, sendo confirmado também pela escolha de pós-graduação voltada para a área da psicopedagogia e da educação especial. É bastante claro que o professor sabe que sua graduação não oferece ou não aprofunda alguns conhecimentos que necessita para lecionar.

Quando os professores foram questionados sobre cursos realizados nos últimos tempos e que teve duração de cerca de um ano, responderam, porém, sem certeza. O entrevistado denominado Ee1 respondeu que lembrava somente de se tratar de Fórum da UNISC, que é realizado na Universidade pela rede estadual e geralmente equivale a quarenta horas de formação. O professor Ee2 citou uma pós-graduação realizada em 2011, depois realizou apenas cursos de menos carga horária. O professor Ee3 também realizou uma pós-graduação no ano de 1995, lembrando que depois só realizou cursos oferecidos pela rede estadual. O professor Ee4 citou um curso em EAD (educação à distância) pela Comunidade Teoria e Prática de Ensino – Editora Abril). O professor Ee5 fez a formação do Grupo de Estudos sobre Educação Metodologia de Pesquisa e Ação (GEEMPA) entre os anos 2007 a 2011, em Porto Alegre (formações com carga horária anual de 120 horas). O professor

Ee6 fez sua pós-graduação em 2013 e atualmente só faz o Pacto. Os professores Ee7, Em9 e Em12 disseram que o curso de maior duração que realizaram foi o Pacto. O professor Em8 realizou o curso de Gestão Escolar na época em que estava na equipe diretiva da escola. Os professores Em10 e Em13 citaram apenas do BIA (Bloco Inicial de Alfabetização) oferecido pela SMEC de Santa Cruz do Sul, nos anos de 2010 e 2011. O professor Em10, durante o ano de 2014, realizou o curso de manuseio com a tela *touch screen*. O professor Em14 realizou sua pós-graduação em 2014 (Tabela 1.).

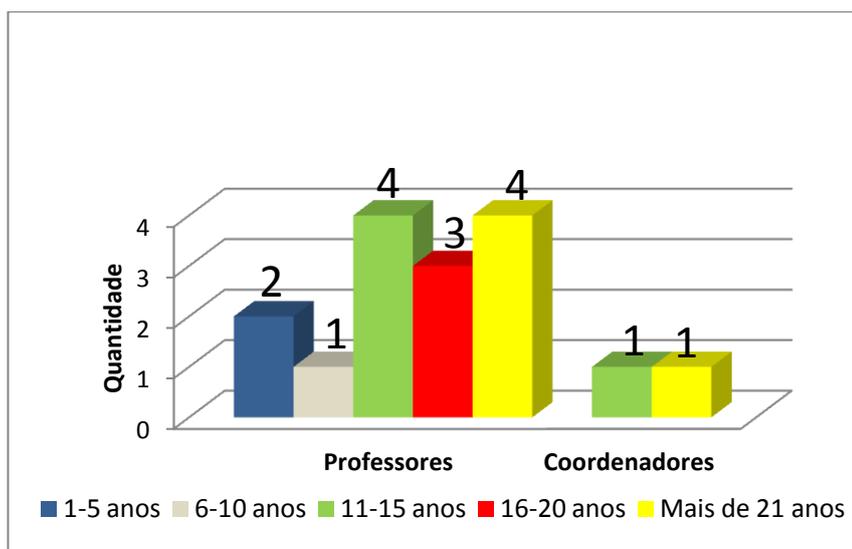
Tabela 1. Último curso de longa duração mencionado pelos entrevistados

Curso	Função	
	Professores	Coordenadores
Especialização	4	
Fórum	1	
Comunidade Prática e teoria de ensino – EAD	1	
GEEMPA 2007-2011	1	
Curso de Tela Touch Screen	1	
Bloco Inicial de Alfabetização	2	
Pacto	3	2

Os professores relataram que, pelo fato de participarem da formação do Pacto, não tem como participar de outra formação com duração de um ano ou mais, apenas palestras ou reuniões oferecidas pela sua escola. O que podemos observar é que os professores com mais tempo de experiência no magistério escolhem fazer especialização na área de educação especial, talvez por sentirem necessidade de encontrar respostas para suas angústias em relação aos problemas de aprendizagem que se repetem ao longo do tempo, sem encontrar respostas adequadas diante desses desafios.

Sobre o tempo de experiência em magistério, obtiveram-se os seguintes resultados, conforme o Gráfico 1.

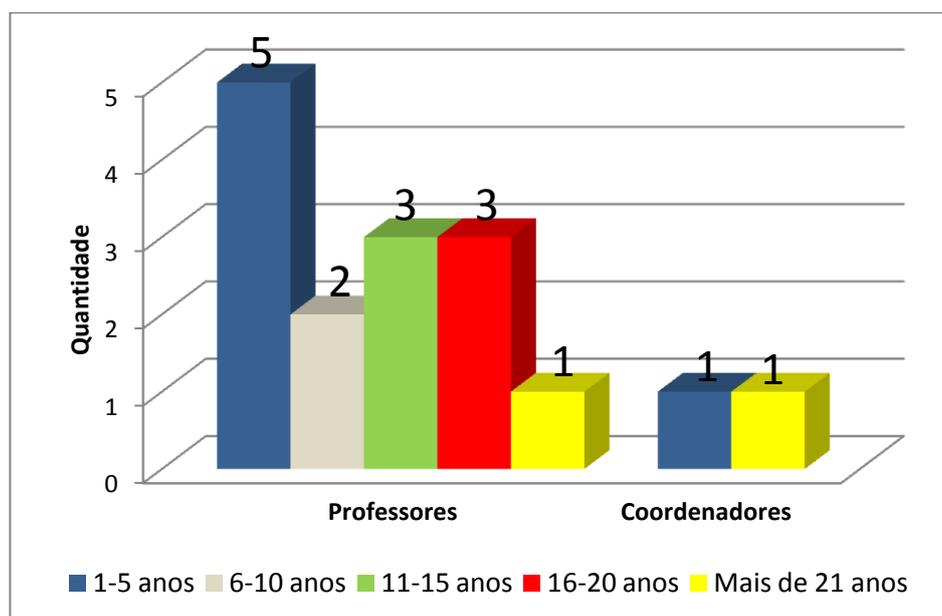
Gráfico 1. Tempo de experiência no magistério:



O tempo de magistério é a questão mais pertinente para a pesquisa em relação ao entendimento que se busca em termos de qualificação para o trabalho. Pode-se, inclusive, analisar que através de suas experiências e vivências, o professor desenvolve um fazer pedagógico mais consciente, mas, ao mesmo tempo, não podemos ser ingênuos em achar que somente o tempo investido em prática pode alicerçar esse trabalho. A prática juntamente com o estudo da teoria e o aprimoramento em estudos convergentes em psicologia, pedagogia, neurociência e afins é que podem consolidar, de fato, uma formação profissional sólida.

O tempo dedicado à alfabetização, conforme a pesquisa, está refletido no Gráfico 2. Demonstra que os professores com mais tempo já encontram algumas respostas para as suas inquietações, analisam o sistema e buscam fazer a sua parte, talvez um misto de compreensão e indignação. Neste tempo, o professor busca ser ou tornar-se alfabetizador e vai se comprometendo em questões mais sociais, como os direitos da criança em relação à educação, à saúde, a uma família estruturada e pensa numa escola mais humana e mais próxima possível da realidade global, buscando oferecer ao seu aluno acesso a tudo que pode auxiliá-lo em sua transformação e inclusão social. Com isso o professor trabalha com a possibilidade de tornar-se próximo ao aluno, mas não esquecendo o nível de exigência que sua profissão impõe (MORAIS, 2014).

Gráfico 2. Tempo de experiência em alfabetização:



2.6.2. Conversando com os professores

A pesquisadora iniciou a entrevista falando sobre alunos, como estavam as aprendizagens e de forma descontraída relatou as situações do dia -a- dia de sala de aula que todo professor vivencia e reconhece suas semelhanças. Ao perceber que o professor identificou-se com a pesquisadora, foi apresentado o termo de consentimento e o questionário sobre a formação do professor e outros dados sobre sua vida profissional. A reação dos professores foi de entusiasmo com um misto de medo, pois a maioria se preocupava em saber se conseguiria responder corretamente as questões da pesquisa. Ao realizar a primeira pergunta da entrevista sobre a prática da sala de aula, a maioria dos professores falava como se estivesse numa conversa informal, os professores falavam e citavam exemplos sem nenhum constrangimento.

A apresentação e análise dos dados das entrevistas com os professores está organizada de acordo com a ordem das questões das entrevistas. Assim, tomaremos cada uma das questões e faremos a análise do que os professores com quem conversamos disseram. Com isso, esperamos ter uma visão do conjunto dos professores sobre cada tópico levantado em cada questão.

Questão 1. Descreva a tua experiência como alfabetizador. Qual o caminho que percorres no processo ensino-aprendizagem da leitura junto a teus alunos?

Dos quatorze professores entrevistados, oito responderam que leem para os alunos todos os dias e que mesmo os alunos que ainda não estejam alfabetizados realizam leitura das imagens e interpretam as cenas nos livros. (Ee2, Ee3, Ee4, Ee6, Ee7, Em11, Em13 e Em14). O caminho para a aprendizagem da leitura é diária e é incentivada com o uso de livros de literatura, de poesias, de rimas, de piadas, com revistas científicas, com revistas de histórias em quadrinhos, com os livros didáticos e outros materiais oferecidos às crianças na sala de aula. O professor Ee1 citou um dia especial, onde toda a turma, no mesmo momento, realiza leitura na biblioteca. Os professores Ee5, Em9 disseram que começam o trabalho de leitura com o nome do aluno, pois são palavras conhecidas. O professor Em8 disse que inicia seu trabalho com vários tipos de texto e ao mesmo tempo utiliza letras do alfabeto. O professor Em10 disse que realiza contação de história e a leitura utilizando os desenhos e vai alterando os gêneros conforme tem oportunidade. O professor Em12 disse realizar seu trabalho de alfabetização utilizando muitas brincadeiras e em todos os locais da escola como refeitório, pracinha, biblioteca.

Percebemos nas entrevistas que os professores trabalham com a leitura voltada para o aspecto do significado, chamando a atenção para a leitura global da palavra e o sentido da palavra dentro da frase ou do texto. A formação do Pacto tem conduzido a aprendizagem da leitura através de gêneros diferentes e incentivado a frequência da leitura como uma forma de estimular o prazer pela leitura. O ensino da leitura está voltado para um trabalho com o texto, com a música, com poesia, com histórias e com atividades usadas com a intenção de desenvolver o prazer da leitura. O conhecimento sobre o desenvolvimento da consciência fonológica, antes da alfabetização ou durante o período de alfabetização e a importância da rima, da música, da aliteração não é evidente nesses primeiros depoimentos dos professores alfabetizadores. A falta da prática explícita das correspondências grafemas e fonemas como um caminho para alcançar a alfabetização é inquietante.

Buscando alertar sobre a importância de trabalhar de forma mais produtiva e criativa com a estrutura fonológica da língua, Adams *et al* (2012 p. 21) enfatizam “sabendo que tantas crianças carecem de consciência fonológica e que ela é fundamental para aprender a ler e escrever e a produzir escrita alfabética, começamos a ver a importância de dar lugar à sua instrução.” Não significa a instrução pura e mecanizada para a memorização de grafemas e fonemas, mas sim a apreciação da criança sobre a estrutura fonológica da língua e a compreensão da representação escrita (ADAMS *et al* , 2012). No entanto, a instrução fônica explícita não aparece de forma evidente no depoimento dos professores, como se pode constatar nas falas que seguem:

(Ee2) - *Bom, eu leio todos os dias e agora mais com o Pacto, porque a gente trabalha com a leitura deleite.*

(Ee3) - *Agora por causa da inserção do Pacto entrou a leitura deleite. Então, a leitura deleite é a 1ª todos os dias, uma leitura diferente e necessariamente não precisa ser de literatura infantil.*

(Ee4) - *Eu explico no início da manhã o que a gente vai fazer, até para eles terem a rotina deles e depois eu tenho um momento de leitura mesmo que eu faço todos os dias.*

(Ee7) - *Então, eu trabalhei com eles desde o começo do ano muita leitura, eu leio pra eles, todos os dias, eles leem na sala, a gente tem momentos de leitura de 20 minutos, 30 minutos ou a gente lê livros. A gente tem na sala os livros que a gente ganhou no Pacto, as caixas do pacto que a gente ganhou, então eles leem. Trabalho com jornal na sala, leitura de revista, leitura de história em quadrinhos, todos os tipos de leitura e a gente lê todos os dias e aqueles alunos que não tinham fluência na leitura todos os dias, nesse momento, depois que eles leem na classe deles eu chamava pra ler comigo na minha mesa.*

(Em13) - *Tenho o cantinho da leitura, quando eles terminam, eles podem ir até os livros, a caixa de livros ‘né’, pra ler e uma vez por semana tem biblioteca e eu sempre conto uma história de alguma forma, dramatizo. Levo eles até a biblioteca ‘né’, a gente faz uma vez por semana, tem um momento que eu vou*

trabalhar com aquele livro, às vezes eu vou contar, gosto também de fazer em capítulos.

(Em14) - Bem, todos os dias, dois, três vão pra frente e leem para todo o grupo sempre assim, 'oh', isso no começo da aula e após do recreio a gente também lê, a gente produz textos, eu trabalho com o 2ºano.

Como verificamos nas falas dos professores, o acesso a livros é algo frequente e diário. As crianças estão envolvidas em diferentes atividades de leitura e escrita, mas tem professor que parece não conseguir separar o que é para ensinar a ler e o que é para ensinar a escrever, utiliza atividades sem discriminar o objetivo claro do que pode desenvolver e ao explicar como é que faz o seu trabalho em aula falou mais de atividades de leitura para alunos que já sabem ler.

Morais (1996, p. 11) declara que “os leitores dispõem da arte de ler, os escritores da arte de escrever, e se utilizam intencionalmente sua arte, não conhecem conscientemente nem seus meios nem seus processos.” É fundamental para o professor alfabetizador ter claro os processos que são responsáveis pelo sucesso na alfabetização, com o trabalho de identificação das letras e as diferenças de seus traços e seus valores fonológicos para desenvolver a compreensão do princípio alfabético; a manipulação dos fonemas para levar o aluno a decodificar os grafemas em fonemas, identificando as palavras escritas (MORAIS, 2013).

Podemos perceber nos depoimentos dos professores alfabetizadores uma tentativa de resgate do prazer da leitura, através dos diversos gêneros disponíveis nos livros de literatura e da própria expressão “leitura deleite”. Portanto, já poderíamos nos satisfazer com esse aspecto positivo sobre a questão da leitura, mas as demandas sociais estão muito além do desenvolvimento da leitura e da escrita que estão sendo trabalhadas. A impressão que se tem nos depoimentos é que todas as crianças chegam sabendo ler, e que a escola precisa incentivar o gosto pela leitura. Como se a leitura não necessitasse de instrução explícita e que o contato com matérias de leitura garantiria essa aprendizagem.

As exigências na vida profissional e mesmo na vida cotidiana apontam para importância de saber ler e interpretar as informações escritas existentes

hoje nas formas impressas ou pela tela de um computador com rapidez e precisão. Para que a dimensão da leitura possa ser ampliada, é necessário o oferecimento de condições materiais e cognitivas da atividade de leitura (MORAIS, 1996). Adquirir os conhecimento de decodificação e ao mesmo tempo aumentar a prática diária da compreensão da leitura é o caminho indicado para o desenvolvimento da alfabetização.

Questão 2. Tu participas do Pacto? Como vês essa iniciativa?

A maioria das respostas foi positiva em relação à participação na formação oferecida dentro das iniciativas relacionadas ao Pacto. Os professores Ee1, Ee3 e Em11 disseram que o Pacto é uma iniciativa boa ou muito boa. O professor Ee2 disse que foi a melhor iniciativa em 15 anos. O professor Ee4 disse ser muito “produtiva”, principalmente, em relação à leitura. O professor Ee5 disse que desacomoda o professor, faz com que ele se movimente, estude e procure melhorar. Os professores Ee6 e Em13 disseram que gostam por causa das discussões e trocas de experiências. O professor Ee7 diz que é excelente iniciativa, pois coloca os professores pensando juntos. O professor Em8 diz que é muito proveitoso e vê como uma atualização para trabalhar na sala de aula. O professor Em9 relata que gosta, apesar de ser um sacrifício ir aos encontros. Os professores Em10 e Em12 acham interessante, porque veem coisas novas e boas para aplicarem em sala de aula.

(Ee3) - Eu acho ela boa, é uma ideia interessante, às vezes a condução dela é que não está a contento, não está numa total realidade que a gente vive.

(Ee4) - Pra mim foi muito produtivo ir no Pacto, a gente aprende um monte, eu no caso. Eu acho bem importante a questão da leitura.

(Em9) - É um pouco sacrifício, assim de ir lá, mas eu gosto, eu acho que a gente sempre aprende alguma coisa, não que a gente fosse assim, não soubessem e a gente até relembra muita coisa, acho que a gente é cobrada muita coisa de novo, às vezes a gente fica um pouco acomodado.

(Em11) - Eu achei bem bom. [...] Eu acho que esta história do PNAIC veio pra dar uma universalizada, pra dar um rumo, todos andam mais ou menos por

aqui, eu acho que ficou bem bom, eu acho que foi uma iniciativa bem boa do governo federal.

(Em12) - Olha, é bem interessante, eu vejo muitas coisas boas, e eu vejo que está reafirmando o que eu trabalho, pra mim 'tá' só reafirmando, às vezes, claro que eu trabalho há quantos anos, às vezes, pra muitos é novidade, mas pra mim não é novidade, muitas coisas que a professora dá ali, 'né'. [...] Mas muito válido essa iniciativa do governo, eu estou gostando, o material que vem é muito bom.

Conforme a fala dos professores alfabetizadores, pudemos notar que todos concordaram com a necessidade de uma formação específica para os alfabetizadores. Alguns sentem a necessidade de discussão, outros de troca de experiências, outros apenas para confirmar o que já fazem.

Questão 3. Existem diferentes métodos para alfabetizar. Tu usas um método para alfabetizar? Qual método ou métodos tu usas?

Em relação ao uso de métodos para alfabetizar, três professores (Ee2, Ee5, Em11) nominaram de forma clara o método que utilizam. O professor Ee2 disse que usa a construção do conhecimento de Emilia Ferreiro e de Paulo Freire, mas quando tem criança com dificuldades de aprendizagem usa o método fônico. O professor Ee5 disse ser construtivista e atualmente pós-construtivista e outro professor revelou ser tradicional e usa o método silábico. Os demais professores Ee1, Ee3, Ee4, Ee6, Ee7, Em8, Em9, Em10, Em12, Em13, Em14, responderam não usar um método, misturam vários métodos ou atividades, usam os dois métodos como o GEEMPA e Alfa e Beto, ou não sabem nominar. Como segue abaixo:

(Ee1) - Não, eu acho que eu uso o método que eu acho que a minha turma está... Ele é bom pra minha turma, porque ano passado eu tinha uma turma que eu não ia poder usar as mesmas atividades desse ano e nem desse ano para o ano passado, porque eu acho que cada ano, cada turma é uma turma, tem que fazer as atividades em cima daquela turma.

(Ee2) - *Eu uso a construção do conhecimento, Emília Ferreiro e Paulo Freire, mas o método fônico com as crianças que tem dificuldade de aprendizagem, se eu tenho aluno com deficiência intelectual ou com dificuldade de aprendizagem, a dislexia, a disgrafia, eu uso o método fônico. Existem pesquisas que mostram que as crianças que têm dificuldade, elas precisam este trabalho mais com o som da letra, a formação de sílaba, que se tu entregar para uma criança que tem dificuldade de aprendizagem ela não vai sozinha construir nada com isso.*

(Ee5) - *Eu sempre procuro usar o construtivismo porque é uma coisa que hoje a gente pode dizer de que ele é legal, aí tu 'vai' o GEEMPA é uma palavra pós-construtivista, porque muita gente não conhece e então se eu falar em um certo lugar eu sou pós-construtivista, muita gente não vai saber. Porque na verdade é o programa do GEEMPA, o grupo desmontou o que era bom, tirou o que era bom do construtivismo e levou pra eles, e o que era ruim eles não colocaram.*

(Ee7) - *Eu não uso um método específico para alfabetizar, eu misturo bastante assim, pego um pouco o que eu sei do GEEMPA, pego um pouco o que aprendi com o Alfa e Beto que a escola já teve, o estado ali, fez aqueles métodos, cada escola tinha um método e a nossa escola trabalhou com o Alfa e Beto, então eu aprendi muita coisa ali com o Alfa e Beto. Eu uso ainda hoje com os meus alunos de 3ºano, umas coisas do GEEMPA, que eu participei muito tempo de reuniões do GEEMPA, então eu misturo muito esses dois métodos, mas eu uso bastante a questão do fônico, do som da letra, do fonema pra eles aprender.*

(Em12) – *Falar a verdade, eu tenho assim, eu uso os dois, eu faço uma mistura, olha eu não posso abandonar o tradicional que tem muita coisa boa no tradicional. Que seria aquela coisa 'ah', não podemos dar o fonético, como a criança vai aprender sem o fonético? Tu tem que dar o som, é dali do processo de alfabetização, eles precisam, eu articulo a minha boca, faço /mmm/, eu dou o fonético pra eles precisam, pode até mostrar este é o /má, mé, mi, mó, um/, mas tu tem que dizer como faz o "EME", como faz o "ERRE", quando eu faço /lll/ eles já sabem que é o "ELE" que a língua vai no céu da boca, o "NH" faz /nhá/ , de quando tu erra a marcha, tem que dar o som como a*

boca faz pra fazer o “EME” é diferente do “ENE”, ele fecha a boca /mmm/, /nnn/, tem que dar o som, e isso não é tradicional, não tem que descartar. Quando iniciou o construtivista, ‘ah’ largou o tradicional, só que por isso deu essa bagunça. O construtivismo tem coisa maravilhosa, tem, mas o tradicional, também. [...] Mas a gente precisa mostrar pra eles, precisa, por isso eu digo eu não faço só o construtivista, eu faço uma mistura do que é bom.

As manifestações são parecidas e deixaram claro que o professor utiliza muitas atividades, sem seguir um método só. Há professor que trabalha com as atividades interessantes do construtivismo e do GEEMPA fala das reformulações que o grupo realizou durante os anos de seu trabalho com a alfabetização. GEEMPA é um grupo de Porto Alegre/RS, que trabalha na perspectiva construtivista, com a didática da construção da escrita e questões sociológicas e reflexões sobre diversas áreas da educação (FRANCO, 1998). Alfa e Beto é Instituto de Minas Gerais (MG), que oferece programas destinados à alfabetização de crianças nas séries iniciais do ensino fundamental (INSTITUTO ALFA E BETO- IAB, 2014). O GEEMPA, o Instituto Alfa e Beto e o Instituto Ayrton Senna participaram do Projeto Piloto para Alfabetização de Crianças com Seis Anos, da Secretaria da Educação/RS, oferecido para 550 turmas de escolas estaduais e municipais em 73 municípios do Rio Grande do Sul a partir do ano 2006 (SEDUC, 2014). Foi possível perceber, na entrevista, que os professores têm como referência as metodologias dos programas Alfa e Beto (método fônico) e GEEMPA (método global). O programa do Instituto Ayrton Senna de São Paulo (SP) durante a entrevista não foi citado, talvez por ser um programa que não foi contemplado nas escolas dos professores entrevistados. Entre eles têm professor que conduz seu trabalho e atividades de acordo com as atividades e práticas adotadas pelos programas, misturando e adequando à turma ou às crianças, conforme aparecem às necessidades dos alunos. Sem se dar conta o professor fica refém deste ou daquele programa, sempre esperando que algo diferente aconteça em relação ao ensino e aprendizagem inicial. Quando o professor fala em ‘entregar’ para uma criança, ele está se referindo ao tipo de atividades (uma folha solta) mais com a intenção de que a criança realize e produza algo. O professor sabe que sem o trabalho do professor em realizar atividades de

ensino explícito do código alfabético e de apoio, sem oferecer subsídios para essa criança como ela vai construir sua aprendizagem? Esta criança vai conseguir se alfabetizar sozinha?

Quando o outro professor fala em ser construtivista se refere a utilização do método global e quando fala em ser tradicional se refere ao método fônico, que utiliza o som para ensinar. Os professores revelam em suas falas, que sabem pouco sobre o método global e o método fônico e que não aprofundaram, ou seja, não tem clareza e sua prática demonstra que não estar baseada na teoria.

O fato mais interessante na questão em relação ao método é que alguns professores falaram ser construtivistas, utilizam o método global, mas ao perceberem que o aluno não avança passam a utilizar o método fônico, que segundo eles próprios é mais eficaz para crianças que apresentam dificuldades na aprendizagem porque o método fônico trabalha o som da letra, facilitando assim para o aluno a relação entre fala e escrita. Assim como afirma Morais

as vantagens da instrução que, no primeiro ano primário, dá um lugar importante ao ensino explícito do código alfabético e, portanto, os méritos do método fônico em comparação com o método global, se manifestam claramente tanto na leitura como na escrita, tanto para as palavras regulares como para as irregulares (Morais, 1996 p. 268).

Seguindo o pensamento de Morais (1996) de que o método fônico é superior para o reconhecimento das palavras regulares e irregulares e pela prática utilizada pelas professoras alfabetizadoras com as crianças que apresentam dificuldades na aprendizagem, por que não usar o método fônico para a alfabetização inicial de todas as crianças?

O Pacto trouxe a questão de trabalhar muito a prática da leitura na perspectiva do letramento, priorizando atividades voltadas para textos de diferentes estilos como poesia, receitas e informativos. Incentiva o trabalho de exposição ao texto e a realização de práticas que utilizem leitura dos livros de literatura infantil que foram distribuídos para cada sala de aula que pertence ao ciclo de alfabetização. Acreditam que é suficiente para a aprendizagem da leitura o contato do aluno com livros e com experiências de teatro e dramatizações com o grupo.

Questão 4. O Pacto fez tu mudares a tua opinião em relação aos métodos de alfabetização?

Os professores Ee1, Ee2, Ee5, Ee6, Ee7, Em8, Em9, Em10 e Em13 declararam que não houve mudança de opinião em relação aos métodos, mas que o Pacto acrescentou algumas atividades e ofereceu subsídios para continuar trabalhando da mesma maneira. O professor Ee4 disse que sim, que o Pacto ofereceu uma complementação para o seu trabalho em relação aos métodos que usa. O professor Em11 afirma que algumas coisas mudaram em relação à sua visão de método. O professor Em13 colocou que ainda está em processo de mudança e de reformulação em sua maneira de trabalhar.

(Ee2) - Os métodos não, porque eu continuo usando esse método que eu já usava da construção do conhecimento, eu acrescentei coisas no meu trabalho, graças às discussões do Pacto, mas especificamente no método não mudei.

(Ee6) - Não, eu gostei muito do PNAIC porque ele não te impôs método nenhum, não te impôs o método, enquanto que outros programas do governo estadual eles te impunham, tal escola trabalhava Alfa e Beto, tal escola trabalhava GEEMPA, tal escola trabalhava Ayrton Senna.

(Em8) - Não, já trabalhava desta forma e só acrescentou algumas atividades, com os jogos assim, que vieram a acrescentar, mas e também algumas coisas que incrementaram o dia-a-dia de trabalhar, de ter uma rotina diária de trabalhar a questão da historinha deleite de trabalhar todo dia, sequência didática, que às vezes, assim, eu não trabalhava aquilo diariamente.

(Em12) - Então, eu tento o que eu não sei ou ainda o que eu aprendo muito sempre, sempre eu aprendo muito eu aproveito, eu trago para dentro da sala de aula, nossa eu questiono para mim está sendo bom e estou aprendendo e reafirmando muitas coisas que eu já fazia.

Como o Pacto não proporcionou a discussão sobre o uso de métodos, e das questões teóricas que sustentam a prática, trazendo apenas atividades e sugestões de como trabalhar determinados conteúdos, não parece ter havido nenhuma alteração significativa em relação às concepções teóricas, à opção

de métodos ou à mudança na concepção de trabalho. O que se consegue perceber é que de alguma forma houve certo conforto em não haver necessidade de mudanças na maneira de trabalhar com uma metodologia específica para a alfabetização. Até porque se houvesse a discussão ou imposição de uma metodologia para a alfabetização, talvez o professor reagisse negativamente, expressando falta de autonomia e desvalorização de sua concepção de trabalho. Sendo assim, o professor se sentiu valorizado em seu saber e sua prática ao não ser questionado sobre como ensina a ler e escrever. O Pacto aceita todas as formas de alfabetizar, colaborando para que a prática permaneça mais voltada para o gosto do professor do que realmente atividades adequadas e necessárias para a decodificação, apropriação do alfabeto e compreensão da leitura. E é possível entender o porquê, segundo Morais (1996, p. 265), o método global é mais atraente para o público:

grandes princípios como “ler é compreender” ou “é preciso colocar a aprendizagem da leitura na sua função” são mais acessíveis e mais sedutores que as análises linguísticas sobre a relação entre a fala e a escrita – que fazem intervir uma entidade estranha, o fonema.

Percebemos que os professores gostam de usar o método global, sem questionar a sua eficácia ou porque as crianças com maiores dificuldades parecem tirar proveito dele, ou ainda se é o melhor método para ensinar a ler e a escrever. Simpatizam com as práticas do método global em função de grupos ou pensamentos ideológicos de seus pares na escola e que fazem parte da mesma prática pedagógica, mais voltada para a formação de opinião, para o aproveitamento dos problemas do cotidiano, para o trabalho com palavras do contexto da criança e a aceitação de todas as atividades que envolvem grupo.

Questão 5. Quais as principais mudanças que o Pacto trouxe no trabalho em sala de aula?

Os professores Ee4, Ee6, Em8, Em9, Em10, Em12, Em14 responderam que a caixa dos livros, que foi enviada para permanecer na sala de aula, foi responsável pela principal mudança na rotina para o desenvolvimento da leitura, pois os livros são lindos e de qualidade. O professor Ee1 explicou que a

mudança ocorreu em encontrar outros caminhos para alfabetizar. O professor Ee2 destacou que a troca de experiência é a mudança que mais o auxilia em seu trabalho diário. O que talvez seja o que o professor Ee3 quis expressar quando disse que ocorreu um 'remelexo' em suas ideias. O professor Ee5 disse que a principal mudança no trabalho de aula foi fazer o professor procurar mais, realizar discussões e se desafiar. Os professores Ee7, Em8 e Em9 relataram que a mudança mais significativa que ocorreu foi que a leitura deleite atualmente é diária, uma prática que não era realizada anteriormente ao Pacto. O professor Em11 ressalta que a principal mudança foi a diversificação do material e das atividades. E outra mudança que foi lembrada pelo professor Em13 foi a introdução de atividades mais lúdicas para as crianças em fase de alfabetização.

(Ee2) - Principal mudança é a troca de experiência, porque ali tu 'tem' professoras de várias realidades, às vezes tu 'acha' que um problema é só teu e ali na conversa tu 'vê' que não é, que as outras pessoas também têm aquelas questões e cada uma usa o seu jeito pra resolver e tu 'vai' enriquecendo o teu trabalho e muito mais leitura.

(Ee6) - Jogos, mais jogos, jogos tanto na parte da linguagem quanto na parte da matemática. A leitura deleite, as duas caixas de livros da caixa de leitura de da literatura. [...] Pensar a criança tem que pensar, a criança tem que ler e compreender o que ela está lendo porque no 1ºano a gente trabalha alfabetização e lá no 2º que a gente vai trabalhar com aprofundamento, tu 'vai' aprofundar todo aquele processo que desenvolveu no 1º.

(Ee7) - Ano passado a questão de leitura, a leitura deleite eu fazia já, mas não fazia todos os dias. A partir do PNAIC eu comecei a fazer todos os dias, a questão de fazer os alunos ler, eu fiz também isso na minha sala, todos os dias a gente sempre teve.

(Em9) - Mais a questão da leitura, eu não fazia isso antes tanto, talvez por não ter o material. [...] Eu fazia toda vez, toda semana, eu tinha 10 livros novos na sala de aula, então eu trabalhava com aqueles livros, eu fazia leitura e eles liam, sabe, e trocava na semana seguinte, porque não tinha livros, livros de

qualidade, entende? Porque tem livros a 'dar com o pau', mas não tem livro de qualidade.

(Em13) - Talvez algumas atividades mais lúdicas, mais de construir com eles, que nem esses jogos, eu acho que eu mudei um pouco nesse sentido assim, de fazer coisas mais práticas com eles que não que eu não fizesse, mas agora eu faço mais, isso que eu mudei.

(Em14) - Em relação à leitura. Olha, eu já trabalhava antes que eu frequentava, eu continuo trabalhando, o que é bom 'é' os livros que vem sabe, eu acho aquela caixa muito importante, só que eu trabalhava da mesma maneira antes, pra mim não teve muita mudança, porque eu trabalho a leitura, eu acho assim pra criança se tornar um leitor, 'ele' precisa explorar todos os tipos de texto, 'ele' tem que ter fome de leitura entende? Porque a criança que não lê e se a gente não lê para eles, eles não vão aprender, eles não vão ter amor por aquilo.

Em relação às mudanças que o Pacto trouxe, percebemos que leitura por prazer e o acesso a vários tipos de leituras e livros de qualidade foi o que mais foi apontado como agente transformador no dia - a - dia do trabalho com a leitura. Muitos professores declararam que realizavam uma leitura mais direcionada para a interpretação e aproveitamento do texto para um trabalho posterior. A leitura era uma vez por semana, na biblioteca, e atualmente a leitura é mais no sentido de ler com prazer e sem a preocupação de obrigar o aluno a retornar por escrito o que leu ou entendeu. Afirmaram que a grande diferença no trabalho de aula se deu a partir da distribuição dos livros de literatura. A distribuição dos livros é uma excelente iniciativa, alavanca o trabalho de leitura por prazer, mas fica a dúvida se o trabalho de fluidez na leitura está ocorrendo, se o trabalho com a entonação e ritmo de leitura das palavras em voz alta é exigido. Como irão trabalhar quando os livros deixarem de ser novidade, o que será feito para atrair os alunos para a leitura?

Outro aspecto bem interessante que apareceu foi a interação com o grupo de professores alfabetizadores, as trocas sobre assuntos de aula, dos alunos, das dificuldades enfrentadas, comuns a todos e a possibilidade de descobrir uma solução para suas questões.

Questão 6. Tu achas que o Pacto contribuiu para a qualificação do ensino da leitura? De que forma?

Esta questão busca aprofundar de que forma o Pacto promove a qualificação do ensino da leitura no dia-a-dia da sala de aula. Os professores Ee1, Ee2, Ee3, Ee4, Ee5, Ee6, Ee7, Em8, Ee9, Em10 e Em 11 foram bastante claros e objetivos em suas respostas, pois todos colocaram a importância do trabalho com obras de literatura infantil de ótima qualidade. Destacaram que o trabalho ficou mais diversificado e enriqueceu a abordagem nas leituras realizadas. O professor Ee4 também lembrou que os jogos são instrumentos que provocam situações ricas para o aprendizado da leitura. Os professores Em13 e Em14 disseram que não, que já realizavam um trabalho de leitura, já tinham organizados lugar e horários apropriados para trabalharem leitura deleite.

(Ee2) - Acho. Acho que contribui muito. Porque a questão da leitura deleite principalmente, a gente trazer esses livros para as crianças. Tinham muitas professoras que não liam para os alunos e que agora leem, isso a gente sabe, porque a gente conversa nos grupos e elas dizem que não tinham o hábito de ler. E muitas agora fazem caixa de leitura, tem o canto da leitura e isso acaba estimulando e esse material todo que veio que é muito lindo.

(Ee5) - Sim. Ele contribuiu porque ele melhorou o acesso à leitura dos alunos, para os alunos, porque a gente acabou recebendo aquelas bibliotecas pra nossa sala de aula, muito boas e desacomodou muito professor que achava que faziam tudo certo e eu acho quando desacomoda professor, que faz a gente analisar a nossa prática, tu 'tá' colaborando com todo mundo.

(Ee7) - Eu acho que sim, no momento em que eles mandaram esses livros para as escolas 'né'? Foi excelente. A nossa escola apesar de ser uma escola de bairro tem um biblioteca maravilhosa, e esses livros, estão na sala, do PNAIC, as caixas estão todas nas salas de aulas, não 'tão' na biblioteca.

(Em9) - Eu acho que essa questão na leitura nesse ponto foi sim. Sim, contribui com certeza, principalmente pelo material que foi fornecido.

(Em11) - *Eu acho que sim, eu acho que sim, porque estimula a gente como professora a trabalhar mais e de forma mais diversificada. E o material que foi, o que pra nós foi, a questão do material que veio.*

(Em13) - *Isso eu acho que não, isso eu já fazia essas interações com eles, com a turma de leitura. Não veio agora, a partir do curso que eu estou tendo o cantinho da leitura, eu sempre tive, sempre tive, ano retrasado eu tive o 3º ano eu sempre tive 'né', livros pra maiores, gibis, sempre eu tive revista Recreio, não foi agora a partir do Pacto que eu comecei.*

A contribuição para a qualificação da leitura foi muito elogiada pela maioria dos professores e confirmaram que o acesso aos livros de literatura que foram oferecidos como parte da formação fez toda a diferença. Salientaram que os livros são de boa qualidade e com temas abrangentes, auxiliando no trabalho com a leitura. Enfatizaram que aprenderam a trabalhar adequadamente com os livros ao mesmo tempo em que possuíam o material, e segundo alguns professores, foi essa biblioteca na sala de aula que alicerçou essa qualificação (Acervos complementares - ANEXO F). Um aspecto curioso sobre os elogios aos livros estarem à disposição na sala de aula, entendemos que, para esses professores, a biblioteca tornou-se um lugar para guardar os livros e não um espaço agradável para realização da leitura.

Questão 7. Qual a tua opinião sobre o Ciclo de Alfabetização de 3 anos? Há necessidade de 3 anos para a alfabetização? E sobre a não reprovação durante o Ciclo?

Para o professor Ee1 ainda falta alguma coisa em relação a isso. O professor Ee2, em relação ao ciclo de três anos, acredita que é o melhor caminho porque a criança entra com seis anos. O professor Ee4 acha interessante, mas se preocupa quando o aluno chega no 3º e não sabe ler. Para o professor Ee5 falta comprometimento de todos para o ciclo de três anos e o problema não é o ciclo, é a realidade de cada escola. O professor Ee6 acha que precisa dos três anos em função da maturidade, mas que a criança não precisa de três anos para se alfabetizar, ao mesmo tempo disse que se o professor tem três anos para trabalhar com a alfabetização vai deixando de se

preocupar em concluí-la no 1º ou 2º ano. O professor Ee7 pensa que para as crianças de sua escola e diante daquela realidade o ciclo de três anos para alfabetizar é bom. Faz menção à realidade do próprio filho de seis anos, que é sempre estimulado em casa, fez pré-escola e que atualmente já lê e interpreta textinhos, diz que são realidades diferentes. O professor Em8 foi categórico ao afirmar que não precisa de três anos para alfabetizar seus alunos e quem não se alfabetiza é porque tem algum problema. O professor Em9 disse, em relação ao ciclo de três anos para alfabetizar, que se fossem bem trabalhados, estaria tudo bem, mas como está, não sabe. O professor Em10 destaca que a criança precisa da ajuda do professor e mais apoio dos pais. O professor Em11 acha que as crianças se alfabetizam em dois anos e pensa que três anos é muito tempo para se alfabetizar. O professor Em12 está preocupado, pois acredita que os professores não estão preparados para o ciclo de três anos. O professor Em14 afirma que não precisa de três anos para alfabetizar seus alunos.

Em relação à reprovação, os professores Ee1, Ee5, Em11 e Em14 acreditam que existe necessidade da reprovação e que não deveriam aprovar alunos que não sabem ler. O professor Ee2 disse que a reprovação só atinge o aluno, e que não existe nenhum trabalho para recuperá-lo. O professor Ee3 diz que ainda está em conflito sobre o assunto, não é nem contra nem a favor da reprovação. O professor Ee4 acha interessante essa questão do aluno não reprovar, mas fica preocupada quando o aluno chega no 3º ano sem saber ler e escrever. O professor Ee7 tem dúvida em relação à reprovação, porque como leciona no 3º ano acha complicado receber aluno que não lê e às vezes nem reconhece as vogais. E pensa que, se continuar assim, os professores de 3º ano terão que 'ser mágicos'. Acredita que algo precisa mudar em relação à atual situação do 3º anos, época que as crianças com o processo de alfabetização em fase inicial. O professor Em8 pensa que nenhum aluno fica traumatizado se reprovar e que, ao contrário, fica traumatizado ao chegar ao 3º ano e verificar que todos sabem ler menos ele. E diz que o mais grave é que este aluno não é recuperado e vai sendo empurrado para o 4º e 5º anos sem ser recuperado. O professor Em9 coloca que depende de como isso é trabalhado, às vezes é contra e às vezes é a favor da reprovação: atualmente, como está organizada a vida escolar, prefere a reprovação. O professor Em10

acredita que é importante os pais e os professores acompanharem a evolução da criança. O professor Em11 acredita que algumas crianças precisam da reprovação porque quando a criança chega no 3º ano ela não consegue mais se alfabetizar. O professor Em12 acredita que os professores não estão preparados para trabalhar com a não reprovação. O professor Em13 não concorda com a não reprovação e que a criança sofre ao chegar ao 3º ano sem saber ler. O Ce15 é contra a reprovação e acredita que deve ser feito o possível para que o aluno alcance a aprendizagem plena. O Cm16 relata que há alunos que necessitam de mais tempo no 1º ano. Caso a criança avance sem condições, cada vez fica mais difícil ela consolidar as habilidades necessárias e a retenção seria uma oportunidade para desenvolvê-las, pois a criança não dá conta de tudo o que ainda vem pela frente.

(Ee2) - Eu acho que o ciclo é o melhor caminho, porque as crianças entram agora com seis anos e é muito diferente de quando a gente entrava com sete anos. [...] Uma criança de seis ou sete anos não tem condições de alcançar todo este processo que envolve alfabetização, desde a aprender a brincar, aprender a respeitar o colega, a usar os materiais de forma criativa e mais adiante ler e escrever, compreender o que ela leu e escreveu e isso não é possível em um ano, para uma criança de seis anos é impossível. E a não reprovação também, a criança de seis e sete e oito anos, ela não tem com ser responsabilizada pelo fracasso e a gente sabe que reprovar, quando tu 'reprova', quer dizer que tu fracassou e a criança de oito anos, acredito que de até mais adiante 9, 10 anos ela não tem mais essa responsabilidade. [...] Quando a criança reprova, tu 'tá' dizendo pra ela que ela fracassou e na verdade não é isso. E também porque as escolas não têm um planejamento pra recuperar aquela criança quando ela reprova, ela vai reprovar pra fazer as mesmas coisas? Talvez com aquele mesmo professor e aquele mesmo contexto e isso, não vai fazer ela avançar.

(Ee5) - Eu acho assim, eu acho que eles não devem de reprovar, só que quando o governo diz que a escola teria um professor de apoio até o 3º ano, se essa proposta fosse cumprida ia mais fácil de atender, entendeu? [...] Aí quando eles chegam no 3º ano, muitos não conseguiram completar o ciclo de alfabetização e daí ali eles empacam. [...] Então, a questão não é o ciclo de

três anos, a questão é a realidade de cada escola, porque tem, eu sempre digo para os pais dos meus alunos no início do ano, se o meu sobrinho que 'tá' na escola particular consegue se alfabetizar com seis anos, porque os filhos de vocês não conseguem?

(Ee6) - Eu acho que sim, eu acho que precisa os três anos para alfabetizar, porque quando a alfabetização partia do ciclo que era de oito anos, a criança entrava com sete anos na 1ª série, ela tinha maturidade, ela tinha conhecimento, ela não era tão imatura. [...] Mas quando eles falam que a criança pode se alfabetizar até o 3º eu te pergunto o seguinte: nós somos os professores 'ah', pra que eu tenho que me preocupar em alfabetizar no 1º ano se a professora do 2º pode alfabetizar? Por que a professora do 2º vai se preocupar em terminar de alfabetizar se ela tem até o 3º ano para terminar de alfabetizar? A criança não precisaria dos três anos para se alfabetizar, com certeza não.

(Ee7) - Eu acho interessante, acho bom. Eu vou falar da minha escola, de bairro onde as crianças não fazem pré, 'aonde' as crianças vão na creche e a creche é pra cuidar 'eles'. Não trabalham essa questão de alfabetização nas creches. [...] Então, eu acho bom, porque em três anos, antigamente a criança tinha um ano para se alfabetizar na 1ª série. [...] A questão da reprovação eu tenho dúvidas, em relação à reprovação, porque eu sou professora de 3º ano, então o que acontece hoje no 3º ano, eu tinha trinta e um alunos no começo do ano, eu tinha 18 alunos que não liam, 18 alunos nessa turma que eles não liam. Tinha alunos que não sabiam as vogais, já tinha alunos que estavam lendo, daí eu penso assim que fica bem... [...] As crianças estão chegando no 3º sem saber praticamente nada em alfabetização. [...] 'Tá' sobrando parece que tudo pro 3º ano, tu 'tem' os conteúdos, daí tu 'tem' que alfabetizar as crianças que não estão alfabetizadas. [...] Porque tu também 'tem' que dar conta daqueles alunos que não estão alfabetizados. Então, eu não sei se a reprovação não seria o caso, mas uma coisa tem que ser feita, uma coisa tem que ser feita pra não ficar assim como 'tá'.

(Em8) – Não, eu acho que não. Eu acho que não existe, eu acho que um ano, eu dou conta dos meus alunos pra alfabetização. E eu acho que uma criança

que não se alfabetiza em um ano é porque existe outra coisa, um algum outro problema, seja estrutura familiar, seja na própria criança, ou na própria professora, ou na própria estrutura da escola. [...] Ela 'tá' lá no 3ºano e ainda não 'tá' alfabetizada, e 'aí' talvez ela vai para um 4ºano e ela também continua não alfabetizada e nem pro 5ºano ela também continua não alfabetizada. Isso sim gera traumas na criança e daí ficam tampando o sol com a peneira e não adianta nada é um faz de conta.

(Em11) - Então, muitas vezes, a questão da não reprovação, eu acho assim, que às vezes tem crianças que precisam ficar um ano a mais naquela série, porque eles vão ter aquele trabalho, porque a gente tem assim, eu esse ano não tenho, mas vejo uma colega do 3ºano que ela tem todos os tipos de níveis dentro da sala, é muito complicado. [...] Eu não concordo muito com a não retenção, eu acho que tem alunos que precisam da retenção e à vezes o professor da próxima série não consegue atender ele da forma que ele deveria ser atendido.

(Em12) - Eu me preocupo muito, agora nós temos vendo o real mesmo, porque esses três anos nós estamos pegando, antes era o 1º ano só, aí tinha o 2º ano, quando chegava no 2º ano ficava, agora não ficam mais no 2º ano, só que nós chegamos agora com crianças no 1º ano que não vão alfabetizadas [...] Eu vejo assim, que o só o 1ºano não repetir, mas o 2º ano, eu acho que tem que reter. Porque a gente está vendo o caos nos 3ºs anos, aí fica um monte de reprovação nos 3ºs e é uma bola de neve, e vai ficando aquilo, a dificuldade cada vez vai aumentando mais, quando ele vai acompanhar, tem criança no 5º ano que não sabe ler, tão chegando no 6º ano, as professoras estão de cabelo em pé, não sabe ler, daí tu está empurrando os alunos. [...] No momento que tiver o comprometimento dos profissionais, daí eu concordo, daí sim não reprova, tem esses três anos para alfabetizar, mas aí, tem que ter comprometimento, nós não estamos ainda maduros, não estamos preparados para trabalhar nesses três anos sem reprovação.

(Em13) - Não concordo, eu acho que a criança sofre quando ela tá no 3ºano e ainda não consegue acompanhar as atividades, não consegue acompanhar uma leitura, eu acho que dificulta muito o trabalho do professor, não que todas

as crianças têm que estar num nível exato 'né', numa linha, mas eu acho assim a criança também se sente excluída, porque querendo ou não por mais que tu seja um ótimo professor tu não dá conta de atender aquela criança que está com lacunas de lá de traz 'né'?

(Em14) - Olha os meus alunos só com laudo que não estão alfabetizados, então eu não acho que tenha necessidade de ter três anos ali.

O destaque nesta questão é ouvir a avaliação dos professores em relação a não reprovação nos três primeiros anos, ou seja, no ciclo da alfabetização de três anos a criança é promovida automaticamente - do 1ºano pra o 2º ano e do 2º ano para o 3º mesmo que não esteja alfabetizada. Essa situação foi bastante difícil para os professores, pois eles não sabem como resolver a questão da não aprendizagem. A inquietação entre os professores sobre o ciclo de alfabetização é em relação à definição do currículo para cada ano que está abordado no Caderno 01 do Pacto (BRASIL, 2012b, p. 11): “percebemos, portanto, que um conteúdo pode ser inserido nos três anos do ensino fundamental com objetivos semelhantes e em diferentes níveis de aprofundamento” que faz referência dos três anos numa perspectiva interdisciplinar, em que os conhecimentos podem ser articulados de um ano para outro. O que causa certa insegurança aos professores é se os conteúdos específicos do período inicial da leitura serão retomados, aprofundados e distribuídos durante os três anos do ciclo de alfabetização ou concentrados no 3ºano, causando um desnível na aprendizagem final, ou seja, ter crianças que chegam ao final e conseguem ler e escrever apenas palavras. É possível que encontremos crianças produzindo textos respeitando as convenções ortográficas da língua, com as capacidades de uma leitura hábil desenvolvidas. Conseguir trabalhar dentro deste contexto heterogêneo requer um planejamento didático múltiplo e a avaliação destas crianças seria um desafio pedagógico imensurável. A posição pedagógica frente à mudança na estrutura da avaliação altera a organização estabelecida e exige uma reflexão sobre o tempo escolar, o processo de aprendizagem de cada ano do ciclo de três anos.

Percebemos que alguns professores alfabetizadores iniciam dizendo ser contra a reprovação e terminam assinalando uma necessidade de rever essa questão da não reprovação no ciclo de alfabetização. A maioria tem claro que é

preciso ser feito algo e que não podemos permitir que crianças cheguem ao 3ºano sem saber ler e escrever. Em relação ao tempo necessário à alfabetização, pensamos sobre o que diz Demo (2013, p. 13)

o Ministério da Educação insiste que alfabetização se dê em três anos. Na verdade, não existe criança que precise de três para se alfabetizar. É a escola que precisa de três anos porque não consegue alfabetizar.

À primeira vista, o Ciclo de Alfabetização de 3 anos parece ser uma ampliação do tempo dedicado à alfabetização. Por outro lado, pode ser entendido como um prazo máximo, buscando comprometer os envolvidos para que, até o final do 3º ano, ou até que a criança atinja os 8 anos de idade, todos, independentemente do estatuto socioeconômico, estejam alfabetizados, ou seja, lendo com fluência e compreensão textos adequados a sua idade.

Ao ampliar o tempo dedicado à alfabetização, o governo busca reduzir o problema da qualidade do ensino e acredita que a reorganização dos conteúdos ao longo dos três anos será uma forma de garantir o desenvolvimento das capacidades do aluno (DEMO, 2013). O governo amplia o tempo para a aprendizagem do aluno para três anos e prolonga a alfabetização inicial, causando a oportunidade de postergar algo que pode ocorrer no 1ºano do ensino básico.

Questão 8. Tu achas que o Pacto pode produzir mudanças na qualidade da alfabetização no Brasil e produzir efeitos de longo prazo na qualidade da leitura e escrita dos estudantes brasileiros? Por quê?

Esta questão obteve nove respostas positivas, pois dos quatorze professores, nove professores responderam que o Pacto irá produzir mudanças na qualidade da alfabetização. Os professores Ee2, Ee4, Ee6, Ee7, Em8, Em9, Em10, Em11, Em13 foram contundentes em dizer que a mudança depende do professor e que os professores precisam continuar estudando e necessitam utilizar novas práticas e mudar o que estão fazendo. O professor Ee1 e Ee5 disseram que a mudança depende dos professores e que o Pacto tem que trabalhar com a cabeça do professor para que ocorram as mudanças em

relação à qualidade da alfabetização, e que os professores devem estudar e pesquisar. O professor Ee3 disse que as mudanças dependem da aplicação do plano que o governo for escolher para oferecer aos professores.

O professor Em12 acredita que é necessário um atendimento aos pais também, o governo precisa oferecer uma estrutura para as famílias. De acordo com esse professor, é necessário mostrar aos pais como a leitura é importante para a vida dos filhos e isso poderia ser feito através de oficinas aos pais ou bibliotecas comunitárias, onde os próprios pais poderiam ser os responsáveis. Outro ponto que o mesmo professor ponderou foi sobre que o professor não deveria ter estabilidade no emprego, a fim de não se acomodar, pois é isso que geralmente acontece com o professor alfabetizador concursado.

O professor Em14 sugeriu que devemos empregar aqueles métodos antigos, mais eficazes e que usam o som da letra. Conforme verificamos abaixo nos depoimentos:

(Ee1) - *Tudo depende dos professores, mas eu acho que o Pacto, a gente fala o Pacto em cima das crianças, mas o Pacto tem que trabalhar a cabeça dos professores.*

(Ee5) - *Ele sozinho não, ele vai depender da vontade do professor, se todos os professores tiverem o comprometimento e usarem esse material, fazer as leituras, continuarem pesquisando vai mudar.*

(Em8) - *Eu acho, eu acho que sim, eles estão investindo, mas eu acho que depende muito do profissional, 'né'? Nós temos professores e professores, 'né'?*

(Em12) - *Eu bato assim que tem que ter uma estrutura, o governo tem que ter estruturas pra essas famílias, que aí eles iam refletir na escola, eles vão ser educados, eles vão saber lidar, eles vão ser incentivados, eles vão ter livros, não precisa ter livros maravilhosos, eu sei que eles não têm dinheiro pra isso, mas pode ter uma biblioteca comunitária, que aí os pais são responsáveis de cuidar, eles terem o comprometimento. Leiam para seus filhos! Fazer as oficinas, lá mesmo no bairro vamos fazer uma oficina para os pais, para as crianças, mostrar um outro mundo. Alfabetizar esses pais também, eles não sabem, eles também não têm culpa, eles não sabem como reagir, eles também*

não foram criados assim, dessa forma, eles estão reproduzindo os filhos vão reproduzir e vai passando de pai para filho. [...] Outra coisa que eu não concordo é ter estabilidade, não tem que ter estabilidade, não está produzindo tchau, tem quinhentos querendo trabalhar.

(Em14) - Olha, de repente até pode, mas assim 'oh', eu não sei, se ao longo prazo vai ter alguma, alguma mudança naquilo. Porque eu acho que nós precisamos é métodos que eles sejam aplicados agora, aqueles métodos antigos que eu disse antes, eles são eficazes, eles precisam ser, nós temos tanta riqueza ali, que deveria ser resgatado, não só procurar métodos novos, mas valorizar aquilo que nós já temos aí e aplicar. [...] A gente aprendeu com o sonzinho da letra tudo, a gente ia pra fora sentava na... ouvia o som dos passarinhos, aí a gente produzia o sonzinho da letra, coisas que não acontecem hoje, hoje é só na sala de aula, é muito conteúdo, é muita coisa e a gente vai pros métodos novos que vem aí, fica muita coisa pra traz.

Com surpresa, percebemos que o professor acredita que a mudança em relação à qualidade na alfabetização no Brasil e os efeitos dessa qualificação na leitura e escrita dos estudantes está extremamente ligada ao papel e vontade do professor, colocando-os como centrais para promover as mudanças que são necessárias. Alguns relacionam à estrutura das famílias, que seria necessário uma intervenção maior do estado na educação, orientação aos pais e oferecer melhores condições de vida, inclusive de alfabetização dos mesmos para ensinar aos pais a importância da leitura, incentivar que os pais leiam para seus filhos. Há professores alfabetizadores que têm plena consciência que não é culpa dos pais a postura de não auxiliar o filho com os deveres na escola, e tem clareza de que os pais reproduzem o que aprenderam de seus pais. Outro ponto que surge é a aplicação de métodos antigos que tragam de volta o aspecto fonético da alfabetização. De fato, existem medidas que precisam ser apresentadas. Segundo Scliar-Cabral (2013, p. 33)

[...] a vontade política das instituições responsáveis pela educação de convocar os especialistas em ensino-aprendizagem da leitura e escrita para assessorarem em larga escala os educadores do ensino pré-escolar e fundamental, bem como os autores do respectivo material pedagógico. [...] A compreensão por parte dos professores das bases científicas que fundamentam, por exemplo, a fônica,

impedirá a prática mecânica e inadequada dos exercícios, o que redundaria no efeito inverso ao desejado.

A formação adequada do professor pode garantir a transformação necessária em relação à qualidade da leitura e à participação da criança em atividades de leitura, criando um círculo virtuoso capaz de reunir as condições que conduzam ao sucesso (MORAIS, 2013).

Questão 9. Em que medida tu consideras que a escola (professores, alunos e famílias) se sente comprometida com o objetivo de melhorar a qualidade da leitura e escrita dos estudantes?

Oito professores - Ee1, Ee3, Ee4, Ee5, Ee7, Em11, Em13 e Em14 - colocaram que a família não está preocupada com a questão de melhorar a qualidade da leitura e escrita. Relataram que os pais são relapsos, não estão empenhados, não incentivam a criança e muitas famílias não estão nem aí para seus filhos. O professor Em14 sugeriu que fossem feitos projetos de leitura com as famílias para que essas aprendessem o valor da leitura. O professor Ee2 disse que ainda está longe de todos se comprometerem com a leitura, mas acha que esse movimento deve começar na escola. Os professores Ee6 e Em9 afirmaram que os pais de seus alunos são comprometidos e participativos no processo escolar de seus filhos. O professor Em8 disse que percebe que as crianças vão bem na escola porque os pais dão atenção, acompanham, cobram dos filhos e vão às reuniões da escola. Desabafa ao dizer que não adianta cobrar só dos professores e dar cursos, é precisa cobrar das famílias também. O professor Em10 disse que a escola orienta os pais e promove eventos para divulgar livros e a importância de melhorar a leitura. O professor Em12 pondera que tem muita gente comprometida, porém muitas não. A família não tem mais aquele comprometimento. E segundo esse professor, há muitos profissionais que não estão preocupados com a questão da leitura, só sabem reclamar e não verificam onde estão falhando. Percebe que a responsabilidade não é só do aluno e vê que os três, a família, o aluno e a escola estão cada um para um lado, conforme segue abaixo:

(Ee2) - *Acho que ainda tá longe de todo mundo se comprometer com isso, mas tem que iniciar na escola e a gente tentar atingir as famílias e as outras pessoas que estão envolvidas no processo.*

(Ee5) - *Eu vejo a escola preocupada, mas eu não vejo a família preocupada. [...] Ainda os pequenos, a grande maioria da nossa comunidade, a grande maioria tem esse comprometimento. [...] E eu vejo assim, eles têm o comprometimento, vem pra escola, mas os pais da escola particular se faltar um professor duas ou três vezes ele vai lá reclamar, na escola pública, se o aluno tiver lá, mas mudar o professor duas ou três vezes por semana, isso não importa, importa que tem lugar pro meu filho ficar de tarde. Tu acha que isso vai resultado dar de aprendizagem? E a escola pública tem muita rotatividade de professor. [...] Eu acho que isso é uma questão de sistema. [...] Sabe o pessoal se manda muito, a autonomia do professor é muito grande perto de outro tipo de instituição.*

(Ee6) - *A escola, assim é comprometida. [...] A família participa bastante, eu vejo pelos temas, hoje os pais não têm muito tempo e eu vejo que eles se interessam, tive entrega de boletins, dos vinte e cinco, só dois não vieram buscar, o restante veio tudo. E eles trazem os filhos ali na fila e eles já vêm perguntar e marcam horas para vim perguntar pra gente, pra ver como está o filho.*

(Em8) - *Olha, a gente vê bem certinho na minha escola, as crianças que hoje tão bem e as que não tão bem. As crianças que não tão bem são aquelas que os pais não estão nem 'aí' pra elas, que os pais não vêm pra reunião, não vêm buscar boletim, 'né'. Não acompanham os deveres de seus filhos, porque pai que acompanha, que 'tá' em cima, que cobra os seus filhos, o filho vai bem na escola. Isso é nítido e isso a gente vê desde a pré-escola, porque uma família é fundamental. Família que não tem uma base boa, não tem como o filho ir bem na escola, começa por ali sabe. [...] Então, tudo, então, não adianta cobrar dos professores, só dá cursos pros professores e as famílias cada vez tão mais sossegadas, dormindo em berço esplêndido.*

(Em10) - *A gente sempre orienta os pais da importância da leitura. A escola construiu o projeto "Ler com Prazer", que a gente faz assim, nas quartas-feiras,*

a gente tem a contação da história, que o professor conta a história. [...] A escola promove dentro dos eventos também um vendedor de livros, a gente orienta os pais a levar os filhos na feira, a comprar livros.

(Em11) - Eu sou comprometida isso eu sei. As minhas, que nem eu te disse, eu trabalho numa região bem periférica, eu tenho pais que são analfabetos com 35 anos, são novos. [...] Tem uma burocracia muito grande dentro na escola, é muito papel pra preencher e é pouca parte de ajuda pedagógica e talvez a gente está tendo aqui no Pacto, ajuda pedagógica. [...] A gente fica presa, preenchendo papel, papel, papel, é folha de bolsa família, é uma folharada que a gente tem que preencher e às vezes a questão pedagógica, que é o foco da nossa escola, que nós estamos lá pra isso, se perde. [...] Mas eu acho que a questão que melhorou pelo menos que eu vejo, eu estou há sete anos na mesma escola, agora é uma questão bem, a periferia era muito pobre, que eu achei que melhorou a qualidade, foi a questão da alimentação escolar, que veio com um projeto junto assim do governo federal, que foi bem legal para os alunos, eles conheceram também outros paladares e a questão da bolsa família pra nós lá faz muita diferença.

(Em12) - Eu vejo assim, muita gente comprometida. Eu vejo assim, muitos tentando ajudar, mas têm muitos que não tão. Então, a família está muito fora, está muito, não está contribuindo nem nos ajudando, e que é pior elas estão apoiando os filhos, eles nem estão acompanhando o que o aluno está fazendo, eles não perguntam, não olham caderno, não trazem material, coisas básicas, coisa que é de família e não está tendo mais, não tem mais aquele comprometimento da família, e não é só nas classes, é em todas as classes, está se perdendo. [...] Eu vejo que muitos profissionais não estão preocupados com leitura. O que nós vamos fazer para melhorar? Só reclamar, reclamar, mas o que nós estamos falhando, porque nós estamos falhando? Não é só nossos alunos. Eu sei que é um mundo tecnológico, a gente não pode fugir disso, então como nós vamos usar essas ferramentas? [...] Eu só vejo reclamação, eu não vejo assim o que nós vamos aproveitar dessa tecnologia para a nossa sala de aula. Os professores também não estão com esse objetivo de melhorar, como vão melhorar essa leitura? Não vejo esse comprometimento, não é só dos alunos, é do profissional também. Acho que os três estão para seu lado, eu

vejo assim que os professores, alunos e família comprometidos? Eu não vejo. O que tu pode fazer então, para melhorar, para atrair esse aluno?

(Em14) - Ali 'tá' uma grande questão, porque assim 'oh', a gente como escola, como professora, como escola, a gente 'tá' preocupada, a gente trabalha em cima disso, mas as famílias muitas vezes não estão aí. Eu acho que a gente tem que resgatar ali, a família. [...] Então assim, primeiro nós temos que trabalhar a família, isso tem que ser um conjunto dentro da comunidade, eu acho que deveria ter projetos para a leitura também para os pais, para nós podermos resgatar isso, pra valorizar esses momentos.

Na mesma medida em que os professores apontam a importância de conscientizar os professores na tarefa de melhorar a qualidade do ensino da leitura, declaram que a família está muito afastada desse objetivo. Outros professores alfabetizadores dizem que existe um movimento da escola e de alguns professores, mas não existe um olhar sobre a questão da qualidade da leitura e escrita como objetivo primordial dos professores, supervisores, alunos e famílias.

A família só aparece como coautora desse processo em duas escolas, uma da zona rural e outra da zona urbana central, mas tem papel fundamental, pois se a criança convive com pais que gostam de ler e dão valor à leitura percebem que os livros podem conduzir ao mundo fascinante (MORAIS 2013). E verificamos que os pais desconhecem seus direitos como cidadãos, pois não apoiam e não cobram da escola pública o envolvimento dos professores e respeito ao trabalho que realizam com as crianças. A bolsa família, segundo um professor alfabetizador é um incentivo do governo para buscar melhorias nas condições de vida das famílias desfavorecidas. Destacamos que existem projetos escolares que envolvem a leitura, que incentivam a leitura, em casa, com e para a família e que terá o efeito positivo ao longo prazo.

Morais (2013, p. 2) enfatiza a importância do comprometimento da escola e do professor no processo de criação de leitores: “quando os pais não praticam a leitura, o professor pode mostrar-lhes com delicadeza a importância de o fazerem”. Coloca ao mesmo tempo o papel transformador do professor para sensibilizar os pais, incentivar e divulgar a leitura, e que a aprendizagem

da leitura requer um cuidado, sendo que os três, pais, escola e aprendiz, são responsáveis pelo sucesso deste processo.

Questão 10. Tu tens conhecimento sobre os estudos da neurociência em relação ao processo de aprender a ler e a escrever? Esses estudos foram contemplados em algum momento nas discussões ou material disponibilizado pelo Pacto e são relevantes para a prática pedagógica?

O professor Ee1 disse que estudou sobre neurociência só na faculdade, mas não o suficiente. Os professores Ee2 e Em8 sabem sobre a neurociência através da pós-graduação em Educação Especial e que o cérebro é muito importante no processo de aprender a ler e a escrever. Não se lembram de terem abordado esse assunto no Pacto. O professor Em8 lembrou que quando aparece um aluno com problema de aprendizagem a orientação é que o professor faça atividades diferenciadas. O professor Ee3 lembra que foi falado, mas não foi aprofundado e acredita que contribui para a aprendizagem. O professor Ee4 e Ee7 lembra de ouvir falar em cursos, palestras, mas no Pacto não e acha que são relevantes. O professor Ee5 conhece a neurociência de relatos e palestras. Os professores Ee6, Em10, Em11e Em13 não lembram se foi estudada ou comentada alguma coisa sobre a neurociência. Açam importante e que deve haver mais discussões sobre neurociência, pois não conhecem sobre esse assunto. O professor Em11 lamenta que “é pouco enriquecimento pedagógico e muita papelada”. O professor Em12 enfatizou que a neurociência interfere no processo de ler e escrever e o que acontece quando a criança não consegue se alfabetizar. Acha que tem que trazer mais essa discussão para a escola, e trazer algum palestrante, porque isso é importante. O professor Em14 afirmou que ouviu através dos meios de comunicação, mas no Pacto não, e acha bem importante.

(Ee2) - Eu conheço um pouco e até por causa da pós em Educação Especial. Então, a gente tem mais acesso a isso, no Pacto de certa forma a gente conversa também quando trata dos métodos ‘né’? De como a criança aprende, de como a gente ensina e aonde pode estar essa falha toda.

(Ee4) - *Eu acho que são relevantes. Esses estudos que eu tenho são mais fora, em cursos ou palestras que eu fiz. [...] No Pacto não, não que eu lembro.*

(Ee6) - *Tu sabes que eu vou ter rever os meus cadernos do ano passado, mas da neurociência, eu não lembro mesmo nada, não, eu não vi mesmo da neurociência falar assim. O que eu tenho conhecimento que eu até comprei um livro do Fernando Capovilla. Porque eu comecei a me questionar porque tinha alunos que não conseguia se alfabetizar. E lá ele foi bem claro 'né', trabalha com a neurociência e eu acabei estudando o livro dele e ele trabalha bastante essa questão que todo o aluno se alfabetiza, até criança que é DM (deficiente mental), mas lá (no Pacto) do mesmo assunto, eu não ouvi falar em neurociência.*

(Em11) - *Assim do Pacto eu não lembro muito, não me lembro eu acho da questão, eu acho que tem, tenho quase certeza que tem um papel importantíssimo, que a gente vê. Dentro do Pacto eu não me lembro da gente ter estudado, vou ser sincera contigo, mas eu não tenho muito conhecimento sobre a neurociência, mas eu tenho, acredito, eu acho que seja importante sim, com coisas que a gente pode se beneficiar através disso, mas a gente não tem muitas discussões sobre isso, é pouca discussão, é pouco enriquecimento pedagógico e muita papelada.*

(Em12) - *Eu vejo assim, a neurociência está muito. A gente até discutiu na minha escola lá essa parte da neurociência, como a criança faz, da interferência porque, buscar em cada parte do cérebro funciona, como funciona e nunca a gente tem esse conhecimento, e tudo nesse processo de ler e escrever está dentro da neurociência. [...] Porque o que acontece que a criança não consegue se alfabetizar? [...] Eu acho que tem que trazer mais para a escola, nós não estamos sabendo disso. Eu não estou sabendo disso. Eu não vi na minha escola discutir isso aqui, que eu me lembro de nós fazer, trazer alguém. [...] Nós não discutimos, e essas coisas é que são importantes.*

Para uma questão final, a abordagem sobre a neurociência encerrou com um soneto de queixas e reivindicações, pois a maioria dos professores assevera a importância da neurociência e desabafa que nem nas reuniões do Pacto foram aprofundadas questões relacionadas à neurociência e nem na

escola é feito algo nesse sentido. Ressaltam que se o Pacto tratou, não lembram, e que, pelo pouco que ouviram falar, acreditam que estamos perdendo a oportunidade de nos beneficiar dos estudos que são realizados para auxiliar o professor em sua difícil tarefa de atingir a meta principal da escola, que é ensinar a ler e a escrever com qualidade.

Segundo Dehaene (2012, p.343), “as neurociências da leitura mostram que cada cérebro de criança dispõe de circuitos neuronais capazes de aprender a ler”. Estudar sobre o funcionamento da plasticidade cerebral, a mudança que a leitura provoca no cérebro é uma ideia que a neurociência oferece para tornar o ensino da leitura mais eficaz. Reunir os conhecimentos da pedagogia, da neurociência e da psicologia é uma forma de estruturar o ensino e torná-lo mais eficiente. Outro aspecto que nos chamou a atenção foi que alguns professores relacionam o estudo da neurociência com os problemas de aprendizagem, não conseguindo discernir o papel da neurociência para o processo de aprender a ler e escrever e como os conhecimentos da neurociência podem auxiliar no tratamento dos problemas de aprendizagem.

2.6.3. Conversando com os coordenadores

A entrevista com os coordenadores pode ser definida como um momento privilegiado. Um momento de aprendizagem e uma aula organizada em forma de conversa. A visão dos coordenadores ampliou a importância da formação do Pacto trazendo para a superfície as carências até então escondidas nas salas de aula. Responderam com clareza e determinação e pautaram suas respostas em dados oficiais, em leis que regem o processo escolar e no conhecimento sobre a realidade das escolas. Assim como na seção anterior, as respostas dos coordenadores serão apresentadas seguindo a ordem das questões levantadas.

Questão 1. Descreva a tua experiência como coordenador do Pacto. Como está sendo o desafio de orientar teus colegas professores alfabetizadores com relação ao ensino e à aprendizagem da leitura?

Um coordenador disse ser uma experiência interessante pela forma como ela está estruturada, a formação conta com o professor, o orientador e a universidade. Acredita que é importante discutir com o professor suas questões de sala de aula, suas experiências e suas dificuldades, podendo com isso ajudá-lo na melhora do atendimento ao aluno. O outro coordenador enfatiza que faltava uma preparação específica para o professor alfabetizador. Como segue abaixo:

(Ce15) - A experiência muito interessante porque essa formação se dá num tripé, tanto a universidade como formadora, o orientador e o professor alfabetizador, então o PNAIC está estruturado em cima desse tripé e é uma coisa que a gente discute com os formadores que são os nossos colegas formadores da universidade, como essa parte teórica que o Pacto trabalha a gente pode fazer dentro de uma sala de aula, como a gente pode teoricamente, desestabilizar os professores para que eles possam refletir sobre a prática deles dentro da sala de aula deles, valorizando... o Pacto vem exatamente isso é socializar as experiências dos professores, trazer as experiências de vida, de vivência, experiência de anos de alfabetização para dentro dessa discussão, então a gente discute, trazendo a experiência do professor mas ao mesmo tempo desestabilizando e mostrando para os professores que ... é perturbando ao mesmo tempo o professor para que ele possa melhorar a sua prática e trazer para a reflexão.

(Cm16) - Minha experiência como coordenador do PNAIC, o PNAIC quando surgiu a notícia em julho de 2012, que o MEC divulgou que haveria um programa focando na atividade do professor nas classes de alfabetização a gente pegou com as duas mãos, a secretaria não vacilou, fizemos adesão logo porque era facultativo, os municípios que quisessem e adesão se dava em partes tanto tu podia aderir ao programa eu acho que implicaria participar das avaliações, fazer a provinha Brasil que a gente já vinha fazendo e participar da ANA e a outra etapa que a gente tinha que confirmar no sistema era se a gente aderiria também aos programas, programas de formação de professores, claro que era tudo que a gente queria, nós vínhamos da implantação de um ano anterior, em 2011 vínhamos da implantação do Bloco Inicial de Alfabetização e faltava sim uma formação para os professores desses anos

iniciais, 1º, 2º e 3º, então veio a calhar pra nós essa formação, veio a calhar por isso a gente aceitou de plano.

Quando um coordenador fala em desestabilizar o professor, o coordenador quer dizer que, após por em dúvida o que o professor sabe sobre sua prática, pode começar o trabalho de direcionar e orientar a partir das concepções que o Pacto apresenta. Sabemos que é necessário desestabilizar o professor para poder abrir caminhos para a reflexão, mas é preciso oferecer todas ou várias concepções e não somente a que está sendo ressaltada no Pacto.

O outro coordenador revela o quanto esta formação já era esperada e necessária, pois a SMEC já vinha percebendo a necessidade de uma formação e de um trabalho específico com os alfabetizadores.

Questão 2. Como tu vê a iniciativa do Pacto?

Um dos coordenadores acha interessante como política pública, verticalizada e entre pares. O outro coordenador achou “o máximo”, pois aguardava algo parecido para que ocorresse uma mudança no trabalho com os professores alfabetizadores e que tem a preocupação de instrumentalizar o alfabetizador, deixando definido que ao não ser bem alfabetizado o aluno não adquire outras habilidades e conhecimentos.

Podemos perceber aqui uma visão do coordenador sobre as dificuldades do alfabetizador para realizar o seu trabalho específico de ensinar a ler e escrever. Conforme destaca Scliar-Cabral (2013, p.64), “o desconhecimento das bases teóricas e a má orientação por parte dos professores podem atuar como fatores inibidores e de até bloqueio para a comunicação linguística”. Como o professor recebeu uma formação limitada em relação à metodologia na alfabetização, a importância da área da linguística, da fonética e da consciência fonológica permanece realizando seu trabalho de maneira incerta.

(Ce15) - É uma política pública interessante, já outras políticas e programas que os governos anteriores colocaram como Pró- letramento, Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA), tem o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) parece também e

tem o PNAIC agora, o Ciclo de Alfabetização e essa iniciativa é para atacar exatamente aquela meta de alfabetizar todos os alunos até os oito anos

(Cm16) - Eu achei o máximo, eu achei que alguma coisa tinha que vir, porque a gente tem essa percepção de que o aluno que tem problema na escolaridade até o final do ensino fundamental, ele vai ter um problema muito maior se não sair com o instrumental necessário, que é a instrução plena da alfabetização nos anos iniciais.

Questão 3. Existem diferentes formas de alfabetizar. Em relação ao uso ou não de métodos de alfabetização, que método ou métodos tu tens observado que são usados pelos professores? E qual a orientação do Pacto?

Os dois coordenadores confirmaram que não há uma orientação oficial sobre a utilização dos métodos e um coordenador diz que a maioria usa o fônico. Já o outro coordenador diz que não observou nenhum método específico, mas conclui que os métodos que estão sendo usados estão sendo ineficazes para a atual situação em relação ao objetivo de alfabetização plena, conforme respostas que seguem:

(Ce15) - Nessas formações a gente retomou vários métodos de alfabetização, os mais tradicionais e os mais construtivistas e como pós-construtivismo, mas em geral o professor utiliza o método tradicional, o fônico, então... não há nenhuma orientação oficial, teórica do PNAIC aderir um método. Nós colocamos todos eles, quais as vantagens e desvantagens e o professor dentro do contexto de sala de aula vai ter que ter o domínio de todos eles.

(Cm16) - O PNAIC não orienta sobre métodos, ele sugere atividades, ele dá quadro de capacidades, mas ele não sugere métodos. [...] Eu acho que foi a Ester Grossi que disse, com o advento do construtivismo nós abandonamos o método, que acho se usava o método fônico, até por ali, não sei que anos, anos 80, final dos anos 80, então nós usávamos um método sem entender ele direito, mas dava certo né, aí veio a teoria do construtivismo, então a gente adotou uma teoria e abandonou um método, né. Então, nós ficamos só na teoria e ela não foi bem entendida. Eu acho e mesmo que tivesse sido eu acho

que ela valeu pra um recorte da nossa educação, pra uma situação de país que a gente tinha e de escola pública que a gente tinha, mas eu acho que ele não está mais atendendo a nossa necessidade né, não tá contribuindo efetivamente pra concretização da alfabetização plena.

Em relação à metodologia, fica evidente a apreensão de um coordenador sobre a falta de orientações para o processo de aprendizagem da leitura e da escrita. A expectativa sobre uma formação específica para os anos responsáveis pela alfabetização precisa contemplar metodologias adequadas com orientações, explicações e reflexão com base em estudo científico e em pesquisa experimental. Não há uma orientação oficial para a escolha de um método de alfabetização assim como pontua Dehaene (2012, p. 238): “elas autorizam cada professor a escolher seu método favorito, o que resulta em negar que existam melhores que outros”. A metodologia necessita ser revista, discutida e experimentada para poder ser avaliada pelo professor alfabetizador de forma séria e com acompanhamento e busca por resultados. As orientações oficiais negam ao professor o direito de conhecer outros métodos, continuam enviando cadernos, implementam formações, mas são os mesmos autores, os que defendem o método global. Na realidade os professores trabalham com algumas atividades dos métodos global e fônico, nesta mistura não vão conseguir visualizar ou refletir sobre o que estão fazendo.

Questão 4. O Pacto fez tu mudares a tua opinião em relação aos métodos de alfabetização?

Um dos coordenadores diz que sim, que ao fazer uma revisão bibliográfica sobre métodos lembraram métodos da abelhinha, fônico e outros. Já o outro coordenador declarou que não, pois o Pacto não aborda métodos de alfabetização.

(Ce15) - Sim, sempre que a gente faz um estudo histórico dos métodos, é óbvio que eles serviram para certa época histórica, que foi muito interessante. Os professores, a gente faz aquelas vivências com os professores, a gente faz o professor falar, como você foi alfabetizado na sua época e todos eles trazem uma trajetória de vida com métodos fônicos, antigos que muitas vezes não

fizeram ele bom escritor, ele tem medo de escrever, ele não foi bem alfabetizado, ele tem lacunas na alfabetização, eles relatam isso, eu fui alfabetizado no fônico, método da abelhinha e outros.

(Cm16) - *Não, porque ele não fala em método, não.*

Assim como notamos a dificuldade do professor em obter orientações sobre método, ficou notável a diferença nas respostas dadas pelos coordenadores, ambas distintas, e demonstra claramente que não houve uma linha a ser seguida pela formação Pacto. Nos cadernos do Pacto, chamados *kits*, não tem texto dedicado à metodologia, à discussão sobre os métodos conforme enfatizou um coordenador.

Questão 5. Quais as principais mudanças que o Pacto trouxe para o trabalho em sala de aula?

Os coordenadores ressaltam que a melhor mudança foi o material disponibilizado pelo Pacto, que serve como ferramenta para o professor ser o protagonista de seu trabalho. Um coordenador lembrou que outra mudança que percebeu foi a conquista de alguns professores no horário de reunião para discussão e confecção de materiais.

(Ce15) - O PNAIC trouxe para cada sala de aula uma caixa de livros super interessante de literatura infantil que o professor ele trabalha entre essas horas, e outras horas que ele achar interessante, faz uma leitura deleite, a partir dali ele vai introduzir os conteúdos, a mudança que está sendo proporcionado nas escolas ela é muito boa nesse sentido, porque um processo que acontece que o professor é protagonista disso mas ele tem toda uma ferramentas, instrumentos para que ele possa introduzir isso e uma coisa que eu senti no meu grupo é o conceito de letramento uma coisa nova que o professor não tinha parado para refletir sobre o processo de alfabetização e letramento, não é uma coisa nova, mas veio agora com o Pacto, a discussão dentro das escolas.

(Cm16) - *O que posso é me lembrar dos relatos das próprias professoras, lá no Seminário Final de 2013. Pelos relatos, percebi que os materiais recebidos- livros de literatura infantil para cada ano, os acervos complementares e a*

criação dos cantinhos de leitura nas salas, foram grandes motivadores tanto para as crianças quanto para as próprias professoras. [...] Outro ganho, embora em menor escala, porque nem todas as escolas implementaram isto, foram os tempos conquistados pelas professoras do ciclo inicial, para que pudessem se reunir sistematicamente na escola, com a supervisão escolar, para discutir metodologias, aprofundar estudos, ou simplesmente confeccionar materiais.

O material fornecido pelo Pacto, além de ser de excelente qualidade ficou disponível na sala de aula, o que foi decisivo para alavancar frequência e o prazer da leitura. A questão traz uma pauta nova e bem pertinente, que é a realização de reuniões pedagógicas em algumas escolas, conquistadas pelos professores alfabetizadores que participam do Pacto. Houve a necessidade do trabalho em grupo, da reflexão sobre as atividades realizadas. O alvo nesta questão é a preparação do professor em seu grupo na escola, da possibilidade de compartilhar os conhecimentos adquiridos no Pacto.

Questão 6. Tu achas que o Pacto contribuiu para a qualificação do ensino da leitura? De que forma?

O coordenador Ee15 destaca como uma qualificação para o ensino da leitura o professor aprender o conceito de letramento, diferenciar o que letramento e o que é alfabetização. Destaca a importância de trabalhar os conteúdos necessários para o conhecimento do professor alfabetizador para melhorar sua abordagem em sala aula, em relação à leitura e escrita. O coordenador Cm16 dá ênfase ao acervo de livros de literatura infantil que auxiliou muito o professor em seu trabalho. Ressalvou apenas que o Pacto não oferece um mecanismo de avaliação da leitura, inclusive o próprio INEP reconhece essa deficiência.

(Ce15) - O que é letramento, o professor saiu desses encontros, reuniões, dessas conversações sabendo o que é alfabetização e o que é letramento. Tanto a alfabetização trabalha a oralidade, a leitura, a produção textual e análise linguística, são 5 eixos, oralidade, leitura produção textual, análise linguística e a escrita desse texto que está dentro da análise linguística, isso é uma coisa que a gente coloca nas conversações dos professores que é essa

trajetória que vai fazer essa mudança de concepção de trabalhava até então na sala de aula, porque o professor não tem claro, e uma outra coisa que a gente percebe enquanto orientador essa dificuldade conceitual de nossos professores. [...] E o professor não tinha ciência disso, ele vem de uma formação inicial que não se trabalha, se trabalha, mas não se dá muita ênfase, é um apêndice desse currículo e ele não vem para sala de aula. Lá ele se depara que ele tem que fazer isso, é difícil.

(Cm16) - Eu acho que contribuiu no sentido que ele trouxe materiais pra uso dos professores, neste aspecto ele contribuiu e isso foi uma coisa muito observada no ano passado, quando as professoras começaram a receber os kits de leitura, pra cada ano, veio kit específico, com 40 títulos mais ou menos pra 1ºano, títulos pra 2ºano e títulos pra 3ºano, além disso, vieram 3 acervos complementares também cada qual com 40 títulos entre eles muitos livros de literatura infantil, são bem usados pelas professoras.

Um coordenador destaca a diferença da concepção do letramento, em que é valorizado o uso social da leitura e da escrita e da alfabetização. Como disse o coordenador, o professor alfabetizador necessita aprender a trabalhar com a oralidade, a leitura, a produção textual, análise linguística que abarcam as práticas do letramento, e esse trabalho com histórias, de interpretação e imaginação é muito importante. O outro coordenador reforça a questão dos livros de qualidade como uma iniciativa que contribuiu muito para o trabalho dos professores. Nosso destaque é para a concepção de alfabetização na perspectiva do letramento defendida pelo Pacto, não enfatiza a prática da “técnica” da leitura, da decodificação dos grafemas e fonemas e do princípio alfabético. Como as crianças vão conseguir chegar ao 3º ano lendo com autonomia, decifrando e compreendendo o que está escrito nos livros de literatura infantil?

Questão 7. Qual a tua opinião sobre o Ciclo de Alfabetização de 3 anos? Há necessidade de 3 anos para a alfabetização? E sobre a não reprovação durante o Ciclo?

O Ce15 é contra a reprovação e acredita que deve ser feito o possível para que o aluno alcance a aprendizagem plena. O Cm16 relata que há alunos

que necessitam de mais tempo no 1ºano. Caso a criança avance sem condições, cada vez fica mais difícil ela consolidar as habilidades necessárias e a retenção seria uma oportunidade para desenvolvê-las, pois a criança não dá conta de tudo o que ainda vem pela frente.

Ce15) - É fundamental que ele tenha, e hoje a neurociência está dizendo pra nós isso, que o aluno tem condições de aprender aos seis anos. A gente sabe até aos cinco anos, nós temos alunos que já vêm praticamente com domínio do sistema alfabético no 1ºano e os três anos, ele tem. [...] E sobre a avaliação e não reprovação é bem, é uma coisa bem polêmica, a reprovação automática não, a gente não pode, mas uma progressão continuada isso é possível. [...] Pessoalmente, eu sou contra, a gente tem que fazer de tudo para que ele chegue ao final do ciclo, com todas as aprendizagens concluídas.

(Cm16) - Certamente que não há necessidade de três anos, não há. Muitas, muitas, Ester Grossi disse que um ano chega e ela comprova lá com o jeito dela. [...] Havendo um trabalho prévio de estimulação lá na pré-escola, havendo um contato anterior das crianças com o mundo da leitura e escrita, porque essa é a queixa que nossas escolas trazem, que em muitos casos a criança vem de casa diretamente para o 1º ano e mesmo que ela tenha passado por uma escola de educação infantil, creche, às vezes o foco não é esse, porque muitas creches e escolas não são atendidas por professores e não tem esse conhecimento, não sabe exatamente como estimular, como melhor estimular. [...] O ciclo de alfabetização e a não reprovação, nós estamos justamente retomando esse assunto aqui na Secretaria, o ciclo ele veio por uma sugestão do MEC, inclusive ele não foi impositivo, a não retenção ela foi impositiva, me parece por um parecer do Conselho Nacional do 1º para o 2ºano. A adoção dos ciclos ficou a autonomia dos municípios adotar ou não. O nosso município adotou, então naquele período no final de 2011, foi adotado o ciclo de alfabetização e nós mantivemos o regime seriado e agora é bem difícil a gente lidar com isso, porque tem a parte legal e as orientações específicas de ciclo, as orientações específicas falam. A gente está retomando aqui as orientações do MEC, que um aluno que não tem o domínio dos conhecimentos lá do seu 1ºano de escolaridade, ou que ele falta bastante a escola e em razão disso ele não tem a aquisição das habilidades previstas para o 1ºano e essas

habilidades inclui sim, estar alfabetizado ao final do 1º mesmo no bloco, então ele poderia ficar com a mesma professora no 1º ano de novo no ano seguinte, só que nós adotamos a ideia de bloco e mantivemos séries, então os nossos alunos no final do 1º ano tem que ter um resultado final e no final do 2º ano também e se há, a não retenção, ele tem que ser aprovado obrigatoriamente 'né'. [...] No censo se o município adota bloco inicial 'né', em regime ciclado, ele tem uma estrutura específica no censo, que não abre pra nós, pra nós abre seriação 'né', então nós temos que fazer alguma coisa a respeito porque a gente tem sim, casos que seriam muito mais produtivos para aluninho de 1º ano, ele precisa de mais tempo no 1º ano, porque se ele vai para o 2º, ele tem as demandas do 2º, mais as do 1º, importantes não consolidadas e a bagagem fica pesada pra ele, e ele vai assim pro 3º 'né', fica mais pesada ainda, então seria importante ele permanecer com aquela professora pra dá conta daquilo que ele não conseguiu.

O Pacto estabeleceu três anos para o ciclo de alfabetização e 8 anos de idade máxima para a criança estar alfabetizada. O Pacto estabelece a idade de 8 anos, como a “idade certa” e se baseia numa decisão política, que reproduz a divisão entre a elite e massa (MORAIS, 2014). Na visão dos coordenadores, o tempo de três anos não é necessário para a alfabetização, mas a reprovação ou retenção ou outra forma de concluir o processo de alfabetização antes do 3º ano é necessário. Não podemos permitir que o aluno chegue ao final do 3º ano e apenas reflita sobre a ortografia das palavras, como se estivesse no 1º ano. É necessário enfatizar a decodificação das palavras no 1º ano, para que, ao chegar ao 3º ano, a criança possa interpretar, ler com fluência e com o seu processo de alfabetização completo.

Questão 8. Tu achas que o Pacto pode produzir mudanças na qualidade da alfabetização no Brasil e produzir efeitos de longo prazo na qualidade da leitura e escrita dos estudantes brasileiros? Por quê?

Os coordenadores Ce15 e Cm16 responderam que sim, que a mudança na qualidade pode acontecer, mas é necessário haver acompanhamento do professor, verificar se eles colocam em prática as orientações do Pacto, e também, que as formações não devem ser interrompidas.

(Cm16) - *Eu acho que ele pode produzir sim, a longo prazo se houver sempre um acompanhamento, se houver uma cobrança de resultados, de metas a cumprir. A gente nota que, esse simples fato das nossas professoras de 1° e 2° ano usarem aquela, fazer aquele acompanhamento em 11 itens básicos. [...] A ANA ano passado ela foi experimental, todos os 3°s anos fizeram e os resultados não foram divulgados, 'né'? Este ano ela vai ser uma avaliação externa de 3°ano, a gente vai ter um parâmetro. Então, e o que eles vão fazer com os resultados não atingidos? O que vai acontecer com o gestor municipal, com o gestor escolar, o professor? Se nós vamos ter mais responsabilidades? Se houver esse acompanhamento eu acho que ele pode fazer diferença sim, mas sem acompanhamento não, e com esses subsídios sempre. Acho que não pode desmobilizar o professor. Eu acho que o professor estar sempre em formação, por mais que isso seja difícil pra ele, fora do horário. A gente pode articular isso talvez, dentro do horário de atividade do professor. Ele não pode ser desmobilizado, ele tem que estar sempre no conjunto, com seus pares ou no mínimo na escola olhando o que ele faz e projetando pra diante.*

Observamos nesta questão a importância da continuidade na formação, que favorece o aprofundamento e discussão, necessária para mudar a concepção do processo de alfabetização. O prejuízo no caso de trazer programas e mais programas prontos é negar ao professor o direito de descobrir e construir uma prática sólida, baseada em dados de pesquisa e estudos da ciência. A oferta de programas diferentes pode favorecer uma prática vazia, sem uma linha norteadora que possa conduzir a uma prática segura e eficaz que possa gerar resultados positivos em relação à qualidade da leitura e da escrita.

Questão 9. Em que medida tu consideras que a escola (professores, supervisores, alunos e famílias) se sente comprometida com o objetivo de melhorar a qualidade da leitura e escrita dos estudantes?

O Ce15 disse que para algumas escolas o Pacto é visto como um corpo estranho e não aderiram ao Pacto. O Cm16 avalia a situação em relação à leitura bem difícil, pois percebe nas falas dos professores que esses estão muito sozinhos, a gestão escolar é muito administrativa e os supervisores estão

muito sobrecarregados, não conseguindo administrar toda a demanda da escola.

(Ce15) - O que nós encontramos, muitas escolas estaduais não abraçaram o Pacto, eles acham que o Pacto é um ente, um corpo estranho que veio se colar à escola têm diretores, têm gestores que eles enxergam o Pacto desse jeito, não é uma política pública da escola e tem gestores que acham que o Pacto é um corpo estranho dentro da escola.

(Cm16) – ‘Ai’, aí é difícil, eu acho que os professores ficam bastante sozinhos. ‘Tá’, as nossas escolas têm, todas as escolas têm supervisora na escola, mas não há o envolvimento total, de todos, grandes exemplos de supervisão nas escolas, mas às vezes ele também não ‘tá’ bem subsidiado e não participa de formações como esta [...] A nossa cultura hoje é muito visual, então não contribui pra, pra gente valorizar a escrita. [...] E a escola tem uma rotina muito atribulada, a falta de professor o supervisor vai atender, o próprio diretor. Então, nós temos muito o quê fazer neste aspecto.

O destaque nesta questão é que a escola não acompanha o trabalho do professor, não consegue realizar reuniões de cunho pedagógico, está sempre muito ocupada em administrar, gerenciar os problemas que aparecem na escola, como problema de indisciplina entre alunos, falta de professores e programações como festa para o dia das mães, festa de São João, enfim na escola a aprendizagem da leitura e da escrita é algo que se restringe a sala de aula, se tem aula, está tudo bem. E a aula muitas vezes não é atraente, não tem interação, trabalho em grupo e não usa nem os computadores, pois os professores, ou a grande maioria não sabe como aproveitá-lo em aula e para a aprendizagem.

Questão 10. Tu tens conhecimento sobre os estudos da neurociência em relação ao processo de alfabetização? Esses estudos foram contemplados em algum momento nas reuniões, discussões ou material disponibilizado pelo Pacto e são relevantes para a prática pedagógica na escola?

O coordenador Ce15 disse que é uma ciência que traz novidades e que revela que o cérebro é o centro das coisas, da aprendizagem que tivemos nos jogos do PNAIC. O Cm16 disse que sim, sabe um pouco, mas de falas, palestras e da professora Lucilene, que faz doutorado neste assunto, veio palestrar para as professoras da rede, mas numa iniciativa da Secretaria da Educação, não do Pacto. Segundo o mesmo coordenador, o Pacto não faz referência a isso, pois está muito ligado ao construtivismo. Esse coordenador conhece o trabalho do Alfa e Beto que adotam os princípios do método fônico e também da neurociência – método que está excluído das opções do MEC. Acha que faz sentido a abordagem da neurociência. E pergunta: Por que não analisar o novo?

(Ce15) - Uma das coisas que a gente sempre mostra para os professores é que a neurociência está trazendo muitas novidades e ela é uma ciência que avança com a tecnologia, tão fascinante e muito, e a velocidade muito maior que o professor tenha ciência disso. [...] Hoje com os instrumentos que medem, que são invasivos, que dá pra ver através da imagem, alguns teóricos já desconfiavam disso e isso é muito bom e uma das coisas que revela que o cérebro é o centro das coisas da aprendizagem se descobre que através da neurociência que todo o corpo aprende isso se reflete nos jogos que a gente utiliza no PNAIC.

(Cm16) - Eu tenho conhecimento sim, um pouco, mas tenho de falas, de palestras que eu assisti, de relatos de palestras de colegas que assistiram em Porto Alegre. E tem uma professora nossa que é a professora do CEMEJA, a Lucilene, está no doutorado sobre esse assunto, foi bem elucidativo. A gente trouxe a Lucilene pra falar com as nossas professoras alfabetizadoras acho que uns anos atrás, mas foi uma iniciativa nossa. O PNAIC não faz referência a isso 'tá', aliás todo o discurso oficial, falando assim, de orientações do MEC 'né', ele está muito atrelado ao construtivismo, ele não vai ao desapegar tão fácil disso 'tá'. [...] E acho que a neurociência, essa abordagem, ela faz muito sentido e não faz sentido a gente ficar apegada eternamente a uma concepção. Faz 30 anos 'né'? Porque pelo menos não ouvir o novo, não analisar 'né'? Então, mas não é citado, esses autores não são citados na literatura oficial, nada que divirja do construtivismo é citado em bibliografia do MEC.

Percebemos que os coordenadores ouviram falar sabem sobre o assunto, mas de forma vaga, e não conseguem sustentar um discurso que possa garantir um trabalho com base em conhecimentos relacionados à neurociência. Um coordenador identifica nos jogos a aplicação da neurociência, mas não comenta que nos cadernos do Pacto, não é explorado esta assunto. O outro coordenador confessa que o que sabe não é através do Pacto, revelando que a SMEC já está ligada no assunto e o que é louvável, mas é importante frisar que a “casa do conhecimento”, como a SMEC, precisa estar na ponta, sempre buscando o que tem de mais eficaz em relação à pesquisa de cunho experimental e ao aprimoramento do professor em relação a qualificação para o ensino da leitura e da escrita inicial. E como o mesmo coordenador diz, o Pacto “está ligado ao construtivismo” e garante a permanência do método global nas salas de aula de alfabetização, através da prática e metodologia baseada em hipóteses.

A metodologia usada nas pesquisas construtivistas utiliza a observação de comportamento guiada por hipótese e buscam confirmar ou não essas hipóteses, sendo que nas pesquisas da psicologia e da neurociência cognitiva é numa situação experimental, comparando grupos com tratamentos diferentes e análises rigorosas (MORAIS, 2014). Qual seria o motivo de uma postura tão fechada em relação a uma possibilidade real de avanço na educação?

Inclusive a declaração de um coordenador sobre a posição do MEC, apresentada pela formação Pacto, em não informar sobre as pesquisas e estudos da neurociência confirma essa evidência.

A pesquisa experimental e o estudo da neurociência, não garante resolver todas as dificuldades pedagógicas, mas não é coerente continuar a negar o conhecimento advindo da ciência em esclarecer sobre como funciona a leitura e as mudança que provoca no cérebro (DEHAENE, 2012). Não podemos permitir que decisões políticas se sobreponham ao conhecimento científico, que confirma que precisamos somar esforços garantindo práticas que ensinem a criança a decodificar, reforçando seu vocabulário e permitindo sua autonomia na leitura e na escrita.

2.7. Discussão

A partir dos dados da entrevista com os professores e coordenadores do Pacto, foi possível verificar alguns aspectos que necessitam ser retomados e discutidos, sendo nosso objetivo é de investigar o impacto do Pacto no ensino inicial da leitura nas escolas da rede municipal e estadual. Primeiramente é interessante ressaltar que para a maioria dos professores mudou algum aspecto em sua prática pedagógica a partir da formação do Pacto em relação à leitura, houve a ampliação e diversificação do trabalho com contos infantis, aplicação de conteúdos utilizando fábulas e o resgate da leitura por prazer.

A formação do Pacto oferecida aos professores alfabetizadores aprimorou as práticas pedagógicas com vista ao ensino da leitura na concepção do letramento. Os sujeitos mostraram que houve um aumento na prática da leitura deleite e de atividades voltadas para a leitura de diferentes gêneros com outras possibilidades de interação. Esta questão nos remete às orientações do Caderno do Pacto (BRASIL, 2012b), em que a rotina de alfabetização seja organizada na perspectiva do letramento, que tem como objetivo fazer com que a criança perceba as diferenças nos tipos de textos e ajudá-la na apropriação do sistema de escrita (BRASIL, 2012b).

Verificamos que a concepção de letramento, bem difundida na prática de sala de aula, recebeu suporte didático a começar pelo material de literatura de boa qualidade que foi enviado às escolas que participam do Pacto. As escolas receberam livros didáticos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), e receberam duas caixas de livros de literatura do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) que deveriam ficar nas salas de aula do 1º, 2º e 3º anos. Nesta caixa de livros foram contemplados os mais diversos tipos de livros com assuntos e gêneros variados que deveriam ser lidos para as crianças e com as crianças. A partir desses materiais de leitura, os professores puderam desenvolver projetos, trabalhos em pequenos grupos, experiências concretas e de forma lúdica, contempladas principalmente, nas dramatizações e produções escritas como cartazes, painéis e criação de histórias. Esta medida merece destaque especial, pois a qualidade dos livros e a permanência dos livros na sala de aula, e a oportunidade da leitura livre ou mediada foi muito elogiada nas falas dos professores.

Através da leitura mediada, o professor promove estímulo à aquisição do vocabulário contando com a nomeação de objetos, de imagens e conceitos. A aquisição do vocabulário, como benefício da leitura é destaque no livro “Aprendendo palavras através da leitura”, de Sousa e Gabriel (2011), que faz referência ao desenvolvimento linguístico e sociocognitivo envolvidos nesse processo.

São os momentos iniciais de contato com a leitura que garantem à criança atingir um nível de linguagem mais elevado. Quanto mais cedo proporcionarmos leituras diversas e em diferentes momentos, a criança estará exposta a uma prática de transmissão da cultura humana e a um meio de comunicação poderoso (TOMASELLO, 2003). Notamos que, através da interação com o grupo, a comunicação que surgiu na realização dos trabalhos de sala de aula, provocou uma mudança significativa na qualidade do aspecto didático, em que houve preocupação em criar um ambiente favorável à manipulação de livros, o manejo com fantoches, o contato com livros digitais, apreciação de teatro, valorização da música de diferentes épocas e estilos, segundo relatado pelos professores entrevistados.

Em nossa pesquisa, conseguimos perceber a qualificação do trabalho do professor e a abrangência da concepção do letramento, mas não percebemos o mesmo resultado em conhecimentos específicos na concepção da alfabetização como processo de ler e escrever num sistema alfabético (MORAIS, 2014). Não foi possível perceber uma mudança no aspecto mais relevante do processo de alfabetização, que é o de desenvolver a capacidade de transformar representações fonológicas em representações gráficas com significado.

Observamos que a formação proporcionada pelo Pacto possibilitou desenvolver um conhecimento sobre práticas de leitura em sala de aula, mas não um conhecimento significativo e suficiente em relação à alfabetização propriamente dita, da decodificação de palavras, na importância de desenvolver a consciência fonológica como um caminho para alcançar a alfabetização até o final do terceiro ano ou até os 8 anos de idade, e posteriormente aprimorá-la.

Nas leituras dos Cadernos de Formação (BRASIL, 2012c) há uma breve reflexão sobre a consciência fonológica com o conceito de refletir sobre as

unidades sonoras das palavras, mas não há referência na realização de atividades específicas e sistemáticas ou para acompanhamento do desenvolvimento da capacidade de entender que aqueles sons associados às letras são os mesmos sons da fala (ADAMS *et al.*, 2012). Para que a criança desenvolva a capacidade de perceber e manipular os sons, ela precisa ficar exposta a jogos de escuta, em que a criança presta atenção em diferentes sons como: pássaros, caminhões, relógios, vozes, zumbido e uma variação de outros sons; jogos de rimas com sons iniciais e finais; histórias rimadas; poesias, canções e versos; consciência silábica, através das palmas; troque uma letra e uma avaliação para acompanhar a evolução na percepção da diferença dos sons.

Convencidos da importância da consciência fonológica para a aprendizagem da leitura e da escrita, interessamo-nos pela metodologia usada pelos professores para iniciar o ensino da leitura e da escrita. Por isso, buscamos a questão sobre a escolha de um método de alfabetização que seja usado pelos professores alfabetizadores. Verificamos que a maioria dos professores alfabetizadores não utiliza um método específico, ou seja, mistura as práticas de um e de outro método, sem saber o porquê de estar realizando determinada atividade. Conhecem um pouco de cada metodologia e vão aplicando conforme surge a necessidade em sala de aula, sem ter uma sequência ou uma concepção a seguir. Fato que nos alerta Dehaene (2012): ainda encontramos nas escolas atividades do método global com o ensino silábico e das correspondências grafemas-fonemas, como reconhecimento do contorno das palavras independente da irregularidade de sua ortografia. Isso se confirmou na questão da escolha pelo método de alfabetização: os professores alfabetizadores utilizam o que aprendem em cursos, experimentam atividades, mas não aprofundam ou relacionam com uma concepção de alfabetização.

Talvez resida nesta postura equivocada do professor frente à ineficácia da metodologia uma posição ingênua de que a responsabilidade de aprender a ler e a escrever seja somente do aluno. As causas ou consequências do insucesso, recaem sobre o aluno e sua família, que não possui condições de auxiliar na consolidação do processo de alfabetização. Entretanto, o que podemos perceber nas respostas de nossa pesquisa em relação ao

comprometimento da escola, da família e dos professores sobre a melhora na qualidade da leitura de nossos alunos, é quase o oposto, pois os professores acreditam que o professor é responsável pelas mudanças em relação à qualidade do ensino da leitura e isso pode ser um aspecto positivo. O que nos levou a refletir sobre a formação acadêmica do professor alfabetizador, pois a origem do problema está no currículo que está sendo oferecida na graduação dos professores. Quais os conteúdos que devem fazer parte da formação acadêmica do professor alfabetizador? Quais as práticas e teorias devem ser discutidas com os professores durante a formação acadêmica? Podemos pensar sobre o que precisa ser contemplado na formação continuada oferecidas aos professores alfabetizadores pelo MEC?

Na análise da questão sobre a mudança em relação aos métodos, não houve embasamento teórico nos Cadernos de Formação e nas orientações oficiais que provocasse uma alteração significativa e suficiente para aprimorar o conhecimento sobre uma prática mais eficiente em relação à alfabetização. Percebemos que existe conhecimento de alguns professores sobre a importância da fonética das palavras, sobre o programa Alfa e Beto, método fônico do Capovilla e Capovilla (2004a), método abelhinha, mas a formação do Pacto não oportunizou mudança ou aprofundamento da visão ou concepção de método. As mudanças que a formação proporcionou foram em relação à prática de atividades voltadas ao letramento (SOARES, 2006).

Uma mudança relacionada ao Pacto é o ciclo de alfabetização em três anos, que percebemos ser ainda um desafio pedagógico a ser implantado nas escolas. O ciclo de três anos já funciona de maneira estrutural, mas precisa passar pelo entendimento na prática da escola, pois delimita a organização, o planejamento, os objetivos e o currículo a ser ensinado a cada ano do ciclo, mudando a forma de avaliação que ocorre através de cada ano/série de escolarização. A não reprovação no ciclo de alfabetização é o aspecto mais conflitante para os professores e alfabetizadores, pois o entendimento por parte dos professores, que não é possível a aprovação, sem que ocorra a aprendizagem é o fator que anuncia uma latente inquietação e de certa forma uma consciência da necessidade de pensar e buscar uma solução justa para o aluno e adequada para a escola. A ausência de um conteúdo específico sobre o processo de decodificação e sobre o sistema ortográfico no início do ciclo de

alfabetização de três anos, resulta ao final do 3ºano um número significativo de crianças com defasagem na aprendizagem da leitura e da escrita, que comprova que somente trabalhar com livros e histórias não proporciona a apropriação do código escrito.

Considerar as mudanças que a formação Pacto pode produzir ao longo prazo na qualidade da leitura e da escrita foi revelador, justamente porque trouxe à superfície uma percepção que não tínhamos sobre em que aspecto uma formação pode ser transformadora. A maioria afirmou que a mudança em relação à qualidade na leitura e escrita depende da mudança na postura do professor. O que indica que a formação do professor é o que provoca o efeito positivo, que tanto almejamos para o nosso país no que tange à educação.

Verificamos ser relevante eleger uma metodologia que favoreça a aprendizagem da leitura e da escrita. Em nossa pesquisa bibliográfica, encontramos embasamento teórico para estabelecer algumas considerações bem específicas sobre a aprendizagem da leitura e da escrita. Baseando nossa discussão a partir do pensamento de Moraes (2013), que afirma que a aprendizagem da leitura não ocorre de forma espontânea e o processo é difícil, longo e apresenta o caminho certo para a alfabetização, que é primeiro fazer os alunos compreenderem que o princípio alfabético é a representação dos fonemas por grafemas, e isto se faz com atividades apropriadas para a decodificação na leitura e a codificação na escrita. Em segundo, mostrar ao aluno que a representação dos fonemas se faz segundo as regras de um sistema ortográfico e deve ser acompanhada da prática de leitura explícita ou implícita do conhecimento dessas regras (MORAIS, 2014).

Precisamos resgatar o efeito poderoso do método fônico no desenvolvimento da habilidade de analisar o fonema/grafema, com passagens obrigatórias, com introdução com letras cujos sons podem ser pronunciados isoladamente, como o /v/ ou /f/, seguido das vogais. Neste sentido, é importante apresentar as correspondências no contexto da palavra, com ortografia regular a princípio e proporcionar contato com experiências linguísticas, em situações de leitura e paralelamente, quando a criança já utiliza a decodificação, iniciar o desenvolvimento da capacidade de compreensão da leitura (MORAIS, 1996).

Os professores alfabetizadores precisam fundamentar o ensino inicial da leitura, no reconhecimento das letras e valores atribuídos aos grafemas e fonemas. Necessitam do conhecimento dos processos envolvidos na leitura como: a motivação, que é o tipo de texto trabalhado; a pré-leitura, para ativar a memória de trabalho, oferecendo sentido ao que será lido; a observação dos movimentos de fixação e sacada para fatiar, que são identificados quando a criança corre o olhar pela linha; o reconhecimento dos traços das letras e sua articulação, necessário para a identificação das palavras; acesso lexical, como se fosse um dicionário mental, que guarda os significados das palavras; busca da significação básica que possui a memória semântica do grupo em que vive; a atribuição do sentido às palavras, às frases e ao texto que possuem novos sentidos; a interpretação que surge ao cruzar informações e a retenção do conhecimento que fica incorporado à memória permanente (SCLIAR-CABRAL, 2013).

Estes conhecimentos citados acima qualificam o processo de leitura e nos fazem pensar se é possível repensar outra possibilidade de aplicar as descobertas em relação ao método fônico. É necessário discutir e elaborar atividades adequadas, sistemáticas e que vão retomar a sequência fonema-grafema capaz de garantir a apropriação do alfabeto e ao mesmo tempo, que o aluno desenvolva a habilidade de compreensão necessária para obter significado para o que lê.

Em relação à adoção de prática e metodologia embasada e relacionada à neurociência, os professores alfabetizadores revelam que sabem pouco sobre o assunto, mas reconhecem a importância de trabalhar e estudar sobre a Neurociência e a Psicologia do Desenvolvimento para melhorar a leitura e a escrita.

CONCLUSÃO

Ao iniciar nosso trabalho, tínhamos como objetivo principal investigar o impacto do Pacto na aprendizagem de leitura e escrita de nossos alunos, buscando refletir sobre questões em relação aos métodos e sobre a formação oferecida aos professores e se esta formação resulta em aprimoramento significativo na prática pedagógica.

O ponto forte de nosso trabalho foi destacar que a formação proporcionada pelo Pacto não aprofundou a questão mais pertinente no processo de alfabetização, que é a instrução fônica e explícita dos fonemas e grafemas, a sistematização de atividades de consciência fonológica, um pré-requisito para realização da decodificação das palavras, e que, ao mesmo tempo, garante a melhora e o incremento da leitura para compreensão.

É certo enaltecer a proposta de letramento, como prática social, tão bem trabalhada na formação proporcionada pelo Pacto, através da distribuição de livros de literatura infantil, caixa de jogos e todo um trabalho de grupo voltado para a questão de como aproveitar e utilizar os livros infantis na aprendizagem da leitura. Mas para que todos possam usufruir dos conhecimentos de mundo que a leitura de livros proporciona, é necessário que possam desenvolver as competências e habilidades requeridas para a leitura autônoma, ou seja, a automatização da conversão grafema-fonema, e vice-versa.

Em relação ao processo de aprendizagem inicial da leitura, aprendemos com base nos estudos da neurociência, segundo Dehaene (2012, p.346): “melhor compreender o órgão que nos faz ler, melhor transmitir a nossas crianças esta notável invenção que é a leitura, tornar os conhecimentos úteis em grande escala, tais são os desafios do futuro”. O futuro é nosso e de nossos alunos, mas o momento presente é crucial, pois determina o que o professor precisa fazer para que este futuro seja brilhante.

Nesse sentido, o professor alfabetizador precisa saber como se aprende a ler e a escrever, o papel da consciência fonológica e o método que prioriza a aprendizagem das correspondências grafema e fonema para ocorrer à leitura de palavras escritas e seus significados (MORAIS, 1996).

As entrevistas com os professores contribuíram para ouvir o que pensa o professor sobre como alfabetizar, se é preciso o uso de um método, qual método é mais seguro e eficiente para alfabetizar. Escutar o professor alfabetizador nos revelou um lado positivo frente aos problemas ou situações que muitas vezes atrasam a qualificação do processo de ensinar a ler e a escrever. Inclusive uma das limitações da entrevista em alguns casos foi a falta de tempo do professor alfabetizador para desenvolver ideias sobre o que era abordado, respondendo de forma mais sucinta, sem poder refletir sobre o que estava sendo perguntado.

Acreditamos que o ciclo de alfabetização em três anos, que tem como objetivo reduzir a repetência e melhorar a qualidade da leitura e da escrita, como um prazo máximo, a princípio, é positivo, principalmente nos casos de crianças que não frequentam a pré-escola e necessitam de mais acompanhamento e orientação em seu processo de adquirir as convenções do sistema escolar. O que ocorre com as crianças de escola pública é que geralmente frequentam a pré-escola ou creche apenas para serem “cuidadas”, não recebendo estímulo precoce em relação à aprendizagem da leitura. As crianças de escola privada apresentam baixos índices de repetência por serem estimuladas mais cedo, por um ambiente de trabalho com conteúdos específicos de aprendizagem para a alfabetização.

No caso do ciclo de alfabetização de três anos, o trabalho do professor alfabetizador é detectar rapidamente as dificuldades de aprendizagem e, paralelamente (e não ao final do terceiro ano), oferecer apoio com atividades adequadas e específicas de decodificação, conteúdos que possam atender a concepção do letramento e ao mesmo tempo as convenções ortográficas que precisam ser ensinadas. Busca-se, assim, diminuir a diferença no desempenho dos alunos que apresentam suas peculiaridades e individualidades ou a redução do número de crianças não alfabetizadas, que chegam ao 3º ano do ensino fundamental. Levando em conta que os professores estão trabalhando conforme a orientação da formação proporcionada pelo Pacto, porque as professoras do 3º ano estão recebendo crianças que não podem ser consideradas leitoras hábeis? Em que momento iremos relacionar o desempenho dos alunos em leitura com a formação inadequada dos professores alfabetizadores?

É imprescindível buscarmos uma proposta voltada para o aproveitamento dos conhecimentos da fonética/fonologia e ao mesmo tempo das vantagens de uma prática contextualizada através do letramento. Para atingir o objetivo de alfabetizar todas as crianças é importante repensar outra possibilidade de aplicar as descobertas em relação ao método fônico, discutir e elaborar atividades adequadas, sistemáticas e que vão retomar a relação fonema-grafema, capaz de garantir a apropriação do alfabeto para que o aluno desenvolva a habilidade de compreensão necessária para obter significado para o que lê.

Contudo, de forma evidente, para ajudar o professor no ensino da aprendizagem da leitura e da escrita, o método que utiliza o ensino explícito do código alfabético e a instrução fônica pode ser o caminho mais adequado para alfabetizar todos e garantir que o Pacto atinja seus nobres objetivos.

Como consideração final, podemos destacar a importância de retomar este trabalho de pesquisa para verificar e analisar as práticas de sucesso em alfabetização, já que alguns professores conseguem alfabetizar a maioria de seus alunos no 1º ano do ciclo de alfabetização de três anos. Qual é o ponto forte deste professor e sua aula? O que esse professor alfabetizador prioriza em sua aula? Que método ou linha metodológica utiliza? Quais suas concepções sobre leitura e escrita? Como a família e a sociedade podem colaborar para que os objetivos propostos pelo Pacto possam ser, de fato, alcançados?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, M. J. et al. *Relatório Final de Grupo de Trabalho Alfabetização Infantil: os novos caminhos*. Brasília, DF: Congresso Nacional, 2003. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/comissoes/cec/relatorios/Relat_Final.pdf> Acesso em: 9 mai. 2014.

ADAMS, M. J.; FOORMAN, B. R.; LUNDBERG, I.; BEELER, T. *Consciência fonológica em crianças pequenas*. Porto Alegre: Artmed, 2012.

BRASIL. *Lei Federal nº 11.273, de 06 de fevereiro de 2006*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm>. Acesso em: 06 ago. 2014.

BRASIL. *Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 06 ago. 2014

BRASIL. Ministério da Educação (d). *Educação Integral: texto referência para o debate nacional*. Brasília: MEC, Secad, 2009. Disponível em: <portal.mec.gov.br/dmdocuments/cadfinal_educ_integral.pdf> Acesso em: 09 dez. 2014.

_____. Ministério da Educação (a). *Guia Geral do pró-Letramento*. Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Proletr/guia_geral.pdf> Acesso em: 15 ago. 2014.

_____. Ministério da Educação (d). *Guia Geral do pró-Letramento*. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Proletr/guiageral.pdf>> Acesso em: 10 ago. 2014.

_____. Ministério da Educação (e). *Manual do Pacto: Pacto pela Alfabetização na Idade Certa: o Brasil do futuro com o começo que ele merece*. Brasília, DF, 2012.

_____. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa*. Cadernos de Apresentação, 1º, 2º e 3º Ano. MEC, Brasília: 2012 (a).

_____. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa*. Cadernos de Formação, Unidade 1 – 1º, 2º e 3º Ano. MEC, Brasília: 2012 (b).

_____. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa*. Cadernos de Formação, Unidade 2 – 1º, 2º e 3º Ano. MEC, Brasília: 2012 (c).

_____. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa*. Cadernos de Formação, Unidade 3 – 1º, 2º e 3º Ano. MEC, Brasília: 2012 (d).

_____. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa*. Cadernos de Formação, Unidade 4 – 1º, 2º e 3º Ano. MEC, Brasília: 2012 (e).

_____. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa*. Cadernos de Formação, Unidade 5 – 1º, 2º e 3º Ano. MEC, Brasília: 2012 (f).

_____. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa*. Cadernos de Formação, Unidade 6 – 1º, 2º e 3º Ano. MEC, Brasília: 2012 (g).

_____. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa*. Cadernos de Formação, Unidade 7 – 1º, 2º e 3º Ano. MEC, Brasília: 2012 (h).

_____. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa*. Cadernos de Formação, Unidade 8 – 1º, 2º e 3º Ano. MEC, Brasília: 2012 (i).

_____. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa*. Cadernos de Formação, Formação para o Campo – 1º, 2º e 3º Ano. MEC, Brasília: 2012 (j).

_____. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa*. Cadernos de Formação, Educação Especial – 1º, 2º e 3º Ano. MEC, Brasília: 2012 (k).

_____. Ministério da Educação (g). *Parecer CNE/CP nº5, de 13 de dezembro de 2005*. Disponível em <portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05_05.pdf> Acesso em: 09 dez. 2014.

_____. Ministério da Educação (e). *Portaria nº 867, de 4 de julho de 2012. Institui o Pacto pela Educação na Idade Certa e as ações do Pacto e define suas diretrizes gerais*. Disponível em <www.pacto.gov.br>. Acesso em: 06 mar. 2014.

_____. Ministério da Educação (f). *Portaria nº 096, de 18 de julho de 2013*. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria_096_18jul13_AprovaRegulamentoPIBID.pdf> Acesso em: 09 dez. 2014.

_____. Ministério da Educação (c). *Programa Mais Educação - Passo a Passo*. Brasília, 2007 Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Proletr/guiageral.pdf>> Acesso em: 10 ago. 2014.

_____. Ministério da Educação (b). *Programa Mais Educação - Passo a passo*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passopasso_maiseducacao.pdf> Acesso em: 09 dez. 2014.

CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e Linguística*. 9 ed. São Paulo: Scipione, 1989.

CAPOVILLA, A.G.S.; CAPOVILLA, F.C. *Alfabetização: método fônico*. São Paulo: Memnon, 2004(a).

_____. *Problemas de Leitura e Escrita: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica*. 4 ed. São Paulo: Memnon, 2004(b).

CHARTIER, A. M.; HÉBRARD, J. *Método silábico e método global: alguns esclarecimentos históricos*. 1990 Disponível em:

file:///C:/Users/flavio/Downloads/Dialnet-MetodoSilabicoEMetodoGlobal-4053195.pdf. Acesso em: 06 ago. 2014.

CRISTOLOLINI, Carla. *Refletindo sobre a Provinha Brasil a partir das dimensões sociocultural, linguística e cognitiva da leitura*. Alfa: Revista de Linguística, São Paulo, v. 56, n. 1, p. 217- 247, 2012.

DEHAENE, Stanislas. *Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler*. Porto Alegre: Penso, 2012.

DEMO, Pedro. *Temos que reinventar a educação brasileira*. Mundo Jovem – um jornal de ideias. Editora PUCRS, ano 51 - nº441, 10/2013.

FERREIRO, Emília. Reflexões sobre *alfabetização*. Ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FRANCO, S.R.K. *O construtivismo e a educação*. 4 ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

FREITAG, R. M. K.; ALMEIDA, A. N. S.; ROSÁRIO, M. M. S. *Contribuições para o aprimoramento da Provinha Brasil enquanto instrumento diagnóstico do nível de alfabetização e letramento nas séries iniciais*. Revista brasileira de estudos pedagógicos (online). Brasília, v. 94, n. 237, p. 390-416, maio/ago. 2013. Disponível em: < http://educa.fcc.org.br/pdf/rbep/v94n237a_04.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2014.

GOODMAN, Y.M. *Descoberta das invenções das crianças na língua escrita*. In: GOODMAN, Y.M.(org.). Como as crianças constroem a leitura e a escrita: perspectivas piagetianas. Porto Alegre: Artes médicas, 1995.

GROSSI, Pillar. *Aplicação dos princípios da psicogênese à alfabetização de crianças brasileiras de classes populares*. IN: GOODMAN, Y. M. (Org.). Como as crianças constroem a leitura e a escrita: perspectivas piagetianas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. *Alfabetização em novas bases*. Porto Alegre: Kuarup, 1989.

HIRSCH, Katiele Naiara. *O impacto dos indicadores da leitura no Brasil na formação de leitores no Vale do Rio Pardo*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado), Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2014

HISTÓRIA de Santa Cruz do Sul. In: Wikipedia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Cruz_do_Sul> Acesso em: 23 jul. 2014.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade*. Porto Alegre: Mediação, 2000.

IBGE. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, 2010. Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedossul/santacruzdosul.pdf>> Acesso em: 23 jul. 2014.

INEP. *Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira*. PISA, 2012 . Disponível em <http://portal.inep.gov.br>. Acesso em: 06 jul. 2014.

_____. *Avaliação nacional da alfabetização (ANA): documento básico*. Brasília, 2013. Disponível em < [http:// download.inep.gov.br/educacao_basica/saeb/2013/livreto_ANA_online.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/saeb/2013/livreto_ANA_online.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2014.

_____. *Censo Educacional 2012*. Disponível em <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/educacao.php?lang=&codmun=431680&search=rio-grande-do-sul|santa-cruz-do-sul|infograficos:-escolas-docentes-e-matriculas-por-nivel>>. Acesso em: 23 jul. 2014.

_____. *Manual de acesso ao Sistema Provinha Brasil Professor, 2014*. Disponível em: <<http://sistemasprovinhabrasil.inep.gov.br/PNAIC>> Acesso em: 20 jul. 2014.

IZQUERDO, Iván. *Memória*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. *Questões sobre memória*. São Leopoldo: Unisinos, 2013.

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 6 ed. Campinas, SP: Pontes, 1999.

LEMLE, Miriam. *A tarefa da alfabetização: etapas e problemas do português*. Letras de hoje, Porto Alegre, v. 15, n.4, p.41-60, 1984. Disponível em: <Revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/18035>. Acesso em: 04 ago. 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção Textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MORAIS, A. G. de. *Concepções e Metodologias de Alfabetização: Por que é preciso ir além da discussão sobre velhos métodos?* 2006. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/.../alf_moarisconcpmetodalf.pdf> Acesso em: 04 ago. 2014.

MORAIS, A. G. de; LEAL, T. F.; ALBUQUERQUE, E. B. C. *Provinha Brasil: monitoramento da aprendizagem e formulação de políticas educacionais*. Revista Brasileira de política e Administração de Educação, Recife, v. 25, n. 2, p. 301- 320, maio/ago. 2009.

MORAIS, José. *A arte de ler*. Tradução: Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 1996.

_____. *Criar leitores: para professores e educadores*. Barueri: Minha Editora, 2013.

_____. *Alfabetizar para a democracia*. Penso, Porto Alegre, 2014.

MORAIS, J.; KOLINSKI, R. *A última metamorfose de Zeus*. Porto Alegre: Movimento, 2014.

MORAIS, J.; LEITE, I.; KOLINSKY, R. *Entre a pré-leitura e a leitura hábil: condições e patamares de aprendizagem*. MALUF, M. R.; CARDOSO, C. (Org.) *Alfabetização no século XXI: como se aprende a ler e escrever*. Porto Alegre: Penso, 2013.

MORTATTI, M. R. L. *História dos métodos de alfabetização no Brasil*. 2006. Disponível em: <<http://www.mec.org.br>>. Acesso em: 06 out. 2014.

NUNES, T.; BUARQUE, L.; BRYANT, P. *Dificuldades na aprendizagem da leitura: teoria e prática*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

OLIVEIRA, João Batista Araujo. *ABC do alfabetizador*. Belo Horizonte: Alfa Educativa, 2004.

PCN. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 114p. 1996.

PINHEIRO, A.M.V. *Leitura e Escrita: uma abordagem cognitiva*. São Paulo: Psy, 1994.

RAYNER, K.; FOORMAN, B. R.; PERFETTI, C. A.; PESETSKY, D.; SEIDENBERG, M. S. How should reading be taught? *Scientific American*, n.286, p.84-9, 2002

RICHMOND, P. G. *Piaget: teoria e prática*. Tradução Aydano Arruda. São Paulo: IBRASA, 1975.

ROITMAN, Issac; RAMOS Mozart Neves. *A urgência da Educação Fundação Santillana Ed. Moderna São Paulo 2011*. Disponível em: <<http://www.moderna.com.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId>> Acesso em 21 jul. 2014.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. *Guia Prático de Alfabetização: baseado em Princípios do Sistema Alfabético do Português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. *Reconhecimento das Invariâncias por Neurônios reciclados*. *Revista Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 34 n. 57, p. 02-14, jul.-dez. 2009. Disponível em <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index>> Acesso em: 05 jun. 2014.

_____. *A desmistificação do método global*. *Revista Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 48, n. 1, p. 06-11, jan./mar. 2013. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/ojs/index.php/fale/article/view/12142>> Acesso em: 04 ago. 2014.

SEDUC. *Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul*. Disponível em: <www.educacao.rs.gov.br/.../faleConosco.jsp?>E-mail: 06cre@educacao.rs.gov.br> Acesso em: 23 jul. 2014.

SMEC. *Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Santa Cruz do Sul*. Disponível em: <www.santacruz.rs.gov.br/secretarias/educacao-e-cultura> Email: educacao@santacruz.rs.gov.br. Acesso em: 23 jul. 2014.

SOARES, Magda. *Alfabetização e Letramento, Caminhos e Descaminhos*. Pátio Educação Infantil, n. 29, 2004, p. 19-22.

_____. *Alfabetização e letramento*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *A reinvenção da alfabetização*. *Presença Pedagógica*, 9(52), 15-21, 2003. Disponível em <http://www.meb.org.br/biblioteca/artigomagdasoares>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
RAYNER, K. et al. *How should reading be taught?* *Scientific American*, n. 286, p. 84-91, 2002.

SOUZA, L. B.; GABRIEL, R. *Aprendendo palavras através da leitura*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

TEBEROSKY, A.; COLOMER, T. *Aprender a ler e escrever: uma proposta construtivista*. Trad. Ana Maria Neto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2003.
TFOUNI, Leda Verdiani. *Alfabetização e Letramento*. São Paulo: Cortez, 1995.

TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TUNMER, William. Como a ciência cognitiva forneceu as bases teóricas para resolução “grande debate” sobre métodos de leitura em ortografias alfabéticas. In: CARDOSO-MARTINS, Cláudia. *A sensibilidade fonológica e a aprendizagem da leitura e da escrita*. *Cadernos de pesquisa*, v.76, p. 41-49, 2013.

VYGOSTSKY, L. S. *A formação social da mente*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

_____. *Pensamento e Linguagem*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

VOGT, Olgário Paulo. *Formação social e econômica da porção meridional do Vale do Rio Pardo*. In: VOGT, Olgário Paulo; SILVEIRA, Rogério Leandro da (Org). *Vale do Rio Pardo (re)conhecendo a região*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001.

ANEXO A1

Entrevista semiestruturada com as professoras alfabetizadoras do Pacto:

1. Descreva a tua experiência como alfabetizador. Qual o caminho que percorres no processo ensino-aprendizagem da leitura junto a teus alunos?
2. Tu participas do Pacto? Como vês essa iniciativa?
3. Existem diferentes métodos para alfabetizar. Tu usas um método para alfabetizar? Qual método ou métodos tu usas?
4. O Pacto fez tu mudares a tua opinião em relação aos métodos de alfabetização?
5. Quais as principais mudanças que o Pacto trouxe no trabalho em sala de aula?
6. Tu achas que o Pacto contribui para a qualificação do ensino da leitura? De que forma?
7. Qual a tua opinião sobre o Ciclo de Alfabetização de 3 anos? Há necessidade de 3 anos para a alfabetização? E sobre a não reprovação durante o Ciclo?
8. Tu achas que o Pacto pode produzir mudanças na qualidade da alfabetização no Brasil e produzir efeitos de longo prazo na qualidade da leitura e escrita dos estudantes brasileiros? Por quê?
9. Em que medida tu consideras que a escola (professores, alunos e famílias) se sente comprometida com o objetivo de melhorar a qualidade da leitura e escrita dos estudantes?
10. Tu tens conhecimento sobre os estudos da neurociência em relação ao processo de aprender a ler e a escrever? Esses estudos foram contemplados em algum momento nas discussões ou material disponibilizado pelo Pacto e são relevantes para a prática pedagógica?

ANEXO A1

Entrevista semiestruturada com as coordenadoras do Pacto

1. Descreva a tua experiência como coordenador do Pacto. Como está sendo o desafio de orientar teus colegas professores alfabetizadores com relação ao ensino e à aprendizagem da leitura?
2. Como tu vês a iniciativa do Pacto?
3. Existem diferentes formas de alfabetizar. Em relação ao uso ou não de métodos de alfabetização, que método ou métodos tu tens observado que são usados pelos professores? E qual a orientação do Pacto?
4. O Pacto fez tu mudares a tua opinião em relação aos métodos de alfabetização?
5. Quais as principais mudanças que o Pacto trouxe para o trabalho em sala de aula?
6. Tu achas que o Pacto contribuiu para a qualificação do ensino da leitura? De que forma?
7. Qual a tua opinião sobre o Ciclo de Alfabetização de 3 anos? Há necessidade de 3 anos para a alfabetização? E sobre a não reprovação durante o Ciclo?
8. Tu achas que o Pacto pode produzir mudanças na qualidade da alfabetização no Brasil e produzir efeitos de longo prazo na qualidade da leitura e escrita dos estudantes brasileiros? Por quê?
9. Em que medida tu consideras que a escola (professores, supervisores, alunos e famílias) se sente comprometida com o objetivo de melhorar a qualidade da leitura e escrita dos estudantes?
10. Tu tens conhecimento sobre os estudos da neurociência em relação ao processo de alfabetização? Esses estudos foram contemplados em algum momento nas reuniões, discussões ou material disponibilizado pelo PNAIC e são relevantes para a prática pedagógica na escola?

ANEXO B

Escolas escolhidas conforme bairro e a rede de ensino:

1-Escola rural estadual- E.E.E.F. Afonso Rabuske	Ee1	8-Escola rural municipal- Emef Emanuel	Em8
2-Escola estadual urbana centro- E.E.E.F.Santa Cruz	Ee2	9- Escola municipal rural- Christiano Smitd	Em9
3-Escola estadual urbana bairro- E.E.E.F.Petituba	Ee3	10- Escola municipal urbana bairro- Emef Schoreder	Em10
4-Escola estadual urbana centro- E.E.E.F.Goiás	Ee4	11- Escola municipal urbana bairro- Emef Harmonia	Em11
5-Escola estadual urbana bairro- E.E.E.F. Alfredo José Kliemann	Ee5	12- Escola municipal urbana bairro- Emef Bom Jesus	Em12
6-Escola estadual urbana centro- E.E.E.F.Ernesto Alves de Oliveira	Ee6	13- Escola municipal urbana bairro- Emef Leonel Brizola	Em13
7-Escola estadual urbana bairro- E.E.E.F. Nossa Senhora da Boa Esperança	Ee7	14- Escola municipal urbana bairro- Emef Santuário	Em14
15-Coordenadora estadual	Ce15	16-Coordenadora municipal	Cm16

ANEXO C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O IMPACTO DO “PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA” NO ENSINO DA LEITURA INICIAL EM ESCOLAS MUNICIPAIS E ESTADUAIS DE SANTA CRUZ DO SUL

A pesquisa “O impacto do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa” no ensino da leitura inicial em escolas municipais e estaduais de Santa Cruz do Sul tem por objetivo investigar o impacto do Pacto nas práticas de ensino inicial da leitura nas escolas municipais e estaduais no Município de Santa Cruz do Sul, bem como identificar as mudanças propostas pelo Pacto e verificar a adoção de práticas pedagógicas que tem como objetivo a melhora do ensino e da aprendizagem da leitura na fase inicial.

A pesquisa será realizada através de uma entrevista semiestruturada, gravada em áudio (*tablet*) com a pesquisadora, individualmente. O público desta pesquisa são os professores alfabetizadores das turmas do 1º, 2º e 3º ano que formam o Ciclo de Alfabetização, participantes do Pacto e os coordenadores das redes municipal e estadual. As perguntas que serão feitas na entrevista não oferecem nenhum tipo de constrangimento às participantes e são importantes para o entendimento e reflexão sobre as mudanças necessárias à melhoria de práticas pedagógicas e políticas educacionais relacionadas ao ensino da leitura inicial.

Desde já agradecemos a sua colaboração e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos pelo telefone (51) 82407635 ou pelo e-mail marialopes@mx2.unisc.br.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo a minha participação neste projeto de pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetida, todos acima listados.

Fui, igualmente, informada:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem qualquer tipo de prejuízo;
- da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
- do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando.

A pesquisadora responsável por este Projeto de Pesquisa é MARIA ISABEL LOPES, orientada pela Professora Doutora Rosângela Gabriel, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul, RS.

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa e outra via com a pesquisadora.

_____, ____/____/____.

Nome e assinatura do(a) Participante

Mestranda Maria Isabel Lopes

PPGL UNISC

ANEXO D1**UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL
Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado****Pesquisa “O impacto do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa no ensino da leitura inicial em escolas municipais e estaduais de Santa Cruz do Sul”****Entrevista com os professores alfabetizadores**

Nome do participante:

Função:

Turma atual:

Rede: () municipal () estadual

Zona: () urbana () rural

Área: () central () bairro

Email:

1. Formação

() magistério - ensino médio

() graduação especificar.....

2. Tempo de conclusão

() 3 a 5 anos

() 6 a 10 anos

() 11 a 20 anos

() mais de 21 anos

3. Especialização / ano de conclusão

() pós-graduação – conclusão.....

() mestrado – conclusão.....

() doutorado – conclusão.....

4. Último curso de longa duração que realizou (um ano ou mais):

.....

5. Tempo de experiência no magistério

- () 1 a 5 anos
 () 6 a 10 anos
 () 11 a 15 anos
 () 16 a 20 anos
 () mais de 21 anos

6. Tempo de experiência em alfabetização:

	1ano	2a	3a	4a	5a	6a	7a	8a	9 ^a	10a	+ de 11 anos
1ºano ou pré-escola (6 anos)											
2ºano ou 1ªsérie											
3ºano ou 2ªsérie											
Turma multisseriada											

Total do tempo em experiência em alfabetização:

- () 1 a 5 anos
 () 6 a 10 anos
 () 11 a 15 anos
 () 16 a 20 anos
 () mais de 21 anos

ANEXO D2

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado

Pesquisa “O impacto do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa no ensino da leitura inicial em escolas municipais e estaduais de Santa Cruz do Sul”

Entrevista com os coordenadores do Pacto

Nome do participante:

Escola atual:

Rede: () municipal () estadual

Zona: () urbana () rural

Área: () central () bairro

Email:

Função na escola:

() supervisora escolar

() orientadora escolar

() professora

() coordenadora pedagógica- setor.....

() outro especificar.....

1. Formação

() magistério - ensino médio

() graduação especificar.....

2. Tempo de conclusão

() 3 a 5 anos

() 6 a 10 anos

() 11 a 20 anos

() mais de 21 anos

3. Especialização / ano de conclusão

() pós-graduação – conclusão em

() mestrado – conclusão em

() doutorado – conclusão em

4. Último curso de longa duração que realizou (um ano ou mais):

.....

5. Tempo de experiência no magistério

() 1 a 5 anos

() 6 a 10 anos

() 11 a 15 anos

() 16 a 20 anos

() mais de 21 anos

7. Total do tempo de experiência com alfabetizadores ou alfabetização:

() 1 a 2 anos

() 3 a 6 anos

() 7 a 10 anos

() 10 a 20 anos

() mais de 21 anos

ANEXO E

Professor Alfabetizador - Ee1

1. Descreva a tua experiência como alfabetizador. Qual o caminho que percorres no processo ensino-aprendizagem da leitura junto a teus alunos?

Bem eu acho que eu vou te contar uma experiência que eu faço com eles assim, quarta-feira, nós temos à hora da leitura, nós temos a nossa biblioteca e depois nós temos a hora da leitura, é o momento que toda turma para todas as atividades para ler e 'aí' no final, dá mais ou menos meia hora ou 40 minutos, depende como a turma 'tá' se entrosando nesse momento e 'aí' depois, enquanto isso eu estou lendo junto com eles nesse momento e 'aí' no momento que eles pararam eu faço a minha leitura, uma leitura de um livro e 'aí' pra eles terem sabe, essa noção de um professor gostando de ler junto com eles, não adianta a gente só pedir pra eles ler se a gente não lê também, então aquela vez eu pedi pra eles começar com livros maiorzinhos e 'daí' eu também fui aumentando a minha leitura e 'aí' eles também vão aumentando e eu também 'tô' aumentando de uma vez também e a gente vai fazendo assim, e o outro exemplo que eu dou é terminou a atividade vão ler todo dia, isso na verdade é todo dia, então eu incentivei mais livros maiorzinhos pelo tempo que eles têm dentro da sala de aula pra ler, porque não adianta pedir pra eles ler em casa se dentro da sala de aula, que é o foco de incentivar a leitura tem que ser dado esse tempo e na minha turma eu dou esse tempo.

2. Tu participas do Pacto? Como vêes essa iniciativa?

Muito boa, bem legal, eu acho que a gente tava precisando de uma, que nem eu estou só há dois anos, vai fazer dois anos, então eu comecei junto com o Pacto, é uma experiência a mais, um aprendizado a mais.

3. Existem diferentes métodos para alfabetizar. Tu usas um método para alfabetizar? Qual método ou métodos tu usas?

Não, eu acho que eu uso o método que eu acho que a minha turma está, ela é boa pra minha turma, porque ano passado eu tinha uma turma que eu não 'ia' poder usar as mesmas atividades, esse ano e nem desse ano para o ano passado, porque eu acho que cada ano cada turma é uma turma, tem que fazer as atividades em cima daquela turma, por isso hoje eu ainda estava pensando, não adianta aqueles cadernos velhos, amarelados porque cada

turma é uma turma e tu tem que trabalhar em cima, nas atividades em cima daquela turma.

4. O Pacto fez tu mudares a tua opinião em relação aos métodos de alfabetização?

Não, só complementa, mas mudar não.

5. Quais as principais mudanças que o Pacto trouxe no trabalho em sala de aula?

Mudança, mudança no sentido em que a gente sempre precisa procurar vários caminhos para alfabetizar 'né', então, às vezes, tu têm alunos que tu tem e tenta, tenta, tenta, por mais que tu queira que ele aprenda mais, aquilo ainda não é o suficiente então, tu vai lá, pesquisa de novo outras formas e vai lá tenta de novo pede mais ajuda, nesse sentido assim.

6. Tu achas que o Pacto contribuiu para a qualificação do ensino da leitura? De que forma?

Eu acho que ele contribui, acho que tudo contribui, porque tudo que é aprendido pra gente eu acho que é uma contribuição, sabe eu acho que a gente não pode ficar no nosso mundinho, com nossos olhos fechados, a gente tem que 'tá' sempre aberto pra todo o tipo de experiência e o Pacto uma forma de... Mostraram livros diferentes que a gente, às vezes, não tem oportunidade de conhecer, de ganhar esses livros, de trabalhar diferentemente com eles, nesse sentido.

7. Qual a tua opinião sobre o Ciclo de Alfabetização de 3 anos? Há necessidade de 3 anos para a alfabetização? E sobre a não reprovação durante o Ciclo?

Eu não concordo com a não reprovação, eu acho tudo bem, eles têm esse tempo de alfabetização, pode ser até mais, mas eu acho que na mesma forma assim, de que se ele não 'tá' pronto, é assim como a gente aprendeu no Pacto, porque, agora a não reprovação, porque ele tem um tempo pra aprender, só que da mesma forma assim 'oh' 1ºano não passou, vamos supor não vai passar, tu vai ficar com aquela criança no outro ano de novo, tu tem condições de no outro ano alfabetizar ela, sabe nesse sentido foi uma coisa que o Pacto nos ensinou e é o que eu não pensava antes. E agora eu penso o mesmo, se eu vou manter aquela criança, falei esses dias até pra professora do 3ºano, tu vai ficar com esses dois, provavelmente dois alunos contigo ano que vem de novo contigo, ano que vem eles vão se alfabetizar no 3ºano e é nesse ponto que ainda falta alguma coisa, até no Pacto, dentro do Pacto falta alguma coisa em relação a isso.

8. Tu achas que o Pacto pode produzir mudanças na qualidade da alfabetização no Brasil e produzir efeitos de longo prazo na qualidade da leitura e escrita dos estudantes brasileiros? Por quê?

Tudo depende dos professores, mas eu acho que o Pacto, a gente fala o Pacto em cima das crianças, mas o Pacto tem que trabalhar a cabeça dos professores, eu acho que a mudança primeiro tem que ser com os professores, se não tu não consegue alcançar as crianças, então eu acho que na qualidade de leitura e escrita, eu tinha uma certa visão que eu acho que depois, com o aperfeiçoamento do Pacto eu me amadureci mais, primeiro o professor tem que mudar e tem que estar disposto a mudanças e depois vai conseguir alcançar os alunos se não, não.

9. Em que medida tu consideras que a escola (professores, alunos e famílias) se sente comprometida com o objetivo de melhorar a qualidade da leitura e escrita dos estudantes?

O exemplo que eu vou te dar é do meu aluno que veio agora em setembro, lá de Sapucaia, não lendo. Lendo sílabas simples, palavras dissílabas, sendo que os meus já estão na cursiva, o que eu fiz com ele, chamei os pais, ou a mãe e disse ou ele vai pra sala de recursos, além do apoio que a gente está dando em sala de aula ou vocês dão apoio em casa, agora ele já está lendo uma frase simples, interpretando uma frase, então o apoio dos pais é fundamental, mas os professores tem que chamar os pais e a escola tem que estar liberada pra fazer essa comunicação, tem escolas que se fecham eles não deixam essa comunicação e os pais tem que estar, tem que ter uma união, não só professor e aluno, tem que ser todos, 'aí' consegue uma alfabetização melhor pra todos.

10. Tu tens conhecimento sobre os estudos da neurociência em relação ao processo de aprender a ler e a escrever? Esses estudos foram contemplados em algum momento nas discussões ou material disponibilizado pelo Pacto e são relevantes para a prática pedagógica?

Só da faculdade. Sim, são porque é 'ali' que a gente descobre, vamos supor, principalmente, os distúrbios, as dificuldades das crianças na aprendizagem, tu saber da onde é a dificuldade, quantas, às vezes, a gente 'ah', aquela criança é burra, não sabe, não, tem que ter algum motivo, tem que estudar pra ter o motivo daquilo 'ali', que pode ser vários, pode ser a família, pode ser da própria criança, pode ser um problema neuro, pode ser qualquer coisa, então eu acho que aprendi um pouco, mas não é suficiente, porque na faculdade, na pós a gente não aprende o suficiente, a gente teria que ter aula de psicologia mesma, a gente aprende um pouco no Pacto e eu acho que ela é muito relevante, isso é um aprendizado para o resto da vida.

Professor Alfabetizador - Ee2

1. Descreva a tua experiência como alfabetizador. Qual o caminho que percorres no processo ensino-aprendizagem da leitura junto a teus alunos?

Bom eu leio todos os dias e agora mais com o Pacto, porque a gente trabalha com a leitura deleite, então antes do Pacto eu não vou dizer que eu lia todos os dias, mas quase todos os dias, quatro vezes por semana e coisas diferentes, às vezes, o jornal, às vezes, revista, uma coisa que eles trazem, uma receita, ou um livrinho que a gente tem na escola, que eu tenho e que eu trago de casa. Essa é a forma que eu mais uso para estimular, lendo pra eles.

2. Tu participas do Pacto? Como vês essa iniciativa?

Na minha opinião é melhor formação continuada que eu já tive em quinze anos, porque não é um método, não é uma técnica, não é uma cartilha, não é nada disso, é reflexão sobre a nossa prática e assim a gente conversa e troca muita experiência pra compreender o porque a gente faz as coisas, porque acredito que a maior questão do professor é que muitas vezes não sabe porque faz, não tem um objetivo claro e são essas coisas que a gente acaba discutindo nos encontros no Pacto. É melhor certamente é melhor curso e melhor formação em quinze anos.

3. Existem diferentes métodos para alfabetizar. Tu usas um método para alfabetizar? Qual método ou métodos tu usas?

Eu uso a construção do conhecimento, Emília Ferreiro e Paulo Freire, mas o método fônico com as crianças que tem dificuldade de aprendizagem, se eu tenho aluno com deficiência intelectual ou com dificuldade de aprendizagem, a dislexia, a disgrafia, eu uso o método fônico. Existem pesquisas que mostram que as crianças que têm dificuldade elas precisam este trabalho mais com o som da letra a formação de sílaba, que se tu entregar para uma criança que tem dificuldade de aprendizagem ela não sozinha construir nada com isso, mas se tu for um por um mais devagar, trabalhando cada letra, a formação mais de sílaba, assim pra ela é mais tranquilo.

4. O Pacto fez tu mudares a tua opinião em relação aos métodos de alfabetização?

Os métodos não, porque eu continuo usando esse método que eu já usava da construção do conhecimento, eu acrescentei coisas no meu trabalho, graças às discussões do Pacto, mas especificamente no método não mudei.

5. Quais as principais mudanças que o Pacto trouxe no trabalho em sala de aula?

Principal mudança é a troca de experiência, porque ali tu ‘tem’ professoras de várias realidades, às vezes, tu ‘acha’ que um problema é só teu e ali na conversa tu ‘vê’ que não é, que as outras pessoas também tem aquelas questões e cada uma usa o seu jeito pra resolver e tu ‘vai’ enriquecendo o teu trabalho e muito mais leitura. A gente recebeu muito livro, livro bom, livros maravilhosos que a gente não tinha acesso, se tu queria tu tinha que comprar e a gente sabe que envolve a questão financeira e essa troca também de jogos e de materiais, a própria questão de apoiar uma a outra nos encontros, uma coisa que não dá certo pra mim dá certo pra outra, ou a gente pode trocar, isso eu acho o maior enriquecimento, eu acho isso muito positivo, eu acho isso uma ferida na minha opinião, trabalha cada um por si e isso acaba dificultando muito, cada um faz o que acha que é certo no seu lugar e a gente deveria trabalhar mais em conjunto, acho que a melhor parte é a gente se encontrar e conversar.

6. Tu achas que o Pacto contribuiu para a qualificação do ensino da leitura? De que forma?

Acho. Acho que contribui muito. Porque a questão da leitura deleite, principalmente, a gente trazer esses livros para as crianças, tinham muitas professoras que não liam para os alunos e que agora leem, isso a gente sabe porque a gente conversa nos grupos e elas dizem que não tinham o hábito de ler e muitas agora fazem caixa de leitura, tem o canto da leitura e isso acaba estimulando e esse material todo que veio que é muito lindo. É muito diferente tu trazer um livrinho desses que vieram nas caixas ou desses que tu comprar dez que vem no CD, numa caixa que a criança já viu centenas de vezes e não tem interesse por aquilo ‘ali’.

7. Qual a tua opinião sobre o Ciclo de Alfabetização de 3 anos? Há necessidade de 3 anos para a alfabetização? E sobre a não reprovação durante o Ciclo?

Eu acho que o ciclo é o melhor caminho, porque as crianças entram agora com seis anos e é muito diferente de quando a gente entrava com sete anos, criança com seis anos é muito diferente da criança de sete anos. O conceito de alfabetização também mudou muito, há anos atrás escrever o nome é estar alfabetizado e hoje em dia não é. Uma criança de seis ou sete anos não tem condições de alcançar todo este processo que envolve alfabetização desde a aprender a brincar, aprender a respeitar o colega, a usar os materiais de forma criativa e mais adiante ler e escrever, compreender o que ela leu e escreveu e isso não é possível em um ano. Para uma criança de seis anos é impossível, ela vai aprender até o final do 1º ano ali, a formar frases, alguns escrevem textinhos pequenos, mas a compreensão ela não vai ter,

então ela precisa, realmente, pra consolidar tudo isso de três anos. Acredito que sim e a não reprovação também, a criança de seis e sete e oito anos, ela não tem com se responsabilizada pelo fracasso e a gente sabe, que reprovar, quando tu reprova, quer dizer que tu fracassou e a criança de oito anos, acredito que de até mais adiante nove, dez anos ela não tem mais essa responsabilidade e quando a criança reprova tu 'tá' dizendo pra ela que ela fracassou e na verdade não é isso e também porque as escolas não tem um planejamento pra recuperar aquela criança quando ela reprova, ela vai reprovar pra fazer as mesmas coisas, talvez com aquele mesmo professor e aquele mesmo contexto e isso não vai fazer ela avançar.

8. Tu achas que o Pacto pode produzir mudanças na qualidade da alfabetização no Brasil e produzir efeitos de longo prazo na qualidade da leitura e escrita dos estudantes brasileiros? Por quê?

Acredito que sim, a gente tem essa oportunidade pra conversar nos grupos de estudos, que muita gente tem se dado conta de coisas que está fazendo e não tem mais necessidade de fazer e coisas que não fazem e poderiam fazer e acho que ao longo prazo faz ser mais visível esse avanço.

9. Em que medida tu consideras que a escola (professores, alunos e famílias) se sente comprometida com o objetivo de melhorar a qualidade da leitura e escrita dos estudantes?

Eu acho que ainda falta muito, é um caminho longo, até que a gente consiga atender essas esferas todas e atingir todo mundo, mas é uma caminhada que a gente vai ter fazer, acho que ainda 'tá' longe de todo mundo se comprometer com isso, mas tem que iniciar na escola e a gente tentar atingir as famílias e as outras pessoas que estão envolvidas no processo.

10. Tu tens conhecimento sobre os estudos da neurociência em relação ao processo de aprender a ler e a escrever? Esses estudos foram contemplados em algum momento nas discussões ou material disponibilizado pelo Pacto e são relevantes para a prática pedagógica?

Eu conheço um pouco e até por causa da pós em Educação Especial. Então a gente tem mais acesso a isso, no Pacto de certa forma a gente conversa também quando trata dos métodos 'né'? De como a criança aprende, de como a gente ensina e aonde pode estar essa falha toda, acho que sim, que a gente tem conversado mais sobre isso e tem levado mais conhecimento nos encontros para os professores.

Professor alfabetizador - Ee3

1. Descreva a tua experiência como alfabetizador. Qual o caminho que percorres no processo ensino-aprendizagem da leitura junto a teus alunos?

Há tempos atrás não começava com a leitura, começava mais tarde com a leitura, depende do assunto que eu fosse trabalhar em sala de aula 'aí' vinha uma leitura. Agora por causa da inserção do Pacto entrou a leitura deleite. Então, a leitura deleite é a 1º todos os dias, uma leitura diferente e necessariamente, não precisa ser de literatura infantil, que nem no caso deles que são do 2ºano, mas assim hoje no caso hoje à tarde eu não pude começar por causa da entrevista, nós estávamos com os livros de Ciências e iríamos ler as curiosidades dos animais, eu ia ler uma e eles iam trazer as curiosidades deles, então íamos fazer uma leitura coletiva um bate-papo em função das leituras que fizemos ontem, que levaram o livro para casa, curiosidade sobre cada animal, o que achavam mais interessante, uma leitura tipo informativa e de cunho curiosidade saber alguma coisa que eu não conheço descobrir, estamos trabalhando sobre os animais, então até conhecer no 2ºano que palavra é esta profe? Que nem o que é um vertebrado e invertebrado, um lá pula e diz eu já sei o que é isso, quando tem osso e não tem osso. É isso que vocês vão descobrir nas leituras de vocês, vão descobrir outros nomes, outras palavras, mamíferos, o que são ovíparos, aparecem os nomes pra vocês nos livros, mas vocês entendem de outras maneiras 'aí' então criança mama, então criança é um mamífero profe. Vamos descobrir outros caminhos, então a leitura é uma maneira mais leve de... Antigamente a gente usava a leitura mais como ponto obrigatório agora não eu sinto ela mais como diz a palavra deleite, por prazer de ler, então como ele não está muito a fim de ler eu não cobro dele exatamente a leitura naquele momento, terminou as atividades dele, então ele está com interesse de ler, terminou, não quer uma outra folhinha, pode pegar outra atividade ou pode ir para o teu livro, tanto que os alunos do 2º ano estão com interesse no Diário de um Banana que é grosso, é uma leitura espessa pra eles, mais pesada, no sentido de quantidade, mas está dentro do vocabulário deles, que a adolescência está mais precoce, então eles estão atrás desses livros. Mas dentro da mesma turma tem crianças lendo livrinhos de literatura infantil, com a letra bastão e com todas as suas diferenças, e todas as sextas-feiras, na escola nós temos um horário específico, que é depois do recreio 1 hora mais ou menos de leitura, é uma hora de leitura da escola. 'Ah' eu não acompanho todas as minhas colegas se estão fazendo exatamente nesse horário mas eu é sagrado, que nem hoje é dia de fazer essa leitura. Eles já sabem eles tem uma caixa de livros na sala de aula e uma caixa de gibis, e podem trazer de casa o que interessa. Este ano a gente implantou a sacola literária, foi uma ideia minha e as gurias encamparam na direção e era para ser uma malinha plástica que eles carregassem, fizeram uma sacola, uma bolsa de

pano pardo e cada uma criou a sua sacola, cada uma enfeitou a sua sacola, arrumou ela, levou dois, três dias para a sacola, depois foram colocados pela diretora, supervisora, não é a professora que coloca, é para ser uma novidade um gibi, um texto informativo, um folheto, alguma coisa assim, uma leitura mais científica, alguma coisa de curiosidade, e vai junto um diário de bordo, que é um caderninho e os pais ou as crianças ou ambos escrevem lá dentro a comunicação que fez através dessa leitura, que fez com os livros, então eles trazem ideias novas, alguns alunos leem e dizem profe a gente lê até o diário, porque a gente quer ver o que os outros gostaram da atividade, já está na terceira etapa e está na ordem de chamada na sequência, eles levam de segunda a quarta e depois de quarta a sexta e depois de sexta a segunda pra dar uma sequência de cada um ter três dias de livros, dos livros ficarem em casa, e eles carregam a sacola, cuidam dela, trazem, houve algumas perdições, de esquecer o material em casa, mas assim gerou um horário, tanto que no depoimento os pais começaram a sentar e ter um horário de leitura em casa e leram as coisas infantis e leram as de adulto e explicaram as de adulto pra criança que eles estavam lendo, também porque os textos informativos que eram só para os pais, na área da psicologia, a gente coloca sobre a educação e sobre os limites, lá dentro e eles explicando para os próprios filhos sobre isso, mas o mais interessante que esse projeto encampado pela escola deu certo e com todas as turmas está dando e fluindo muito bem e a leitura deleite que veio a acrescentar.

2. Tu participas do Pacto? Como vê essa iniciativa?

Eu acho ela boa, é uma ideia interessante, às vezes a condução dela é que não está a contento, não está numa total realidade que a gente vive. Nós em nosso grupo há um trabalho, a gente estava conversando com a colega aqui, o grupo nosso tem uma maneira de ser avaliado ou ser, digamos assim cobrado, mas digamos aquilo que a gente tem que mostrar para o nosso orientador, outro grupo apresenta de outra maneira tem outra estratégia e às vezes a estratégia do outro grupo é a melhor que a nossa, a nossa está... no meu grupo que eu participo e as colegas a gente tem um grupo que é muito cobrativo, tipo assim tu tem que apresentar coisas, fazer e apresentar e aplicar na sala de aula levar o resultado que deu e fotografar e tudo isso, às vezes está muito fora de um contexto e é difícil tu encaixar na tua aula, no teu planejamento o que está sendo estudado no Pacto neste momento, vamos dizer assim agora eu estou com os animais 'aí' eu consigo encaixar as medidas de comprimento que é as grandezas e medidas que nós estamos trabalhando nesse período no Pacto, porque que eu tenho que apresentar o relatório agora até dia nove e eu não vou inventar um relatório só pra contentar um orientador que 'aí' foge os meus preceitos de professora, eu não vou inventar uma coisa na sala de aula que eu não fiz, então eu sou muito coerente nisso e 'aí' a gente sofre, se estressa com essa situação do Pacto, teve momentos

que o Pacto estava trabalhando sólidos geométricos e nós não tínhamos como encaixar com aquela situação, eu não estava com sólidos geométricos, eu estava bem com outra coisa bem fora do contexto, então é difícil tu preparar, planejar e o tempo é curto para isso e a gente não tem tempo para o planejamento a gente faz tudo em casa, então o que acontece planeja para Pacto, temos reuniões pedagógicas da escola, temos os cursos, mesmo que são de 40 horas, palestra, concurso, para uma coisa, sofre a situação que tu não consegue conciliar todos eles ao mesmo tempo, então um sai fraco e 'aí' a gente não quer sair fraco na sala de aula, se esmera ao máximo para estar lá, mas quem sai prejudicado é o professor como ser humano, se desgasta demais e às vezes não consegue alcançar o objetivo primordial, a alfabetização, porque tu vê assim tu injeta coisas e coisas, ideias, mas aquilo que tu precisa trabalhar em particular com aqueles alunos, e tu tem níveis diferentes na sala, eu tenho crianças na minha sala de 2ºano que ainda não estão alfabetizadas e eu preciso trabalhar com elas de maneira diferenciada e ainda por cima com o Pacto junto, com as datas todas as coisas que aparecem no nosso planejamento. Mas é uma ideia... o Pacto ele vem assim a calhar, o ano passado o português trouxe uma ideia muito boa de leitura deleite, que foi a produção textual que a gente teve sempre a ideia, mas na nossa geração antiga a gente tinha que produzir o texto "minhas férias", como foram minhas férias, e hoje a gente produz textos sejam eles pequenos, sem a correção inicial, então tu produz pelo prazer de produzir e antes tu produzia por obrigação 'aí' tu achava maçante a produção, tanto que o aluno não queria 'ah' eu não quero, ganhava uma figurinha para fazer o texto, ele não precisa partir só de uma figurinha para produzir um texto, que é a ideia que a gente tinha, partir de uma figurinha, tem várias outras ideias para criar um texto e texto não é só uma história montadinha numa folha, o texto é diversificado, é um jornal, é uma notícia, é uma reportagem, é uma bula de remédio, é uma receita culinária, então tu tem como criar isso, a gente já tentava criar isso, mas era amarrado pela metodologia, pelo trabalho que antigamente, era muito mais centrado dentro do planejamento que a escola tinha dos planos de estudos que a gente tinha, mas agora deu abertura, com o Pacto deu essa abertura, o que falta agora é tempo para a organização e digamos que seguissem todos uma mesma linha, a gente consegue digamos agora a turma do Pacto trabalha até o terceiro, mas saiu do 3º ano em diante não tem aquela continuidade, 'aí' começa uma guerra de nervos, porque vem os anos finais, na área que ela não consegue socializar na mesma maneira que o Pacto faz, alguns professores até conseguem, na área de português, conseguem socializar como o Pacto faz, e nas outras área fogem, matemática não consegue às vezes se aliar a ninguém, é tipo uma coisa exata e ali ela fica, então a gente sofre essas consequências de ouvir assim 'ah', mas o teu aluno veio, mas ele não 'tá' pronto, eles querem ele pronto e é uma continuidade, então a gente diz o Pacto deveria continuar no 4º e 5ºano, ter uma continuidade.

3. Existem diferentes métodos para alfabetizar. Tu usas um método para alfabetizar? Qual método ou métodos tu usas?

Rsrrsrs... a gente trabalha com algumas coisa do GEEMPA, o Alfa e Beto algumas coisas ele ajudou já, assim tem que ter uma organização, uma disciplina, tu tem que ter horário, a vida é baseada no relógio, a nossa vida social ela nos induz a relógio mesmo, o lado tradicional que a gente traz junto é muito importante, porque ele é um condutor para que tu tenha essa autoridade e não esse autoritarismo, uma autoridade na sala, uma organização dessa tua sala de aula, mas o lado do lúdico entra com as outras tecnologias e tu poder trabalhar os jogos de maneira diferente, não só o jogo pelo prazer de jogar como se fosse um jogo de lazer, mas um jogo educativo que leva, te conduz a entender a matéria, te leva entender aquele conteúdo que tu está trabalhando, então são maneiras diferentes de aliar, então no meu entender de anos, de 23 anos, eu vejo assim, nem tanto ao céu nem tanto a terra. E quando eu falo em tradicional eu penso na escrita, não deixar a criança basear só em folhas prontas, o uso do quadro, ao uso da escrita, a gente está trabalhando com eles já há uns dois anos, voltando com a caligrafia, que ela pode não ser usada diariamente, mas ela é importante, para ter uma motricidade melhor, uma coordenação melhor no próprio caderno, o tipo de caderno tradicional assim 'oh' tu sabendo utilizar o espaço do caderno, ter mais de um caderno, acostumar mais eles com isso, porque antigamente nós tínhamos um caderninho para todas as matérias separadas e hoje eles têm um pra tudo e eles fazem muita mistura, então a gente voltou um pouco nisso, com o caderno de caligrafia, tem o caderno de tema, um caderno de aula, um caderno quadriculado, voltou por causa do Pacto, o caderno quadriculado, a organização visual deles em relação às unidades, centenas e dezenas, saber colocar a numeração corretamente, eles faziam uma embaralhação, então é uma coisa assim para uma organização deles de contexto, o tradicional e também entra ali a questão disciplinar, fazer filas, ter as situações de educação física usando objetos como o apito, introduzindo situações de regramento, coisas que eles precisam para a conduta tanto familiar como às vezes é bagunçada e social também e para a própria escola resgatam um pouco de hierarquia, eles não têm essa mais de saber quem é o teu familiar, quem é teu amigo, quem é teu professor, teu chefe no lugar que tu está trabalhando, tu passa por situações, às vezes complicadas que a criança tem que aprender através da escola, porque a família não deu essa parte ou está pouco com a criança em casa, quem tem que dar é a escola, então o lado tradicional entra um pouco nessa questão.

4. O Pacto fez tu mudares a tua opinião em relação aos métodos de alfabetização?

Eu senti a diferença nos dois, português e matemática mais, ciências vamos ter, ano que vem, ciências e artes, eu senti a diferença nos dois, porque a

gente puxava muito para a aula pronta, já mentalizada, não é só um planejamento, tu já vinha com ela estagnadinha, pronta. Eu me lembro assim que a gente colocava do lado o que a gente não fez e não realizou hoje, dava continuidade naquilo, mesmo que estava fora de contexto, amanhã ele aparecia no nosso planejamento de novo, vamos dar o resto que a gente não deu no dia anterior, hoje já não tu planeja... eu me organizo para semana, mas não consigo, digamos aplicar no dia, não entra noutra dia, vou tentar encaixar de outra maneira, não da mesma maneira que estava na anterior, então o planejamento acontece praticamente diário, porque às vezes a curiosidade é lançada hoje na aula ou surge na aula, é lançada uma pergunta ou uma coisa e ela levanta uma polêmica que amanhã tem que trabalhar com essa polêmica amanhã ou o mais tardar, se não ela vai esfriar o assunto. E isso o Pacto vem trazendo o assunto... baseado no jogo, numa atividade, na leitura dele surge o comentário de alguma coisa que tem a ver com teu conteúdo que não era agora que tu 'ia' aplicar, mas tu traz ele como uma curiosidade de momento da criança e tu despertou a curiosidade é o momento de tu pescar com essa curiosidade, tu conquistar com isso e tu faz com que a criança vai além, ela desenvolve melhor, e a matemática a mesma coisa tipo... agora que nós estamos trabalhando os cálculos com empréstimo 'ai' eles dizem profe dá para fazer isso também com o dinheiro? Se ele lançou a pergunta e isso faz parte do nosso conteúdo, o sistema monetário, aproveitar que ele está perguntando e já entrar com sistema monetário e mostrar o que é o empréstimo, que é a situação que ele vive na vida real lá fora, a mãe pediu empréstimo, o que é o empréstimo, é o que a gente faz na continha também, pedimos emprestado, para poder outra pessoa utilizar o dinheiro, o que é o troco e 'aí' já entramos dentro do conteúdo do sistema monetário, então o Pacto trouxe isso... antes a gente não fazia isso, a gente fazia uma aula naquilo que tu tinha te planejado para aquele conteúdo, outro conteúdo lá na outra semana. O método... pra mim essa aula bem organizada é bem tradicional, e hoje eu não acho que eu não sou tão tradicional, eu digo que eu tenho resquícios, até pela criação da gente, a maneira que a gente traz da própria geração da gente e a gente tem, os mais novos talvez não tragam quase nada disso 'aí', dessa situação tradicional, porque ele já viveram dentro dessa nova evolução, dessa globalização, dessa história diferente que a gente está inserida.

5. Quais as principais mudanças que o Pacto trouxe no trabalho em sala de aula?

Um bom remelexo nas ideias da gente, de como trabalhar, de como tentar... a gente se questionar mais ao levar material para o aluno, a pesquisar mais, procurar. Eles dizem 'ah' profe tu achou no tio 'Google' eu digo, sim, agora a profe tem que estar sempre procurando novidades para vocês e assim às vezes, o velho vira novo, mas de uma maneira revestida, vamos dizer assim. A gente traz lá do Pacto... o caderno quadriculado voltou e volta de maneiras

diferentes que a gente trabalhava, a gente trabalha outras coisas com ele. Esses dias eles estavam trabalhando daí e eu disse para eles que o método 'cuisinere' a gente está trabalhando o método do tempo da vovó e que é mais antigo, mas ele voltou, porque ele voltou de cara nova voltou com jeito de criança de novo e 'aí' com isso a criança aprende a botar a expressão dela pra fora e a não conter tanto, explicando para eles no linguajar deles que eles podem criar mais, só que, às vezes, eles não criam mais porque eles já têm hoje em dia tudo tão pronto, então a gente está resgatando coisas lá do passado, mas com cara nova, tipo assim, porque cara nova, antigamente eles ganhavam tudo no quadro desenhado, não existia o 'Xerox', não existia a mania de vocês podem montar as figurinhas, montam, desmontam, se vocês querem que elas fiquem para sempre a gente registra elas, como a gente registra? Câmera fotográfica, tablet, existe maneiras, a gente pode por isso na rede social, isso que vocês estão trabalhando, de passar a ideia para a outra pessoa, então vem com cara nova, não é mais a mesma coisa que estar lá só no nosso caderno guardado e lá fica, são maneiras diferentes de encarar eu acho a realidade do que... é o novo.

6. Tu achas que o Pacto contribuiu para a qualificação do ensino da leitura? De que forma?

Sim, eu acho que ali se o pessoal que está trabalhando dentro do PNAIC, que está no alcance das pessoas que estão ali elas modificarem a maneira de pensar, que foi o que nós implantamos com a leitura deleite é uma maneira de tu abri o caminho, tem pra contribuir, mas não basta, tem que ter força de vontade para ir atrás disso. Porque que nem nós estávamos comentando esses dias em horário de recreio que a gente tem que ter uma diversidade de leituras, porque a gente vai ter duzentos dias letivos, não quer dizer que sejam os duzentos, mas dentro dos duzentos dias letivos, tu imagina duzentas leituras e 'aí' tu tem que ser muito criativo para não ficar maçante a leitura, tem que ter inovação nessa leitura, ela de repente não vai começar no início da aula, todas às vezes para não se tornar rotina, pra não enjoar, ela não pode ser uma coisa enjoativa, pedante assim 'ah profe de novo. Curiosidade é onde tu entra, se tu está estimulado pela situação que a gente vive no Pacto, ideias fluem e a troca, 'ah' os colegas que tiveram uma ideia interessante, pode não ser a mesma leitura, mas a ideia que ela teve para aquela leitura, que ela pesquisou, que ela buscou... menos pesada pode ser para a turma baixa um pouco mais para... complicar, fazer umas questões ou perguntas para as crianças de um nível acima, depende do nível que as tuas crianças estão, além de pesquisa, troca entre professores que já estão trabalhando, por isso, a gente diz que é muito estanque de 1° a 3° ano a gente gostaria de encampar até o 5°ano, porque é onde a gente está com elas mais próximas até o 5°ano, depois de 5° ano em diante entre as áreas a fins, que no caso muda professor toda hora, mas seria uma continuidade dentro da própria escola desse trabalho.

7. Qual a tua opinião sobre o Ciclo de Alfabetização de 3 anos? Há necessidade de 3 anos para a alfabetização? E sobre a não reprovação durante o Ciclo?

Rsrrsrs. Eu, como tenho esse lado mais tradicional, entro em guerra de nervos com a situação de alfabetização no sentido de não alfabetizar... necessário é, conforme o caso, mas 'aí' eu vejo a reprovação, eu não sou totalmente contra a não reprovar, mas também não sou totalmente a favor, eu gosto da ideia, gostei da ideia, impleiteio a ideia na minha cabeça. Como eu peguei e estou a vinte três anos nessa ação de sala de aula, eu sempre sentia melhoria na criança quando ela reprova quando ela é novinha, pequena, na alfabetização de 1ª série antiga nossa, é porque pega os conteúdos a situação não tão conteudista, ela 'tá' na aprendizagem de alfabeto da iniciação de leitura, o pequeno cálculo concreto ainda, então se ela não amadureceu ela continua nessa atividade incluindo as novidades que hoje tem, que é o lúdico na sala de aula, leituras diversificadas, mas quando ela começa empurrando que é como eu digo, parece que estamos empurrando ele pro 2º, depois pro 3º e depois do 3º é uma barreira que daí pesam as coisas e ele tem que reprovar, só que eu acho que a cabecinha dele 'tá' querendo continuar como ele era, como ele tinha uma segunda chance porque ele tem que parar e ele ainda é criança e eu acho que a criança sofre, psicologicamente ela fica com alguma sequela, alguma coisa 'ali' que deixa ela chateada, já outras colegas dizem o contrário, que isso veio favorecer que ele vai indo e vai aprendendo e vai pegando no embalo dos colegas, mas eu não vejo aprendizagem assim só no embalo dos colegas, eu acho que tu tem que sentir que tu 'tá' firme na alfabetização para tu ir adiante, se não tu não consegue transpor os próximos conteúdos que vem e o amadurecimento dele porque está entrando muito novinho na escola e eu acho que ele está queimando etapas aquelas que a gente trabalhava na pré-escola, a gente sentia assim... hoje a pré-escola eles estão trabalhando conteúdos que eles são nosso da sala de aula de escola convencional de alfabetização, porque no pré a gente assim 'oh' é a parte de motricidade, o amadurecimento dele pra entender o que vem pela escola lá pela frente, ainda no caminho deles de vida escolar e ele tranca, então ele chega muito novinho e é como se fosse um depósito de criança, ele chega no 1º ano coitado, se depara com aquele monte de coisas diferentes, mas ele não está bem ainda no recorte, rasgadura, colagem, ele não sabe se adaptar no 1º ano pra ir pra dentro de um caderno, colar as folhas, preencher as folhinhas, com esse conhecimento que ele vai adquirindo, porque alguma coisa ficou para traz e uma das coisas que fica é a infância, brincar, então ele traz essa brincadeira para a sala de aula, da onde deveria ser o lúdico infantil ele quer o lúdico recreativo na sala e eu sinto essa barreira até no 2º ano. Agora é consegui fazer com que ele pare, consiga parar ter uma produção, nessa parada, ele está muito hiperativo, que faltou pra traz esse brincar, ter hora livre, agora as famílias não conseguem mais segurar eles em casa, então eles vão

para as escolinhas e outros lugares e nem toda escolinha tem o espaço físico adequado, eles vêm parece que saíram de uma lata de sardinha, explode para dentro da escola e aí dentro da sala de aula eles querem fazer tudo o que eles não conseguiram fazer naquele outro turno, eles não dormiram direito, não comeram direito, não se alimentaram direito, não tiveram a família por perto, é só pessoas estranhas a eles, e quando eles vêm para escola, é como se a escola fosse a casa deles 'aí' eles se soltam e aqui também tem que ter algumas regras de convívio que travam eles, pra entrarem no eixo da alfabetização, então eu acho assim tem o lado positivo de até o 3º ano essa situação de não reprovar, mas tem algumas coisas falhas no meio, então não sou nem tanto ao céu nem tanto à terra nesta história, mas assim 'oh' se pudesse voltar eu não sei se voltaria para o antigo sistema de reprovação, mas trazendo as novidades que o Pacto e essas ideias novas trouxeram, que é trabalhar com a ludicidade na sala de aula, junto não forçar tanto a criança digamos assim é obrigatório... ter conteúdos adequados àquela série e vencer, venceu, venceu não venceu, tem que ficar, amadurecer naquela série pra depois ir adiante, porque eles estão muito novinhos pra aquela série e se eles não desenvolveram lá dentro como eles vão dar o próximo passo, isso é o mesmo que dar um passo no buraco vazio o que vem pela frente como vai ser o tamanho do tombo no próximo.

8. Tu achas que o Pacto pode produzir mudanças na qualidade da alfabetização no Brasil e produzir efeitos de longo prazo na qualidade da leitura e escrita dos estudantes brasileiros? Por quê?

Depende de como o plano está sendo aplicado em todos os lugares "né"? Tem lugares que está fazendo, que podem estar fazendo só por fazer, como se fosse assim cumprindo uma obrigação e aqueles que realmente estão aplicando que a gente nota assim eu ... eu vejo assim quem tem por objetivo o bem estar da criança e enxerga a sua profissão dessa maneira faz, quem está no magistério como um bico, como uma situação assim, eu preciso de emprego, não vê aquele teu aluno na frente. Eu sempre digo assim, eu tenho 23 alunos, mas eu vejo 23 filhos na frente, então eu tenho um objetivo com eles e dentro do lado pedagógico, o afetivo de ver o sucesso deles, mas tem gente que entra na sala de aula cumpre só a sua obrigação, fecha a porta pega aquele negócio do Pacto, aprendeu alguma coisa no Pacto e joga nas crianças, não é jogar nas crianças o que tu aprende no Pacto. Tu tem que estudar aquilo que tu está vendo no Pacto, pra vê se encaixa nas tuas crianças, nos teus alunos porque nem sempre vai encaixar, tu tem diversas situações dentro da sala de aula de aprendizagens diferentes, não é todos os materiais do Pacto que se encaixam na tua série, com aquele teu grupo de trabalho ali, tu tem que ter uma adaptação pra eles, então requer uma coisa, trabalho constante desse professor, de ter conhecimento daquela turma com que ele está trabalhando, continuidade na escola, digamos assim não... o 1ºano tem essa maneira que

eu vejo, 'aí' ele vêm para o 2º ano eu tenho e ele vai para o 3º não tem a mesma visão que a nossa, muda, muda a maneira de trabalhar, é bem diferente, mesmo que ela esteja no Pacto, então a gente procura quando a gente está no Pacto, aqui nós somos 5 no Pacto, a gente procura juntas 'né' tanto que eu tenho só uma turma do 2ºano e então eu brinco, eu sou solitária, no momento que eu sou solitária, não sou solitária, porque as do 1ºano me dão muito apoio e conversam e trocam ideias e eu troco ideias com as do 3ºano que no caso vão pegar os meus alunos no 3ºano futuramente, então a gente faz uma troca ou tu adapta alguma coisa, digamos para não sair muito igual, trabalho no mesmo sentido, pode ser o mesmo tema, mas vamos fazer uma sequência lógica do crescimento, desse tema dentro do Pacto, uma outra abordagem, uma outra maneira de entender isso e ela... eu acho que tem tudo pra dar certo, mas como tem alguns lugares que não tão trabalhando na mesma maneira, porque eu vejo pelos orientadores, porque um cobra de um jeito, de outro, uns vão lá e só tem a aula, leem por conta em casa, não sei se vão produzir nada na sala de aula, de repente estão só lendo e aplicando na sala de aula, será que estas crianças quando passarem pro outro ano ou saírem daquela escola, transferir para outro lugar, elas vão se adaptar, a como está sendo dada a aula em outro lugar e não existe uma coesão total assim não e a gente vê muitas informações desencontradas no Pacto 'né' então, a gente pergunta pra um grupo que está fazendo dentro da mesma cidade tão todos trabalhando com os mesmos livros, o mesmo material, mas com orientações, às vezes, diferenciadas, mesmo se os orientadores vão para o mesmo lugar fazer, tem a sua adaptação para fazer para trazer para nós quando vão a Santa Maria, mas eles... a gente nota, um trabalha de uma maneira... Estes dias eu estava perguntado para a nossa colega como é que era ela não pede um relatório, eles produzem as atividades no Pacto lá, para levar pra sala de aula e aplicar 'aí' quando surte algum efeito, alguma coisa diferente elas trazem em mesa redonda para a turma toda, deu certo, não deu certo, 'ah' eu senti uma dificuldade numa atividade com as crianças, 'aí' uma auxilia a outra dando sugestões 'né' e o nosso já é diferente, o nosso tu aplica e relata em forma de computador e fotografia, é como se tu tivesse fazendo compêndios para lançar um livro sabe, a gente até disse que vai sair um livro de tanto relatório que tem a turma toda, são mais de vinte numa sala, então toda semana tem um relatório, que são 12 cadernos de livros que a gente estuda 'né' não sei, eu vejo assim, minha visão... eu não estou... O pessoal diz assim tu está contente com o Pacto? Nem triste nem contente, eu estou num meio termo eu estou me acostumando com essa situação de Pacto e pescando coisas boas lá na lagoa do Pacto, sabe tipo assim como eu faço com a metodologia, Freire, Emília Ferreiro, projetos adaptativos, qualquer coisa que tu pegar olha ela e sente, dessa eu posso trazer tal coisa, dessa tal coisa e eu monto a minha jogada, como ela se adapta melhor a minha turma, hoje ainda comentávamos aqui, 'ah' ainda fazem diário, aquele diário de escrever dentro, eu gosto de ter o meu caderno, o meu guia físico e espiritual, digo porque é

nele que eu registro assim o que eu lancei para minhas crianças, 'aí' eu tenho uma ideia, e nunca nenhum ano ele é igual a outro, não pego ele para ir ano que vem para o 2ºano, ir com ele de novo com uma outra turma fazer o mesmo, não dá, tanto que a minha caixa de materiais e coisas eu reciclo toda hora, é lixo seco toda hora, porque eu digo, sobra umas coisas, mas elas não são utilizadas, posso usar uma figurinha e adaptar uma frase nova naquela figura, posso usar a frase, mas a figura não posso usar de forma alguma. De repente eu vou usar a figura num outro contexto, a frase lá em outra situação mudando ela e recortando ela e montando uma frase bem diferente daquela ali que eu estava criando com as crianças, então muda tudo, mas tem um guia, eu sei por aquilo ali o que eu trabalhei durante o ano inteiro, se eu pegar o meu caderno, seu sei o que as crianças trabalharam o ano inteiro e tem gente que diz eu só boto os objetivos, eu acho os objetivos muito seco, eu gosto de ter o objetivo, ter o objetivo sim, mas o esmiuçado do objetivo, 'ah' hoje foi trabalhado com essa matéria, esse conteúdo e dele desmembrou para outro e eu estou vendo ali por onde saiu outro conteúdo e nós vamos partir daqui dois dias é diferente do que eu ver só o objetivo, então tem gente que carrega só no objetivo, tipo assim faz uma listinha e essa semana eu vou trabalhar tais objetivos e não coloca assim se fez em forma de leitura, em forma de dinâmica de fantoche, como tu entrou nesse conteúdo, como tu trabalhou e uma maneira até de ano a ano, que tu muda como tu evolui tu vai pegar o conteúdo de dois anos atrás, teu caderno de dois anos atrás, tu vai ver o mesmo conteúdo, mas como tu variou a tua criatividade, em dois ou três anos tu entrou de três maneiras diferentes no mesmo conteúdo, num tu entrou com teatro, num tu entrou com palavras soltas, num tu entrou com fantoches, cada ano tu muda. Nós esses dias comentando que as datas não mudam, mas nós mudamos o contexto de cada data, a gente sempre vai mudando, tanto que agora nosso trabalho é família, não se consegue trabalhar família, porque trabalha-se família, não é que não se consegue maneira de dizer, mas é assim 'oh' a família mudou o esqueleto dela, ela tem agregados agora, ela não é uma família contextual, antiga, pai, mãe e filho em casa, ela mudou, hoje ela tem os avós que moram juntos, 'aí' tem o pai e a mãe separados... 'aí' não pode dividir uma casa, não podem sair da casa, dividem a mesma casa, 'aí' tem três casas que moram os parentes, os amigos que alugam e a família original, no caso que é a do aluno, no caso assim, no mesmo contexto tem mais situações sociais diferentes e eles colocam os bichos de estimação, hoje são uma coisa muito importante para a criança 'né' poucos os casos que não tem os bichos de estimação, os bichos de estimação mudaram, não são gato e cachorro só, hoje em dia eles tem outros animais, nós falamos de animais... profe a iguana e veio o outro e disse e aquela cobra a píton 'né', 'aí' ele disse ela é amarela, profe ela é diferente das outras, só que as outras a profe vai ensinar para vocês que existem um cuidado que se tem que ter por mais que a gente seja curioso, não avance o sinal com o animal, sem ter certeza o que ele é, se é doméstico ou se

ele é selvagem, então os ensinamentos que tu tem que dar continuam sendo os tradicionais junto, mas a diversidade que eles têm hoje é enorme.

9. Em que medida tu consideras que a escola (professores, alunos e famílias) se sente comprometida com o objetivo de melhorar a qualidade da leitura e escrita dos estudantes?

Escola muito comprometida, até porque quando a gente se reúne pra trabalhar sobre essas situações, os objetivos das reuniões é assim, ela é comprometida, que nem nós fizemos a sacola literária para a leitura pra envolver a família e o que a gente sente, é algumas famílias, uma minoria, ela é adepta a isso, ela 'tá' aberta a essa inovação que está existindo, mas outras famílias elas não estão estruturadas e elas não tiram o tempo ou não querem tirar esse tempo pra se envolver com essa situação do filho. Então a gente nota assim tem falhas e a gente quer resgatar e não consegue trazer a família para esse contexto de escola, então quando a gente faz várias coisas, atividades, envolve eles vêm os... talvez eles vão ser o fermento pra outros, mas às vezes tem uns que nem com outro pescando não vem, então tem um lado que é o contexto social que existe e trava famílias de virem, porque estão trabalhando, o horário não fecha com o da escola, a escola como um depósito, a criança fica lá, porque é o lugar que eu tenho a criança mais segura, mas a escola eu vejo mais ligada e procurando sempre fazer trabalhos e buscar novidades e tentar dentro da sua possibilidade, mas a família parte dela, não toda, não é tão bem compreendido ainda, muito novidade ainda pra eles, eles pularam de uma situação totalmente tradicional como a gente diz que a escola... eles iam para a escola pra estudar e voltar para casa, só isso, então não tem aquele envolvimento de família, e antigamente a gente se reporta quando eu era criança pai e mãe, eles frequentavam a escola, como se fosse a comunidade religiosa, era que nem igreja, a gente 'ia' na escola com mais frequência, saiam festas na escola, o pai e a mãe que ajudavam a elaborar junto com a escola, hoje o pai e mãe... quem proporciona é a escola, círculo de pais e mestres, tu vê, mas não é aquela coisa como era antes o envolvimento de família, porque a família... antigamente, tinha um membro da família que ficava em casa que era a mãe, hoje não tem 'tá' todo mundo fora de casa trabalhando pro sustento, então não tem pessoas livres no caso pra 'tá' no contexto e eles não acham esse tempo pra 'tá' no contexto com o filho.

10. Tu tens conhecimento sobre os estudos da neurociência em relação ao processo de aprender a ler e a escrever? Esses estudos foram contemplados em algum momento nas discussões ou material disponibilizado pelo Pacto e são relevantes para a prática pedagógica?

Olha, foi comentado sobre esses estudos logo no início do ano passado, quando a gente fez um trabalho do Pacto, mas tipo assim, não foi aprofundado,

não foi colocado muito, logo se partiu para as atividades e situações práticas de sala de aula. E quanto a contribuir eu acredito que contribua, quanto mais a gente entender esse lado da neurociência mais importante pra nós, só que se tira pouco tempo pra isso. Entrou no Pacto dão umas pinceladas, umas coisas, na escola também quando tem os cursos, mas são palestras momentâneas, rápidas e não é aprofundada muito conosco, a gente pode ter o conhecimento, não digo o conhecimento, esclarecimento e informação, mas um conhecimento mesmo eu acho que ainda falta bastante pra nós, tem que ter mais, tem que ter um avanço melhor de estudo. Seria importante se desse ter a continuidade que a gente pede, que fosse adiante, que o Pacto fosse adiante, fosse trabalhado todos os conteúdos como a gente tava fazendo, mas que fosse trabalhado num contexto maior, mais amplo com todos, digamos foi até o 3º ano e 'aí' ensino médio e o meio que é muito importante, porque esse corte no meio, assim uma continuidade e eu acho a situação assim é... imprescindível além desse Pacto, todo um trabalho ainda que gente batalha muito que é familiar e social, que é importante que precisa, nós estamos estudando, o professor estuda, todo mundo se empenha pra isso, mas as famílias não estão com a organização delas... é um contexto familiar que está todo desestruturado, então ele não segura as novidades que vem por 'aí'. Eu sempre digo assim, tu pode dar um eletrônico, mas e o outro lado antes de chegar no eletrônico, que valores tu trabalhou até chegar essa criança com o eletrônico na mão, como 'tá' a vida de rotina dessa criança, em casa eles não tem uma rotina adaptada para esta criança estudar, hoje passei por um exemplo na sala de aula, dei atividade de leitura de curiosidades para eles levarem o livro que eles adoram, mas o livro didático, o didático é uma coisa muito pronta, muito estanque, então ele é mais que um informativo, livro de ciências ainda não pode escrever dentro 'né'... tem aquela coisa toda que tem pelo governo, então ele leva o livro de ciências eles ficaram encantados com os animais, porque chegou em casa e morreu a leitura, hoje quando eu perguntei qual a coisa mais interessante que vocês descobriram ali dentro dos animais, que falavam de animais que eles não tem contato visual, como ácaro e tinha curiosidade do que era o tamanho do ácaro, onde se encontra o ácaro, eles não fizeram nenhuma pergunta, mais da metade da turma nem pegou o livro de dentro da mochila, mas o que aconteceu que a gente não visualiza isso na chegada da família, será que quando a família chegou mandaram guardar a mochila porque tinha que jantar, saí para outro lugar ou fazer uma outra e tiraram o momento de estudo dessa criança ou a criança pergunta, nós já fomos criança, a criança pergunta e a família diz assim, agora não, depois nós vamos conversar sobre isso e daí fica esquecido o assunto, daí no momento que a criança te fez uma pergunta, hoje eu aprendi tal coisa, mãe hoje eu vi sobre os animais, eu vi umas curiosidades e a mãe diz agora não, na hora da janta não, mas então dá uma opção, agora nós temos que jantar, então depois da janta vamos sentar com o livro e ver o que tem de curioso lá dentro e isso não está tendo nas famílias mais eu acho, então hoje eu senti na pele... assim vou mandar pela segunda vez, mas vou

mandar um bilhete junto, gostaria que os pais fizessem uma leitura com os filhos e descobrissem alguma curiosidades sobre os animais, pra vê se eu pego onde é o lance que está... é ali na família, porque de tarde eles estavam com o livro em polvorosa e 'aí' como tinha pai junto mais adiante e profe e o resto? O resto vocês podem levar o livro pra casa, pesquisar, olhar o livro bastante, 'aí' cada um ganhou um bichinho, outro que não estavam no livro pra pesquisar daí eu disse podem procurar, bisbilhotem, seja bem metido, vão procurar coisas e vê, trazem para nós discutir na sala de aula, vamos conversar depois na sala o que vocês descobriram, a curiosidade era grande, sobre os animais eles não tão em contato toda hora, mas hoje quando chegaram, antes da entrevista, agora eles travados mais da metade, mais de dez crianças, são vinte e três, mais de dez crianças não botaram a mão no livro 'aí' travou o trabalho dos outros na hora 'né', porque os que leram queriam contar 'aí' tu tranca, 'aí' eu disse pra eles, então hoje na hora leitura nós vamos fazer duas sessãozinhas, nós vamos ficar no canto da sala e vamos discutir sobre os animais e os outros vão ler, vão ver outras coisas e vão levar o livro de novo pra casa 'aí' vai com bilhete, mais 'aí' entra o tradicional, tu tem que ser cobrativa, de uma maneira sutil, mas tu tem que ser cobrativa, tu tem que fazer com que aquela família abra espaço para aquela criança, talvez não é desestímulo da criança, é conduta familiar, não é ele que não está desestimulado, é que ele não cria força sozinho pra combater aquela má conduta que tem ali no caso, que eu chamo de preguiça, às vezes, eu digo assim falta de tempo ou preguiça, as duas.

Professor alfabetizador - Ee4

1. Descreva a tua experiência como alfabetizador. Qual o caminho que percorres no processo ensino-aprendizagem da leitura junto a teus alunos?

Normalmente eu inicio a minha aula com uma oração, mas é uma combinação que eu tenho com a turma, daí eu vou explicando o que eu vou fazer no decorrer da manhã, a gente vai ter informática, hora cívica, o que a gente vai trabalhar no caderno, vamos ter um momento no pátio e eu explico no início da manhã o que a gente vai fazer, até para eles terem a rotina deles e depois eu tenho um momento de leitura mesmo que eu faço todos os dias, que eu faço as onze e trinta, porque a gente solta as onze e quarenta e cinco. Então, que digo pra eles que é à hora da leitura, eles já guardam o material, eles já sentam, já sabem que é o momento que a gente vai escutar uma história, quando ela é muito extensa eu conto em dois, três dias se não eu conto num dia só, e sempre eu tento pegar a abordagem do tema que eu estou trabalhando quem nem agora a gente escutou muitas lendas, agora, esta semana como a gente 'tá' na semana da pátria eu ainda estou nas lendas, mas eu já estou dando enfoque com alguma coisa da pátria e na sala de aula, no fundo da sala eu tenho um mural que está escrito hora da leitura, 'ali' eu sempre exponho textos também do que a gente 'tá' trabalhando em aula, quando eles estão prontos que eles possam olhar e ler, conversar com o colega sobre o que está escrito, é poema, é música, é poesia, é história em quadrinhos, o que eu acho daquele tema eu exponho pra eles lerem, ponho no mural, coladinho, mas eu quero e já conversei com a profe "A", eu quero fazer um varal no final da sala, pendurar com revistas, livros, mas ainda não consegui o trâmite, tu sabe, escola, a gente vai falar.

2. Tu participas do Pacto? Como vês essa iniciativa?

Participo. Eu vejo muito produtiva porque enquanto profe a gente 'tá' sempre aprendendo, a gente 'tá' sempre num processo de aprendizagem, eu sempre digo a gente não sabe tudo, então... Pra mim assim foi um crescimento muito bom nessa área da leitura mesmo, agora este ano a gente tem matemática, mas eu lembro que eu sempre tinha dificuldade de como eu vou escolher um livro, eu tenho que só ler, eu posso usar outra metodologia, eu posso explorar diferente, nesta questão assim o meu grupo a gente faz muita troca, de pegar um livro de literatura e a gente vai explorar em qual sentido, em quais áreas de conhecimento, a gente tem muito isso... Pra mim foi muito produtivo ir no Pacto, a gente aprende um monte, eu no caso. Eu acho bem importante a questão da leitura. Eu até tenho um aluno no terceiro ano que ele não lê, ele não 'tá' alfabetizado, ele não 'tá' nem no pré-silábico, ele não identifica, se ele vai escreve /bala/, ele não tem nem o /a/ ainda na palavrinha dele, ele é bem e da questão da leitura eu sempre estou tentando com ele

agora procurar muitas coisas com imagens, pra gente construir depois para o processo de frases, pra depois de textos. Eu acho bem importante pra criança a questão da leitura.

3. Existem diferentes métodos para alfabetizar. Tu usas um método para alfabetizar? Qual método ou métodos tu usas?

Assim, eu não participei do GEEMPA (Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação), destes outros cursos que a gente tinha antes, que eu sei que vocês têm, eu sempre faço assim, eu pergunto muito para as minhas colegas que são alfabetizadoras de 1º e 2º ano quando eu tenho essas situações em sala de aula, 'aí' eu vou vendo, eu vou usar com alfabeto, eu vou usar um jogo, eu vou fazendo algumas testagens que eu consigo e o que vejo que o aluno vai naquele caminho, então se eu te disser que eu tenho um método é meio difícil, porque cada aluno é diferente, mas eu sempre vou 'tá' tentando diversas coisas, é por imagem, por alfabeto móvel, é por joguinho, bem dizer se é um método certo assim que vocês tinham Alfa e Beto, GEEMPA, que tinham essas questões, eu acho que eu pego um pouco de cada, e a gente acaba perguntando muito, faz uma mesclagem mesmo.

4. O Pacto fez tu mudares a tua opinião em relação aos métodos de alfabetização?

Com certeza, pois desde que ingressei no PNAIC aprendi que posso utilizar mecanismos para a alfabetização relacionando com diversas áreas do conhecimento como, por exemplo, utilizando de uma literatura para a construção de um conhecimento alfabético, através de palavras, frases, gravuras... enfim, consigo pegar um pouco de cada método de alfabetização e agregando a um só mecanismo, a um só objetivo. Um complementa o outro.

5. Quais as principais mudanças que o Pacto trouxe no trabalho em sala de aula?

Eu acho que é bem essa questão assim, de envolver a criança com a leitura, porque até então antes de entrar no curso, que eu já lecionava eu tinha muito aquela coisa a criança foi na biblioteca, retirou um livro, vou fazer um trabalho, uma ficha de leitura, vou fazer uma abordagem. Eu sempre tinha aquilo muito tradicional, a hora que eu entrei lá no curso e vi a gente pode usar a leitura como conteúdo de sala de aula pra mim foi um mecanismo muito grande, abriu muitas portas, a gente tem um material muito bom, o material que veio é ótimo, então a gente consegue englobar aquilo ali em diversas áreas, tu consegue abrir mais o campo, não é aquela coisa de vou na biblioteca, retiro o livrinho, faço leitura, levo de volta, aquela coisa mecanizada e tu acaba usando em outras práticas também isso. E a questão da alfabetização lembrei outra coisa, eu gosto muito de trabalhar com o concreto e eu não sei se entra na questão ainda da leitura, primeiro sempre eu faço uma coisa concreta, depois

eu faço uma coisa prática, por exemplo, lá eu vou trabalhar, em português, o substantivo, eu penso assim se até o 3º ano tu vai lá dá a nomenclatura eles não conseguem construir é muito abstrato, então eu vou lá trago figura, 'ah' como é nome disso, então isso que a gente dá nome a gente engloba como substantivo, sempre eu gosto de dar uma coisa prática e para depois passar para a parte teórica que a gente trabalha. No meu ponto de vista eu acho que eles assimilam mais fácil, do que tu chegar lá e falar, falar.

6. Tu achas que o Pacto contribuiu para a qualificação do ensino da leitura? De que forma?

Da leitura sim, só que 'aí' tem outro problema, daí vai da abordagem de cada professor. Pra mim, na questão a escola teve um grande ganho na questão dos livros que veio, na questão dos jogos 'aí' quando eu que participo do Pacto, as atividades que a gente faz lá, nas atividades práticas, a gente pega uma leitura, a gente estuda ela, a gente vê as diversas possibilidades, que a gente consegue encaixar na nossa turma, nesse ponto eu acho que foi, porque querendo ou não são mecanismos que a gente tem pra usar na sala de aula. Até então tu só pega um livro, tu vai ler é a tua visão, assim quando tu troca ideia com os outros tu começa, 'ah' ela faz diferente, eu posso fazer assim e 'aí', então começa a juntar as ideias, pra mim é muito positivo nesse ponto. Questão pra acesso na sala de aula também. Pesquisadora pergunta: - Tu achas rico essa questão do professor trocar com outro professor? Eu acho que no grupo de professor, vou fala uma coisa meia feia é que hoje em dia a gente que trabalha em escola e eu tenho uma visão assim escola não é eu, a escola não é minha turma, não é meus alunos a escola é um todo, a gente é professora alfabetizadora, a gente tem que trabalhar junto, não adianta, eu tenho essa visão, não posso chegar no 1º, no 2º e cada um fazer por si e porque as crianças mesmos se perdem, a gente tem que ter uma linha, uma sequência, mais é difícil, tu sabe que é difícil, não temos isso, infelizmente. Sabe que eu trabalhava ano passado em outra escola, na escola que eu trabalhava, nós três as alfabetizadoras da outra escola, trabalhávamos em conjunto, porque o que a gente aprendia 'lá' a gente conseguia aplicar, e agora que eu vim para esta escola eu estou meio por fora e eu não estou conseguindo vamos dizer englobar com as gurias e tem também a questão da abertura como pessoa, não é com todo mundo que tu consegue jogar vamos dizer assim.

7. Qual a tua opinião sobre o Ciclo de Alfabetização de 3 anos? Há necessidade de 3 anos para a alfabetização? E sobre a não reprovação durante o Ciclo?

Eu me preocupo um pouco porque eu acho muito interessante essa questão de avançar, na verdade o aluno não reprovar, que é a gente chama, só

que eu me preocupo num outro ponto assim eu como profe de 3º ano o aluno chega lá no 3º ano, onde querendo ou não todas as crianças têm acesso à alfabetização, tão lendo e escrevendo, 'aí' tu deparas com um aluno que não consegue, eu acho que pra ele isso é muito um conflito emocional e tu 'tá' numa sala de aula onde todos leem, todos conseguem, tu tem acesso a tudo e eu 'lá' enquanto pessoa não tenho, e eu fico pensando a minha profe faz coisa diferente, faz e pela minha realidade também eles perguntam porque eu tenho que fazer diferente, porque eu tenho que fazer isso? Por mais que tu não expõe, a criança vê que 'tá' todo mundo copiando do quadro, porque eu tenho que fazer um jogo, tem que montar umas letras, umas palavras. Eu acho que isso pra criança, eu não sou psicóloga, não sou doutora, mas eu acho isso do psicológico é muito brusca, eu acho que vai marcar muito para a vida deles porque enquanto tu 'tá' com uma turma que está no mesmo andamento, pra eles é muito bom, tu 'tá' num lugar diferente, eu não sei se isso é bom até certo ponto, eu não sei, porque eu sou da opinião se tem que reter, tem que ficar se é positivo, não aquela coisa assim o aluno, às vezes, acontece do aluno não sabe uma coisinha tem que ficar, não é assim, mas essas questões do aluno chegar num 3ºano muitas vezes não conhecendo letras eu me preocupo um pouco. Eu acho bem interessante a questão dos três anos, porque hoje eles entram na escola com seis anos e querendo ou não até por volta dos onze e doze anos de idade ainda eles tão na questão do concreto e eles têm muita pouca abstração, e eu vejo assim é muito bom, é, mas a gente sempre tem que pensar até que ponto isso é positivo para o aluno, porque nós profes ainda a gente tem aquela visão assim não o aluno não leu no 1ºano, ele vai para o 2ºano a profe do 2ºano ensina, do 2ºano vai pro 3ºano, a gente tem muito isso só que acho assim querendo ou não em minha opinião isso 'tá' meio distorcido a coisa, 'tá' meio bagunçado porque a gente 'tá' só vendo a nossa visão de profe e se a gente pensar três anos para a alfabetização pra tu aprender a ler e escrever no meu ponto de vista é muito, mas para alguns alunos exige esse tempo, então é bem contraditório para alguns é pouco e para muitos precisa esse espaço de três anos só que eu acho que se é alfabetização, então a gente tem que querendo ou não se frisar na alfabetização nestes três anos, alfabetização e letramento porque, às vezes, acaba fugindo um pouquinho disso.

8. Tu achas que o Pacto pode produzir mudanças na qualidade da alfabetização no Brasil e produzir efeitos de longo prazo na qualidade da leitura e escrita dos estudantes brasileiros? Por quê?

Eu acho. Eu acho porque assim, mas também 'aí' é meio contraditório, porque se eu fizer o Pacto, e não trazer as minhas práticas pra sala de aula ele não vai agregar em nada, então falando do que eu faço, eu acho bem produtivo, porque quando eu iniciei o Pacto ano passado eu não usava esses métodos de vamos fazer leitura, expor textos, eu era bem tradicional mesmo,

porque o que a gente aprende a gente acaba querendo ensinar e depois que eu comecei isso aqui na minha sala mesmo, eu comecei a fazer mais essa questão de leitura, eu vi que eles despertaram mais interesse, porque querendo ou não, 'ah' eu tenho o hábito, eu 'tô' lendo com eles, 'ah' profe o que tu 'tá' lendo? 'Ah' eu 'tô' lendo um livro meu, uma revista minha. No momento que a gente tem, às vezes, leitura, quando eu não faço a leitura oral, então eu acho assim que ainda não tem um crescimento para eles, mas é muita aquela questão assim dependendo da maneira que tu vai expor, eu acredito que ainda a educação ainda tem solução.

9. Em que medida tu consideras que a escola (professores, alunos e famílias) se sente comprometida com o objetivo de melhorar a qualidade da leitura e escrita dos estudantes?

Os pais hoje em dia, estão bem relapsos, aconteceu não sei, nesse longo período de vida das pessoas, eles simplesmente largaram as crianças para escola, aquela responsabilidade que eu me lembro de quando eu estudava que a profe chamava e dizia, olha mãe tem que puxar na leitura, isso se tu falar hoje, isso não gera efeito nenhum, então querendo ou não as crianças, eles veem, pelo exemplo, então os pais leem em casa, não, os pais tem tempo para fazer isso, não, eu também acho que a vida é muito mecanizada. Enquanto escola eu acho que sim, a escola tem que resgatar isso, trabalhar um pouco disso, porque a gente está com eles aqui a metade do tempo da vida deles, querendo ou não é de responsabilidade nossa essa questão da leitura, mas eu vejo que enquanto escola, ainda falta muito nesse ponto, a escola ainda deixa a desejar.

10. Tu tens conhecimento sobre os estudos da neurociência em relação ao processo de aprender a ler e a escrever? Esses estudos foram contemplados em algum momento nas discussões ou material disponibilizado pelo Pacto e são relevantes para a prática pedagógica?

Eu acho que são relevantes. Esses estudos que eu tenho são mais fora, em cursos ou palestras que eu fiz, 'lá' gente trabalha como eu te disse tem mais teoria e prática, não que a gente não trabalhe essa questão da neurociência, mas é muito pouco. Tanto assim, que eu lembro vagamente de algumas coisas que a gente trabalhou nesta questão, mas quase o que eu tenho de habilidades que a gente está transformando bem nestas questões de palestras e cursos que eu fiz, em formações. No Pacto não, não que eu lembro. Pode até acontecer até no Pacto que eu faço semanal, mas pelo Pacto a gente tem uma formação, então ali pode ser que eles trabalham, mas eu vejo que a preocupação muito deles é assim a questão de como trabalhar tal conteúdo introduzindo leitura, como trabalhar tal coisa, introduzindo a literatura, eles têm muito aquela preocupação vamos introduzir a leitura, eu vejo que é bem a preocupação deles, isso é bem claro.

Professor alfabetizador - Ee5

1.Descreva a tua experiência como alfabetizador. Qual o caminho que percorres no processo ensino-aprendizagem da leitura junto a teus alunos?

Bem eu sempre, a minha formação de professora é magistério, então pra mim esta questão de trabalhar qualquer contexto, qualquer coisa que tu vai trabalhar, seja o nome no início da alfabetização que tudo mundo trabalha o nome 'né' pra incluir as letras do alfabeto, eu parto dali, desta vivência deles, que a maioria traz isso de casa, vem das creches, pelo menos a escrita do nome hoje em dia não é mais uma dificuldade para os alunos e 'aí' parto disso e essa coisa de recitar o alfabeto, cantar as músicas, que tragam os nomes das letras ou o som das letras isso é diário até o final do ano no 1º ano. Depois tu pega um texto, uma leitura, uma história que envolva eles e tu trabalha assim quinze dias, pra eles ter a questão de memorização de palavras pra eles ter onde buscar que uma coisa que o GEEMPA trouxe e eu sempre gostei de fazer, porque que eu tenho que memorizar palavra, pra mim saber se eu quiser escrever gato, gaveta, gaiola o som do gato, gaveta e gaiola é o mesmo, principalmente, assim o GEEMPA ele sempre trouxe várias palavras e tem gente que não concorda em ficar decorando a famosa decoreba, mas hoje eu vejo, lembra 'lá' do que eu gosto de trabalhar O Choco do chocolate, 'lá' da historinha que eles não esquecem o 'CH' que é uma dificuldade ortográfica para o 1º ano, então são essas coisas que tu facilita para o aluno. Essas coisas eu gosto de trabalhar e fazer com eles para iniciar a leitura e escrita. Eles saber de cor versinhos, musiquinhas, assim que eu procuro trabalhar bem é esse caminho que eu procuro.

2.Tu participas do Pacto? Como vês essa iniciativa?

Pra mim eu gosto dele porque ele mexe com a gente, ele desacomoda até quem não gosta de estudar, tem gente que nunca fez outro, e fez pedagogia e veio pra sala de aula e se não tiver uma coisa assim que vai fazer a pessoa se movimentar, procurar, estudar, ela vai com aquilo que ela aprendeu e vai tentar fazer aquilo de qualquer jeito dá certo, mesmo que aquilo não seja o caminho pra alfabetizar as nossas crianças. Então quando tem programa, tanto hoje é o PNAIC e antigamente era o GEEMPA e teve aquele Letramento que algumas coisas as escolas públicas do estado participam outras o município ou não, infelizmente não é para todos, mas eu sempre acho assim quando tem um movimento que mexe com o professor e ele tem que desacomodar ele fica bravo, ajuda daí eu acho que nós professores, precisamos ser provocados a ficar com raiva, porque quando eu tenho raiva eu me mexo, ou eu mudo ou eu saio fora porque não é o que acontece porque na maioria das vezes a pessoa muda. Isso que eu gosto de qualquer programa que tu for convidar, vamos fazer? A gente quer fazer, quer dizer eu posso falar por mim, mas eu

tenho um grupinho assim que trabalha junto comigo que é bem tranquilo, A gente faz porque desacomoda e por mais que, às vezes tu não goste ou tu tem que ir lá e trazer trabalho pra casa, mas te desacomoda e de que a pouco alguém fez certo e tu também vai querer fazer, tu mexe com as pessoas e isso é que eu gosto.

3. Existem diferentes métodos para alfabetizar. Tu usas um método para alfabetizar? Qual método ou métodos tu usas?

Eu sempre procuro usar o construtivismo porque é uma coisa que hoje a gente pode dizer de que ele é legal, aí tu ‘vai’ o GEEMPA é uma palavra pós-construtivista porque muita gente não conhece e então se eu falar em um certo lugar eu sou pós-construtivista muita gente não vai saber. Porque na verdade é o programa o GEEMPA, o grupo desmontou o que era bom, tirou o que era bom do construtivismo e levou pra eles e o que era ruim eles não colocaram. Esse grupo o pós-construtivismo ele tem muita coisa do construtivismo, que onde a gente acabou a gente se formou estudando, geralmente todas as linhas e tu puxou para que tu queria mais, que era na época tentaram meio que colocar o construtivismo na gente, na minha época de formação ali em noventa e nove o ‘bum’ do construtivismo, mas realmente isto foi no magistério a gente pegou muita coisa boa e ‘aí’ quando eu entrei que eu fui na época a gente foi forçada a fazer o GEEMPA e quando eu entrei lá muita coisa era o que eu fazia em sala de aula, então eu peguei o que eles também tinham, jogos eu sempre usei nas minha aulas, eu sempre fui assim... aula dinâmica, então o GEEMPA tinha coisas que eu gostava, então eu sou construtivista, sempre fui assim dessa linha, só que chega uma hora que tu tem que dar uma acalmada no teu aluno e ‘aí’ tu vai ver que tu usando coisa lá de outra linha, mas para aquele momento o aluno ‘tá’ precisando é daquilo ali e tem coisas que eu tenho que ter consciência e meu aluno agora não consegue, essa criança não consegue aprender no barulho ou na integração, ele precisa de um tempo só pra ele, então eu tenho que parar, não adianta eu ficar empurrando remédio para uma dor que eu não tenho. ‘Aí’ eu tenho que voltar ‘lá’, às vezes, trabalhar sílabas, era um horror, como é que tu vai trabalhar famílias silábicas e o aluno que só fica fonético quando ele conhece as sílabas e o som das letras, daí tu precisa sair ‘lá’ da linha do construtivismo que não para para trabalhar sílaba por sílaba, pra voltar ‘lá’ na outra proposta que trabalha fonema, que trabalha a fonética, que trabalha as sílabas.

4. O Pacto fez tu mudares a tua opinião em relação aos métodos de alfabetização?

O meu grupo, o meu grupo de estudo do PNAIC de estudo ele busca muito a linha do GEEMPA, quase todas fizeram GEEMPA, o próprio supervisor na escola dele participou do GEEMPA, ‘aí’ aqui da escola a maioria participou do GEEMPA e muita gente que não participou a gente contaminou porque a

gente gostava, então geralmente, todo mundo trabalha nessa linha, porque é um grupo que a maioria fez e gostou e hoje gosta e levou pra sua escola e 'tá' trabalhando nessa linha. O meu grupo é assim e acaba acontecendo assim no meu ponto de vista o Pacto não te obriga a usar nenhuma linha, ele faz tu pensar a tua metodologia e mexe pra vê o que tu "tá" fazendo errado, 'tô' deixando de dar leitura para meu alunos, eu 'tô' deixando de promover momento de leitura pra deleite, eu só 'tô' dando leitura pra cobrar alguma coisa, que "daí" se torna desagradável, eu não 'tô' mais, as minhas leituras não são mais por prazer são leituras por dever, 'aí' a criança não quer ler, daí isso 'aí' o Pacto ano passado da alfabetização fez a gente mexer bastante e nos proporcionou uma biblioteca rica em literatura na verdade e isso é bem legal, 'tá' bem interessante. O Pacto só me deu mais subsídios.

5. Quais as principais mudanças que o Pacto trouxe no trabalho em sala de aula?

Eu posso dizer que ele continuou me provocando porque ele te faz lê, te faz procurar e vê, te desfiar pra vê se o que eu 'tô' fazendo 'tá' certo, ele me dá o desafio de saber se eu 'tô' fazendo a coisa certa, 'tá' indo pelo caminho certo, porque a gente não sabe se 'tá' sempre certo, e gente sabe que as escolas elas não tem aquela coisa, o supervisor que vai lá, olha isso que tu 'tá' fazendo, tu acaba... o supervisor não tem tempo pra toda hora fica de dando o caminho e 'lá' no Pacto tem aquele grupo de estudo semanal, que é bom, que o professor 'tá' gostando, e eu sou super a favor de grupo de estudo, a hora, essa unidocência deveria ser pra leitura e discussão de fatos, não o muro das lamentações. Mas pra tu saber se teu caminho, 'ah' eu 'tô' fazendo assim, só que quem botou esse hábito em nós de novo foi o GEEMPA, porque tu tinha que ter grupo de estudo no GEEMPA, tu tinha que apresentar o relatório semanal, tu tinha que discutir com os teus colegas e isso nunca existiu antes, nenhuma proposta até então tinha te colocado o desafio, te imposto na verdade, porque era imposto, tu tem que fazer. E querendo ou não desacomodava e a gente pegou gosto pela coisa, eu gosto assim e o Pacto faz a mesma coisa e tu tem aquele encontro na semana que é pra ver novas atividades, pra trocar experiência, pra relatar práticas e não pra reclamar e receber recados, que é o que, às vezes, acontece.

6. Tu achas que o Pacto contribuiu para a qualificação do ensino da leitura? De que forma?

Sim. Ele contribuiu porque ele melhorou o acesso à leitura dos alunos, para os alunos, porque a gente acabou recebendo aquelas bibliotecas pra nossa sala de aula, muito boas e desacomodou muito professor que achava que faziam tudo certo e eu acho quando desacomoda professor, que faz a gente analisar a nossa prática tu 'tá' colaborando com todo mundo. Porque tem muito professor comprometido, muito professor comprometido, mas tem muito

professor que entra na sala e fecha a porta e aqui dentro eu mando, vai 'lá', faz tudo direitinho e quando volta aqui se não tiver um colega que cutuca não, não faz nada do que 'tá' na proposta, então é bom que tenha o grupo, porque um acaba vigiando o outro e aquela história que é o olho do dono que engorda o gado, tu não vai querer olhar o teu vizinho 'lá' 'tá' fazendo e tu não, então tu acaba fazendo também.

7. Qual a tua opinião sobre o Ciclo de Alfabetização de 3 anos? Há necessidade de 3 anos para a alfabetização? E sobre a não reprovação durante o Ciclo?

Eu tenho uma opinião minha, que é bem minha que, às vezes, as pessoas querem me matar. Eu acho assim, eu acho que eles não devem de reprovar, só que quando o governo diz que a escola teria um professor de apoio até o 3º ano, se essa proposta fosse cumprida ia ser mais fácil de atender, entendeu? Porque realmente pega um aluno 'lá' que te citei o exemplo antes, ele vem sem creche no 1º ano, a gente tem que rebolar pra essa criança pelo menos despertar para o mundo da alfabetização, porque letrado eles vêm, mas eles vêm com uma pobreza de conhecimento e então tu é obrigada a apresentar, dar um choque nele no 1º ano e se tu tem colega parceiro que entende como tu trabalhou no 1º ano, continua isso no 2º ano, vai tu, vão levar eles para o 3º ano pra melhorar a escrita ortográfica deles e a leitura e 'aí' o ciclo funciona, só que o que acontece nas nossas escolas a gente vai empurrando e fazendo o que dá 'aí' quando eles chegam no 3º ano muitos não conseguiram completar o ciclo de alfabetização e daí ali eles empacam, é uma questão de grupo de professor comprometido e não dá pra contar com a família, a gente teria que poder contar só com a escola, eu tendo professor apoiador na sala de aula, sabe que nem aqui na escola a gente tem o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Docente), que dá uma força as gurias da pedagogia e a gente tem o professor apoiador que a gente 'tá' dividindo com uma outra escola, então duas tardes tu não pode conta com ela e daí assim como eu não tenho problemas este ano com meu 1º ano e a "A" não tem com o 2º ano ela 'tá' diretamente lá, no 3º ano e 4º ano, porque depende realidade por realidade, tem escola que eles vão se alfabetizar assim até o 3º ano, agora tem escola de periferia que eles vão chegar no 5º ano e eles não vão estar alfabetizados, então a questão não é o ciclo de três anos a questão é a realidade de cada escola porque tem eu sempre digo para os pais dos meus alunos no início do ano se o meu sobrinho que 'tá' na escola particular consegue se alfabetizar com seis anos, porque os filhos de vocês não conseguem? Se eles têm a mesma necessidade, é questão de promover pra eles a experiência e a vivência agora se vocês deixarem eles a manhã inteira na frente da televisão e lembrar do tema na hora de vim pra escola e bater e brigar ele já vai ficar com raiva de fazer o tema e vai ficar com nojo de vim para a escola. Daí de tarde ele vai ter aquele momento que ele vai brincar,

mas ele vai ter que ter o momento de parar e então que hora essa criança vai ter alegria se ele passou a manhã inteira na frente da TV? Que hora ele vai gastar energia? Aqui, 'aí' eu vou passar o tempo todo brigando para fulano agora é hora de aprender e ele só tem seis anos, então não dá, é tudo uma questão de conjunto, lá em casa ele tem que tem o momento e aqui na escola também tem o meu momento e a gente na periferia não dá pra conta muito com a família e na periferia necessita esses três anos, a grande maioria necessita dos três anos, eles não têm, eles vêm cru para escola e 'aí' tu tem prazo tu tem que tocar o barco.

8. Tu achas que o Pacto pode produzir mudanças na qualidade da alfabetização no Brasil e produzir efeitos de longo prazo na qualidade da leitura e escrita dos estudantes brasileiros? Por quê?

Ele sozinho não, ele vai depender da vontade do professor, se todos os professores tiverem o comprometimento e usarem esse material, fazer as leituras, continuarem pesquisando vai mudar. Muda, a gente sabe que muda, a gente já tem uma caminhada e sabe que vai mudando junto, mas precisa que todos queiram, não adianta um grupo querer, outro fazer como dá e 'ah', minha escola é muito pobre a gente não consegue mudar e eu não posso quando 'ah', eles têm fome, bom se ele 'tá' com fome, então ele vai comer e depois ele vai aprende, então tu dá uma coisa pra ele comer, porque ninguém vai negar uma coisa pra ele comer 'ah' fulaninho a minha turma vem com muita fome, então dá merenda no começo da aula, 'tá' resolvido o problema, então a gente tem que parar de procurar coisas, desculpas pra dizer que eles não aprendem.

9. Em que medida tu consideras que a escola (professores, alunos e famílias) se sente comprometida com o objetivo de melhorar a qualidade da leitura e escrita dos estudantes?

Eu vejo a escola preocupada, mas eu não vejo a família preocupada. Até hoje eu vou, sempre fui profe dos pequenos. A minha experiência com adultos fazem dois anos pra cá que eu peguei a vice-direção, do ensino médio. Ainda os pequenos, a grande maioria da nossa comunidade a grande maioria tem esse comprometimento. Tu vai olhar na sala de aula, tu vai ter três, quatro que não vão, que é o cinco por cento que uma vez eu li não me lembro aonde que toda sala de aula tem 5% que não aprende, que não era pra gente, alguém falou isso do nada e às vezes tu colhe algumas coisas pra te acomodar, não ficar tão aflita. E eu vejo assim eles têm o comprometimento, vem pra escola, mas os pais da escola particular se faltar um professor duas ou três vezes ele vai lá reclamar, na escola pública se o aluno tiver lá, mas mudar o professor duas ou três vezes por semana isso não importa, importa que tem lugar pro meu filho ficar de tarde. Tu acha que isso vai resultado de aprendizagem? E a escola pública tem muita rotatividade de professor. E muito professor, não é culpa de gente, mas é muito professor que fica doente, eles têm filhos, e tu não

vai deixar teu filho doente em casa. E numa escola que tu tem doze turmas de currículo, três pela manhã e nove à tarde, nós temos ao todo quinze turmas de currículo e mais a classe especial, pode ocorrer de não vir três professores numa tarde e acontece sabe, eu 'tô' dizendo uma coisa que eu vivo aqui. 'Aí' tu tem esse processo, eu sempre acho assim, professor que deixa muita a sua turma, eu sei que tem os filhos, eu não tenho filho e tenho uma saúde boa, mas professor que toda hora tem um filho que está doente em casa e toda hora tem problema de saúde, os teus alunos não vão aprender, assim como aquele aluno que falta muito a aula não aprende, aquele professor que quase não está presente não ensina e aí não acontecer a aprendizagem. Eu acho que isso é uma questão de sistema. Porque na escola pública não é como numa empresa, como eu já trabalhei em empresa, a gente vê pelos pais, 'aí' não me chama porque eu perco rancho, então tu não incomoda lá na escola porque a mãe não pode faltar porque vai perder o prêmio no final do mês e na nossa, no nosso sistema das escolas não existe isso, tu justifica, a gente tem por lei dez dias por ano para justificar, então se não vier dez dias o problema é meu, tu não tem nada a ver com isso eu 'tô' justificando, eu tenho direito. Então, tu tem que ser muito comprometido, claro Deus nos livre a maioria dos colegas que estou falando aqui, se faltam é, realmente a gente teve colegas doentes e a maioria é mãe e eu não tenho problema e se vier fala pra mim eu não vou vir que nem a gente quebra galho olha a fulana não vem, vamos colocar duas turmas junto, vamos fazer uma atividade dinâmica hoje, vamos se ajudar, mas as crianças não tão aprendendo e isso que me... e porque eu sei o quanto lá no 1º ano a gente tira deles sabe pega aquela laranjinha e faz um suco do que dá e depois essa caminhada não seguir, não adianta, não vai, não pode dar culpa no ciclo que eles não aprenderam lá no 1º ano, no 2º e se depois a coisa não foram do mesmo, não exigiram lá do mesmo jeito, não trabalharam da mesma forma, é uma questão de grupo, e na escola pública a gente não tem isso é muito difícil. Sabe o pessoal se manda muito a autonomia do professor é muito grande perto de outro tipo de instituição.

10. Tu tens conhecimento sobre os estudos da neurociência em relação ao processo de aprender a ler e a escrever? Esses estudos foram contemplados em algum momento nas discussões ou material disponibilizado pelo Pacto e são relevantes para a prática pedagógica?

Olha tem alguns relatos, algumas coisas a gente encontra e algumas palestras que a gente faz bastante, e geralmente, fala hoje, hoje 'tá' muito na moda fala da neurocência e falar do sistema cognitivo da aprendizagem do aluno, como funciona o cérebro, descobriu que o nosso cérebro não foi feito pra ler. Foi feito uma pesquisa que nosso cérebro não foi feito pra ler, então hoje a gente tem mais curiosidade. E gente não tinha essa curiosidade e como a gente tem a profe "A" aqui da sala de recursos, em dois turnos e temos a especial e a "A" sempre nos ajuda muito que nem assim, geralmente um aluno

precisou de classe especial se entrou aqui na 1° série se tem algum problema cognitivo eu consigo identificar no 1° ano, esse ano eu não mandei ninguém pra avaliação, para a classe especial, mas geralmente lá no 1° ano a gente consegue identificar, consegue avaliar e encaminhar para a classe especial que fica ali até o 3° ano, até 'tá' em nível de 3° ano para ser incluído isso é uma coisa que a gente tem graças a Deus, só que a nossa escola acolhe muita criança de fora daí quando eles chegam aqui no 3° ou 4° ano, que nem no 6° ano sem saber ler e escrever, a gente não tem mais como ajudar muito, claro, às vezes a gente pega e traz faz um combinado, traz ali pra ajudar ou vem na sala de recurso no contraturno, mas os alunos do colégio que são da comunidade que vem para o 1° ano, dificilmente eles vão para o 2° ano com algum problema que a gente não tenha identificado em questão de dificuldade de aprendizagem 'ah' o fulaninho não 'tá', se ele em três semanas de aula no 1° ano ele não conseguiu sabe escrever o nome dele e identificar pelo menos assim meia dúzia de letras do alfabeto, é porque ali tem, ali este caldo é mais grosso daí a gente tem que investigar, porque a criança por mais pobre que ela seja de conhecimento tu vê nela que é questão de falta de vivência, experiência ela vai embora, ela vai aprender, vai demorar um pouquinho mais, mas ela vai aprender, agora aquela criança que tu já deu todo o tipo de injeção pra ela poder aprender e a coisa não anda daí tem que encaminhar para alguém que tem mais conhecimento, no caso para uma psicopedagoga, formada em educação especial que é a nossa profe de sala de recursos e de classe especial, porque a gente ainda tem classe especial e até eles estão a muito tempo tentando fechar e a gente 'tá' conseguindo segurar porque a gente consegue ajudar eu tenho hoje na sala do 3° ano da manhã tenho três que foram meus a quatro anos atrás que passaram para a classe especial, então eles chegaram no 1° ano ali e não deu a gente não ficou segurando esta é a diferença do ciclo. Como é que eu vou fica segurando um aluno que tem dificuldade que teria que ter uma classe especial tem que tem algum problema e não vai ali só com o grupão, ele precisa de um atendimento mais individualizado e geralmente as escolas não têm isso, 'aí' tu vai ficar segurando o aluno lá dentro da tua sala que 'tá' precisando de outro tipo de atendimento, ele pode ser incluído daqui a três anos quando ele estiver pronto que ele foi trabalhado, daí a gente avalia ele, a "A" fica com eles até o 3°ano, até eles terem nível de 3° ano, daí eles já tão com dez ou onze anos e daí eles vão para o 3°ano daí é o que acontece, o que acontecia um tempo atrás a gente... vou falar uma palavra feia, mas a gente corrigia eles até o 3° ano na classe especial, digamos que eles levavam uns até onze anos na classe especial e daí eles iam ser incluídos na 4 série, 3° ano 'aí' veio o "Programa do Acelera" pega todo mundo que 'tá' com idade fora da turma que 'tá' fora da série, 'tá' com onze anos fora da série, 'tá' tudo numa sala só 'aí' tu pega alguém não muito preparado pra aplicar o sistema do acelera que vem tudo pronto e daí no final do ano eles passam tudo pra 5° série, daí são as defasagens que existem dentro das escolas, claro não acontece em todas, mas na minha já aconteceu,

tanto que o ano passado a gente teve uma turma de 6ºano que rodou em massa, porque eles participaram de um programa que não deu certo pra nós, não que o programa é ruim, não 'tô' dizendo isso, mas o programa precisa ser muito bem, precisa ter uma pessoa muito comprometida e que entenda de alfabetização, porque tu 'tá' pegando um aluno que já 'tá' fora da idade, na turma ele já 'tá' atrasado, não é porque ele quer, porque ele tem um problema 'aí' tu vai acelera ele pra vê se livrar logo dele pra não ficar aquele índice, que tem aluno com onze anos na 3º série, é um programa bom, é que nem ciclo, é bom, mas acontece que o nosso sistema não colabora, não dá o professor apoiador que foi a proposta por ciclos, tu pega um acelera e colocar um professor despreparado que é tudo aluno que 'tá' com onze, doze anos na 3º série, eles são mais rebeldes, eles são grandes estão entrando na adolescência, é difícil, então tu não vai poder fazer uma turma de 30 alunos, assim eu acho que todo o programa é bom, mas precisa ter bom senso isso que eu acho.

Professor alfabetizador - Ee 6

1. Descreva a tua experiência como alfabetizador. Qual o caminho que percorres no processo ensino-aprendizagem da leitura junto a teus alunos?

No início da minha aula sempre eu decorro de um texto, ou de um livro de historinhas, sempre eu começava de um livro de trinta, quarenta páginas que eu contava de literatura, agora eu modifiquei um pouquinho, agora eu estou pegando livros de cinquenta, sessenta páginas e cada dia eu conto duas páginas, pra ficar aquela questão do mistério que a leitura ela se dá através do ouvido, 'né', a criança precisa ouvir para primeiro para aprender a ler e escrever. Eu gosto muito de trabalhar com a fala, com a música, com a leitura principalmente com a leitura, quando eu começo com o dia no quadro eu começo a trabalhar a alfabetização a partir do dia no quadro, que letra é essa, e vou aglutinando as letras através da leitura, a partir do dia no quadro eu já começo a aglutinaras as palavras daí a gente vai seguindo.

2. Tu participas do Pacto? Como vês essa iniciativa?

'Ah', primeiro eu achei assim que era uma... mais um curso que o governo estava oferecendo, como eu sou professora estadual a gente já passou por tantos processos de metodologias de alfabetização e cada governo que vem tem uma metodologia diferente, no governo anterior nós tínhamos três métodos o fônico, o construtivista do GEEMPA e do Ailton Senna, então esse do Pacto de alfabetização eu gostei mais, porque tu pode continuar com a tua metodologia, tu continua com a metodologia que tu desenvolve em sala de aula e lá nas nossa reuniões a gente discute, a gente conversa, a gente vai aprendendo com a experiência de uma com a outra, eu gostei, eu gostei bastante de sentar e pensar, claro eu vou te falar a gente trabalha o dia inteiro, a gente está cansada, mas vale a pena, tu acaba conhecendo outras alfabetizadoras, às vezes algo que eu não consigo fazer, uma outra fez diferente, e relatar experiência, gostei de fazer.

3. Existem diferentes métodos para alfabetizar. Tu usas um método para alfabetizar? Qual método ou métodos tu usas?

Eu vou te falar bem a verdade eu sempre fui muito GEEMPA, gosto muito do GEEMPA, gosto muito do construtivismo, só que tem algumas coisas no método do GEEMPA que eu não consigo me adaptar, tem muito trabalho em grupo. Porque o GEEMPA trabalha em grupo 'né', e daí tem muita coisa que eu trabalho do GEEMPA, em sala de aula e eu gosto muito fônico junto, porque o fônico, através do fônico, tu trabalha a leitura também, tu 'tá' trabalhando a audição da criança e eu gosto de trabalhar, assim a montagem de palavras, ler e desenhar, eu parto do texto, lendo um texto pra frase, da frase para a palavra, da palavra para sílaba e da sílaba para o fonema e "ali"

eu vou construindo. Eu gosto de ter uma sequência, porque professor alfabetizador ela precisa ter uma linha de trabalho, eu sempre gosto de partir das poesias ou histórias que vão se relacionando com as letras do alfabeto sabe, que daí a criança também acaba trabalhando a sequência e eu também consigo me organizar dentro da minha metodologia, porque fica muito difícil ah hoje eu vou trabalhar tal história, amanhã vou trabalhar tal história, tal atividade porque professor alfabetizador ele precisa ter uma sequência em sala aula, eu trabalho bastante mesmo com montagem de palavras, ler e desenhar, montagem de sílabas, figuras, frases, assim vai, a sequência das letra que eu uso é a bastão, isso é o lado bom do GEEMPA, essa coisa de misturar muito tipo de letra, hoje eu trabalho a bastão, a script, depois a cursiva sabe, nem primeiro momento enquanto não tiver, todos os meus alunos não estiverem alfabetizados eu não mudo de letra, eu continuo na bastão, a partir do momento em que a maioria da turma, hoje de vinte e cinco eu só um ou dois que não estão alfabetizados, agora faz umas duas semanas que eu iniciei a letra maiúscula e minúscula no quadro, 'tô' inserindo palavrinhas aos poucos, porque assim como professora se eu começo a trocar muito a minha letra, eu to na letra maiúscula que é bastão de que a pouco eu vou inserir letra maiúscula e minúscula a criança vai estar no processo de alfabetização, ela tem que repensar sabe, eu acho que a letra bastão dá mais firmeza pra criança no primeiro momento da alfabetização. Primeiro eu trabalho com o nome, com o nome da criança, deles com meu nome e dentro dos nomes eu já vou circulando os nomes, os nomes deles, letra inicial, letra final fico umas três semanas trabalhando com o projeto dos nomes, até a gente se conhecer entre nós e depois eu passo para as vogais, trabalho bastante as cinco vogais, mais de um mês trabalhando vogais, aglutinação de vogais, circulando porque as vogais, fico bastante nas vogais, músicas, depois eu entro na parte da sequência porque logo depois vem a Páscoa, no mês de abril, vai para o "B" de bala, bola e "C" de coelho e sempre gosta da turma da Mônica, o livrinho da turma da Mônica, O batalhão das letras do Mário Quintana, porque hoje nós temos muitas poesias com as letras do alfabeto, assim que eu parto e depois eu vou pro "D" e assim vou adiante, depois quando aparece, as crianças acompanham no quadro, hoje estou trabalhando com a letra "S" e nós estamos estudando poesia com "S" o sapo no saco, bem fiz toda leitura dentro do texto, daí passamos para as frases e depois passamos para a montagem das palavras.

4. O Pacto fez tu mudares a tua opinião em relação aos métodos de alfabetização?

Não, eu gostei muito do PNAIC porque ele não te impôs método nenhum, não te impôs o método, enquanto que outros programas do governo estadual eles te impunham, tal escola trabalhava Alfa e Beto, tal escola trabalhava GEEMPA, tal escola trabalhava Airton Senna. Eu sei que na minha

escola optou-se pelo Alfa e Beto e eu não gostei porque eu sempre fui mais geempiana e o Alfa e Beto te deixava muito dentro de um quadrado sabe, a gente tinha que seguir aqueles livros, aquelas orientações tu não podia sair fora de quase nada, quando que o PNAIC eu gostei mais, ele valorizou o professor e a sua experiência dentro da sua metodologia isso eu gostei. Eles não te impõem, 'ah' tu tem que ser fônico, tu tem que trabalhar família silábica, tu tem que ser construtivista, não acho que o professor alfabetizador ele tem que ter bem claro a sua metodologia em sala de aula a partir de um momento que um professor alfabetizador ele não bem claro a sua metodologia e ele vai trabalhar em sala de aula ele se sente inseguro, por isso que acho que o professor tem que ter bastante segurança em sala de aula, estudar muito, eu estudo bastante, vou atrás de atividades, eu estou lendo para ver o que eu posso fazer de diferente com aquele aluno que não foi, tem aluno que vai bem com o método geempiano, tem aluno que vai melhor fônico tem aluno que vai melhor com silábico e tem aqueles que não alcançam vão melhor com planos adaptativos para integrar eles dentro do todo.

5. Quais as principais mudanças que o Pacto trouxe no trabalho em sala de aula?

Jogos, mais jogos, jogos tanto na parte da linguagem quanto na parte da matemática. A leitura deleite as duas caixas de livros da caixa de leitura de literatura. São livros maravilhosos, bonitos de autores que são consagrados dentro da literatura. Isso sim, o que achei do PNAIC foi realmente eles estão apostando muito na questão da leitura. Pensar, a criança tem que pensar, a criança tem que ler e compreender o que ela está lendo porque no 1º ano a gente trabalha alfabetização e lá no 2º que a gente vai trabalhar com aprofundamento, tu 'vai' aprofundar todo aquele processo que desenvolveu no 1º.

6. Tu achas que o Pacto contribuiu para a qualificação do ensino da leitura? De que forma?

Sim e muito, eu acho que todos os professores de 1º a 3º ano das escolas, deveriam participar, porque daqui da minha escola eu sou a única professora que participo do Pacto da alfabetização, as outras não participam, daí, às vezes, dá um entrave muito grande, tem professores que confundem um 2º ano com se fosse a 2ª série, um 1º ano como se fosse a 1ª série, então assim, a questão do PNAIC é trabalhar, o professor precisa se encontrar novamente, porque os nossos alunos que nós estamos recebendo são muito diferentes dos alunos que a gente recebia anos atrás, a dezesseis anos atrás. Eu acho que todos os professores deveriam participar dessas discussões sobre a alfabetização e quando eu quero colocar uma coisa 'ah' Pacto assim 'né', eu vejo assim não todos mas alguns parecem que elas vêm uma barreira, no estado não é obrigatório, você tem um termo de desistência, quem não quer

participar é assina o termo de desistência e não participa e no ensino médio é diferente, todos os profes participam aqui do Pacto da alfabetização eu sou a única. O estado te dá uma autonomia maior 'né' aqui da escola sou só eu.

7. Qual a tua opinião sobre o Ciclo de Alfabetização de 3 anos? Há necessidade de 3 anos para a alfabetização? E sobre a não reprovação durante o Ciclo?

Eu acho que sim, eu acho que precisa os três anos para alfabetizar, porque quando a alfabetização partia do ciclo que era de oito anos a criança entrava com sete anos na 1ª série, ela tinha maturidade, ela tinha conhecimento, ela não era tão imatura. Hoje os alunos entram com seis anos, cinco anos e alguns meses, às vezes e a criança é imatura no 1º ano, eu sempre no 1º ano e 2º ano, eu sempre trabalhei em conjunto, porque as crianças que não se alfabetizam no 1º ano elas vão pro 2º ano e lá eles tem que terminar a alfabetização, mas no final do 2º ano as crianças têm que estar plenamente alfabetizados. Mas quando eles falam que a criança pode se alfabetizar até o 3º eu te pergunto o seguinte, nós somos os professores 'ah', pra que eu tenho que me preocupar em alfabetizar no 1º ano se a professora do 2º pode alfabetizar, porque a professora do 2º vai se preocupar em terminar de alfabetizar se ela tem até o 3º ano para terminar de alfabetizar. A criança não precisaria dos três anos para se alfabetizar, com certeza não, porque eu tenho os vinte e cinco, dos meus vinte e cinco somente dois, não estão alfabetizados, um menino é porque tem realmente problemas, assim de aprendizagem, mas é casos que já foram encaminhados e a menina de imaturidade mesmo, uma picurruca, de imaturidade, mas ela já tá se encaminhando. Sei que na reunião de início do ano eu sempre coloco que a minha meta sempre como professora alfabetizadora é chegar ao final do ano com todos os meus vinte e cinco alfabetizados, porque a alfabetização se dá através da leitura, tipo assim que eles se alfabetizaram com a leitura, na parte da leitura e tem todo a parte da escrita porque alfabetização ela é longa, e no 2º ano ela vai acabar aprofundando o que formação de frases, frases muito melhores, com contextualização, produção de textos, eu acho, não sei se precisa de três anos, na minha opinião 1º e 2º ano dariam conta. 'Aí', 'aí', às vezes eu fico pensando é melhor reter, é melhor não reter, mas aquela criança, na minha opinião eu acho que a criança no 2º ano, já deveria ser retida no 2º ano eu vou te explicar assim, eu sempre penso que não, mas aquela criança que chegou no 2º ano que ainda 'tá' silábica no final do segundo ano o que adianta passar para o 3º ano. Eu acho que teria ficar no 2º ano para terminar a sua alfabetização, só se ele der um problema de laudo que ele não consegue, isso é tão complicado a reprovação, às vezes eu acho que nós professores, eu sempre puxo pra mim a responsabilidade, que nós professores é que somos responsáveis se a criança reprova ou não será que eu fiz um bom trabalho lá no 2º ano, eu sempre penso assim como professora, eu sempre tive assim um

aluno estar reprovando se ele não tem dificuldade de aprendizagem, se não tem nenhum laudo ele não poderia reprovar, daí tu teria que trabalhar com planos alternativos, eu acho assim se a criança que não tem condições ele teria que permanecer no 2º, mas 'aí' é a responsabilidade do professor, nós professores somos os responsáveis, eu sempre puxo pra mim, se eu sou professora eu tenho que alfabetizar.

8. Tu achas que o Pacto pode produzir mudanças na qualidade da alfabetização no Brasil e produzir efeitos de longo prazo na qualidade da leitura e escrita dos estudantes brasileiros? Por quê?

'Ah', meu todos Deus, se todos fizessem, isso teria quase que ser um projeto da escola, a escola ter um projeto PNAIC 'né', porque 1º, 2º e 3º é um ciclo de alfabetização, tipo depois vem o próximo ciclo, que seria o 4º e 5º 'né', que seria continuidade, eu acho que sim a partir do momento que o professor começa estudar, começa trabalhar bastante leitura em sala de aula, ele o professor começa a ler e o aluno vê a que o professor está olhando, está se esforçando, está se dedicando, eu acho que sim mas a longo prazo, a curto não. Tomara que não seja uma coisa passageira, que tudo que vem no Brasil é passageira 'né', muda o governo, muda-se as formas de alfabetização, mudam-se os projetos, sabe isso deveria ser uma coisa além, uma lei dentro do Brasil, o PNAIC vai ser assim o nosso projeto de alfabetização de vinte, trinta anos sabe assim uma projeto não a cada ano, cinco, seis anos mudar um projeto de alfabetização, 'aí' é que está muda-se muito rápido os projetos de alfabetização do Brasil, não é uma coisa a longo prazo, sempre eu acho que é uma coisa a curto prazo. 'Ah', e os professores pensam assim, vai mudar o governo muda-se novamente. O que os profes acabam falando termina-se governo de que a pouco não tem mais PNAIC, entra outro projeto, teria que ser mais uma coisa mais tipo assim Conselho Estadual de Educação, teria que ser uma coisa tipo lei sabe, que a educação teria de ser levada mais a sério, essas questões de alfabetização, porque a criança entra com seis anos porque ela chega no 5º ano ainda não plenamente alfabetizada.

9. Em que medida tu consideras que a escola (professores, alunos e famílias) se sente comprometida com o objetivo de melhorar a qualidade da leitura e escrita dos estudantes?

Aqui na escola, assim nós temos um perfil, um perfil de saída do aluno, qual é o perfil de saída do aluno do 1º, 2º, 3º 4º, 5º, então o perfil do aluno do 1º ano é alfabetizado, então a direção, supervisão eles trabalham em torno disso, nós temos uma biblioteca bem grande e nós temos dentro da biblioteca infantil que é das crianças do 1º ao 5º ano que eles podem ir lá retirar livro, toda semana retirar livros a escola esse ano ganhou uma verba, muitas verbas para compra de livros infantil também. A escola, assim é comprometida. E melhorias tipo, foi instalado ar condicionado nas salas de aula, tudo com

quadros brancos, tudo o que a gente precisa a escola nos proporciona, agora os professores, nós precisávamos ter mais unidade, acho que alfabetização e teria que ser mais um projeto de escola, um projeto que fosse assim, uma mola, que fosse caminhando de um para o outro, para haver mais mudanças, mais comprometimento do grupo. E a família participa bastante, sempre que a gente chama eles nos atendem, eu dou tema todos os dias para os meus alunos e eles vem todos os dias com seus temas feitos, e quem não faz diz 'ah', profe não deu tempo a minha mãe disse assim escreveu um bilhete no caderno, assim, assim no caderno. A família participa bastante, eu vejo pelos temas, hoje os pais não têm muito tempo e eu vejo que eles se interessam, tive entrega de boletins, dos vinte e cinco, só dois não vieram buscar, o restante veio tudo. E eles trazem os filhos ali na fila e eles já vêm, perguntar pra gente, pra ver como está o filho.

10. Tu tens conhecimento sobre os estudos da neurociência em relação ao processo de aprender a ler e a escrever? Esses estudos foram contemplados em algum momento nas discussões ou material disponibilizado pelo Pacto e são relevantes para a prática pedagógica?

Tu sabes que eu vou ter rever os meus cadernos do ano passado, mas da neurociência, eu não lembro mesmo nada, não, eu não vi mesmo da neurociência falar assim. O que eu tenho conhecimento que eu até comprei um livro do Fernando Capovilla. Porque eu comecei a me questionar porque tinha alunos que não conseguia se alfabetizar. E lá ele foi bem claro 'né', trabalha com a neurociência e eu acabei estudando o livro dele e ele trabalha bastante essa questão que todo o aluno se alfabetiza, até criança que é DM (deficiente mental), mas lá (no Pacto) do mesmo assunto, eu não ouvi falar em neurociência. Até comprei esse livro era uma livro bem caro e gostei muito de como ele colocava a abordagem da alfabetização através da neurociência, porque nós temos várias inteligências, tem criança que puxa mais parte das artes, tem criança que puxa mais para a área do teatro, do lado da leitura eu acho que você tem que valorizar tudo o que o nosso aluno nos tem para dar agora nesse momento quem não tem para dar neste momento ele tem mais para depois, tem que respeitar um pouco esse processo da criança. É bom esse livro do Fernando Capovilla, é do método fônico, bem grosso, cheio de atividades, bem interessante a metodologia dele, ele e a mulher que trabalham essa questão, ele falavam bastante da neurociência, como a ciência pode nos ajudar em sala de aula a trabalhar essas questões da alfabetização. Hoje nos podemos conhecer a parte neurológica da criança, porque uma criança teve ataques epiléticos, se foi atingido alguma parte do cérebro, acho que nós professores temos que nos inserir mais nessas questões, algo que eu gostaria de fazer era um curso de letras porque eu gosto do curso de letras porque o pedagogo ele teria também de ter um pouco do curso de letras na sua área porque o curso de letras trabalha muito a parte da fonologia, tu acaba

estudando os fonemas, as palavras, tu acaba estudando as letras, acaba estudando o som que às vezes do vai trabalhar com o método fônico, tu tem que ensinar o som que não é correto para criança, eu ia gostar de uma especialização nessa área.

Professor alfabetizador - Ee 7

1. Descreva a tua experiência como alfabetizador. Qual o caminho que percorres no processo ensino-aprendizagem da leitura junto a teus alunos?

O trabalho assim com os meus alunos, eu trabalho com 3ºano quase todos estavam alfabetizados no início do ano, a gente separou a turma no início do ano, eram trinta e um alunos e a gente separou essa turma e 'aí' eu fiquei com os alunos que estavam praticamente alfabetizados, que já estavam dominando a leitura, tinha três alunos que não dominavam a leitura, não tinham a fluência ainda, o resto todo tinha fluência na leitura. Então, eu trabalhei com eles desde o começo do ano muita leitura, eu leio pra eles, todos os dias eles lêem na sala, a gente tem momentos de leitura de 20 minutos, 30 minutos ou a gente lê livros. A gente tem na sala os livros que a gente ganhou no Pacto, as caixas do Pacto que a gente ganhou, então eles lêem. Trabalho com jornal na sala, leitura de revista, leitura de história em quadrinhos, todos os tipos de leitura e a gente lê todos os dias e aqueles alunos que não tinham fluência na leitura todos os dias nesse momento depois que eles lêem na classe deles eu chamava pra ler comigo na minha mesa. Sempre procurando dar apoio na leitura que eles ainda não tinham e hoje já, estamos no mês de outubro todos têm fluência na leitura.

2. Tu participas do Pacto? Como vês essa iniciativa?

Eu vejo assim uma excelente oportunidade pelo menos o nosso grupo a gente participa assim do Pacto é um grupo bem legal que a gente discute, lê texto, a gente traz jogos, como no ano passado a gente interage muito, quando a gente tem uma dúvida 'ah' como é que tu trabalha esse conteúdo com a tua turma, 'ah' eu trabalho assim eu trabalho daquele jeito, daí a gente leva como a gente traz, leva o diário, tem professoras que levam seu diário e a gente troca muito eu acho assim que é excelente essa iniciativa porque colocou de novo os professores das mesmas séries de alfabetização pensando junto, produzindo junto, eu achei excelente a ideia.

3. Existem diferentes métodos para alfabetizar. Tu usas um método para alfabetizar? Qual método ou métodos tu usas?

Eu não uso um método específico para alfabetizar, eu misturo bastante assim, pego um pouco o que eu sei do GEEMPA, pego um pouco o que aprendi com o Alfa e Beto que a escola já teve, o estado ali, fez aqueles métodos cada escola tinha um método e a nossa escola trabalhou com o Alfa e Beto, então eu aprendi muita coisa ali com o Alfa e Beto. Eu uso ainda hoje com os meus alunos de 3ºano, umas coisa do GEEMPA que eu participei muito tempo de reuniões do GEEMPA, então eu misturo muito esses dois métodos,

mas eu uso bastante a questão do fônico, do som da letra, do fonema pra eles aprender.

4. O Pacto fez tu mudares a tua opinião em relação aos métodos de alfabetização?

Não, não fez. Desde o nosso grupo lá, assim a gente desde o começo, a orientadora que é a “A” ela sempre colocou assim, ninguém quer mudar o que vocês estão fazendo, no método que vocês estão usando, naquilo que vocês têm segurança, a gente quer apresentar outros métodos, daí a gente vai ver o que vocês podem mudar ou não, então eu não mudei. Eu mudei muita coisa no meu pensamento em relação, principalmente em relação à matemática, que ano passado em português eu tenho mais facilidade pra trabalhar a leitura e a escrita e a matemática eu tinha mais dificuldade de trabalhar com os alunos, então esse ano o Pacto nesse sentido, mudou algumas ideias minha com relação à matemática, algumas práticas também.

5. Quais as principais mudanças que o Pacto trouxe no trabalho em sala de aula?

Como eu te falei a questão da matemática esse ano ‘né’. Ano passado a questão de leitura, a leitura deleite eu fazia já, mas não fazia todos os dias. A partir do PNAIC eu comecei a fazer todos os dias, a questão de fazer os alunos ler eu fiz também isso na minha sala, todos os dias a gente sempre teve. Esse ano que é a matemática eu senti mais diferença no meu trabalho, houve mais mudança no meu trabalho, porque eu introduzi mais o jogo na matemática, mais a questão de jogar para o aluno raciocinar através do jogo, isso eu não fazia na matemática eu trabalhava aquela matemática assim pura, a matemática mais a do livro, a matemática mais de resolver os exercícios e a partir desse ano do PNAIC eu mudei porque eu introduzi mais jogos na minha sala, mais a questão da leitura e já buscando a matemática, olhei livros que trouxessem coisa de matemática tudo isso com a troca lá, a questão da base dez, muita base dez pra compor e decompor números também não fazia mais aquela matemática assim mesmo ‘né’, aquela coisa de números, quadro e caderno e a partir desse ano eu estou trabalhando bem mais assim, trabalhei bem mais assim, bastante com jogos, bastante coisas práticas, conteúdo prático na sala e depois ir para o caderno.

6. Tu achas que o PNAIC contribuiu para a qualificação do ensino da leitura? De que forma?

Eu acho que sim, no momento em que eles mandaram esses livros para as escolas ‘né’? Foi excelente. A nossa escola apesar de ser uma escola de bairro tem um biblioteca maravilhosa, e esses livros estão na sala, do PNAIC, as caixas estão todas nas salas de aulas, não ‘tão’ na biblioteca. A gente viu nas outras escolas das colegas ficaram na biblioteca e na nossa escola foram

para a sala de aula bem como os dicionários que vieram foram para a sala de aula, então isso foi um reforço muito grande na leitura dos alunos, porque o livro tá ali ao alcance do aluno, meus alunos mesmo eles tão prontos eles já perguntam profe posso pegar um livro para ler, sim pode pegar e eles estão com o livro embaixo da classe, dicionário também eles são ilustrados e eles adoram olhar esses dicionários, a parte que tem a frase, fala dos países, fala dos esqueletos, então eles sempre estão sempre com o livro embaixo da classe e foi através do PNAIC, porque esses livros vieram por causa do PNAIC, então eu acho que contribuiu bastante para a leitura.

7. Qual a tua opinião sobre o Ciclo de Alfabetização de 3 anos? Há necessidade de 3 anos para a alfabetização? E sobre a não reprovação durante o Ciclo?

Eu acho interessante, acho bom. Eu vou falar da minha escola, de bairro onde as crianças não fazem pré, 'aonde' as crianças vão na creche e a creche é pra cuidar 'eles'. Não trabalham essa questão de alfabetização nas creches. Então, as crianças chegam na escola praticamente sem nenhum contato com o mundo escrito, muitos deles não sabem nem escrever o nome quando chegam no 1ºano lá na escola, então são crianças que chegam praticamente cruas em relação aquela coisa mesmo da alfabetização, claro que traz toda aquela coisa de alfabetização do mundo, mas aquela coisa de usar o caderno, de saber o que é um lápis de cor, as cores, aquelas coisas todas de pré, que a gente fazia antigamente. Então, eu acho bom, porque em três anos, antigamente a criança tinha um ano para se alfabetizar na 1ªsérie. Eu fui professora de 1ªsérie muitos anos lá na minha escola mesmo e é muito difícil em um ano tu apresentar tudo isso pra criança 'né', apresentar caderno, apresentar lápis, apresentar borracha, apresentar que ele tem que escrever na linha, apresentar tudo isso em um ano e ainda alfabetizar, a criança sair lendo e escrevendo, é muito difícil, então eu acho que em três anos, eu achei excelente para as crianças. Cito as nossas lá da vila, eu acho ótimo porque eles têm mais tempo, eles têm três anos para se alfabetizar e no final do 3ºano é que realmente vão construir a alfabetização. Já o meu filho que já tem todo um ... foi para uma escolinha, que foi trabalhado a alfabetização, onde ele é estimulado em casa, ele tem leitura em casa, tem jogos em casa, pra ele eu já não sei se vai ser a mesma coisa, porque ele já está alfabetizado agora, eles pegam, já tão fazendo textinhos, já tá interpretando, esta altura do ano no 1ºano. Imagina como ele vai sair no 3ºano 'né', daí lá que vai terminar o processo de alfabetização dele, mas são realidades diferentes, bem diferentes. A questão da reprovação eu tenho dúvidas, em relação à reprovação, porque eu sou professora de 3ºano, então o que acontece hoje no 3º ano, eu tinha trinta e um alunos no começo do ano, eu tinha dezoito alunos que não liam, dezoito alunos nessa turma que eles não liam, tinha alunos eu não sabiam as vogais, já tinha alunos que estavam lendo, daí eu penso assim que fica bem... eu até comento com as colegas lá na

escola não sei bem como a gente vai fazer isso, mas me parece que os professores do 1° e 2° ano estão deixando um pouco a desejar já que não reprova, se ele não aprendeu no 1° ele vai aprender no 2°, 'ah', não aprendeu no 2° ele vai aprender no 3° e daí, o que está acontecendo. As crianças estão chegando no 3° sem saber praticamente nada em alfabetização. E 'aí' faz o que no 3°ano com uma turma dessas que nem eu tinha dezoito alunos que não estavam alfabetizados, alunos com laudo, alunos alfabetizados, mais dez, doze alunos alfabetizados lendo e escrevendo tudo, dezoito alunos que não sabiam ler e escrever, mais alunos que tem laudo, aí tu tem que ser praticamente uma professora mágica pra dá conta de tudo isso. Eu acho, não sei se a reprovação seria o caso e isso a gente comentou bastante no Pacto também com as outras professoras de 3°ano e as professoras de 3°ano não estão conseguindo 'dá' conta de tudo no 3°ano. 'Tá' sobrando parece que tudo pro 3°ano, tu 'tem' os conteúdos, daí tu 'tem' que alfabetizar as crianças que não estão alfabetizadas. 'Aí' tu tem que dar conta das crianças que estão alfabetizadas, claro que isso sempre aconteceu tu não vai ter uma turma igual 'né', mas não acontecia assim 'né', praticamente metade da turma não está alfabetizada, sempre tinha dois, três alunos que não estavam alfabetizados, então tu tinha que pegar aqueles. Mas, hoje em dia não, a gente vê isso lá com as outras, não é só na nossa escola, as professoras do Pacto comentando isso, que elas estão de cabelo em pé no 3°ano, porque tem todo aquele conteúdo de 3°ano, de matemática para olhar, todo o conteúdo de 3°ano de português pra trabalhar, na área da linguagem, da leitura e tu não consegue trabalhar. Porque tu também 'tem' que dar conta daqueles alunos que não estão alfabetizados. Então, eu não sei se a reprovação não seria o caso, mas uma coisa tem que ser feita, uma coisa tem que ser feita pra não ficar assim como 'tá'.

8. Tu achas que o Pacto pode produzir mudanças na qualidade da alfabetização no Brasil e produzir efeitos de longo prazo na qualidade da leitura e escrita dos estudantes brasileiros? Por quê?

Eu acho que sim 'né', porque no momento que tu reúne professores 'né', claro que tu tem que ter muito também assim... sabe que o professor tem que querer, não adianta passa por 'aí' a questão do professor querer, mas eu acho que pelo menos abre um leque 'né', pra ti sentar junto com pessoas da mesma série, pessoas do 1°, do 2°, do 3°ano sentados juntos conversando, vendo o que... pensando juntas, professoras da mesma escola sentadas pensando, o momento acho que é maravilhoso 'né'. Que nas escolas tu não tem esse tempo, junto com outras escolas, tu pensando juntos com outras escolas, professores pensando juntos parceiros da mesma séries pensando juntos com outras escolas eu acho que isso só pode contribuir, tanto para a leitura como pra matemática eu acho que contribui, claro que o professor tem que querer, tem que querer mudar, porque se não, não muda, não vai ter nada que resolva

se o professor não quer, passa pelo querer do professor, mas eu acho que só ter a oportunidade de sentar ano passado foi tão útil, foi a leitura, a gente trocava tanta coisa boa com os professores, até da mesma escola, o que a gente tem que fazer na escola, então tu tinha que pensar juntas com a tua colega do 2º ano, a do 2º ano fazia assim, 'ai' eu do 3º fazia assim, tinha mais troca com os professores da mesma escola a partir do PNAIC.

9. Em que medida tu consideras que a escola (professores, alunos e famílias) se sente comprometida com o objetivo de melhorar a qualidade da leitura e escrita dos estudantes?

Bom, lá na minha escola, assim, eu vejo que os professores, a escola, tenta 'né', claro que é bem difícil, é um bairro aonde os pais muitas vezes, não vem na escola o ano todo, eu tenho pai que eu nunca vi este ano, nem pra buscar boletim, nunca vieram 'né', são pais que trabalham, outros não trabalham, estão em casa, mas simplesmente, a criança tem que ir na escola por causa do bolsa família, tem que ir, se não vai perder a bolsa família e se perde bolsa família eles vão no colégio reclamar, então tu não vê a comunidade tão empenhada na questão da leitura do aluno 'né', claro que tem pais e pais 'né', não vamos julgar todos, mas a minha turminha eu tenho dezesseis alunos vou te dizer assim que eu tenho uns cinco pais que são os pais bem empenhados, que se preocupam, que pedem pra levar livro pra casa 'né', professora manda livro pra ele ler, a gente manda, empresto os meus livros lá do PNAIC para eles levar pra casa, pra eles ler, mas eu tenho outros que eu empresto o livro e não volta mais, o livro já se perde, tem aquela família que está em casa preocupada em cuidar do material, então eu vejo que a escola ela tenta muito também, claro que a escola falha em muitas coisas a gente sabe que, talvez a gente teria que ter um outro tipo de método, um outro jeito de alcançar aquelas crianças, aquelas famílias, porque é uma comunidade bem carente 'né', mas tu não vê muito assim. Se tu pede pra crianças traz uma revista, faz um recorte em casa tu tem que dar a revista pra eles levar em casa eles não tem a revista pra recortar, 'ah' estes dias eu pedi tragam uns folhetos de mercado, eu queria trabalhar preço de mercado, coisas de mercado, teve um aluno só que trouxe 'né', porque eles não têm esse contato, então eu tive que ir lá no mercado pegar as coisas e levar, então é assim tudo muito difícil, tudo assim que nas outras escolas tu vê as outras colegas comentando dos trabalhos que elas fazem, nas outras escolas é mais fácil, isso flui mais e lá por ser num bairro carente, então parece que as coisas são mais difíceis em todas as questões, se tu pede pra eles fazer um texto em casa, fazer uma leitura, pedi para perguntar para os pais como eram as brincadeiras do passado dos pais uns fazem, outro os pais 'ah' meu pai não quis falar, ele não respondeu, meu... disse que não sabia sabe, então tudo muito difícil e a questão da leitura também se tornam difícil esse contato,

família, escola é meio separado, a escola fica lá tentando e muitas famílias não dão esse retorno para a escola.

10. Tu tens conhecimento sobre os estudos da neurociência em relação ao processo de aprender a ler e a escrever? Esses estudos foram contemplados em algum momento nas discussões ou material disponibilizado pelo Pacto e são relevantes para a prática pedagógica?

A gente comentou alguma coisa ano passado com relação à neurociência 'né', eu não tenho muito conhecimento assim, sobre esses estudos, mas acho que são relevantes 'né'. Esses dias mesmo eu vi uma entrevista que falava sobre isso sobre as questões da neurociências, como a criança aprende como se processa no cérebro, tudo isso, que tudo tem tempo, que a criança tem seu tempo, eu acho que são relevantes mas a gente não estudou muito isso não, não. Eu acho assim que foi uma boa iniciativa do governo essa questão do Pacto e como eu já disse antes é porque traz os professores pensando juntos, mas claro passa muito pela vontade do professor, que a gente sabe que muitos estão lá só preocupados pelo dinheiro, a bolsa já entrou, porque a bolsa não entrou, 'né' mas tem professores que fizeram ano passado todinho e não receberam a bolsa, 'né', então tu vê assim que são professores que querem a mudança 'né' que começaram, gostaram e não receberam a bolsa e ficaram até o fim, e eu acho assim tudo que tu aprende, qualquer coisa que a gente viu lá no Pacto, tudo que tu estudou, depende de ti colocar em prática ou não, não adianta tu ficar lá indo lá conversando, vendo tudo aquilo e depois tu chegar na tua sala de aula não aplicar 'aí' passa pela vontade do professor de realmente querer e eu estou praticamente me aposentando 'né' e até o diretor disse pra mim o que tu quer fazer isso se tu está te aposentando 'né', mas 'aí' eu disse eu quero porque eu estou em sala de aula, meus alunos merecem isso e muita coisa que eu aprendi eu estou colocando em prática na minha sala de aula, tenho muita coisa a partir do PNAIC, muita coisa mesmo eu mudei, tanto em leitura como em matemática, mais a matemática, mas mudei muita coisa na leitura que eu não fazia, coisas didáticas aquelas questão tudo que a gente trabalhou ano passado no Pacto, então é isso o professor tem querer e ter vontade de mudar.

Professora alfabetizadora - Em 8

1. Descreva a tua experiência como alfabetizador. Qual o caminho que percorres no processo ensino-aprendizagem da leitura junto a teus alunos?

Bom, pra mim tudo depende de como eu encontro meus alunos 'né', eu sempre faço um diagnóstico pra ver em que nível cada criança está, eu acho isso bem importante no começo do ano letivo, vê o que cada criança já traz consigo, se ela já frequentou uma série anterior ou não, vê se esse aluno 'tá' vindo cru de casa, isso vai depender muito. Digamos que tu vai pegar eles escrevendo palavras, lendo é um... tu segue a tua aula de um jeito, se tu pegar crianças que não se encontram alfabetizadas, tu vai ter seguir de outra forma, mas assim eu sempre... A leitura e a escrita ocorrem de maneiras juntas, natural, eu não tenho aula específica, agora nós vamos aprender a ler e escrever, eu acho que as coisas acontecem juntas, num processo bem natural, normal assim 'né', eu sempre que eu vejo assim é que a escrita se dá primeiramente, pelo que eu vejo, ela ocorre antes da leitura né' e eu trabalho desde o começo com textos, com livros, com poemas, com vários tipos de gêneros textuais assim e mas, também trabalho as letras do alfabeto no começo da aula, eu acho que isso é fundamental, conhecer as letras, mas a gente não deixa, eles trabalham com livrinhos, então eles vão lendo o livro da forma deles, sempre tem alunos que dizem, 'ah' profe eu não sei ler, então eu digo pra eles, não, tu vai lendo as imagens, tu vai contando as histórias porque eu acho que sempre tem que incentivar a criança, quanto mais ela tiver incentivo quanto a... e coragem de pegar um livrinho, contar de seu próprio jeito, então eles estão fazendo uma leitura de certa forma, que nem, às vezes, a gente trabalha um poeminha, um versinho, então eles ficam feliz, 'ah' profe eu consegui ler, então, lendo da forma que eles estão conseguindo 'né' isto ali já é uma coragem pra incentivar eles e aquilo vai de forma natural, eles vão conhecendo as letras, juntando as sílabas, de que a pouco eles já estão lendo, então isso é gratificante assim, então.

2. Tu participas do Pacto? Como vê essa iniciativa?

Pra mim assim, 'tá' sendo bem proveitoso, eu acho que é uma forma de se atualizar, de conversar, de troca de experiências 'né', porque de certa forma a gente acaba se acomodando, assim no dia - a - dia, acho que é uma forma de também de valorização da gente, assim, porque, às vezes, na sala de aula, na escola é tudo tão corrido, às vezes, a gente não tem essa troca de sentar, não tem tempo de sentar, de pesquisar, de fazer materiais e ali no nosso curso a gente tem esse espaço, esse tempo pra preparar 'né'? É cansativo sim, mas é, acho que é legal, vejo como uma coisa bem proveitosa e interessante, são exercícios, são atividades bem boas, bem práticas pro uso em sala de aula pelo menos pra mim do 1º ano 'tá' sendo bem, muito bom assim, 'tô' gostando.

3. Existem diferentes métodos para alfabetizar. Tu usas um método para alfabetizar? Qual método ou métodos tu usas?

Olha, eu não sei se eu uso um método, eu sei que, não se é o construtivismo ou não, mas eu procuro, eu uso todas as... Eu alfabetizo eles, com o uso de alfabeto e ali eles aprendem todas as letras, começo a trabalhar os nomes deles, daí a gente parte pra palavra, parte pra sílabas e 'aí' a gente vai construindo palavras e vai trabalhando sílabas e assim a gente vai, trabalha texto, copia texto, seleciona palavras, daí a gente passa para frases e assim a gente vai, então não tem nada específico assim 'né'. E uso aquele ditado, monossílaba, dissílaba, trissílaba pra ver o nível que se encontro cada criança, então faço avaliação, faço ditado, trabalho com jogos didáticos também, tem as historinhas, isso.

4. O Pacto fez tu mudares a tua opinião em relação aos métodos de alfabetização?

Não, já trabalhava desta forma e só acrescentou algumas atividades, com os jogos assim, que vieram a acrescentar, mas e também algumas coisas que incrementaram o dia - a - dia de trabalhar, de ter uma rotina diária de trabalhar a questão da historinha deleite de trabalhar todo dia, sequência didática, que às vezes, assim, eu não trabalhava aquilo diariamente. Eles reforçam de ter aquilo planejado na tua diária, na tua rotina, incrementar aquilo, sempre trabalhar aquelas sequências que são necessárias, que eu não tinha aquilo todo dia, eu fazia, mas não todo 'né', então aquilo me fez repensar colocar aquilo na minha rotina.

5. Quais as principais mudanças que o Pacto trouxe no trabalho em sala de aula?

Isso, é isso que eu estou dizendo, eu contava uma historinha pra eles de 15 em 15 dias, e hoje eu faço isso com mais frequência 'né', então eu vi que é importante a gente usar aquela caixa, eu achei muito importante aquela caixa de livros que vieram pra sala, os livros que vieram pra escola, então eu acho isso muito gratificante, assim essa ajuda que estão nos dando 'né' e os jogos que a gente fez também, então isso veio acrescentar bastante, isso eu achei um bom incentivo, acho que foi um diferencial.

6. Tu achas que o Pacto contribuiu para a qualificação do ensino da leitura? De que forma?

Com certeza, com certeza, sim.

7. Qual a tua opinião sobre o Ciclo de Alfabetização de 3 anos? Há necessidade de 3 anos para a alfabetização? E sobre a não reprovação durante o Ciclo?

Não, eu acho que não. Eu acho que não existe, eu acho que um ano, eu dou conta dos meus alunos pra alfabetização. E eu acho que uma criança que não se alfabetiza em um ano é porque existe outra coisa, um algum outro problema, seja estrutura familiar, seja na própria criança, ou na própria professora ou na própria estrutura da escola. Alguma outra coisa tem 'né', seja na parte de muitos alunos na sala de aula, que eu acho que isso é fundamental, acho que 25 alunos no 1ºano, eu acho que isso deveria ser repensado 'né' acho que não tem um professor fazer um trabalho adequado com 25 alunos ali e tem outros fatores que influenciam muito que deveriam ser revisto, mas não essa questão de três anos pra se alfabetizar, eu já trabalhei a muito tempo na escola e se alfabetiza, em julho todas as crianças estavam alfabetizadas e é isso e acho que isso não faz sentido. Eu acho que nenhum aluno fica traumatizado por não ter passado de ano, eu acho o contrário, eu acho que acontece o contrário, uma criança que passa sem saber ler e escrever para o 2ºano, 3ºano, sim, ela fica daí que ela fica traumatizada, porque ela vendo que os outros sabem e ela não sabe e ela fica ali, fazendo de conta que 'tá' aprendendo, o professor fica tentando passar atividades diferenciadas pra ela e muitas vezes ela ainda não consegue. Ela 'tá' lá no 3ºano e ainda não 'tá' alfabetizada, e 'aí', talvez ela vai para um 4ºano e ela também continua não alfabetizada e nem pro 5ºano, ela também continua não alfabetizada. Isso sim, gera traumas na criança e daí ficam tampando o sol com a peneira e não adianta nada é um faz de conta.

8. Tu achas que o Pacto pode produzir mudanças na qualidade da alfabetização no Brasil e produzir efeitos de longo prazo na qualidade da leitura e escrita dos estudantes brasileiros? Por quê?

Eu acho, eu acho que sim, eles estão investindo, mas eu acho que depende muito do profissional 'né', nós temos professores e professores 'né'? E isso existe em todos os lugares, não só na área da educação, mas acho que é um bom incentivo, mas não vai mudar o Brasil, não vai mudar a educação, infelizmente, porque sempre tem aqueles que querem e os que não querem, mas é um começo, é por 'aí', tem que incentivar sim, tem que mostrar, mas eu acho que eles podiam divulgar mais esse trabalho, em redes sociais, na televisão, para os pais, para as famílias, podiam fazer uma coisa assim, que sei lá, que divulgasse mais esse trabalho, não sei, acho assim, que é um projeto bem legal, tão bonito, acho que tem que ir mais para as mídias, assim.

9. Em que medida tu consideras que a escola (professores, alunos e famílias) se sente comprometida com o objetivo de melhorar a qualidade da leitura e escrita dos estudantes?

Olha, a gente vê bem certinho na minha escola as crianças que hoje tão bem e as que não tão bem. As crianças que não tão bem são aquelas que os pais não estão nem 'aí' pra eles, que os pais não vem pra reunião, não vem buscar boletim, 'né. Não acompanham os deveres de seus filhos, porque pai que acompanha, que 'tá' em cima, que cobra os seus filhos, o filho vai bem na escola. Isso é nítido e isso a gente vê desde da pré-escola, porque uma família é fundamental. Família que não tem uma base boa, não tem como o filho ir bem na escola, começa por ali sabe. Então, assim começa, lá nesse bolsa escola, 'aí' enquanto o governo ficar dando tudo pra essas famílias 'aí, tudo é muito fácil, é material, é, eles tem direito a tudo, é merenda na escola, material gratuito, não pagam para estudar, então 'tá' tudo muito fácil, enquanto estiver tudo muito fácil, não tem compromisso nenhum para as famílias. Então, tudo então, não adianta cobrar dos professores, só dá cursos pros professores e as famílias cada vez tão mais sossegadas, dormindo em berço esplêndido.

10. Tu tens conhecimento sobre os estudos da neurociência em relação ao processo de aprender a ler e a escrever? Esses estudos foram contemplados em algum momento nas discussões ou material disponibilizado pelo Pacto e são relevantes para a prática pedagógica?

Olha eu sei assim, quando eu fiz o meu pós, assim, eu fiz em educação especial, então eu sei que o cérebro é um fator muito importante nessa questão, mas ali no nosso curso não foi falado nada assim, 'né', então é, geralmente, quando eu encaminhei aluno para a avaliação, dificilmente, eles tocam nesse assunto 'né', que possa ser um fator ligado ao cérebro, ter algum probleminha assim e parece que sempre tipo é o professor que não sabe trabalhar, é o professor que não faz isso, tem que fazer atividade diferenciada, então parece que tem assim, um... sei lá, se é um tabu, não sei, como seria a palavra, mas quase não se fala sobre isso 'né', eu sei muito pouco sobre essa questão assim, então isso está muito longe de nós assim, esse assunto, falta muita coisa ainda, eu não tenho conhecimento assim, específico para dizer e nem dá muito palpite 'aí'.

Professor Alfabetizador - Em9

1. Descreva a tua experiência como alfabetizador. Qual o caminho que percorres no processo ensino-aprendizagem da leitura junto a teus alunos?

No começo do ano eu sempre começo a trabalhar a partir do nome dele, o nome deles, a família deles, as coisas que ele tem próxima dele, os nomes que tem a ver com a vida dele, daí eu trabalho, eu canto as músicas que tem a ver com letras, palavras, vou trabalhando isso, normalmente eu não uso o método da abelhinha, aquele /ba/, /be/, /bi/, /bo/, /bu/, isso normalmente eu não uso, agora que nem esse aluno que eu tenho, eu já estou usando isso mais porque ele não 'tá' sabendo as letras, de jeito nenhum, então eu estou pegando ele, por exemplo, estou todo o dia assim, ele vai me dizendo, e quando eu recapitulei tudo isso 'aí' eu pego ele e agora vamos começar ler a palavra, 'aí' a gente vai para as palavras, mas tudo, sílabas simples por enquanto, porque ele não 'tá' nesse processo ainda e 'aí' então, assim leitura eu faço todo, agora eu faço assim, eu começo a aula, conto uma história pra eles, um livro do PNAIC, que eles adoram, então eu conto pra eles, eles escolhem o livro e eu conto pra eles e a gente conversa sobre o livro, cada um fala sobre o que entendeu, tudo isso e 'aí' assim a gente vai trabalhando palavras desse texto, então assim quem não sabe ainda, quem não 'tá' bem alfabetizado, tem mais uns, a gente vai trabalhando, palavras mais simples dentro daquele texto, vou pegando eles e vou trabalhando separado com eles as sílabas, a leitura, a escrita, tudo isso vai separado, quem já consegue, já vai produzindo, já vai fazendo coisas mais avançadas, acho que tem dado bem certo, porque de três que eu não tinha alfabetizado, dois já foram, que eles já estão bem encaminhados, por exemplo, sílabas simples, bem tranquilo, vão indo, sílabas mais complexas que eles ainda não estão bem lá, mais a questão da leitura pra eles eu vejo assim que abriu, abre muito o leque, porque assim agora quando eles assim eu comecei, no começo, bem no começo eu não fazia essa questão da leitura no começo da aula, agora que mais tarde eu comecei a fazer, eles gostaram tanto disso que agora eles fazem assim, profe eu já estou pronto com a minha atividade, sabe posso ler, já vão direto lá e pegam os livros e leem. Esses dias veio uma aluna minha, me trouxe um livro dessa grossura para ler profe eu quero ler esse livro aqui que agora eu adorei ler, eles adoram ler, então eles vão assim procurando, eles se esforçam, eles abriram assim a questão da mente pro... como eu vou te dizer uma, assim o vocabulário deles, eles leem com entonação, eles entendem o que eles leem, é uma maravilha, a minha única dificuldade é aqueles meus três alunos que eu tinha, dois estão assim, conseguindo acompanhar aos poucos, porque eles têm um histórico todo, que eles foram encaminhados e um monte de tudo, coisas assim, eles já foram encaminhados, têm um histórico, mas agora eu estou conseguindo e 'aí' esse aluno que não se alfabetizou ele está com esse problema só que 'aí' a leitura

parece que aguçou a curiosidade deles, então eles vem profe, se eles não sabem eles vem profe essa letra que tem nesse livro aqui, porque assim ela é uma letra diferente, profe essa letra, daí eu pergunto, nunca digo pra eles, 'aí' eu pergunto, como tu acha que é isso? Daí eles vão testando, testando /rororo/ e vão fazendo e 'aí' eu tenho um que tem problema na fala, ele foi encaminhado, mas até hoje não conseguiu acompanhamento e ele não consegue, só que assim 'oh' onde não tem "ERE", nada dessas letras, ele não tem problema, agora vou te dizer o que mais o que eu faço é quando eu trabalho um texto, eu trabalho bastante as palavras dentro do texto e 'aí' eles procuram, eles fazem recorte, procuram palavras, eu tenho na sala palavras por tudo, que daí eles associam, 'bah!' aquela letra é daquele bicho lá, aquelas coisas assim, eles vão, eles buscam, eles... é a coisa mais legal, eu adoro trabalhar com eles porque eles são curiosos e eles buscam, tu não precisa dizer pra eles, 'ah' é assim, 'ah' vamos procurar, onde tu acha que está e eles vão, é a coisa mais boa do mundo assim, eu não sei, vou te dizer, bem sincera eu não sei se o que eu faço, como alguém acha que é certo, que nem eu te disse antes mas eu faço e dá certo.

2. Tu participas do Pacto? Como vê essa iniciativa?

Tu quando tu tem que sair da tua zona de conforto, isso é meio complicado assim, o tempo, principalmente, eu faço nas terças de noite. É um pouco sacrifício, assim de ir lá, mas eu gosto, eu acho a gente sempre aprende alguma coisa, não que a gente fosse assim, não soubessem e a gente até relembra muita coisa, acho que a gente é cobrado muita coisa de novo, às vezes, a gente fica um pouco acomodado. Daí a gente tem que dar uma mexida de novo pra voltar de novo, não que seja tudo novidade nada disso, mas a gente sai da zona de conforto da gente, dá uma mexida. Que nem esse ano a gente tem o de matemática, não é que a gente não sabe fazer, a gente faz só que a gente dá um pouco mais na coisa e essa questão, principalmente do PNAIC, eu acho que isso foi muito importante pra mim, a questão do material porque a gente não tem esses livros, esse acervo que eles mandaram, isso foi muito importante, os livros são de excelente qualidade, os alunos adoram e eu tive que brigar muito na escola pra conseguir levar os livros para a sala de aula, o bibliotecário não queria de jeito nenhum, não isso é da biblioteca, ele chegou a ligar pro MEC, então assim eu fui lá e peguei uma caixa 'tô' levando para a sala de aula, tenho meu canto de leitura bem grande na sala e as crianças têm autonomia assim 'oh' eles vão lá, tão pronto na atividade eles vão lá pegam os livros e escolhem o livro e isso é uma maravilha, daí fica um mês e pouco daí eu troco a caixa. Eu quando eu pego outra caixa, tu tem que ver eles estão em cima, é uma loucura e os livros da biblioteca são muito fracos, sabe aqueles de coleção que tu compra, que não tem conteúdo nenhum, é assim, o conteúdo da história é... não tem, 'aí' eles dizem assim, profe e eu gosto muito de encenar a história, sabe aquela coisa

de interpretar, eles se matam, eles ficam loucos, eles adoram, profe hoje tu conta essa e eles já leram a história, só que eles querem que a gente conte de novo entende, eles não se importam, então eu acho que a melhor coisa do PNAIC foi assim, esse material que a gente ganhou, recebeu. Foi assim, pena que a gente não pode ficar com todo ele na sala, mas foi uma briga. Ele ligou pro MEC, ele disse que o MEC disse que isso foi para a biblioteca.

3. Existem diferentes métodos para alfabetizar. Tu usas um método para alfabetizar? Qual método ou métodos tu usas?

Na verdade que nem eu te disse antes, eu não uso um método, eu vou fazendo o que eu acho que está dando certo, se não dá certo de um jeito eu vou de outro, quem assim, eu te disse antes com uns alunos dá de um jeito e outros não “tá” dando certo assim, então eu tenho que começar, vou lá no /ba/, /be/, /bi/, /bo/, /bu/ e vou adiante pra ver se eu consigo chegar, desde que ele aprenda, entende, eu vou... Nunca começo “A”, o “BE” só isso, começo de palavras, de coisas, dessas coisas deles assim, mas tem um aluno que não consegue dessa forma, daí eu vou lá, olha essa letra aqui, que letra é essa, ‘ah’ esse é “Be” se eu juntar com o “A” se ele der a mão pra “A” como ele faz /ba/, então eu vou assim, eu não tenho uma coisa assim eu faço só isso, só isso, só isso, eu faço o que tiver que fazer desde que ele aprenda.

4. O Pacto fez tu mudares a tua opinião em relação aos métodos de alfabetização?

Não, acho que não, eu vou ser bem sincera assim, não mudar, talvez me trouxe mais subsídio, talvez pra incentivar um pouco mais, mas como eu vou te dizer assim mudou... não é que mudou, é que agente trabalha muita coisa, assim, talvez me trouxe uma, um ponto de vista um pouco diferente assim, que essa questão de trabalhar com projetos, com coisas assim a gente sempre faz, tu pega tipo um tema geral, um tema gerador e trabalha um tema gerador e trabalha vai indo em cima disso, eu trabalho um monte de coisas em cima disso, mas assim acho que trouxe mais essa questão de material mesmo, de coisas assim...

5. Quais as principais mudanças que o Pacto trouxe no trabalho em sala de aula?

Mais a questão da leitura, eu não fazia isso antes tanto, talvez por não ter o material. Eu comprava muitos livros, mas sabe como é que é, isso, às vezes, é muito complicado, então assim eu pegava da UNISC. A turma ano passado quando eu não tinha eu pegava da UNISC, tu pode retirar 10 livros, eu pegava os livros da biblioteca e levava para minha sala de aula, quando a gente não podia pegar os da biblioteca aqueles nossos. Eu fazia toda vez, toda semana, eu tinha 10 livros novos na sala de aula, então eu trabalhava com aqueles livros, eu fazia leitura e eles liam sabe e trocava na semana seguinte, porque

não tinha livros, livros de qualidade, entende? Porque tem livros a 'dar com o pau', mas não tem livro de qualidade. Então, tu tem que ver, às vezes, o tipo, eu acho uma graça isso, 'ah' profe um livro do PNAIC que agora tem assim "as princesas soltam pum", gente e eles já tinham, lido profe conta essa história pra gente, gente eu ria contando a história e é muito legal, então assim e é isso motiva eles, daí um lê, o outro também já quer ler, e 'aí' só vai, então, sim essa mudança da leitura acho que eu, eu introduzi muito mais pelos livros e assim pela motivação que isso trouxe pelas crianças e para mim também na questão da leitura.

6. Tu achas que o Pacto contribuiu para a qualificação do ensino da leitura? De que forma?

Eu acho que essa questão na leitura, nesse ponto foi sim. Sim contribui com certeza, principalmente pelo material que foi fornecido.

7. Qual a tua opinião sobre o Ciclo de Alfabetização de 3 anos? Há necessidade de 3 anos para a alfabetização? E sobre a não reprovação durante o Ciclo?

É que isso depende de cada aluno, eu tenho, por exemplo, dos meus alunos, eles estão 90% alfabetizados, lendo perfeitamente, escrevendo perfeitamente, tudo eles fazem maravilhosamente bem, eu tenho um aluno, por exemplo, que ele chegou na escola com 6 anos e ele nunca tinha sido motivado pra nada relacionado, um aluno que mora lá no meio do mato, longe do mundo, de tudo e de todos, nunca tinha visto uma televisão, não tinha visto nada, ele não tinha noção, então ele assim, o 1º ano foi só pra ele se socializar, pra ele começar entender o que é na verdade uma escola, então assim, eu, às vezes, penso assim, se esse aluno tivesse ficado dois anos no 1º ano, pra ele se fortalecer, porque assim, eu não sei, se assim, às vezes, eu penso sobre isso um pouco, talvez cada um tem o seu tempo a gente sabe disso, só que daí eu penso na questão dos professores, será que os professores do 3º ano 'tá' dando esse tempo para o aluno que era do 2º que não tava preparado, atualmente, será que ele 'tá' tendo seu tempo de se alfabetizar ou ele vai ter que acompanhar o conteúdo do 3º ano, então se ele tiver que fazer isso 'tá' perdendo tempo, ele vai reprovar no 3º ano umas quantas vezes, mas eu acho que se ele, eu penso assim, se no 1º ano ele não tivesse condições, não usar a palavra reprovação, se fosse continuar mais um ano lá, mais meio ano lá pra se fortalecer, pra realmente pegar aquela base toda e depois ele ia bem mais tranquilo adiante, se fosse trabalhado de forma tipo em ciclos, às vezes, eu penso nisso, daí eles ficam mais tempo num ciclo e daí quando eles tão bem alfabetizados, bem trabalhados, eles vão adiante, tudo bem, só que daí eu penso assim, a questão que nem nós trabalhando por anos, daí chega no 2º e no 3º ano, ele 'tá' tendo essa oportunidade, 'tá' sendo trabalhado essa alfabetização ou simplesmente dá um texto de 3º ano pra ele e

ele nem 'tá' no nível de 1ºano, então eu penso assim, como a forma, isso é trabalhado, se for trabalhado direitinho tudo bem, dá pra usar em três anos, mas como nós hoje em dia estamos trabalhando nas escolas, não sei se em todas, mas na minha, eu acho que é muito ruim isso pra alguns alunos, que tem alunos que acompanham que não tem problema, aquilo vai embora, mas aqueles alunos, principalmente, este que eu tenho, que ele 'tá' agora no 2ºano começando se alfabetizar, ele vai de que a pouco para o 3ºano, não 'tá' em nível de 3ºano e aí ele... vai acontecer o que com ele, vai ser dado oportunidade para ele continuar no nível que ele tava ou ele vai ter entrar no 3ºano sabendo as coisas do 3ºano, essa é a minha preocupação, entende, ele não 'tá' sendo trabalhado, eu acho que ele não 'tá' sendo trabalhado no nível que ele está, ele é encaixado no 3º ano, tem que trabalhar as coisas do 3º ano. Depende da forma como é trabalhado, sou a favor e contra a reprovação, é isso que, às vezes, eu penso assim, do jeito que é hoje na minha escola, eu acho que não, que deveria ter reprovação, se fosse trabalhado numa forma diferente 'aí' sim, mas tipo assim, oportunizando espaço pra cada criança, tipo de nível que eles estão, mas eu acho que isso não é oportunizado dessa forma, pela forma correta.

8. Tu achas que o Pacto pode produzir mudanças na qualidade da alfabetização no Brasil e produzir efeitos de longo prazo na qualidade da leitura e escrita dos estudantes brasileiros? Por quê?

Eu acho que sim, por exemplo, que nem eu te coloquei na questão dos meus alunos, na questão da leitura, talvez se eu não tivesse tido esse material todo eles não teriam essa oportunidade tão grande de abrir horizontes através da leitura. Para os meus alunos foi fenomenal e eles assim... deu a vontade de ler neles e assim eles produzem textos muito melhores, eles escrevem, eles têm noção de mundo e eles procuram outras coisas já, então nesse sentido, para os meus alunos, acho que vai fazer diferença sim. Tanto esse ano que é da matemática também, acho que abriu um pouco o leque e de novo vou te contar o material que a gente tem para usar, que a gente recebeu pra utilizar fez a diferença, vai fazer a diferença sim, se eles tivessem continuado a ler aqueles livrinhos quadradinhos lá assim, sem graça, não ia abrir horizontes pra eles, como esses aqui tão oportunizando pra eles.

9. Em que medida tu consideras que a escola (professores, alunos e famílias) se sente comprometida com o objetivo de melhorar a qualidade da leitura e escrita dos estudantes?

Eu acho que na minha, vou falar dos meus alunos agora, os meus alunos graças a Deus, os pais são bem presentes, se não é o pai, é a vó que é bem presente, menos um aluno que eu te falei que tem essa questão de morar longe, que ele não faz tema, ele não, nada, ele é um aluno, completamente isolado do mundo e os pais não têm preocupação com isso, ele chega a escola

assim 'oh' até pela questão de higiene dele, por tudo e é uma tristeza. Então, assim, ele não se sente bem, porque ele vem sujo, ele vem... a mãe nunca tem tempo pra ele, ele faz coisas assim ele, por exemplo, na Páscoa, eu sempre faço ninho e confecciono ovos, faço chocolate e a gente faz um escarcéu assim, e 'aí' ele disse profe tu nem sabe o coelhinho me trouxe esse presente aqui da escola, ainda bem, porque lá em casa ele não foi, eu nunca vou esquecer isso, pra mim isso não tem presente maior assim e o reconhecimento dele porque ele ganhou alguma coisa e vou ser bem sincera, o meu marido sempre diz, como tu é, tu dá mais para teus alunos que para teus filhos assim, mas eles são um pouco de filhos porque eu sei que esses dois ou três, os outros, talvez ganhem bastante, eles valorizam isso e eles levam para a vida toda e então, assim são coisas que me marcam e eu acho assim, que nessas horas a gente tem fazer o pouquinho que a gente faz, faz muita diferença na vida deles, então assim, 'ah' até me esqueci o que eu estava... então assim, a família faz falta, muita falta na vida desse menino, por exemplo, porque ele não tem apoio, ele não tem incentivo de casa, nenhum, o pai nunca veio na escola, moram lá no fim do mundo, eles não têm, até a questão de material, nada e assim a gente consegue, ele vem sem almoço porque a mãe não pode vir para casa da roça pra fazer comida para ele, o que ele tem em casa ele come, mas a mãe faz de noite e ele come da panela, frio quando tem e quando come, às vezes, ele chega na escola e não é porque não tem condições, tem carro, tem tudo, mas é comodismo da mãe eu sempre digo isso, então ele chega na escola e pergunta professora não tem nada pra comer na escola ele espera até a hora do recreio e come sete, oito pratadas de comida, então assim como é que um aluno vai aprender vai... desse jeito, ele vem sujo, fedendo a chiqueiro de porco, é horrível. Então assim, a família faz diferença na questão, não precisa nem ter conhecimento de nada eu acho assim, porque desde que ela oportunize condições para que ele se sinta bem, pra que ele se desenvolva, já é, porque o resto a gente trabalha também bastante, claro que eles têm que ajudar a fazer tema, a perguntar, isso também faz parte, só que assim, uma criança que nem ele, não tem nada, eu acho também, eu também, não teria vontade de fazer nada, a gente não tem vontade de fazer nada assim, tu chega na escola fedendo, ninguém quer ficar perto de ti, eu posso dá banho, mas também não vou todo dia 'tá' dando banho na criança 'né' ele também fica constrangido, 'ah' profe os outros ficam rindo de mim, a turma entende, mas a outra sala, são coisas muito complicadas que não precisavam acontecer se a família assumisse o seu papel.

10. Tu tens conhecimento sobre os estudos da neurociência em relação ao processo de aprender a ler e a escrever? Esses estudos foram contemplados em algum momento nas discussões ou material disponibilizado pelo Pacto e são relevantes para a prática pedagógica?

A gente houve falar muita coisa, eu não sei te explicar agora, exatamente o quê, a gente houve falar muita coisa que tem estudos. No PNAIC a gente nunca ouviu falar sobre isso, que ele assim, o PNAIC nesse ponto, realmente pecou um pouco, porque ele foi por aquela média, os alunos normais entende, não se aprofundou nem um tema nem outro, a gente sabe que tem alunos que tem muita dificuldade de algumas coisas, mas realmente, assim na prática de sala de aula não foi contemplado de forma nenhuma, eu acho, não posso assim, nada. Nem quando a gente, quando tem um aluno com dificuldade assim, se é feito um encaminhamento a gente, nem isso a gente, nem da própria secretaria recebe resposta, nada, não tem acompanhamento, não tem orientação e muito menos o PNAIC 'né', nesse ponto nada. Sei lá, eu assim tu vai olhar de ano pra ano, esse ano eu fiz assim, ano que vem, eu, às vezes, até adapto alguma coisa, eu trabalho dessa forma, outro ano trabalho dessa forma assim, a gente vai modificando sempre, se a gente vai pensar como eu comecei a trabalhar, eu comecei a trabalhar observando a "A" trabalhando, eu fui para a escola "A", quando a "A" estava se aposentando e 'aí' eu fui assistir à aula dela, aprendi muito com ela, aprendi muito com ela, só que hoje eu já penso assim um pouco... tu vê as coisas eles sempre falam que a educação não muda, mas eu acho que eu mudei a minha forma de trabalhar bastante, porque naquela época a gente fazia assim, e assim e assim a gente dava a resposta, hoje em dia a gente já faz o contrário, a gente questiona melhor o aluno, o que tu acha disso, que nem eles perguntam pra gente e a gente devolve a resposta, a pergunta, então eu acho que a gente trabalha uma questão muito mais, mais de questionamentos, de indagações, sei lá, eu acho que a gente já faz a criança ser mais crítica que no nosso Projeto Político Pedagógico diz, assim tornar o aluno crítico, não sei o que, mas ele repete tudo igualzinho ele não é crítico, são coisas que eu acho que vai evoluindo, a gente devia começar a trabalhar com a experiência que tem hoje, essa é que é a diferença.

Professor alfabetizador - Em10

1. Descreva a tua experiência como alfabetizador. Qual o caminho que percorres no processo ensino-aprendizagem da leitura junto a teus alunos?

No início do ano eu faço uma observação do grupo e eu faço umas testagens escrita, ali eu já observo o processo de leitura junto também porque eu, individualmente, tu pede pra criança mostrar a leitura, a palavra que ela construiu e esse instrumento que eu uso para diagnóstico, depois que eu faço esse instrumento pra diagnóstico eu já tenho um olhar desse grupo e no transcorrer do processo de alfabetização que ocorre nestes três trimestres, principalmente no 1º eu faço muito o momento de ler do jeito que sabe a leitura de imagens para aquelas crianças que estão bem no início do processo de leitura, que é contar o livro através das figuras porque o que eu já fiz de experiências anteriores e que foi muito importante e para aprendizagem das crianças embora eu tenha todo o cuidado da criança frente aos colegas 'né', no momento dessa contação de história, no momento da leitura, a forma como eu encaminhei essa proposta é o que me mostra que eu estou alcançando esse objetivo, que é fazer a criança contar história do jeito que ela sabe e acompanhando esse processo nos trimestres porque no primeiro trimestre eles se organizam por ordem alfabética, então a gente inicia primeiro com a contação da história, através do desenho e 'aí' depois eu vou alternado os gêneros literários e eu digo assim, na segunda rodada da ordem alfabética a gente vai pegar os gibis, a terceira rodada entra os contos literários, numa quarta rodada entra só os livros da sala, 'aí' eu vou trocando, às vezes, a gente faz os livros do Pacto primeiro e agora até quando eles fizeram uma história em quadrinho, com os desenhos, a escrita e os diálogos e agora a rodada da leitura é contar a sua historinha, então a gente vai alternado, eles gostam muito, a gente tem um baú onde eu coloquei com os livros... quando veio a ideia de deixar os livros... na verdade esses livros deveriam estar na sala, nós enquanto escola não tínhamos feito essa leitura de que os livros do Pacto deveriam estar na sala, eles estavam todos na biblioteca, para nossa escola, então depois que veio essa indicação, que veio que os livros do Pacto precisariam ficar na sala 'aí' surgiu a curiosidade e a de vontade de ler, porque os livros que vieram, despertaram muita curiosidade, tem livros com autores que tem no contexto da história, que é o que a gente procura assim, um livro que envolva a criança, que faça ela criar, imaginar, sair além desse contexto, e os livros que a gente recebeu do Pacto, todos esses tem essa configuração, são livros ótimos e as crianças adoram muito, então eles estão em nossas salas e quando não tem uma proposta que nem essa que eu falei dessa deles construir uma história em quadrinhos pra ler, sempre a gente usa os livros do Pacto, sempre que tem uma proposta diferente a gente sai, mas sempre volta porque eles pedem, eles gostam e além dessa leitura diária, que é de cinco,

sete ou dez minutos depende da criança, 'aí' eu deixo esse tempo para a criança contar se ela vai ler... Desde o primeiro trimestre eu fui observando a evolução do processo da leitura e da escrita através dessa atividade também porque daí a primeira proposta era contação através das imagens, 'aí' depois uma leitura de gibis, que tem uma leitura de maiúscula que facilita depois os livros dos contos que a maior parte tem a script minúscula, então aproveitando também esse contexto de escrita, de reconhecer as letras, de conseguir fazer essa leitura, ali eu tava observando o tempo todo o processo evolutivo da aprendizagem da criança porque daí aquelas crianças mais introspectivas, mais sensíveis, que precisavam dessa ajuda no momento da leitura ela mesma convida um colega pra ajudar ou me convida, a gente senta faz uma rodinha, eu ajudo a ler, lê junto com o colega, isso no primeiro trimestre, no segundo trimestre todos já estavam lendo com autonomia, bem sozinho, lá na frente para todos os colegas. No primeiro trimestre tinha uns cinco que precisavam de ajuda que tinham medo de vir aqui na frente pra ler para os colegas, mas no segundo todo mundo já curtindo e sentindo isso como uma coisa muito prazerosa, então algumas atividades de tema de casa também iam assim, ler com o pai, ler com a mãe, então assim a gente 'ia' combinando com os pais que agora esse momento tem que ser a leitura do filho porque alguns pais ainda estavam lendo para os seus filhos, essa leitura é importante, mas nesse momento a criança ela tem que ter já um momento que ela possa ter essa leitura, a gente pode fazer sempre os dois caminhos, mas é muito importante os pais precisam incentivar a criança a ter a sua autonomia de contar, é importante para ela também, ela poder contar, ela poder ler. E agora no terceiro trimestre eles tão lendo os livros, eles até já conhece algumas histórias quando é o dia da leitura, eles vão lá ao baú, já selecionam os livros que eles mais gostam e na sala de aula a gente faz também o momento da leitura silenciosa, que no início isso era bem engraçado porque nessa fase a criança ela lê balbuciando, rindo e conversando, ela tem a leitura em voz alta que auxilia ela a compreender e foi uma experiência que eles precisaram de mais tempo pra fazer isso, porque a gente brincava 'ah' o colega está escutando a tua história, então assim acho que foi mais uma proposta que eles experimentaram leitura silenciosa, o termo parece meio pesado para uma criança de 7 anos, mas eu disse pra eles que, às vezes, quando a gente quer ler um recado, um bilhete em segredo que a gente tem que ler baixinho sem que ninguém vê e 'aí' eles entraram no ritmo da brincadeira de fazer uma leitura silenciosa e eu digo pra eles que é uma leitura com o poder da mente e essa leitura ela entra na escrita, a escrita vai, eu não consigo separar assim esse processo de leitura e escrita porque pra mim assim um está encaixada, conectada na outra, o que eles leem eles gostam de registrar e o que eles registram pode se transformar numa história, a história pode se transformar em outra coisa, às vezes, de uma história a gente sai lá pra fora pra brincar, a história... eu acho que a leitura pra criança nessa idade ela possibilita, ela imaginar, representar muitas vezes as situações assim mais complicadas do

dia-a-dia da rotina dela, desse grupo tem vários alunos que têm situações de família assim que acaba sendo o espaço da escola, da leitura, do desenho, da escrita uma válvula de escape para poder canalizar aquela situação e a gente acaba usando esse momento pra fazer intervenção pedagógica para poder deixar aquela criança com aquela situação problemática de uma forma mais tranquila e saber lidar com ela e isso acaba interferindo na aprendizagem, no desenvolvimento porque não tem... tu olha no olhinho que ela está triste, que ela não está conseguindo fazer as atividades, é como se ela pedisse socorro, estou aqui me ajudem e eu faço assim deles sentarem juntos para ler, “A” conta a tua história, como tema de casa também, contar do seu jeito a história que leu, então eles fazem em um, dois parágrafos a contação e isso também eu já veio para a roda da leitura, a leitura diária já foi uma proposta assim, todos leram ‘né’, contando a história do seu livro.

2. Tu participas do Pacto? Como vê essa iniciativa?

A proposta é interessante porque a gente faz toda uma revisão bibliográfica, a gente fala sobre a fundamentação teórica de todas as nossas propostas, só que assim eu... poucas coisas pra mim chamam a atenção no sentido de serem novas, a gente compartilha, lê os textos, troca ideias, troca atividades assim o que se pode fazer com os conteúdos, mas assim no grupo que eu participo há pouca assim... não é interesse, mas o grupo todo é formado por professoras que já trabalham a bastante tempo, até conversando um dia com a orientadora do Pacto, dessa participação em alguns momentos quando a gente está fazendo a leitura do conteúdo mesmo programático da unidade sempre há dispersão, então foco e atenção pro contexto está sempre desvinculado por não ser algo novo, se alguém estivesse entrando hoje, iniciando hoje a trabalhar acho que seria algo novo para compartilhar, pra trocar, o material em si ele tem um valor, ela ‘tá’ atualizado dentro dos conteúdos, dentro do que a gente pensa para os anos iniciais, mas quem tem a prática, experimentou várias coisas, que busca, que quer fazer coisas diferentes já está interado nesse contexto, daí eu acabo, às vezes, a gente acaba, às vezes, sendo meio visado no grupo, porque sempre daí que dá uma ideia de alguma coisa diferente sobre isso, e ‘aí’ não há envolvimento dos outros sobre esse assunto, tu fala como se tu estive falando sozinha, ‘né’ uns escutam e outros nem escutam, só que é de cada professor, poderia com o material que tem, com as sugestões que tem. Eu vejo assim que elas dão uma mexida no meu... nas minhas gavetinhas de atividades, de coisas que tu pode fazer porque, às vezes, tu vai trocando, inventando uma e outras e tu esquece aquelas bem lá que tu fez a um tempão atrás, eu vejo que no Pacto a gente... a orientadora, principalmente, ela tira lá do fundo do baú coisa que eram da nossa infância, ou coisas que eram do magistério, coisas que o pai e a mãe faziam na escola e isso eu acho que é importante resgatar, então quando a gente fala sobre isso, atividades simples, mas eu acho pra criança são muito

significativas, às vezes, a gente ‘tá’ mais preocupada em usar os últimos recursos tecnológicos e tudo e fica aquele, aquela coisa mais construída que é mais de mão em mão, que talvez é o resgate dos... pai e avós, às vezes, quando isso aparece a gente diz, mas olha e aquilo chama atenção e eles experimentam e quando tu vai trabalhar com as crianças elas perguntam, mas o que é isso, porque o que tem de atualidade hoje eles conhecem, mesmo quem não tem já viu falar ou conhece mas, às vezes, propor uma atividade que a gente não tem contato a mais tempo ela também promove a aprendizagem e lá no Pacto a gente faz isso, a orientadora busca muita sugestão de atividades e é uma chuvarada assim ela traz link, vídeos, muito material ela nos manda por emails, os livros que já tem “downloads”, tudo prontinho só para passar, sugestões de livros, nos próprios livros têm todas as sequências didáticas que tu pode fazer daí ela tem a preocupação da gente ‘tá’ revendo passo por passo, porque muitos nem olham aquele material, não buscam aquele material.

3. Existem diferentes métodos para alfabetizar. Tu usas um método para alfabetizar? Qual método ou métodos tu usas?

Já falando das atividades ali desse resgate, assim como já resgata brincadeiras, brinquedos, atividades que são importantes para criança, em relação aos métodos também, tem algumas atividades que quem olha de fora pode ver como elas assim até meio diretivas ou tradicionais ou como a gente vê, mas é o professor que sabe por que ele ‘tá’ usando aquela atividade, naquele momento, para aquele grupo. Eu não tenho um método único, porque a forma como tu vai olhar aquela atividade, executar ela é que faz o diferente, porque assim, eu já observei as atividades que eu já vou ver com a minha turma, eu compartilhei com uma colega, porque ela pediu só que o fazer do professor é que faz a diferença, então quando ela aplicou, ela fez assim um registro muito diferente ‘né’ porque a ideia dela era ter conseguido o objetivo que eu consegui na minha turma, mas como explicar para ela que é o fazer, de como tu encaminha, o que tu faz, como tu faz, como tu fala é que faz a diferença, aquela velha história da receita, eu quero aplicar isso aqui com a minha turma, é o tu fazer, é como tu planeja, tu sabe o que tu sabe o que tu vai precisar pra executar isso e a pessoa que quer aplicar isso, ela não sabe quais são as tuas reais intenções e o que tu vai fazer pra chegar e alcançar eles, então em relação a métodos, eu abro um espaço muito grande pra criança experimentar e construir a escrita do seu jeito, ajudar ela elaborar as hipóteses, em diferentes grupos, não só os grupos mais com nível próximo, com grupos, num segundo momento, num segundo nível diferente porque, às vezes, a criança que está num nível alfabético ela já... não pode perder aquela curiosidade, aquela vontade que, às vezes, acontece no grupo que ele ‘tá’. Fico preocupada com aqueles que ainda não estão lendo, tu deixa os outros em estágio meio estagnados, estabilizados e isso é uma outra coisa que tu tem

que cuidar para deixar sempre dando o passo de desafio de intervenção a mais para ele querer também, porque sempre ele vai se sentir... 'ah' eu tenho que ajudar, as fases da crianças... 'ah' profe eu tenho que ajudar, que nem eu faço muito com eles de grupos e um ajuda o outro a resolver a atividade, acho que não tem um método assim único... e nem denominaria assim o que dentro do construtivismo ou dentro do sociointeracionismo, eu acho que eu pego o que eu acho de interessante de cada um e uso no meu grupo assim o que aquilo me chama, ah isso vai fechar, se eu pensar assim se eu fizer uma atividade com esse objetivo eu tenho alguém que justifica esse método porque eu estou fazendo isso, mas eu não estou usando ele como um todo, só, nem ele como único, algumas atividades estão assim dentro de um contexto mais específico dentro de um ou de outro método, mas bem pouco assim do tradicional, diretivo, até porque nos dias que eu não estou na escola, nas janelinhas a "A" que é a monitora ela diz assim eu não sei o que tu faz com eles porque quando eles tão com as outras profes os combinados não acontecem, por isso é que digo é tu, ninguém substitui o que tu quer fazer, bem as relações que tu tem com os teus alunos, é o olhar, é só o jeito de tu chegar perto, a criança ela se aconchega no teu fazer 'né'.

4. O Pacto fez tu mudares a tua opinião em relação aos métodos de alfabetização?

Não, porque assim, na pedagogia eu já fiz assim, uma reflexão bem grande, diferente do magistério, porque não tinha essa experiência, essa reflexão, essa postura. No início do magistério, eu tava mais receptiva a conhecer educadores e até não tinha experiência, depois na pedagogia a gente foi experimentando, daí já trabalhava aqui, e lá na pedagogia a gente começou a refletir o que cada educador pensa, tu usaria esse educador, tu usaria esse método ali, que assim foi pra mim, que eu fui me questionando, o que eu estava fazendo na escola com as atividades que eu estava selecionando e aonde eu chegaria com tudo isso, isso foi me constituindo e na psicopedagogia alguns autores, educadores eu já conhecia e conheci outros novos que eu nunca tinha ouvido falar e como na pós a gente, em cada disciplina ganhava dois livros, então pelos conteúdos dos livros e pelos autores foram ótimas leituras, só não tinha troca lá 'né', era uma parte presencial, então a leitura e o estudo era... a gente que tinha responsabilidade total, mas os livros eu tenho hoje eu uso eles pra ler, trouxe aqui para a escola pra emprestar para as colegas, porque ele fala muito da leitura, fala muito da escrita do processo da aprendizagem, da criança que está com alguma dificuldade na leitura, na escrita, então como tu faz a intervenção pedagógica, como tu olha pra criança que eu 'tá' te sinalizando que 'tá' com uma situação problemática assim, e no Pacto não tem, não lembro de ter um autor que eu não tivesse visto assim e a gente usasse ou que trouxesse algo novo, diferente ou talvez que a gente pesquisasse sobre ele, nas referências que a orientadora sempre traz tem

vários autores diferentes, com textos publicados, nos próprios livros também, mas a gente faz apenas uma leitura, a gente não... talvez fosse... até seria um dado interessante a gente ler sobre autores diferentes, mas a gente não faz uma busca mais aprofundada ou reflexiva sobre eles talvez isso poderia mexer em algo diferente, porque se a gente faz apenas uma leitura, talvez isso seria um momento de roda de conversa, que ideias ele defende aqui, que método tem por traz disso e talvez por isso, talvez pelo tempo cronometrado que a gente tem nesse encontro de grupo, porque a gente chega 'tá' tudo, a pauta é cronometrada, é leitura, a gente troca ideias, tem a leitura deleite, e a gente monta, que nem o calendário a gente fez, monta o relógio, sempre tem atividades bem diretivas de pronta entrega 'né' só que assim essa questão ali do calendário tem contra pontos que assim eu vejo, não na questão da leitura que sempre tem livros novos e o que fazer com a leitura, a oficina literária é ótima, mas a sequência didática que é pedida para a gente em função disso que é o que não é legal, porque esse calendário, eu tenho calendário na minha sala e eles adoram o calendário, eu geralmente quando chego ali eles já foram botar os números no calendário ali e quando eu esqueço eles vão lá profe eu quero, eu quero, eu quero colocar os números, eu já tinha um calendário e mesmo assim todo mundo foi obrigada a fazer calendário de flanelógrafo que ele é demorado e que eu fiz em 96, 97 quando eu estava fazendo magistério e também a questão de fazer sozinho a minha ideia é de construir com os alunos, porque olha quanta coisa tu podes aproveitar no fazer 'né' ali a gente ganhou os números e as figuras tudo impressas e só tinha que dobrar, colar, montar e que não deu tempo para determinar a gente ficou aqui dois períodos de horas, de janelas que a gente 'tá' corrigindo cadernos, lendo, está fazendo outra coisa e que a gente teve que terminar de montar isso e 'aí' isso... o que eu gosto do Pacto é... e foi... e é a aquisição dos livros, é os livros que assim eu gosto.

5. Quais as principais mudanças que o Pacto trouxe no trabalho em sala de aula?

Poder ter aqueles livros ali ótimos, porque daí com esses livros eu consigo entrar no processo da escrita e leitura deles com ele, ideias de exploração, eu já fui com eles, eles escolheram um livro que já foi bem legal. Nosso laboratório de informática ele é meio precário assim porque, às vezes, funciona os computadores, uma hora funciona, outras vezes não funciona "daí" tu tem que fazer em dupla e eles estavam lendo o livro na sala e o período seguinte era o da informática, 'aí' eu pedi pra eles parte do livro que eles gostariam de digitar, de serem como autores também, fazendo a digitação do livro, porque ali eu queria trabalhar leitura, depois na sala eles imprimiram, 'aí' eles fizeram o desenho daquela parte que eles gostaram e toda a construção da escrita, frase, a pontuação, a acentuação, o reconhecimento de letras, a letra maiúscula, a letra script, deu para explorar muito e depois isso serviu

também para o momento da leitura, no início da tarde, 'aí' foi mais uma rodada de ler a parte do livro que leu.

6. Tu achas que o Pacto contribuiu para a qualificação do ensino da leitura? De que forma?

Sim, porque nas unidades que tem ali tem muitas sugestões do que tu... pra quem tá chegando 'né' a trabalhar com alfabetização, ela te mostra como fazer, pra quem 'tá' iniciando a trabalhar com a alfabetização e, às vezes, também lendo tu não lembra, nós podíamos fazer isso porque, às vezes, a experiência ela não te dá dez anos para tu fazer a mesma coisa, dez anos de experiência é pra tu ter experiência de fazer coisas diferentes com aquilo e, às vezes, tu 'ah' foi legal ano passado, tu que fazer de novo, e esse fazer de novo tu pode abrir para fazer aquilo que tu viu, que foi muito legal, que eles gostaram naquele grupo, mas abrir para experimentar e fazer isso também 'né' porque tu já acaba selecionando coisas que tu viu que eles gostaram e, às vezes, tu esquece de um ou de outra e 'aí' pra quem pega os livros ali com as unidades tu lendo, tu cria mais outras ideias, tu pode até não fazer aquelas que estão ali. Mas elas te... porque eu sou assim eu 'tô' lendo... se eu tenho que criar uma coisa eu 'tô' conversando com alguém a pessoa pode 'tá' dizendo um monte de coisa que não é bem aquilo ali que eu precisava pra criar isso, mas ela conversando comigo ela me faz eu criar 'né', então quando eu leio isso ali, porque a gente tem que fazer várias sequências didáticas e coisa pra entregar os textos e várias propostas e lendo ali como esse jogo das sete cobras, ela só falou esse jogo é bem legal, que a criança soma, ela joga, aprende regras e gente fez quatro daqueles jogos, eles gostam muito, então assim o que tu experimenta lá e nos livros tinha esse jogo e eu peguei depois pra olhar de novo porque a gente não teve tempo pra ler as regras e jogar lá ela deu a ideia e eu fui fazer isso depois. Eu acho que ele é suporte, é um instrumento pra tu pesquisar. Ele te dá dados de como tu pode fazer também o planejamento, ele te dá várias sugestões e bem explicadinhas e tem foto, tem o passo a passo, a qualidade do material eu acho bem interessante .

7. Qual a tua opinião sobre o Ciclo de Alfabetização de 3 anos? Há necessidade de 3 anos para a alfabetização? E sobre a não reprovação durante o Ciclo?

O contexto das crianças na qual eu trabalho aqui e eu falo disso, porque é esse... contexto familiar, interfere muito na aprendizagem 'né', porque eu preciso e acredito que os pais eles precisam estar envolvidos nessa aprendizagem, porque a criança quando ela está aprendendo, descobrindo, escrevendo, lendo tem o "para quem", "quem" está olhando essa construção toda, não é só o professor, não pode ser só o professor, porque se não a criança aqui na escola, nesse momento ela 'tá' escrevendo o professor está incentivando, ela 'tá' evoluindo, se em casa não acontece e em casa não tem

esse incentivo, esse olhar. A criança volta todo dia aqui, para a escola como uma pilha que tu tem que recarregar, e quando tu tem que contar o que ela fez em casa na entrega dos boletins, os pais querem saber tudo sobre a aprendizagem na escola e quando tu fala e em casa em que momento tu senta com o filho pra ler e em que momento tu faz o tema com ele, para muitos pais é como se tivesse perguntando uma coisa de outro mundo, porque tu vê na visionomia assim, que é um baque, como precisa fazer isso? Isso é importante para o meu filho 'né', então, só a provocação, a pergunta, já fazem a criança vê que meu pai está vendo que eu 'tô' aprendendo, que eu 'tô' descobrindo e esse incentivo é, esse acompanhamento para a criança é fundamental. As crianças que vem do 1º ano pra o 2º ano, ele é bastante diversificado, tem crianças em diferentes níveis, e esse, eu digo de diferentes níveis porque cada criança tem a sua... seu processo, seu tempo, sua maturidade para a construção, mas tem crianças pelas questões, às vezes, de dificuldade de aprendizagem ou alguma questão emocional ou que precisaria ter um acompanhamento de um profissional fora da escola acaba interferindo também na aprendizagem, então, às vezes, o nível ou para o outro é muito distante e 'aí' como tu não tem suporte de um profissional que 'tá' fazendo esse acompanhamento fica muito difícil, bem mais difícil de trabalhar com esse grupo, porque no espaço da sala tu fica trabalhando com poucos recursos, eu diria assim, que é tu professora e o grupo todo. Assim como falei antes a gente pode trazer esses pais pra acompanharem bem de perto essa aprendizagem e não é todas as famílias que tem isso, esse acompanhamento é que faz isso. Então, o grupo do 2º ano ele é bem diferente, bom que ele é bem diferente, eu faço esses grupos diversificados pra eles trocarem e ajudar porque a linguagem da criança é diferente da que a do professor. Esse grupo de dezesseis alunos quando chegaram eram nove ainda construindo a escrita, a leitura, agora todos já escrevem, leem a gente tem um aluno autista e também está lendo e escrevendo e tem também a adaptação de uma aluna da classe especial, também nas sextas-feiras e ela também já está lendo e escrevendo, ela tem... a gente tem outro olhar para essa adaptação dela porque vai ser para o ano seguinte, a ideia é pinçar ela no 2º ano pro ano que vem, pra aquelas crianças que tem mais dificuldades esse processo se alonga até o 1º trimestre do 3º ano, porque no conselho a profe diz 'ah' esse aluno ainda está com dificuldades pra escrever, ainda está com dificuldades na leitura, mas eu acho que pode sim compreender 1º e 2º ano porque são poucos alunos que tem esse processo ainda no 3º, às vezes, interfere em método, às vezes, interfere o contexto familiar ou a necessidade de um acompanhamento profissional 'né' e que, às vezes, a família não tem condições pra isso, como são poucos alunos falando dessa realidade, eu acho que ele, que pra esses alunos que a gente tem aqui compreende-se 1º e 2º ano a profe do 3º ano já consegue partir com o grupo para uma construção já.

8. Tu achas que o Pacto pode produzir mudanças na qualidade da alfabetização no Brasil e produzir efeitos de longo prazo na qualidade da leitura e escrita dos estudantes brasileiros? Por quê?

Essa mudança na qualidade da alfabetização, eu vejo assim, até pelas situações que eu relatei assim, nem entrava dentro na questão, mas para exemplificar, porque assim, pra mim essa mudança na qualidade, ela depende do professor, esses livros que eu falei, assim que pra mim é uma coisa maravilhosa que eu uso para leitura, que eu uso para a escrita, que eu uso só pra ler, que eles deitam nas almofadas ali e dão risada e brincam com o livro depende do que o professor vai fazer com os livros, com as leituras que a gente faz no Pacto, com o material que a gente recebeu no Pacto, se ele for usado com uma leitura, criar uma atividade em cima disso eu acho que sim, que ele produz uma mudança sim porque tu faz coisas diferentes daquela... é uma leitura... ele é um suporte com umas dicas, com outras ideias sobre o que tu poderia fazer 'né'.

9. Em que medida tu consideras que a escola (professores, alunos e famílias) se sente comprometida com o objetivo de melhorar a qualidade da leitura e escrita dos estudantes?

A gente sempre orienta os pais da importância da leitura. A escola construiu o projeto "Ler com Prazer", que a gente faz assim, nas quartas-feiras, a gente tem a contação da história, que o professor conta a história. Então a gente fez o grupo do pré, 1º e 2ºano, cada professor vem uma semana conta a história do livro, a gente faz oficina literária com o texto do livro. A escola promove dentro dos eventos também um vendedor de livros, a gente orienta os pais a levar os filhos na feira, a comprar livros.

10. Tu tens conhecimento sobre os estudos da neurociência em relação ao processo de aprender a ler e a escrever? Esses estudos foram contemplados em algum momento nas discussões ou material disponibilizado pelo Pacto e são relevantes para a prática pedagógica?

Sim, eu não me lembro se lá a gente falou sobre isso porque a gente basicamente... são as unidades que a gente faz a leitura, são as tarefas que a gente recebe pra... com datas pra entregar e aqueles poucos autores os que eu não conheço e que a gente leu nos textos, não me lembro de nenhum fazer referência assim, se fez foi como eu te falei apenas um texto que mencionou, não que a gente fizesse um momento pra falar sobre a importância e eu acho isso importante.

Professor alfabetizador - 11

1. Descreva a tua experiência como alfabetizador. Qual o caminho que percorres no processo ensino-aprendizagem da leitura junto a teus alunos?

Eu começo com a data, coloco a data e a maioria dos dias faz uma leitura, que eles adoram 'né', depois eu começo a aula, os meus alunos têm um vínculo muito bom com a biblioteca, que vou toda semana, eles me cobram a questão de levar livro para casa e eles querem ler um pedaço lá na frente, eu tenho um aluno que não lê lá na sala, então todos querem mostrar quanto mais eles poder mostrar que leem mais... Trabalham super bem a questão de livro, eu peço muito para eles ler, eu trabalho muito com ordem de exercício, adoram tem até a gente faz por ordem de fileira porque cada um que ler e eu trabalho a questão da... quando eu faço a questão de trabalhar a leitura de ordem de exercício a interpretação deles, o que tu entendeu, o que tu explicou para os colegas, então eu, leitura a gente trabalha quase o tempo todo 'né'. Eu trabalho bastante leitura de texto, ler em voz alta, ler em voz baixa, pra aprender a ler essa leitura silenciosa que eles têm dificuldade, mas acho que é isso, a gente faz muita leitura, tudo eu peço para eles ler e depois eu explico, eles falam o que eles entenderam, justamente para trabalhar a questão da interpretação deles, eu acho que isso é importante pra saber ler e não só saber fazer uma decodificação, saber interpretar também.

2. Tu participas do Pacto? Como vêes essa iniciativa?

Eu achei bem bom. O que eu sinto muita dificuldade principalmente na rede, eu tenho uma irmã que trabalha também como professora de anos iniciais, assim que é do Paraná, então a gente, eu faço muita comparação de... da questão da educação, eu achei boa a iniciativa da questão de você dá... eu acho meio solto, às vezes, eu fico preocupada, a gente tem métodos, cada um, na nossa rede não tem um método, a gente não tem uma linha pelo menos de seguir, então cada professora alfabetizadora, eu acho também tem que ter e a gente tem que se sentir seguro, eu me sinto muito mais segura sendo a questão mais tradicional, não que a gente faz só, a gente faz uma mesclagem, mas eu me sinto segura nisso, mas eu vejo as pessoas meio soltas, tipo eu na minha escola, a gente tem três 1º anos, então eu não sei o que elas trabalham nas outras, que método elas usam. Eu acho que esta história do PNAIC veio pra dar uma universalizada, pra dar um rumo, todos andam mais ou menos por aqui, eu acho que ficou bem bom, eu acho que foi uma iniciativa bem boa do governo federal.

3. Existem diferentes métodos para alfabetizar. Tu usas um método para alfabetizar? Qual método ou métodos tu usas?

Eu uso vários, mas a minha base é tradicional, eu me sinto mais segura na questão de alfabetização da silábica certinha quando eu trabalho com eles, trabalhando por sílaba e eles, eu me sinto mais segura e pelo que eu dei uma lida, acho como eu trabalho numa classe bem popular, numa escola bem periférica, eu li uns estudos que eles têm uma questão de silabação mais fácil. Eu percebo como no ano passado, eu era professora do 1ºano e esse ano eu acompanhei eles e eu percebi que eles conseguiram evoluir muito bem e eu uso mais essa questão do método mais tradicional, mais de sílabas, não que eu trabalhe só com o método tradicional, a gente vai mesclando 'né' vai aproveitando as pessoas. Na faculdade a gente aprende que não se pode misturar métodos, pelo menos as minhas professoras falavam isso, ou é uma ou outra, eu não acredito muito nisso eu acho que eu consigo dá uma mesclada, pegar as melhores partes de cada um, não ficar só amarrada em um método, mas a minha base é mais... acho que é muito próximo de como a gente se alfabetiza eu acho, a gente puxa um pouco da raiz, então eu trabalho com o método silábico.

4. O Pacto fez tu mudares a tua opinião em relação aos métodos de alfabetização?

Algumas coisas sim, algumas coisas a gente tem uma visão diferente, que nem a questão da leitura eu trabalhava, mas como eu vejo, como essa leitura, como era pedido essa leitura deleite, como ajuda eles e eu não tinha assim sempre fazia, mas não era uma coisa muito enraizada, eu não fazia todos os dias, eu já tendo fazer o máximo, porque eu vejo que tu começa uma leitura, tu começa diferente com eles. Que eu sempre procuro trabalhar, mais eu não gosto trabalhar muito solto, assim eu sempre trabalho com mais uma linha como agora a gente trabalhou alimentação, então eu gosto de fazer coisas mais relacionadas de mais áreas, mas sempre dentro de um assunto, de um projeto assim, porque eu acho que fica muito solto pra eles assim, como eles têm eu acho que a questão da rotina, criança pequena tem muito a questão da rotina e pra eles é muito importante, pra eles se sentirem mais seguro, por isso que eu disse primeiro bota a data, depois escreve, faz uma leitura, então eles já tem uma ideia do que vai acontecer na aula e eles se sentem mais seguro e isso eu acho também a questão da leitura. Os jogos foi bem importante que a gente quase não tem na escola 'né' veio agora esses jogos, e veio os livros eu acho a questão mudou bastante coisa, a gente tem mais material para trabalhar e muita coisa, às vezes, passa batido e daí tu vem aqui no encontro, isso eu não trabalhei ainda, daí eu vou lá, eu acho legal porque dá um norte, 'ah' eu tenho que trabalhar isso, isso, isso, daí a colega vem e trabalhou de outra forma que dá trabalhar aquele assunto, eu acho que foi bem bom.

5. Quais as principais mudanças que o Pacto trouxe no trabalho em sala de aula?

É isso, a diversificação do material, de atividades, a gente não fica sempre nas mesmas, eu acho que a gente começou é um envolvimento, como eu tenho mais professores na minha escola a gente se envolve mais, a gente troca mais material, a gente troca mais informação porque a gente faz trabalho aqui em conjunto e a gente dá continuidade da escola, que nem eu trabalho com professores do 1ºano, do 2ºano e até do 3ºano, a gente faz troca de material, de informação de aluno. Esse fulano vai parar nesse lugar, esse aqui não está tão bem, ano vem se tu pegar eles tem que dar mais atenção nesse foco, então eu acho que deu uma integrada tanto aqui como a gente 'tá'. Na mesma escola tem professores fazendo junto, na mesma noite, no mesmo curso, esse envolvimento aqui foi pra escola e conseguiu desenvolver isso, a gente consegue conversar, trocar material entre nós, isso foi uma coisa bem legal, eu acho assim e a escola que os próprios gestores eu vi que eles falaram que como foi bom, que agora o pessoal trabalha mais em conjunto, então a gente tem trocas, eu troco muito com as gurias do 1ºano e as gurias do 3ºano e elas me mandam 'oh' "A" esses aqui vão chegar mais assim e esses aqui vão chegar mais ou menos assado, então tu já sabe como tu vai receber os alunos e como as gurias trabalham eu chego lá no 1º ano elas dizem, olha eu fiz essa atividade o que tu acha, daí a gente acaba até trocando atividades, mesmo que a gente tem séries diferentes, mas como a gente sempre tem diversas etapas dentro da sala, o 1º ano eu vou lá e vejo uma ideia legal que eu posso trabalhar com meu aluno que não lê ainda.

6. Tu achas que o Pacto contribuiu para a qualificação do ensino da leitura? De que forma?

Eu acho que sim, eu acho que sim, porque estimula a gente como professora a trabalhar mais e de forma mais diversificada. E material que foi, o que pra nós foi, a questão do material que veio. A nossa escola, às vezes, não conta, é uma escola grande pra comprar tudo e sempre livros novos, às crianças adoram levar pra casa, eles tem um cuidado enorme e eu empresto alguns livros da caixa ou eles pegam, eles botam de volta, eles cuidam, então a questão do material de leitura, como a gente faz muito projeto, a gente faz leitura deleite, é leitura de ordem, tem a leitura de texto, eles trazem texto de casa, trazem material de casa, eu li isso, aqui eu acho legal vou contar para os meus colegas, eles trazem, também eu acho que estimulou bastante assim. Eu acho que quando a gente fica, às vezes, a gente tem até preguiça de fazer mais cursos. Mas eu acho que sempre dá uma mexida, eu acho importante que a gente vê de outras ideias, às vezes, tu acaba te desestabilizando e fazendo uma nova concepção, montando uma nova concepção de ideias ou tu monta uma nova atividade ou tu vem com outra cabeça, dá uma ideia nova, eu acho que pra mim o mais importante é isso, assim do curso a gente vem e vê outras

atividades, a gente troca experiência que é bem importante e a gente tem colegas, eu dou aula na periferia, mas tem colegas que dão aula no interior são realidades diferentes, mas que em muitas coisas são comuns, as mesmas dificuldades com alunos, às vezes, a gente tem metas diferentes que a gente pode enriquecer.

7. Qual a tua opinião sobre o Ciclo de Alfabetização de 3 anos? Há necessidade de 3 anos para a alfabetização? E sobre a não reprovação durante o Ciclo?

A não reprovação, eu tenho dificuldade de lidar com isso, porque a gente vê que tem alunos que passam, mas às vezes eles não conseguem mais. Que nem a gente conversou esses dias teve alunos que vieram pro 1ºano, eu tenho um que ‘tá’ começando a ler, eu tava conversando agora com a minha colega, que está começando a reconhecer as sílabas, ‘tá’ começando a juntar, mas tem alunos que vem que eu não sei se é uma falta de maturidade, que eles estão entrando um ano mais cedo na escola, em 2016 vão entrar dois anos mais cedo e a gente acaba, eu vejo que vem a questão, a lei vem, mas a estrutura não acompanha e eu sinceramente os meus alunos quando eu tinha 1º ano, eu não tinha estrutura na minha sala, eu tinha classes enormes e as crianças super pequenas e então eles ficavam de joelhos em cima pra poder alcançar, então a gente não tem, eles gostam muito de brincar, a gente não tem esse tempo todo, a gente faz o possível dentro da sala, mas eles têm muita dificuldade de sentar, então tu tem que ter um olhar diferente, mas às vezes, as coisas não vêm acompanhando assim e a gente tem a questão da lei que a gente tem que fazer que é obrigatório, mas a estrutura nem sempre acompanha, como o material do Pacto, ano passado, as nossas caixas de livros chegaram quase na metade do curso. Então, muitas vezes, a questão da não reprovação, eu acho assim, que às vezes tem crianças que precisam ficar um ano a mais naquela série, porque eles vão ter aquele trabalho, porque a gente tem assim, eu esse ano não tenho, mas vejo uma colega do 3ºano que ela tem todos os tipos de níveis dentro da sala, é muito complicado. Eu tenho alunos que estão lendo e hoje aconteceu isso comigo, mas a maioria dos meus estão lendo, então eu sentei ele do meu lado e toda hora vem um do meu lado profe corrige meu caderno, daí ele tá lendo, juntando as sílabas, daí para, profe olha aqui meu caderno, profe olha se tá certo essa frase e outro coitado ‘tá’ esperando ali, pra ler ou pra fazer a sílaba ou como é essa sílaba, chega o outro, níveis muito diferente eu acho bem complicado. A questão da não reprovação, eu acho assim, que eles conseguem talvez em dois anos, três eu acho muito, porque chega no 3º ano eu acho muito difícil, as gurias não conseguem mais alfabetizar no 3º ano, quem passa do 1ºano para o 2ºano, ainda a gente consegue, porque a gente tem um trabalho que eles ainda não estão totalmente lendo, mas quando chega lá no 3º ano eu acho muito assim, porque eles estão bem mais rápido e “daí” tu conseguir dentro da tua sala, tu

fazer uma separação é bem difícil, muito complicado, a gente não consegue atender as necessidades deles, às vezes, eu acho a gente peca por isso, porque, às vezes, eu retardo o meu trabalho pra conseguir acompanhar aquele que não 'tá', mas aquele que 'tá' na frente, 'tá' parado e a gente acompanha aquele lá, mas aquele precisa de ajuda e eu não consigo acompanhar o que não está lendo, então a gente deveria ter um monitor, seria importante pra gente trabalhar em grupo, pra trabalhos em grupos com dificuldades iguais, mescla eles pra eles se ajudarem entre si, eu acho que um monitor seria bem importante assim junto. Eu não concordo muito com a não retenção, eu acho que tem alunos que precisam da retenção e às vezes, o professor da próxima série não consegue atender ele da forma que ele deveria ser atendido.

8. Tu achas que o Pacto pode produzir mudanças na qualidade da alfabetização no Brasil e produzir efeitos de longo prazo na qualidade da leitura e escrita dos estudantes brasileiros? Por quê?

Sim, fora a questão da não retenção, a questão assim, essa do ciclo, da não retenção, ainda eu me preocupo, mas toda essa questão de discussão, de materiais novos, da gente ter mais ou menos um norte todo mundo trabalha mais dentro daquilo ali, a gente trabalha mais parecido eu acho que isso ajuda muito. A questão da não retenção é que me preocupa a questão desse ciclo agora assim que eu vejo, às vezes, as crianças a gente peca, mas a gente tem 20, 25 dentro da sala, então tu não consegue atender a todos e quando a gente tem 1º ano todos tão mais ou menos naquela fase, claro sempre tem um a mais ou outro mas no 1º ano eles estão muito parelho, mas no 2º ano já começa a fazer muita diferenciação de grupo, então eu tenho uma dificuldade enorme para atender porque eu preciso, eu vejo ele 'tá' precisando de mim, daí o outro vem também, daí o outro e são coisas diferentes daí não pode fazer uma coisa só, mas eu acho que a longo prazo se a gente continuar com uma linha que eu vejo que no Brasil tem uma questão de muito modismo na educação, a gente não segue uma linha muito tempo 'aí' a gente acha que o construtivismo era bom, todo mundo aderiu a ele, abandonou o método tradicional 'aí' depois veio uma outra todo mundo adota essa, então a gente não tem uma continuidade de pelo menos de duas, três décadas de mesmo ensino e 'aí' a gente vai muito na moda 'aí', então nem o professor quando chegou o construtivismo as pessoas sabiam superficial, até que eles se aprofundassem, o professor tivesse segurança para trabalhar dentro daquele método ele já passou, já era aquela moda, então o professor também, por isso eu já te disse, eu fico assim meio... que nem a gente conversa entre a gente uma professora trabalha desse jeito, a outra desse, porque a gente não tem uma... um norte na rede e eu sinto muita falta e assim é por aqui, eu acho talvez a questão do PNAIC veio nisso pra dar mais ou menos isso 'oh', gurias tem que trabalhar esse, esse conteúdo, vamos ver formas diferentes. Seria bem legal, que cada um vai muito pelo que acha, a gente também não tem

muito espaço para trocar isso, a gente consegue fazer no curso, eu acho importante 'né' e, às vezes, dentro da escola. A gente tem dificuldade pra trocar porque é muito aluno, falta professor, daí a gente não consegue ter as janelas, então o espaço é bem escasso dentro da escola, mas com o tempo a gente consegue segurar mais tempo, eu acho que a gente vai ter mais frutos, mas se o problema cair no modismo e a gente for trocar de novo daí não dá.

9. Em que medida tu consideras que a escola (professores, alunos e famílias) se sente comprometida com o objetivo de melhorar a qualidade da leitura e escrita dos estudantes?

Eu sou comprometida isso eu sei. As minhas, que nem eu te disse, eu trabalho numa região bem periférica, eu tenho pais que são analfabetos com 35 anos, são novos. Então os pais, eu tento puxar o máximo que eu consigo, mas eu... Esse ano a minha turma, eu vou te falar desse ano, são pais muito bons que eu consigo chamar na escola, que eu consigo mandar atividades que eles vem perguntar, mas eu já tive outros anos, eu trabalhei com 2ºano a mais tempo, os pais não conseguem ajudar, às vezes, pela falta de conhecimento, mas muitas vezes pela falta de interesse, eles não vêm acompanhar o filho, eles não sabem, às vezes, quem é o nome da professora, eles não sabem, que ano o filho 'tá', então assim, é bem complicado e a minha escola pessoalmente, eu tenho uma dificuldade assim, eu acho que a gente trabalha muito sozinho, às vezes, não sei se a escola é tão burocrática, que o pedagógico fica meio de lado, então o professor, eu sei que nosso compromisso a gente vê entre a gente, a maioria dos colegas, às vezes, a gente troca material, a gente vai atrás de coisas diferentes, é material diferente, mas às vezes, a escola não consegue ajudar a gente, porque eles ficam muito tempo preenchendo papel, é muito papel, papel, papel e daí a gente não chega na sala de aula e tem gente que eu não... A maioria da minha equipe pedagógica da escola, não conhece meus alunos, às vezes, eles conhecem porque a história da família do "fulano" é uma história muito crítica, daí eles sabem quem é o "fulano", mas eles não sabem 'ah', esse "fulano" já lê, então esse tem uma dificuldade assim muito grande. Tem uma burocracia muito grande dentro na escola, é muito papel pra preencher e é pouca parte de ajuda pedagógica e talvez a gente está tendo aqui no Pacto, ajuda pedagógica. As 'oh', gurias, vamos fazer um trabalho, agora esse ano na nossa reunião, só com atividades pré-silábicas, vamos ver tudo o que a gente tem pra conseguir, isso a gente não consegue fazer. A gente fica presa preenchendo papel, papel, papel, é folha de bolsa família, é uma folharada que a gente tem que preencher e, às vezes, a questão pedagógica, que é o foco da nossa escola, que nós estamos lá pra isso, se perde. A gente como professora, a gente tenta o máximo, eu vejo dentro da nossa escola, entre nós, a gente consegue trocar muita coisa, mas a nossa equipe trabalha muito com papel e pouca com a gente e os pais também tem uma dificuldade com a vida,

eu acho que a vida agora é muito corrida, a deles, às vezes, eu dou sugestão de agenda para os meus pais, eu sempre digo eles, não precisam pegar todo dia, pega uma vez por semana, sábado de tarde, senta e olha o caderno do teu filho, às vezes, a gente tem que dar essa sugestão até de horário pra ele, porque eles têm uma dificuldade enorme assim, de trabalhar. Mas eu acho que a questão que melhorou, pelo menos que eu vejo, eu estou a sete anos na mesma escola, agora é uma questão bem, a periferia era muito pobre, que eu achei que melhorou a qualidade, foi a questão da alimentação escolar, que veio com um projeto junto, assim do governo federal, que foi bem legal para os alunos, eles conheceram também outros paladares e a questão do bolsa família, pra nós lá, faz muita diferença.

10. Tu tens conhecimento sobre os estudos da neurociência em relação ao processo de aprender a ler e a escrever? Esses estudos foram contemplados em algum momento nas discussões ou material disponibilizado pelo Pacto e são relevantes para a prática pedagógica?

Olha, eu vou te dizer que eu não tenho tanto conhecimento, eu sei que tem estudos, a gente tem até um colega que está fazendo um estudo sobre neurociência na escola, então, às vezes, eu converso com ele. Assim do Pacto eu não lembro muito, não me lembro, eu acho da questão, eu acho que tem, tenho quase certeza que tem um papel importantíssimo, que a gente vê. Agora eu vejo muito a questão familiar, como a minha irmã teve um neném, a gente vê, ela lê, a gente vê muito a questão do desenvolvimento, mas que nem eu te disse, é uma abordagem que seria legal pra escola fazer com a gente como profissional. Dentro do Pacto eu não me lembro da gente ter estudado, vou ser sincera contigo, mas eu não tenho muito conhecimento sobre a neurociência, mas eu tenho, acredito, eu acho que seja importante sim, com coisas que a gente pode se beneficiar através disso, mas a gente não tem muitas discussões sobre isso, é pouca discussão, é pouco enriquecimento pedagógico e muita papelada. Eu acho que se a gente continuar, pra mim isso é fundamental, se a gente continuar, um tempo a mais o professor conseguir também construir dentro de si, desconstruir, muitos métodos que já não são tão eficazes e conseguir reconstruir um novo conhecimento, uma nova base com mais tempo de estudo. Eu acho que vai ser bem importante o PNAIC pra gente, mas te que ter uma continuidade, isso eu sinto muita falta, que é muita moda e pouca continuidade, a gente não tem uma linha de ensino no Brasil, a gente tem muita moda no Brasil, então eu acho que talvez foi contemplar, o governo federal, talvez está fazendo uma tentativa de dá um norte para os professores, para os alfabetizadores, pra gente ter mais ou menos uma mesma base nacional, assim comum de conteúdos, mesmo trabalho. Contemplar os mesmos conteúdos com os alunos, mas eu espero que seja uma continuidade, que não seja mais uma moda.

Professor Alfabetizador Em12

1. Descreva a tua experiência como alfabetizador. Qual o caminho que percorres no processo ensino-aprendizagem da leitura junto a teus alunos?

Bom, na chegada com vontade de escrever como acontece então no início da tarde a gente faz a oração, a gente agradece a Deus, 'né' e no primeiro momento eles sempre vão para os jogos, é o momento que estou livre para eles então, eles pegam os jogos de alfabetização, e 'aí' em grupos eles trocam ideias. Agora eles têm muitos que já estão lendo eles estão num processo da leitura e da escrita, então eu tenho umas letrinhas novas de plástico duro e eles vão formando palavras e 'aí' já vão incentivando os outros e neste momento é deles é de troca é de experiência entre eles um ajudando o outro da descoberta profe eu descobri isso daí um colega como tu fez? Então, assim, oh, eu dou muita ênfase para este momento, que é o momento da troca. Então, eu não abro a mão do primeiro assim... Eu começo 1 hora e dez até 1 hora e 45, até as 2 horas eles têm assim, eu não abro mão muito da chegada deles, de trocarem as ideias deles, compartilharem do que eles aprenderam, de uns estarem lendo para os colegas, então assim, muito ajudou, incentivou outras crianças, então isso me ajuda muito, que assim não é eu que estou ensinando, eles estão trocando entre eles então, nesse momento sempre eles brincam, é o momento da troca delas uns vão para os números, outros vão para as letras, então eles estão nesse processo de troca, muito quebra-cabeça, eles gostam muito então, eu vou fazendo atividades, jogos, adaptando jogos sobre o que eles estão trabalhando, jogos, 'aí' eu trago um jogo novo, 'aí' eu mostro pra eles a gente joga junto, ensino a eles como se joga e depois eu não interfiro mais, daí o processo é com eles, essa troca essa interação, esse movimento de busca de, da alegria deles em estar ensinando o colega, 'ah' eu ensinei isso, o colega 'né' e eu fico mais como observadora nesse momento e observando 'oh' ele já está nesse processo, como eu vou interferir, eu já posso interferir, então eu fico mais no cantinho observando eu formo mais os grupos eu sento, jogo uma vez, mas eu não interfiro assim na seleção dos jogos, depois deles, do momento que eles fizeram essa parte a gente vai pro lanche a gente volta, 'aí' é o meu momento, daí é o eu momento que eu trago as atividades, faço a proposta, a gente vai à rodinha, hoje a profe trouxe essa proposta de trabalho 'ah', e agora eles estão numa fase que eles profe nós vamos fazer o que hoje? Nós vamos escrever, nós vamos ler, tu vai contar história pra nós, então eles já sabem a rotina, então eu só digo assim 'oh' vamos guardar o jogos eles já sabem a rotina, eles já guardam lá os jogos e já pegam o caderno e vão para rodinha ou ficam na mesa, hoje eu digo hoje vocês ficam na rodinha hoje ficam na mesa, então eles já tão enturmado com o ambiente eles já sabem todo o processo que vai acontecer então, eu não preciso me preocupar, 'ah', toda vez eu tenho que 'tá' falando. Agora vamos

guardar o que vocês... não preciso mais interferir, então eles já têm o domínio da rotina, 'né' quando tem algumas vezes que sai ou tem outras atividades hoje nós não vamos ver isso primeiro, hoje nós temos um filme, vamos primeiro para o filme, mas se não eu não preciso, é automático eles já vão abrindo o caderno pra fazer o calendário, já vão fazendo o dia, que dia é hoje profe? Hoje 'tá' o dia, ontem foi dia 24 e hoje é 25 'né', profe? É. Então, eles já tão com autonomia pra se eu sair ou deixar se um dia eu não vier, eles já têm tudo, pra têm toda a autonomia, pra tudo fazer sozinhos. Eles... a professora só vai passar e eles tem caderno, tem o dia, e uma coisa que eu gosto muito de fazer nesse movimento de ensino e aprendizagem eu gosto muito, eu digo que eu estou aprendendo com eles, então eles têm que me ajudar, eu digo que me esqueço às vezes as letras, eles sempre estão junto comigo, estão escrevendo junto comigo, às vezes eu faço boto uma letra, eu faço de propósito uma letra eu boto o mês se eles estão acompanhando então eles dizem assim 'profe' tu está caduca hoje, não é agosto nós estamos em setembro já 'ah' daí eu faço, eu faço muita brincadeiras, muito lúdico, 'ah' como a profe 'tá' esquecida, eu disse que eu estou ficando velha, então eles dão risada e essa brincadeira assim, o tempo de concentração deles é muito pouco, assim de ficar muito concentrado geralmente tu tem que dá uma mexida, tu passa, uns 10, 15 minutos tu... eu faço uma brincadeira ou eu passo neles faço uma cosquinha, pra relaxar porque essa faixa etária de 6 anos eles falam com o corpo, então se tu vai ficar muito tempo nessa coisa de sala de aula sentado, sentado tu não vai produzir, não vai render com eles, então eu bato muito com as minhas colegas assim que trabalham comigo, não adianta vocês ficarem a tarde inteira em cima das sílabas, vocês podem ficar a tarde inteira que eles não vão produzir, porque o corpo deles não agüenta. Nem nós, ficar uma tarde inteira numa reunião vocês aguentam? Imagina uma criança que fala com o corpo, ele responde pelo corpo, eles não têm muito essa, eu tento variar as atividades ou vamos lá pra fora fazer uma brincadeira, esses dias eu fiz uma trilha com... 'ah' veio um dado, caiu tal sílaba, então fala uma palavra com esta sílaba, então assim movimentar, mas sempre de forma lúdica, alfabetizando eles, então eles estão brincando de se alfabetizar, então não é aquela coisa de 'ah' que chato, sabe de novo isso, então assim que brincadeira nós vamos fazer hoje, então assim tem mais prazer, eu vejo por mim a gente, eu sou muito esportinha também, então quanto mais brincarem comigo, quanto mais eu me divirto, imagina eles que estão com 6 anos 'né'. Eu me preocupo muito com essa visão que eles têm que estão distorcendo, que tem que ser uma 1ª série da nossa época, a nossa é uma alfabetização lúdica, eu vejo uma pré-escola alfabetizando, o brincar tem que estar muito presente nesta fase, então tem que cuidar muito isso, então eu tenho muito lúdico na minha sala. Então, em todos os momentos está na fila, está no refeitório é uma aprendizagem, vai lá está escrito o nome do que tem na merenda, o que hoje tem na merenda, eles colocam o nome pão com chimia, pão com manteiga, o que tem ali, não vão dizer quem é que adivinha, quem é que vai ler para a profe, esqueci meus

óculos na sala, quem é que me ajuda, então os momento no refeitório, é na pracinha, é lá no pátio brincando, então eu sempre... estamos relacionando, alfabetizando relacionando, então passou o horário tu nem viu, às vezes eles dizem 'ah', já terminou? Porque é uma forma de chamar a atenção deles, é brincar, é ir para o chão, eu sento no chão, sabe então, eu assim eu viro moleca junto com eles, eu acho que isso que ajuda muito nesse processo da alfabetização. Então apesar que lá no nosso bairro é muito difícil, são crianças que não são estimuladas, são pais difíceis, filhos de pais analfabetos, não tem livros, eles não têm incentivo, não tem nada, então nós somos quase sozinhas dentro da sala de aula. Nós não temos apoio da família, que nos auxiliam, 'ah' professora hoje eu ajudei ele a fazer em casa, então os que se alfabetizam mesmo são os que, os raros pais que acompanham, que levam na escola, profe eu ajudei, profe eu olhei o caderno como está bonito, a gente vê o retorno, então tu vê aquelas crianças que não estão conseguindo, tu tenta fazer o máximo, às vezes eu me frusto, faço de tudo, mas eu não consigo, aonde eu vou atingir, faço de tudo de tudo, mas tem as crianças que não avançam, eu fico frustrada, muitas vezes eu saio chateada, preocupada, assim, mas o que eu estou fazendo de errado, mas eu estou sozinha, sozinha eu não vou conseguir fazer milagre, só temos o apoio da família, isso se a gente só tem o apoio da família junto conosco, esse processo é bem complicado, e aí quem vai pegar ano que vem? Essa é a minha preocupação, já estou preocupada quem vai pegar a turma ano que vem? E às vezes parece assim que a gente vê as professoras, o pessoal me acompanha diz assim pergunta onde morre isso? Onde está morrendo isso que eles faziam no 1º ano? Não fazem mais, onde está isso eu acho que está no fazer mesmo no dia-a-dia na sala de aula, isso se perde e às vezes fazem o básico parece que estão morrendo, parece que é difícil fazer um pouco além sabe. Tanto que esses dias passaram por mim, profe quando tu vai voltar e dar uma aula pra nós? Os meus do ano passado, eles sentem porque ano passado e eles são crianças no 2º ano, eles são crianças eles também tem que brincar, e passam a tarde inteira escrevendo no quadro cheio não vejo no pátio, não vejo uma brincadeira, não vejo sabe, é sala de aula toda tarde, então assim que eu levo que eu estou tentando alfabetizar pelas minhas experiências, acertos, erros, os caminhos esse deu certo esse não deu, 'ah' esse deu, a gente sempre está se renovando, e eu pelo menos me reciclando e tento assim fazer o máximo que eu posso, mas assim às vezes eu fico triste, chateada, parece que tu não vê muitas vezes a coisa andar sabe, tu não vê na escola, não vê o grupo, equipe toda contigo, então tu está, eu estou sozinha lá na sala de aula, eu não tenho alguém que está me olhando, 'ah' mas tu tá fazendo isso legal, a equipe pedagógica que tem que estar me acompanhando não está, está todo mundo solto, quanta experiência a gente poderia ter no grupo, nas reuniões, 'oh' eu observei tal turma, porque tu não, esta atividade a professora pode te relatar, se a colega fez uma atividade, ela pode te relatar, isso não tem, isso eu vejo também, essa troca, as reuniões é só recados é sabe..., não tem leitura, troca

de experiência, não tem sabe... isso me chateia, tem um pouco no grupo, é eu a "A" e a "B", nós estamos trocando, 'tá' e 'aí'... os outros, 'né' isso não é só o 1º ano é Educação Infantil, 1º ano, 2º ano, 3º ano, 4º ano, trocar, ter esse momento de troca, 'oh', as gurias do 2º ano, nós estamos vendo que tal aluno tem uma dificuldade assim, o que está acontecendo, esse debate pra poder avançar na alfabetização, porque está chegando as crianças lá no 2º ano porque nós não conseguimos alfabetizar todos, 'aí' chega no 2º ano aquelas crianças que não chegaram alfabetizadas, continuam não sendo alfabetizadas, vão para o 3º ano e continuam a não ser alfabetizadas no 3º ano, então está nos... eu pelo menos estou muito angustiada assim, onde está se perdendo, o que está acontecendo, então eu me preocupo assim futuramente assim, eu estou indo para os finalmente 'né'... eu não vou muito longe, mas e essa geração que está vindo agora, os profissionais estão comprometidos? Essa... sabe, toda vez que chega e eu vejo as escolas chegando profissionais eu não vejo mais comprometimento, eu não vejo essa garra, essa vontade, esse, 'ah' não deu certo hoje, como eu vou fazer... já ficam chorando... já não querem mais, está difícil, batendo de frente com os alunos, sei, eu estou bem preocupada assim com a educação e com tudo não só com a alfabetização os maiores descaso de alguma que não querem estudar, a empolgação não tem, ou vão para a escola só pra fumar, 'tá' difícil, os celulares ou... gente vê queixa em todos... não tem... é o pré, 1º, 2º, 3º, como tem queixas assim, então a escola não para pra perguntar porque tem essa queixas, o que está, vê um trabalho, onde nós vamos chegar, o que está acontecendo com os alunos, trazer esses alunos para a escola, eu vejo essa preocupação assim de o que nós vamos fazer então tu está enrolada, tu faz o teu trabalhinho, cada um faz o seu trabalhinho, isso... 'tá' me... 'aí' eu fico angustiada e eu sempre sou a bocuda, eu sou a brigona, eu sou a 'aí' 'ah'... se tem alguma coisa pra falar, quem fala é eu, então quando eu vou apontar o dedo o pessoal já sabe que eu vou questionar, então fico quieta, já levei tanto, esses tempos me deram umas pauladas nos dedos que foram tão grossa comigo que eu não vou falar mais, mas eu penso assim 'oh', depois eu volto pra trás meus alunos não merecem isso, eu não vou ficar quieta, eu vou falar, então assim 'oh', é bem difícil assim quando tu sozinha num grupo que não vê, não vai além, 'aí' tu vai fica frustrada, eu sou às vezes bem frustrada, saio chateada, às vezes eu vou parar aí deu 'né', mas meus alunos não têm culpa eu que... é bem angustiante, às vezes eu saio arrasada, eu saio chorando, eu entro no meu carro e saio chorando, mas por que? O que está acontecendo assim, porque todo mundo não tem isso, esse comprometimento, esse com a educação, porque só alguns e outros não, eu acho que um dia a escola tem que parar, só um dia, só o professor dentro da escola e discutir, fazer uma grande roda vamos discutir o que nós vamos dar o que está acontecendo, vamos fazer projetos, vamos fazer, vamos buscar a família, vamos trazer a família para a escola, e 'ah' não adianta só bolsa, bolsa disso, daquilo... cada vez os pais estão menos

preocupados eles sabem que quanto mais filhos, porque eles sabem que vem mais bolsa, mais dinheiro.

2. Tu participas do Pacto? Como vês essa iniciativa?

Olha é bem interessante, eu vejo muitas coisas boas, e eu vejo que está reafirmando o que eu trabalho, pra mim 'tá' só reafirmando às vezes, claro que eu trabalho a quantos anos, às vezes, pra muitos é novidade, mas pra mim não é novidade, muitas coisas que a professora dá ali 'né'; Eu trabalho a anos com isso, então pra mim... às vezes até eu estou vim aqui pra escutar isso sabe, mas eu sei que eu, mas tem colegas minhas que não então assim eu estou assim indo mais assim muitas vezes eu estou reafirmando o que eu estou trabalhando 'ah' bom tu estás no caminho certo, então assim 'né' é muito assim positivo, eu vejo mas o que falta mais assim não é 'ah', claro que a gente precisa ter um, precisamos muito de teoria, mas não sempre o mesmo processo, é vídeo, sabe, não muda um pouco, hoje eu vou trazer um problema, pessoal surgiu isso numa turma, vamos montar um projeto, como se monta um projeto, sabe isso falta para os professores, como direcionar o professor para, como nós vamos fazer para as crianças se alfabetizarem, que tipo de atividades a gente vai fazer, discutir, fazer, trazer modelos, não essa coisinha de onde traz um trabalhinho para apresentar, sabe esses... desmotiva eu não... é isso sabe pra apresentar pra professora que ela também tem que cumprir porque também cobram dela, porque sempre tem que trazer um trabalhinho não é isso. Eu acho que a gente tem que discutir o que é legal trabalhar, o que não é legal trabalhar, vamos trabalhar às vezes trazer ideias e ter alguém discutindo, 'ah' a professora trouxe vamos discutir 'tá', esses cadernos vamos discutir, 'tá' o que nós podemos fazer, olharam, observaram 'tá', discutir, como é na tua escola, discutir como fazem, tem mais é mais produtivo, e 'aí' a gente consegue fazer relações, buscar coisas e assim como nós já estamos mais na reta final tem aquelas que estão começando 'ah', mas eu nunca pensei nisso, então eu acho que tem que ter mais trocas não essa coisa pra mim te responder e de fazer uma coisinha, dá um o que tu podes trabalhar, nós vamos construir quando nós... é bom pra mim eu vou adaptar para os meus sabe não fazer o trabalhinho pra apresentar pra tirar notinha, eu assim... claro que é legal mas traz o material olha gurias faz um polígrafo, olha tem pra trabalhar matemática depois vocês tem pra trabalhar divisão vocês podem trabalhar isso, a gente vai ter um livro... cada um... imagina, 'ah' mas eu posso fazer isso adapta, 'ah' daí eu posso fazer isso claro que está sendo bom, mas eu acho que tem só rever essa estrutura como está sendo direcionada para nós. A gente está o dia inteiro trabalhando, e 'aí' tu vai olhar um vídeo, cansa eu às vezes estou trabalhando sou bem sincera, estou fazendo meu trabalho, planejando, estou escutando ela, estou interagindo, mas eu tem que aproveitar esse momento, estes dias ela estava trabalhando, eu tava montado uma atividade aquilo que ela estava trabalhando, eu estava montando 'ah' achei

legal fui lá e montei a atividade, então assim “esses” exemplo é bom pra mim, eu estou trabalhando como vocês podem fazer um rascunho, montar rapidinho, isso às vezes, ajuda nós e acho que falha um pouco nesta parte de interagir mais, discutir mais, às vezes foge um pouco do assunto, então isso tem que melhorar um pouco. Mas muito válido essa iniciativa do governo, eu estou gostando, o material que vem é muito bom. Assim tem algumas coisas que eu não concordo, com a experiência é o meu ponto de vista, que podia ser diferente, é a discussão, a troca.

3. Existem diferentes métodos para alfabetizar. Tu usas um método para alfabetizar? Qual método ou métodos tu usas?

Falar a verdade, eu tenho assim, eu uso os dois, eu faço uma mistura, olha eu não posso abandonar o tradicional que tem muita coisa boa no tradicional... que seria aquela coisa ‘ah’ não podemos dar o fonético, como a criança vai aprender sem o fonético? Tu tem que dar o som, é dali do processo de alfabetização, eles precisam, eu articulo a minha boca, faço /mmm/, eu dou o fonético pra eles precisam, pode até mostrar este é o /má, mé, mi, mó, mu/, mas tu tem que dizer como faz o “EME”, como faz o “ERE”, quando eu faço /lll/ eles já sabem que é o “ELE” que a língua vai no céu da boca, o “NH” faz /nhá/ , de quando tu erra a marcha, tem que dar o som como a boca faz pra fazer o “EME” é diferente do “ENE”, ele fecha a boca /mmm/, /nnn/, tem que dar o som, e isso não é tradicional, não tem que descartar. Quando iniciou o construtivista, ‘ah’ largou o tradicional, só que por isso deu essa bagunça, o construtivismo tem coisa maravilhosa, tem, mas o tradicional, também. Tem coisas que não podem ser abandonadas, como no construtivismo, tu tem que dar pra eles. Então, essa da família silábica, o som das letras, isso eu faço todo dia, eu brinco, eu faço o movimento da boca, faço o (o movimento com a boca) articulo, porque daí eles sabem porque eu faço /rrr/. Profe que nem tu fala a língua treme, a /fff/, faz cosquinha na boca, é aquele que faz a ‘cosquinha’ na boca ‘né’ profe? E ‘aí’ eles vão relacionando, eles vão associando aquele que é o “EFE” é aquele que faz cosquinha na boca, depois que eles assimilarem, eles não vão precisar mais fazer o /fff/, já faz automático. Mas a gente precisa mostrar pra eles, precisa por isso eu digo eu não faço só o construtivista, eu faço uma mistura do que é bom. O que, o construtivismo tu não pode dar coisas soltas pra eles, não adiante e isso que deu um caos na educação, ‘ah’ porque todo mundo podia fazer livre, as crianças tem que... não as crianças tem fazer um desenho, tu manda eles fazer um desenho desenha uma jaca, eles nunca viram, mas traz a foto da jaca, pesquisa, como é a jaca, será que na nossa região tem jaca? Então, assim é aproximar a criança do mundo, ele precisa de exemplos, se ele não tem da onde ele vai tirar, tem quem mostra, que ver, que trabalhar árvore, as crianças podem desenhar a mesma casa, mais ela tem suporte para desenhar outra árvore, outra casa, traz imagem, a imagem de castelos, imagem das casa deles, traz esses suportes

pra eles, pra eles sair daqueles tradicional árvore, da tradicional casa, o estereotipado do adulto, eles precisam desta imagem, eles precisam visualizar, e isso se perdeu com o construtivismo, eles largaram, muitos nem estavam, nem sabiam o que era construtivismo, porque era, a escola exigia e o que deu, deu um caos tanto para professora, como para aluno, era uma salada de frutas essa, então assim eu nunca trabalhei, o construtivismo puro, sempre eu procurei o que era, o que foi positivo, e que deu resultado no tradicional, por isso que eu digo eu não tenho, esse tal método, não. Eu procuro ver, transferência o que deu certo o que não deu. Mas uma coisa eu não abro mão a criança precisa da fonética, que está tão abandonada, que se tu vai dizer assim 'tá' o "MA", então um /mma/, ele precisa desse, então eu trabalho muito com o som, articulando muito não estavam trabalhando então assim, no início também quando eu comecei, logo que surgiu, eu também fiquei, mas como? Como eu vou fazer isso? Eu também passei por esse processo, mas assim eu não vou descartar 'né'. Isso foi tão bom aí a gente vai vendo com a experiência, a gente o que precisa pra cada vez, eu vejo o que mais precisa é o fonético 'tá' presente no processo de alfabetização dos pequeninhos, vou com isso eu preciso dar, então ter aquele /ttt/, é aquele 'né', profe /ttt/ do machado, quando ele tá cortando, é então assim eles fazem relação com histórias com brincadeiras. Estes dias eu estava brincando com eles principalmente das sílabas, aí hoje teve uma menina que escreveu com dois "ESSES", lembra profe quando tem dois "ESSES", na hora de separar, que dá briga um "ESSE" vai pro outro, um vai para uma sílaba e o outro vai para outra sílaba. Então eu contei uma história que era para separar eles brigavam muito que nem irmãos brigam e se eles não separassem no caderno, na atividade, eles iam brigar e rasgar todo o caderno deles, então quando eles iam ver eles iam 'tá' todo rasgado e eles iam achar que era o maninho, então eu sempre conto uma história, uma brincadeira, 'né' profe se não vai rasgar o caderno, tem que estar separado mas quando tu vai separar as sílabas, quando tu vai escrever ela sem separar fica juntinho é só na hora das sílabas que elas brigam, só nesse momento assim sempre dando exemplos, brincadeiras isso que eu estou me guiando.

4. O Pacto fez tu mudares a tua opinião em relação aos métodos de alfabetização?

É agora assim 'oh', está voltando de novo o construtivismo puro e 'tá' voltando que tem que trabalhar a forma geométrica, porque muita coisa estava esquecida, o fonético eu vejo que está voltando, que a criança precisa é o mesmo. As leituras que eu estou fazendo agora, lendo a importância de dar o fonético, precisa disso e nessas leituras tem muita coisa que está reafirmando, está mostrando que é válido, muitas coisas que a professora trabalhou ali, a atividade que ela trabalhou em relação aos projetos, eu me preocupo com as coisas soltas, um dia é uma coisa, outro dia é outra, então isso está mostrando

que tem que ter uma unidade, que tem que ter um gancho, não é um dia uma coisa e em outro dia outra, tem que ter uma continuidade, uma sequência, 'né'. Não fica uma coisa hoje, eu dou uma coisa e amanhã eu dou outra com continuidade até assim pra criança ter assim essa... contenção, essa autonomia também dela, não adianta ela vai se perder, um dia é uma coisa outro dia é outra, e se tem uma continuidade a criança vai conseguir assim entender esse processo, vai compreender também melhor às vezes, porque às vezes eu vejo assim se a crianças assim...o que nós vamos fazer hoje? Então, assim profe nós vamos continuar daquele trabalho, eu estou trabalhando com eles o alfabetário, que eles vêm trazendo os objetos, até hoje ainda eu lembrei 'ah' ninguém mais trouxe objetos, pra nós colocar no alfabetário. 'Ah' amanhã eu vou trazer profe então, não é abandonar lá 'tá' lá eles, não! Trabalhar ele, não é para enfeitar a sala de aula, então não deu tempo, eu fiz uma atividade de alguns objetos, e eles vão ter que escrever esses objetos, depois botar em ordem alfabética, depois... aproveitar o que eles trazem, porque eles estão interagindo todo o tempo, porque eles trazem de coisas e aproveito muito coisas que aconteceu. Preparei uma coisa maravilhosa pra tarde, pra mim 'né' e não deu certo, troca. Ter essa sensibilidade olha, não está agradando, está agradando pra ti o que tu fez ter essa sensibilidade que eles estão cansados, muda, quem sabe vamos fazer outra coisa, sabe ter esse olhar também, então eu procuro assim 'oh', sempre estar escutando eles, as falas deles até eles trocando, no brincando eles estão dizendo que nem esses dias, estavam brincando de quebra-cabeça ele disse assim "é essa aqui e o outro menino dizia não é essa aqui!" Então, olha a cor desse desenho, não é esse, 'aí' eu interfeiri, deixei eles discutir mais olha encaixa e a outra menina não, não tem o mesmo desenho, 'aí' eu sabia estava observando, disse o que está acontecendo? Qual é a discussão de vocês, a professora pode saber... 'aí' não profe ele quer montar essa peça aqui mais não se encaixa profe 'tá' e aonde a gente pode olhar essa 'aí' é o papel do professor, 'aí' eu vou interfeiri, 'ah' como eu vou saber que é essa pecinha ou não, olha na caixa então pega a caixa do joguinho, 'aí' ele disse olha aqui tem que ser essa peça aqui, mas não se encaixa profe, mas não quer dizer que é ali, tu tem que ver o desenho. Sabe então é esse momento de fazer eles olharem, observarem, vê que não é aquele encaixe ali, daí eu vou na interferência, não, não é essa aqui mesmo, é essa aqui, então botar eles em dúvida depois questionar eles, então sempre estar interagindo, eu passo sempre estou em pé, sempre eu estou, sento ali pra corrigir, mais estar atento a esses momentos, essas falas, 'ah' tu é um chato, sempre interfeiri, deixando, uma coisa que eu cuido muito é o respeito, eu acho, a gente não pode esquecer o respeito pelo outro, com a professora, respeito com... todos da escola, então isso eu cuido muito, muito na hora do refeitório, não é porque tem uma pessoa que vai limpar, que eu vou e sujo, então assim 'oh' a gente está educando, alfabetizando nesse momento, não é só na sala de aula, então o respeito pelo outro, cuido muito isso, porque eles precisam desse olhar, não tem assim, qualquer coisa bate, é nome feio, é

o meio deles, então eles precisam do meu apoio, mas não é assim, não é assim que a gente lida, eu preciso bater no colega ou eu posso falar com a profe então, não adianta só eu me preocupar com a alfabetização 'né' nós temos que nos preocupar com esse outro lado social deles no meu bairro, de grito, só a base de bater, de dizer nome, mostrar pra eles que não é assim que tem outras formas, tem outro jeitos, não é eu ali, mas eles vem ver de outro jeito de lidar com as coisas, isso também me preocupa todos os momentos, lava a mão e fechar a torneira, porque eu tenho que fechar a torneira, porque eu tenho que botar o papel no lixo e não no chão, então tu está educando todos os momentos e às vezes tu te tornas uma chata, mas eu acho que eles precisam muito disso. Ele só reafirmou muitas coisas, ele reafirmou porque eu já trabalho dessa forma, então pra mim estou no caminho certo, às vezes eu ficava em dúvida, 'oh' 'ah' tem muita novidade, às vezes eu me apavoro, meu Deus 'né', em algumas coisas eu me assusto, 'bah' eu nunca pensei nisso, e aí o bom é que está reafirmando o que eu trabalho, tento fazer muitas coisas mostrou muitas coisas que eu não sabia, formas de lidar com gráfico, então assim quando eu vejo uma coisa diferente eu já tento aplicar, que nem eu nunca tinha feito, eu só tinha feito gráfico de barra, ali ela mostrou o gráfico de pizza, na mesma hora, na outra semana eu já fiz deu resultado. Então, eu tento o que eu não sei ou ainda o que eu aprendo muito sempre, sempre eu aprendo muito eu aproveito, eu trago para dentro da sala de aula, nossa eu questiono para mim está sendo bom e estou aprendendo e reafirmando muitas coisas que eu já fazia.

5. Quais as principais mudanças que o Pacto trouxe no trabalho em sala de aula?

O que o Pacto está mostrando eu já estou trabalhando, então eu me..., mas para muita gente 'tá' ajudando, eu estou reformulando, estou mudando, porque assim 'oh' a leitura, tu não via leitura de livros lá na escola, tu não via, e com o Pacto movimentou muito, então assim, quando eu falo da oficina literária da leitura, parece que só eu trabalhava, porque nós tínhamos à hora da leitura. A direção queria que fizesse um trabalho, assim só davam livros e a criança lia nesse momento, tu até pode ter esse momento, mas tu pode fazer um trabalho, então eu amei o ano passado que os professores tiveram que trabalhar, fazer leitura, e eles viram que é interessante, então eu sempre falava isso, então eu fiquei feliz porque reafirmou uma coisa que eu sempre bati na tecla, a leitura, então pra nossa escola foi muito boa, que movimentou a leitura, tanto que querem mais uma hora da leitura. Tem uma professora na sexta que faz um trabalho lá na biblioteca com as crianças, movimentou a escola e isso movimentou a escola, a leitura na escola, a escola tem livros maravilhosos, eu me encanto quando chega a biblioteca, e eu vou tirando eu quero levar esse, esse, esses dias eu levei uma pilha esses dias e levei para a supervisão, olha vamos fazer leitura com a educação infantil. Tem livros maravilhosos que

chegaram, eu tendo, está sendo positiva essa coisa está movimentando as escolas, muitas professoras mudaram, mudaram a visão que eu estou vendo o trabalho está sendo outro, e isso é mérito do Pacto, porque tem uma cobrança, entendeu, porque se deixasse livre, não ia funcionar, as caixas iam ficar fechadinhas lá, então tem o outro lado da moeda, pra mim é chato essa cobrança de trabalhinho porque eu já faço, então pra muitos está sendo válido, porque dali eles estão se obrigando e tendo que fazer e tendo prazer, mas é legal esse trabalho, então pra muita gente está sendo ótimo esse Pacto, está mexendo, estão tirando os tapetes, tão desacomodando, esse trabalhinho está sendo bom pra eles porque eles vão ter que fazer, então pra esse lado está sendo positivo o Pacto, muitos professores, tanto pra mim está sendo ótimo, está movimentando, não se todos estão tendo esse olhar, mas pra mim está sendo ótimo, os livros maravilhosos que estão vindo de literatura a maioria maravilhosa, literatura de escola particular, livros maravilhosos só que assim muitas vezes eu não vejo envolvimento assim, tão chegando, mostram, mas eu não vejo, ainda não tem... eu já disse pra diretora bota uma estante de vidro que os professores possam ver, não é lá na biblioteca escondido que ninguém vai, assim o professor precisa ver tem que ter, olha que legal, olha gurias, tem que estar cutucando, então não adianta deixar lá escondido no armário fechadinho que ninguém vai, isso eu já estou brigando com a direção, 'ah' não tem dinheiro, arruma, deixa de comprar uma outra coisa, deixa de comprar um computador, o professor tem que ver, onde tem que ver, é na sala do professor e não na biblioteca, porque eles não vão na biblioteca, às vezes tem que mexer também com a equipe, tu te incomoda, tu sabe.

6. Tu achas que o Pacto contribuiu para a qualificação do ensino da leitura? De que forma?

Está ajudando muito. Não sei esse ano, mas ano passado movimentou, agora deu uma parada, agora é matemática, eu não vejo muito aquelas caixas funcionando, como eu te disse quando tem a cobrança para muitos é importante, pra essas pessoas que ainda não tinham o conhecimento, essa cobrança é importante, porque ele vai realizar, não sei como está hoje porque nós não temos mais aquele grupo que tinha antes, que tinha que fazer projeto, este ano está mais individual, antes tinha um movimento na escola, até a supervisão, era a direção, fazendo, tricotando, montando, tu via a movimentação do grupo, esse ano eu não vejo tanto, não tem essa cobrança. Olha, eu vou falar da minha escola. Lá mudou muito porque as professoras foram obrigadas a trabalhar com os livros e as histórias. Daí elas aprenderam que podiam ler e conversar, trocar ideias com os alunos e não só dar o livro na biblioteca uma vez por semana.

7. Qual a tua opinião sobre o Ciclo de Alfabetização de 3 anos? Há necessidade de 3 anos para a alfabetização? E sobre a não reprovação durante o Ciclo?

Eu me preocupo muito, agora nós temos vendo o real mesmo, porque esses três anos nós estamos pegando, antes era o 1º ano só, aí tinha o 2º ano, quando chegava no 2º ano ficava, agora não ficam mais no 2º ano, só que nós chegamos agora com crianças no 1º ano que não vão alfabetizadas. Tem criança que vai pré-silábica e daí vai para o 2º ano e tem professoras que não se preocupam muito com esse pré-silábico, silábico e vão tocando, essa criança vai ficando e daí o que acontece, ela vai para o 3º ano, ela não pode ficar no 2º, não pode reter ela e ela vai para o 3º ano e é pior ainda, daí as professoras do 3º ano reclamam que essas crianças não sabem ler ainda, só despejam e o que vamos fazer, porque é muito trabalhoso, tem que fazer vários planos, tu vai ter que fazer para aqueles que estão alfabéticos, silábicos, pré-silábicos, na verdade tem que fazer 3 planos, pra ajudar essas crianças, porque não adianta fazer para o pré-silábico atividades com aquele que está alfabético, já está construindo texto, já está construindo frases, se aquele não sabe ainda as vogais, não formar uma sílaba, e daí ele vai ficando pra trás. Eu acho, que tu pode fazer um grupo que tu vai atender todos os níveis, isso é importante que tenha todos os níveis nesse grupo, mas que esse pré-silábico vai fazer a mesma atividade, mas de forma diferente, e que ele vai perceber que ele também está conseguindo como os colegas. Então, eu também estou conseguindo fazer dentro do nível deles, então se ele vai pintar só as vogais os silábicos vão fazer as sílabas, os outros vão fazer as frases e esses alfabéticos também vão ajudar ao mesmo tempo os pré-silábicos. Eu vejo assim, que só o 1º ano não repetir, mas o 2º ano, eu acho que tem que reter. Porque a gente está vendo o caos nos 3º anos, aí fica um monte de reprovação nos 3º anos e é uma bola de neve, e vai ficando aquilo, a dificuldade cada vez vai aumentando mais, quando ele vai acompanhar, tem criança no 5º ano que não sabe ler, tão chegando no 6º ano, as professoras estão de cabelo em pé, não sabe ler, daí tu está empurrando os alunos. Eu assim no 1º ano não precisa, não reprova, mas no 2º ano eu acho que precisa. Minha opinião, as professoras estão perdidas e aí tu só vê aí eles não sabem, não sabem, e daí mandam para o reforço, e a defasagem vai ficando cada vez mais. Têm outros jeitos, outras formas para fazer reforço, tem muita gente se esforçando, pedindo ajuda, tu tem umas atividades para a minha aluna do 5º ano, que ela começou a ler agora, pra mim poder fazer para ela pra fazer a leitura, tenho. Pra minha colega lá do 2º ano eu dei um monte de atividades, eu vejo que tem uns se preocupam que estão ajudando, 'ah' meu aluno está conseguindo ler, ele começou a fazer umas contas, é de mais é de menos, eu acho que se tiver uma ótima estrutura, esta aqui passou vai para cá, aí eu vejo um trabalho em ciclos, então os alfabéticos vão, aí o grupo dos pré-silábicos vai ficar ali eles vão avançar, vai para o 3º aí eu concordo. Como está nossa estrutura hoje, gavetinha, eu não vejo outra forma a não ser com a reprovação, porque a gente não está vendo resultados, a gente não está vendo comprometimento. No momento que tiver o comprometimento dos profissionais, daí eu concordo, daí sim não reprova, tem esses três anos para alfabetizar, mas aí tem que ter

comprometimento, nós não estamos ainda maduros, não estamos preparados para trabalhar nesses três anos sem reprovação. Os profissionais não estão e a estrutura da escola um atrás do outro, tem que mudar toda a estrutura de uma escola, como nós vamos fazer se escola acreditasse que esses três anos são para alfabetização, mas tem montar uma estrutura para que nesses três anos, essa estruturinha, professores não comprometidos, eu prefiro que rode no 2ºano, repita porque a forma como está estruturado as salas de aula hoje, abre uma gavetinha, fecha outra, fecha uma, abre a outra, ter salas pedagógicas, salas de interesse, hoje eu vou trabalhar matemática faz de conta, ter uma sala de matemática, onde estão os jogos, onde tem tudo que envolve a matemática, ter salas temáticas, aí eu vejo que vai acontecer esse projeto, 'ah' hoje eu fui fazer uma atividade, então eu vou com os pré-silábicos naquela sala de multimídia onde eles vão trabalhar com jogos na informática, se tiver uma estrutura que possa ajudar esse meu aluno, que há um interesse, vou pra rua fazer um trabalho diferente, não ficar sentadinho as quatro horas com atividades sempre as mesmas, então eu prefiro que não tenha esses três anos, que chegue no 2º ano que reprove, que a criança vai ganhar mais do que ela ir para o 3ºano, se enquanto não mudar a estrutura de uma escola não vai, isso no Brasil, ainda mais as nossas aqui, precárias, temos computador e não temos professor, como tu quer fazer um trabalho diferente, temos tudo mas não temos professora, não mandaram outra, aí tu quer alfabetizar essa criança só com quadro, passar a tarde inteira lá enchendo o quadro e as crianças copiando, a estrutura 'tá', se tem uma escola com uma ótima estrutura tu vê que acontece esse processo, tu vê que é válida essa alfabetização em três anos, eu sei de escola que está acontecendo, aqui eu não vejo, nas nossas municipais tem que mudar a estrutura pra acontecer.

8. Tu achas que o Pacto pode produzir mudanças na qualidade da alfabetização no Brasil e produzir efeitos de longo prazo na qualidade da leitura e escrita dos estudantes brasileiros? Por quê?

Eu vejo que o governo... eu bati lá na escola, numa reunião que eu coloquei que a secretaria da educação foi pra lá numa reunião que disseram para nós, 'ah' porque tem bolsa disso, tem projeto disso, cada vez tem mais coisa, cada vez as crianças tem mais e menos a família está se preocupando com o filho, só vai pra casa dormir, qualquer dia nós vamos dar banho na escola e eles só vão dormir em casa. O que eu bato na tecla é assim... no nosso bairro o que nós precisamos no nosso bairro, não é bolsa disso ou projeto daquilo, as crianças estão perdidas, elas ficam só passando de um projeto para outro, o que nós precisamos no nosso bairro, nós precisávamos um centro psicológico, um centro para trabalhar a família, trabalhar com os pais como lidar com seus filhos, porque assim 'oh', se nós temos uma boa base, se nós temos uma família com boa base, com estrutura, a criança vai refletir na escola, ela vai se alfabetizar, são todo dia tu é um burro, tu é um diabo, eu

queria te dá, tu é uma praga, então assim elas convivem com isso, a autoestima delas, ela não vai conseguir mesmo. Então, se a gente trabalhasse com a família de como trabalhar com nossos filhos, como ajudar em casa, até oficina para os pais de como trabalhar, à noite os três turnos, faz em grupos diferentes, faz de dia pra quem trabalha à noite, faz de noite pra quem trabalha de dia, isso que falta, no meu bairro, de como trabalhar com os pais de como trabalhar com seus filhos, não bater, não agredir eles com palavras, com tapas, pois as vezes uma palavra doi mais que uma palmada. Eu bato assim que tem que ter uma estrutura, o governo tem que ter estruturas pra essas famílias, que aí eles iam refletir na escola, eles vão ser educados, eles vão saber lidar, eles vão ser incentivados, eles vão ter livros, não precisa ter livros maravilhosos, eu sei que eles não têm dinheiro pra isso, mas pode ter uma biblioteca comunitária, que aí os pais são responsáveis de cuidar, eles ter o comprometimento. Leiam para seus filhos! Fazer as oficinas, lá mesmo no bairro vamos fazer uma oficina para os pais, para as crianças, mostrar outro mundo. Alfabetizar esses pais também, eles não sabem, eles também não têm culpa, eles não sabem como reagir, eles também não foram criados assim, dessa forma, eles estão reproduzindo, os filhos vão reproduzir e vai passando de pai para filho. Ajuda bolsa, é claro que ajuda, mas os pais estão acomodados, eles não precisam se envolver mais com seus filhos, porque tudo eles ganham, ganham roupa, eles não lavam mais, eles botam no lixo direto, porque sempre estão ganhando, ganhando, ganhando, e o governo tem que se preocupar mais com isso, dá uma estrutura para essa família, nós temos a universidade, com quantos psicólogos se formando eles têm que fazer estágio, tem os psicólogos, vê onde é mais crítico, votar, vê isso e trabalhar, não adianta usar a estrutura das escolas, querem agora fazer o turno integral, onde vai botar esses alunos, nas salas de aula se não tem nenhuma sala eu queria fazer uma sala de brinquedo não tem, como querem botar turno integral, bota um em cima do outro. Eu disse assim, mas que loucura, isso o governo não pensa, entendeu, nós temos um asilo ali, um baita prédio, o asilo, coitadinho dos velhinhos constroi um asilo descente para os velhinhos, pega lá pra escola, 'aí' sim, as crianças vai ficar o dia todo, de manhã estuda vai para as oficinas à tarde, 'aí' sim que vai funcionar turno integral, agora passa lá correndo a tarde inteira na escola como o "Mais Educação", o governo está investindo onde não é pra investir, tem que pensar numa estrutura, com professores qualificados. Outra coisa que eu não concordo é ter estabilidade, não tem que ter estabilidade, não está produzindo tchau, tem quinhentos querendo trabalhar. 'Ah', não vai pra rua, o que acontece com os profissionais que não... tira, põe em outro lugar, vai dar reforço, colocam em outro lugar, é cômodo, tu não vai pra rua, eles têm que matar alguém pra ir para rua, então se não tiver essa estabilidade o professor ia pensar, porque os professores particulares não têm estabilidade, não deu tchau. Por isso não tem comprometimento, então o governo... não tem que ter estabilidade, final do ano... a equipe também tem que ser uma boa equipe... não pode ter padrinho na escola, que tem e tem que

ter uma outra equipe e professor tem que mostrar no final do ano... olha tu fez isso, isso e isso tu muda ou nós vamos ter que te tirar da escola, tu vai perder teu emprego, duvido que o pessoal não ia desmerece não ia... todo mundo precisa, não é por esporte que estão... muitos estão porque gostam, eu sou uma que gosto, já estou a anos pra mim parar, eu não paro, porque eu gosto, eu acho que eu não vou parar de vez, vou parar só um turno, não vou parar de vez, vou parar só um. Eu acho que é comprometimento tira essa estabilidade, porque funciona em uns e outros não, como eu alfabetizo com pouco material, não tenho o material maravilhosos que eu tenho na outra, não tenho folhas grande, mas eu vou colar duas e vai ficar grande acha meios, não tem brinquedos maravilhosos, constroi, faz o que tu tem, eu vejo o professor muito acomodado, 'ah' porque não tem, não dá, acha as maneiras.

9. Em que medida tu consideras que a escola (professores, alunos e famílias) se sente comprometida com o objetivo de melhorar a qualidade da leitura e escrita dos estudantes?

Vejo assim, depende muito o grupo que tu tem na escola, sempre tu não conseguir numa escola com todos com interesse, tu não vai contagiar aí quando tu tem uma equipe que contagia, o grupo vai, quando tem uma equipe que está quebrada, um puxa para um lado o outro puxa pelo outro, é o que eu estou sentindo este ano, não está andando as coisas, tem uma cabeça que pensa legal, vem o outro dá rasteira e aquilo que tem de bom morre. Eu vejo assim, muita gente comprometida, eu vejo assim muitos tentando ajudar, mas tem muitos que não tão. Então, a família está muito fora, está muito, não está contribuindo nem nos ajudando, e que é pior elas estão apoiando os filhos, eles nem estão acompanhando o que o aluno está fazendo, eles não perguntam, não olham caderno, não trazem material, coisas básicas, coisa que é de família e não está tendo mais, não tem mais aquele comprometimento da família, e não é só nas classes, é em todas as classes, está se perdendo. Antes tu dizia assim 'oh' não são leitores a classe baixa, hoje é todas essas classes, tu não vê mais leitores, é só tablet, celular, é só isso, tu não vê mais, tu vai num fui num consultório tu não vê pessoas lendo, esses dias eu fui no consultório eu fiquei só observando é só... é pai, é mãe, é só nos celulares, ninguém mais conversa, ninguém mais lê uma revista, é face, ninguém mais pega um jornal, não tem mais. Eu vejo que muitos profissionais não estão preocupados com leitura. O que nós vamos fazer para melhorar? Só reclamar, reclamar, mas o que nós estamos falhando, porque nós estamos falhando, não é só nossos alunos. Eu sei que é um mundo tecnológico, a gente não pode fugir disso, então como nós vamos usar essas ferramentas? Então, pra trazer esses adolescentes, principalmente os adolescentes, como nós vamos fazer pra trazer, estão direto no celular, vamos fazer uma pesquisa, aproveita os celulares, que tem tanto domínio, vamos fazer umas aulas mais ativas para esses adolescentes, não é só reclamar também. Eu só vejo reclamação, eu

não vejo assim... o que nós vamos aproveitar dessa tecnologia para a nossa sala de aula. Os professores também não estão com esse objetivo de melhorar, como vão melhorar essa leitura? Não vejo esse comprometimento, não é só dos alunos, é do profissional também. Acho que os três estão para seu lado, eu vejo assim que professores, alunos e família comprometidos, eu não vejo, o que tu pode fazer então para melhorar, para atrair esse aluno? Continuando, eu vejo página tal do livro, ainda vejo, com tanta tecnologia, tem dois data show na escola, vão fazer umas aulas criativas, sabe vamos fazer uns slides, vamos discutir, vamos fazer uma rodinha, vamos sair de um atrás do outro, só. Até eu não ia gostar da aula, parece que eu vejo o meu tempo, eu odeio história e geografia, era só questionário, eu vejo os questionário ainda gente, estou vendo os questionários de história e geografia da minha época ainda, então assim, como é que o aluno vai querer um aluno hoje que a tecnologia a mil vai fazer questionarinho, até tu pode, mas traz uma aula, até uma forma diferente de dar aula, uma exposição melhor, não abre tal livro, tal página, estou vendo o pessoal com os livros lá, e aí não vai atrair o aluno mesmo até eu não ia querer.

10. Tu tens conhecimento sobre os estudos da neurociência em relação ao processo de aprender a ler e a escrever? Esses estudos foram contemplados em algum momento nas discussões ou material disponibilizado pelo Pacto e são relevantes para a prática pedagógica?

Eu vejo assim, a neurociência está muito. A gente até discutiu na minha escola lá essa parte da neurociência, como a criança faz, da interferência porque, buscar em cada parte do cérebro funciona, como funciona e nunca a gente tem esse conhecimento, e tudo nesse processo de ler e escrever está dentro da neurociência. Então, agora está muito discutindo, está muito debatendo. Porque o que acontece que a criança não consegue se alfabetizar? Sempre tem alguma coisa a ver com a neurociência, desse estudo. Eu acho que tem que trazer mais para a escola, nós não estamos sabendo disso. Eu não estou sabendo disso. Eu não vi na minha escola discutir isso aqui, que eu me lembro de nós fazer, trazer alguém. Cada vez mais, eu acho importante trazer alguém e para a gente entender o processo dessa criança, como é que ela está pensando, o que está interligando que ela não consegue se alfabetizar, o que tem ali, para mim chegar a neurociência, muito sentimento, o afeto é fundamental nessa parte ali, e vejo que nós não estamos lá, não tem isso aí oferecendo. Eu não me lembro se nós discutimos isso ano passado, que eu vejo não, que nós tivéssemos uma aula, alguém vem falar sobre neurociência, não tem, até para entender o processo que a criança está passando. Nós não discutimos, e essas coisas é que são importantes. Às vezes tu 'tá', por isso então, que ele faz assim, porque lá, a neurociência mostra isso, não é discutido isso, não é trazido, e isso o governo tinha que fazer com a gente sabe, dá palestras, coisas interessantes, ver o que está de

importante. É muito material, quem é esse profissional, quem é esse profissional que afinal está fazendo as leis na educação, que está fazendo nossas apostilas, nossos livros, quem é esse profissional, é um profissional só da teoria, ou é um profissional que atua, que está lá dentro da sala de aula, que está vendo, isso também é de se questionar, quem é esse profissional que está inaugurando isso, são profissionais que são professores só de universidade, ou são professores que estão atuando em escolas, que estão vendo as situações, faz a diferença quem faz que está atuando ou só tem a teoria, tem muita diferença que eu vejo pelos meus cursos, a gente vê bem direitinho quem é o profissional que está atuando, que tem contato, que tem só contatos com os livros, muito lindo, será que na prática, realmente funciona isso, aí está o caos, eu me deparei muito na minha faculdade quando eu fiz que eu tinha magistério, tinha meninas que foram direto para a pedagogia, elas não tinham um argumento, elas não tinham uma base, não tinham experiências e eu já estava atuando em sala de aula, então a troca é melhor, tu consegue fazer as relações, tu consegue 'ah', então é por isso... ali explicando então quando tu só tem teoria tu imagina e tu é preparada para entrar numa sala de aula perfeita, então preparar o profissional e esse profissional que está trabalhando ele tem que estar em sala de aula ou tenha passado numa sala de aula tenha experienciado, tu está numa sala de aula e tu ser um professor ou que nunca atuou é diferente, eu vejo a diferença do profissional que atua ou que atuou explicando, um profissional que só tem a teoria explicando... porque fazer, ele consegue relacionar, ele faz "feed back" ele consegue fazer isso o outro não, discurso tu vê direitinho quem atua e quem não atua.

Professor Alfabetizador - Em13

1. Descreva a tua experiência como alfabetizador. Qual o caminho que percorres no processo ensino-aprendizagem da leitura junto a teus alunos?

Então, eu gosto de partir desde o começo do ano até o fim, sempre que eu vou iniciar um conteúdo novo, de saber o que eles me trazem, o que eles têm de vivência já sobre determinado assunto 'né' pra poder também compartilhar com eles o que eu sei além do que eles já me trazem 'né'. Tenho o cantinho da leitura, quando eles terminam, eles podem ir até os livros, a caixa de livros 'né', pra ler e uma vez por semana tem biblioteca e eu sempre conto uma história de alguma forma, dramatizo. Levo eles até a biblioteca 'né', a gente faz uma vez por semana, tem um momento que eu vou trabalhar com aquele livro, às vezes, eu vou contar, gosto também de fazer em capítulos, a fada que tinha ideias eu fiz com eles a história em capítulos. Daí todos os dias eu contava um capítulo, mas a leitura é bem diária e eles gostam muito, eles terminam uma atividade e já vão pegar livrinho pra ler, é diário.

2. Tu participas do Pacto? Como vês essa iniciativa?

Eu acho que a gente sempre leva alguma coisa, os nossos encontros eu gosto porque a gente sempre troca 'né', e sempre é válido assim, umas tu vai usar, outras não vai, ou algumas tu vai concordar, outras não, mas eu acredito que seja válido, embora a gente esteja cansada 'né', mas eu acredito que é válido, pelo grupo que a gente 'tá' ali é válido.

3. Existem diferentes métodos para alfabetizar. Tu usas um método para alfabetizar? Qual método ou métodos tu usas?

Não, eu não tenho método, eu trabalho com o construtivismo, trabalho, não, eu trabalho um pouquinho de cada um, o que vai dando certo, dependendo da turma eu vou usando com eles, mas não sigo uma linha, 'ah', eu sou alguma coisa, não, não.

4. O Pacto fez tu mudares a tua opinião em relação aos métodos de alfabetização?

Não, continuo trabalhando como eu sempre trabalhei.

5. Quais as principais mudanças que o Pacto trouxe no trabalho em sala de aula?

Talvez algumas atividades mais lúdicas, mais de construir com eles, que nem esses jogos, eu acho que eu mudei um pouco nesse sentido assim, de fazer coisas mais práticas com eles que não que eu não fizesse, mas agora eu faço mais, isso que eu mudei.

6. Tu achas que o Pacto contribuiu para a qualificação do ensino da leitura? De que forma?

Isso eu acho que não, isso eu já fazia, essas interações com eles, com a turma de leitura. Não veio agora, a partir do curso que eu estou tendo o cantinho da leitura, eu sempre tive, sempre tive, ano retrasado eu tive o 3ºano eu sempre tive 'né' livros pra maiores, gibis, sempre eu tive revista recreio, não foi agora a partir do Pacto que eu comecei.

7. Qual a tua opinião sobre o Ciclo de Alfabetização de 3 anos? Há necessidade de 3 anos para a alfabetização? E sobre a não reprovação durante o Ciclo?

Não concordo, eu acho que a criança sofre quando ela tá no 3ºano e ainda não consegue acompanhar as atividades, não consegue acompanhar uma leitura, eu acho que dificulta muito o trabalho do professor, não que todas as crianças têm que estar num nível exato 'né' numa linha, mas eu acho assim a criança também se sente excluída, porque querendo ou não por mais que tu seja um ótimo professor tu não dá conta de atender aquela criança que está com lacunas de lá de traz 'né'? Eu acredito que tem que ter reprovação, principalmente no 1ºano, não vai frustrar a criança se ela ficar mais um ano, para ela ir 'né', ela vai ficar mais segura e eu não concordo.

8. Tu achas que o Pacto pode produzir mudanças na qualidade da alfabetização no Brasil e produzir efeitos de longo prazo na qualidade da leitura e escrita dos estudantes brasileiros? Por quê?

Eu acho que sim, porque a partir desse programa a gente começou a fazer as trocas de níveis 'né', na escola, que nunca tinha sido pensado, tem que alfabetizar até o 3ºano, a partir, bom foi lançado isso agora cabe nós tentar 'né' resolver então, a gente começou a fazer as mudanças de níveis, toda quarta feira, uma vez por semana, a gente faz as trocas. Cada profe fica com um nível, silábico 1, silábico 2, silábico- alfabético. E eu acredito, em reunião a gente tava conversando que ano, a gente começou esse ano, e ano que vem a gente vai sentir uma mudança que é aí as crianças vão passando, que nem essa semana eu já percebi que uma criança já avançou pra outro nível, então nesse claro que não é... na minha escola tá funcionando a partir que a gente tem que tentar alfabetizar até o 3ºano 'né'.

9. Em que medida tu consideras que a escola (professores, alunos e famílias) se sente comprometida com o objetivo de melhorar a qualidade da leitura e escrita dos estudantes?

Não tem, não tem, a gente sente muita essa falta da família em se comprometer, que eles também, que fazem parte desse processo, que só o professor não vai dá conta disso, que a criança também chega em casa, ela

precisa nem digo assim, do ensinar, mas ela precisa de incentivo, que a mãe sente, que a mãe olhe o caderno 'né', que a mãe olhe aqui, talvez tu pode melhorar, de participar desse processo 'né', enquanto família assim. A minha escola é comprometida, o meu grupo é, talvez por ser um grupo pequeno que a gente conseguiu fazer isso 'né', não tenho problema com a direção, a direção também faz essa parte, nos dá este espaço de troca 'né', dá espaço para as famílias também, na entrega de boletins dá este espaço bem considerável pra conversar com os pais e eu acho que o grupo lá é bem comprometido, preocupado, porque se não tivesse essa preocupação 'né'. As gurias do 1ºano tão preocupadas porque os alunos vão para o 2ºano, então a gente faz muito essa troca assim, eu depois, eu também tenho o 2ºano, eu converso muito com as gurias porque eles vão para o 3ºano, a gente conversa muito, a "A" tem essa dificuldade nisso durante o ano, ela evolui nesse aspecto é bem, eu 'tô' adorando, é meu segundo ano lá na escola e é bem importante.

10. Tu tens conhecimento sobre os estudos da neurociência em relação ao processo de aprender a ler e a escrever? Esses estudos foram contemplados em algum momento nas discussões ou material disponibilizado pelo Pacto e são relevantes para a prática pedagógica?

São relevantes, vi alguma coisa na pós e eu acho bem importante, mas não teve nada 'né' pra nós em relação a isso e eu acho bem importante a gente entender esse processo, que não é fácil, é bem complexo, mas eu acho bem importante, mas eu acho que nós não tivemos nada sobre isso.

Professor alfabetizador - Em14

1. Descreva a tua experiência como alfabetizador. Qual o caminho que percorres no processo ensino-aprendizagem da leitura junto a teus alunos?

É sempre assim a minha aula, sempre eu faço a recepção a eles e depois eu faço a leitura primeiro a leitura deleite 'né' pela professora, e aí todos levantam a mão para... todos querem ler. Bem todos os dias, dois, três vão pra frente e leem para todos, o grupo sempre assim, 'oh' isso no começo da aula e após do recreio a gente também lê, a gente produz textos, eu trabalho com o 2ºano. Então, agora primeiro era frases, agora já estamos em textos, então depois que a gente corrige o texto, a gente passa ele também, vão para frente, depois do recreio vão ler aquele texto para os demais do grupo, então todos os dias a gente desenvolve a leitura, todos os dias.

2. Tu participas do Pacto? Como vês essa iniciativa?

Olha esse ano é o 1ºano que eu participo, eu não participei ano passado, porque eu entrei ano passado nova, então assim 'oh' eu vejo dentro da área da matemática, eu como eu sou do 2ºano tenho uma turma de 2º ano eu vejo muita coisa que aí não está direcionado para o 1ºano, 2ºano, tem muita coisa que na verdade seria para o 3ºano, porque inclusive ontem a gente comentou isso, tudo bem as crianças dentro da matemática, claro que tem uma área muito grande pra gente explorar, mas assim 'oh' eles colocam muita coisa já no começo, não sabe diferenciar do 1ºano, do 2ºano, do 3º ano, eles passam pra gente, jogam pra gente e querem que a gente traga planos prontos que tu aplicou em aula, claro que tu tem que adaptar esses trabalhos, eles tem que ser bem adaptados a tua realidade, do teu grupo e, às vezes, é bem difícil tu fazer isso, porque a realidade deles é bem diferente, sabe de uma turma pra outra .

3. Existem diferentes métodos para alfabetizar. Tu usas um método para alfabetizar? Qual método ou métodos tu usas?

Eu uso vários métodos, porque eu acho que ninguém pode se prender a um método só, porque na verdade 'né' cada aluno é único e vamos supor eu quero aplicar aquele método, mas nem todos se adaptam aquele método, então eu preciso usar sempre aquilo que é melhor para o aluno. Dentro da alfabetização eu uso assim, o método, eu ainda uso o método da Emília Ferreiro, sabe, não é que eu aplico, eu uso com eles porque eu vejo que dá resultado, tu quem se sentar... Aqueles métodos bem antigos que a gente já não usa mais, eu vejo que eles eram muito importantes, porque agora hoje eles usam vários, "ENE" métodos, aplicam montes de dinheiro em pesquisas novas, mas nós temos métodos ali maravilhosos, então eu acho assim 'oh' que a gente tem que resgatar aquilo ali, "o sonzinho" das letras sabe, eles precisam conhecer muito

bem, porque não adianta eu ensinar a ler e escrever e não sabem o som da letra.

4. O Pacto fez tu mudares a tua opinião em relação aos métodos de alfabetização?

Não, não, eu não consegui e eu vejo assim, que eu tenho uma coisa assim, eu não acho isso justo, uma criança aquele método que não reprovam. Eu sei que para a criança, ou seja... e eu acho que eles trazem muito métodos novos e a gente precisa resgatar aquela criança cada uma de sua maneira, porque cada criança é única, então eu vejo assim, cada um aprende de um jeito não adianta nós ter métodos novos e aquele não se aplica com aquela criança. Então, eu preciso resgatar ele da maneira que eu vejo, porque ele vem de uma realidade assim que ele não tem acesso a livros, não tem acesso a nada, então a gente tem que resgatar ele devagarinho, tudo bem só que eu não acho muito correto ali eu não concordo muito com aquela ideia de três anos sem reprovação, não que seja uma coisa boa, mas tem aquela criança que vai para o 3ºano sem saber ler e escrever, ela fica cada vez mais perdida, porque os outros vão seguindo e aquela criança trava, ela fica perdida no meio, claro que a gente, eu no 2ºano eu tenho vários níveis dentro do 2ºano 'né', então eu trabalho eu dou atividades diferenciada dentro de sala de aula, eu trabalho com atividades diferenciadas para aquelas crianças e eu não posso seguir um método só, aqueles conteúdos a maneira que eu quero não, aqueles que estão alfabetizados eu dou de uma maneira, outros que estão... eu tenho alunos pré-silábicos lá, então como eu vou trabalhar com eles a leitura se eles não sabem ainda, então eu tenho que resgatar ele devagarinho.

5. Quais as principais mudanças que o Pacto trouxe no trabalho em sala de aula?

Bem, como eu comecei apenas esse ano a frequentar o Pacto, teve algumas mudanças na área da matemática, coisas que eu não ia aplicar a eles ainda, eu estou aplicando, mas não que eu acho assim, é porque o Pacto pede que a gente aplica e traga os resultados para mostrar 'né' nos encontros, só que eu não ia aplicar isso ali ainda, porque eu vejo assim que tem muita coisa ali, o Pacto 'tá' muito direcionado ao 3ºano, eu vejo assim que o 1º e 2º ano eles deixaram um pouquinho assim, então tem muita coisa que já para o 3ºano ali, então eu vejo assim 'oh', claro que ele mudou, que a gente usa as formas geométricas desde cedo, porque a gente não trabalha só daquela maneira, eles têm olhar as formas em casa e tudo eles olham, tem forma geométricas que são, só que eu ia trabalhar da minha maneira igual. Em relação à leitura. Olha eu já trabalhava antes que eu frequentava, eu continuo trabalhando, o que é bom 'é' os livros que vem sabe, eu acho aquela caixa muito importante, só que eu trabalhava da mesma maneira antes, pra mim não teve muita mudança, porque eu trabalho a leitura, eu acho assim pra criança se

tornar um leitor, 'ele' precisa explorar todos os tipos de texto, ele tem que ter fome de leitura, entende? Porque a criança que não lê e se a gente não lê para eles, eles não vão aprender, eles não vão ter amor por aquilo.

6. Tu achas que o Pacto contribuiu para a qualificação do ensino da leitura? De que forma?

Posso ser bem franca, para mim não, para mim não, porque assim, como eu te falei como eu não frequentei ele ano passado, eu desenvolvi da mesma maneira, faço projetos, trabalho muito com projetos e sempre desenvolvi a leitura e a escrita deles com eles que eu acho isso importante, mas não que alguma coisa me fez mudar em relação ao Pacto, não.

7. Qual a tua opinião sobre o Ciclo de Alfabetização de 3 anos? Há necessidade de 3 anos para a alfabetização? E sobre a não reprovação durante o Ciclo?

Olha os meus alunos só com laudo que não estão alfabetizados, então eu não acho que tenha necessidade de ter três anos ali. Porque assim 'oh', os que aprendem 'né', que não tem problema, não tem laudo, a maioria já vem no 1ºano para mim, já vieram do 1ºano, a maioria veio sabendo ler e escrever, a maioria, então eu tenho ali cinco alunos que eu não sei se vão aprender, porque a gente está trabalhando com reforço, oficinas e tudo, mas eles têm laudo, então assim, são crianças com dificuldades. Cada um vai aprender de sua maneira, mas com bastante dificuldade, só que eu não sei se esse método é eficaz para todos, vamos supor se eu tenho 30 alunos em turma se é importante para os 30 sabe, porque não sei se precisa. E eu acho que não deveriam passar esses alunos assim do 2º ano para o 3º sem saber ler e escrever, porque eles cada vez vão ficar mais para trás, porque depois eles vão ser reprovados do 3ºano para o 4ºano o que acontece, aqueles alunos ficam reprovados, porque eles não aprenderam naqueles três anos, eles foram passando, se eles tivessem ficado ali no 2ºano, eles não teriam ou no 1ºano, eles não teriam avançado antes de saber ler e escrever e assim eles vão indo e lá no 3º ano eles vão ser reprovados, depois eles não vão pro 4ºano, pelo menos na minha escola acontece isso.

8. Tu achas que o Pacto pode produzir mudanças na qualidade da alfabetização no Brasil e produzir efeitos de longo prazo na qualidade da leitura e escrita dos estudantes brasileiros? Por quê?

Olha, de repente até pode, mas assim 'oh', eu não sei, se ao longo prazo vai ter alguma, alguma mudança naquilo. Porque eu acho que nós precisamos é métodos, que eles sejam aplicados agora, aqueles métodos antigos que eu disse antes, eles são eficazes, eles precisam ser, nós temos tanta riqueza ali, que deveria ser resgatado, não só procurar métodos novos, mas valorizar aquilo que nós já temos aí e aplicar. A gente aprendeu de uma maneira tão

simples, foi tão importante. A gente aprendeu com o sonzinho da letra tudo, a gente ia pra fora sentava na... ouvia o som dos passarinhos aí a gente produzia o sonzinho da letra, coisas que não acontecem hoje, hoje é só na sala de aula, é muito conteúdo, é muita coisa e a gente vai pros métodos novos que vem aí fica muita coisa pra traz.

9. Em que medida tu consideras que a escola (professores, alunos e famílias) se sente comprometida com o objetivo de melhorar a qualidade da leitura e escrita dos estudantes?

Ali 'tá' uma grande questão, porque assim 'oh', a gente como escola, como professora, como escola, a gente 'tá' preocupada, a gente trabalha em cima disso, mas as famílias muitas vezes não estão aí. Eu acho que a gente tem que resgatar ali a família. Porque muitas vezes, a gente... Ontem foi falado no Pacto, a gente manda para casa bilhetes exemplo, às 16 horas, hoje a aula termina às 16 horas e 30 minutos, por causa da reunião, eles não sabem que horário é este, eles conhecem o horário 4 da tarde. Então primeiro a gente tem que trabalhar aqueles pais, porque o que adianta, os pais não valorizam isso. Muitas vezes as crianças levam livros para casa, no outro dia o livro não retorna e a gente descobre que eles fizeram fogo, a mamãe pegou pra fazer fogo no fogão com aquele livro. Então assim, primeiro nós temos que trabalhar a família, isso tem que ser um conjunto dentro da comunidade, eu acho que deveria ter projetos para a leitura também para os pais, para nós podermos resgatar isso, pra valorizar esses momentos.

10. Tu tens conhecimento sobre os estudos da neurociência em relação ao processo de aprender a ler e a escrever? Esses estudos foram contemplados em algum momento nas discussões ou material disponibilizado pelo Pacto e são relevantes para a prática pedagógica?

Eu vi falar por meios... sei disso por meios de comunicação, da mídia, mas dentro do Pacto, nos encontros que eu participo não foi comentado ainda, que eu me lembro não. Pelo que eu percebi dentro da mídia são muito, muito importantes. Dentro da mídia, pelo que eu observei assim, eles falaram que a gente tem que valorizar e tem que estudar mais esse lado da neurociência pra ver como cada um vai aprender, mas dentro do Pacto ainda não tive oportunidade, a gente ainda não discutiu isso.

Coordenador - Ee15.

1. Descreva a tua experiência como coordenador do Pacto. Como está sendo o desafio de orientar teus colegas professores alfabetizadores com relação ao ensino e à aprendizagem da leitura?

A experiência muito interessante porque essa formação se dá num tripé, tanto a universidade como formadora, o orientador e o professor alfabetizador, então, o PNAIC está estruturado em cima desse tripé e é uma coisa que a gente discute com os formadores que são os nossos colegas formadores da universidade, como essa parte teórica que o Pacto trabalha a gente pode fazer dentro de uma sala de aula, como a gente pode teoricamente, desestabilizar os professores para que eles possam refletir sobre a prática deles dentro da sala de aula deles, valorizando... o Pacto vem exatamente isso é socializar as experiências dos professores, trazer as experiências de vida, de vivência, experiência de anos de alfabetização para dentro dessa discussão, então a gente discute, trazendo a experiência do professor mas ao mesmo tempo desestabilizando e mostrando para os professores que... é perturbando ao mesmo tempo o professor para que ele possa melhorar a sua prática e trazer para a reflexão. A teoria fala isso como eu posso melhorar minha prática em cima da teoria e da minha experiência de vida... pra sala de aula. Então, essa relação de aprendizagem que se constroi dentro de uma sala, o orientador de estudo que recebe uma formação que já discutiu com seus pares da universidade, o que levar e como levar e como trazer essa experiência dos professores alfabetizadores então se forma um contexto muito interessante que não é verticalizado, que é horizontalizado, a gente trabalha todas as questões, todas as ementas de cada caderno, de cada unidade de forma horizontal, não se colocando como “o orientador”, mas como um colega que vai fazendo esses trabalho de... essa conversação, são oficinas que a gente conversa que a gente desestabiliza o professor para que ele possa pensar de uma maneira diferente, possa fazer essa parte, possa introduzir esse assunto, esse conteúdo ou esse direito de aprendizagem de uma maneira diferente que eu nunca havia pensado, então o grande objetivo é esse, interessante é isso, tanto o professor alfabetizador cresce como a gente também pega muitas experiências deles e isso é uma coisa que... o PNAIC não vem de cima para baixo porque o grande medo e problema hoje é a verticalização das coisas então o professor é convidado a fazer ele está lá por livre e espontânea vontade para fazer essas conversações.

2. Como tu vê a iniciativa do Pacto?

É uma política pública interessante, já outras políticas e programas que os governos anteriores colocaram como Pró- letramento, Programa de formação de professores Alfabetizadores (PROFA), tem o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) parece também e tem o PNAIC

agora, o Ciclo de Alfabetização e essa iniciativa é para atacar exatamente aquela meta de alfabetizar todos os alunos até os oito anos. Essa iniciativa que o 1º ano vai ter uma introdução dos direitos da aprendizagem, o 2º ano vai aprofundar esse direito e o 3º ano, o professor do 3º ano consolida esse conjunto de direitos, habilidades, competências ou expectativas como queiram, esse é um conjunto de habilidades, competências e expectativas direito que o aluno tem de aprender, colocar o aluno no 3º ano com todas essas... tanto a alfabetização como o letramento, sempre as duas não dissociando porque são dois processos distintos mas que acontecem ao mesmo tempo, imbricados, juntos, tu não consegue separar isso. Então é uma iniciativa boa desse tipo de política pública, outra coisa é que não verticalizado, é uma formação entre os pares.

3. Existem diferentes formas de alfabetizar. Em relação ao uso ou não de métodos de alfabetização, que método ou métodos tu tens observado que são usados pelos professores? E qual a orientação do Pacto?

Nessas formações a gente retomou vários métodos de alfabetização, os mais tradicionais e os mais construtivistas e como pós-construtivismo, mas em geral o professor utiliza o método tradicional, o fônico, então... não há nenhuma orientação oficial, teórica do PNAIC aderir um método. Nós colocamos todos eles, quais as vantagens e desvantagens e o professor dentro do contexto de sala de aula vai ter que ter o domínio de todos eles. Qual o método de intervenção mais seguro pra esta questão muitas vezes nós temos professores que são geempianos, pós-construtivismo dos níveis psicogenéticos, então o que a gente faz a gente trabalha todos os níveis psicogenéticos e o que nós em nosso grupo a gente trabalhou muito é de como o professor deve fazer o diagnóstico. Como o professor consegue e deve saber, entender fazer um diagnóstico, em que nível a criança está, qual a hipótese cognitiva que a criança está no momento, qual o conflito cognitivo que ela tem e o que eu didaticamente eu preciso fazer para que eu possa desestabilizar essa criança, então o PNAIC não tem um método que nem os outros, como o Alfa e Beto por exemplo, tem o fônico, o GEEMPA tem o pós-construtivismo, mas o professor tem que saber 1º coisa qual o diagnóstico que ele tem da turma ou do aluno a partir e dali ele vai detectar a hipótese e o conflito cognitivo que a criança tem e a partir dali, didaticamente ele vai ter que interferir, se eu preciso usar um método fônico pra construir uma consciência fonológica pode porque eu estou vendo que meu aluno tem esse problema de consciência fonológica eu vou usar todos os recursos ao meu alcance para que eu possa fazer essa intervenção e é isso que a gente fala para os professores e a gente também entende que isso é que faz que o aluno avance dentro desse processo, 1º ano, 2º ano e 3º ano. Porque não adianta nós não podemos hoje ir aos dois extremos, tem que ter um equilíbrio dentro dos métodos, você estudando a história desses métodos em todos esses momentos eles são

úteis aí o professor não pode... é um remédio que o professor tem, é um recurso que o professor tem pra que ele possa interferir nesse processo, então o professor tem... uma analogia com a medicina, uma comparação, o médico faz o diagnóstico mas ele tem seu instrumento de intervir, o professor hoje além de toda essa polêmica qual é o método mais... não existe método, todo o método tem suas vantagens e tem seus limites. Então o professor hoje... o que a gente está fazendo, valorizando esse conhecimento traz da sua experiência e de sua trajetória de vida e profissional e que ele possa sim fazer um diagnóstico claro... Quais são as hipóteses que o aluno está trabalhando para que ele possa intervir, utilizando de vários instrumentos e métodos e caminhos, estratégias de aprendizagem para que ele possa avançar desestabilizá-lo, para a criança e avançar tanto no seu pensamento de leitura e escrita. Estuda várias formas de alfabetizar todos os métodos, discute, problematiza e a partir dali te orienta e trabalha com os professores maneiras caminhos de como fazer isso. Porque hoje o grande problema enquanto supervisor, orientador do Pacto, enquanto profissional que trabalha na área da alfabetização que o professor tenha capacidade e competência para fazer o diagnóstico esse é o nosso grande problema... todas as escolas enfrentam isso, o professor não sabe muitas vezes ele não sabe fazer um bom diagnóstico. Onde está meu aluno, o que eu vou fazer com ele agora e aí ele tem que saber. Ele precisa saber cada método, o que preconiza cada método para que ele possa usar e entender esse processo.

4. O Pacto fez tu mudares a tua opinião em relação aos métodos de alfabetização?

Sim, sempre que a gente faz um estudo histórico dos métodos, é obvio que eles serviram para certa época histórica, que foi muito interessante... os professores, a gente faz aquelas vivências com os professores, a gente faz o professor falar, como você foi alfabetizado na sua época e todos eles trazem uma trajetória de vida com métodos fônicos , antigos que muitas vezes não fizeram ele bom escritor, ele tem medo de escrever, ele não foi bem alfabetizado, ele tem lacunas na alfabetização, eles relatam isso, eu fui alfabetizado no fônico , método da abelhinha e outros. O professor faz isso uma retomada mais reflexiva de como ele foi alfabetizado, qual o resultado produziu e o que ele pode com esse projeto com essa mudança, reflexão tentar mudar para os alunos deles... essa... todas elas mudam a grande dificuldade é de fazer o diagnóstico, bom eu tenho um aluno que é silábico ou ele é alfabético, como esse aluno pensa, qual é o pensamento, qual é o esquema de pensamento que esse aluno faz e o professor tem que saber o que ele vai fazer. No alfa. 4, alfa 3, por exemplo mesmo no pós-construtivismo o aluno apresenta um esquema de pensamento, mas o que o professor pode trabalhar , quais as estratégias de aprendizagens, de ensino, aprendizagem que ele vai fazer, vai oferecer para o aluno didaticamente para que ele possa ir para um

outro nível, e esses níveis não são parados, estáticos, fechados eles às vezes eles não são fixos, eles vão voltam, o aluno vai, avança e depois ele para, não que ele retrocede, ele fica em conflito, bem interessante esse trabalho.

5. Quais as principais mudanças que o Pacto trouxe para o trabalho em sala de aula?

Que a gente tem acompanhado nesses 2 anos, ano passado era alfabetização e letramento, esses não a gente está mais estruturado nos eixos da matemática, sempre fazendo o contexto, nunca introduzindo a matemática deslocado da alfabetização, é um processo que acontece junto, no momento que eu vou trabalhar um projeto de alimentação eu tenho o projeto didático mas dentro desse projeto uma sequência didática que aprofunda verticalmente certo conteúdo, habilidade que eu quero desse aluno, daí introduzo tanto matemática como alfabetização e letramento, sempre há uma leitura deleite, o professor tem. O PNAIC trouxe para cada sala de aula uma caixa de livros super interessante de literatura infantil que o professor ele trabalha entre essas horas, e outras horas que ele achar interessante, faz uma leitura deleite, a partir dali ele vai introduzir os conteúdos, a mudança que está sendo proporcionada nas escolas ela é muito boa nesse sentido, porque um processo que acontece que o professor é protagonista disso, mas ele tem toda uma ferramenta, instrumentos para que ele possa introduzir isso e uma coisa que eu senti no meu grupo é o conceito de letramento uma coisa nova que o professor não tinha parado para refletir sobre o processo de alfabetização e letramento, não é uma coisa nova, mas veio agora com o Pacto, a discussão dentro das escolas.

6. Tu achas que o Pacto contribuiu para a qualificação do ensino da leitura? De que forma?

O que é letramento, o professor saiu desses encontros, reuniões, dessas conversações sabendo o que é alfabetização e o que é letramento, letramento em matemática, é muito interessante isso e provoca uma mudança na qualidade do trabalho do professor que hoje o professor introduz certos conteúdos, certas concepções que estavam ausentes anos anteriores, matemática nós temos conceitos que hoje a alfabetização é fundamental os dois tem que estar ligados, as concepções de adição, multiplicação, isso faz com que na alfabetização... um auxílio na alfabetização e letramento, então são complementares. Tanto a alfabetização trabalha a oralidade, a leitura, a produção textual e análise linguística, são 5 eixos, oralidade, leitura produção textual, análise linguística e a escrita desse texto que está dentro da análise linguística, isso é uma coisa que a gente coloca nas conversações dos professores que é essa trajetória que vai fazer essa mudança de concepção de trabalhava até então na sala de aula, porque o professor não tem claro, e uma outra coisa que a gente percebe enquanto orientador essa dificuldade

conceitual de nossos professores. Eles não sabem por exemplo, o que é um gênero textual, tipos de textos, ele não sabe proceder, quais são as estratégias de leitura, a inferência ele não tem nem noção que isso pode ser trabalhado com as crianças desde o 1º ano, inferir uma informação explícita de um texto, isso o professor tem que trabalhar na sala de aula, isso é uma estratégia cognitiva, metacognitiva, isso é interessante para o professor e isso o Pacto trabalha bem. Como fazer a oralidade, como o aluno tem que dominar essa oralidade, qual a importância da oralidade, qual a importância da leitura, quais as estratégias que ele tem para fazer isso. A produção textual, por exemplo, notar, deslocada e nem desligada da oralidade e da leitura e nem da análise linguística, todos esses processos, etapas são fundamentais. E o professor não tinha ciência disso, ele vem de uma formação inicial que não se trabalha, se trabalha, mas não se dá muita ênfase, é um apêndice desse currículo e ele não vem para sala de aula e lá ele se depara que ele tem que fazer isso, é difícil.

7. Qual a tua opinião sobre o Ciclo de Alfabetização de 3 anos? Há necessidade de 3 anos para a alfabetização? E sobre a não reprovação durante o Ciclo?

É fundamental que ele tenha, e hoje a neurociência está dizendo pra nós isso que o aluno tem condições de aprender aos seis anos. A gente sabe até aos 5 anos nós temos alunos que já vêm praticamente com domínio do sistema alfabético no 1º ano e os três anos, ele tem. Todos os nossos alunos até o 1º ano saem lendo, você colocando essa prática dentro da sala de aula... Nós temos dois, três anos, acompanhado de perto, inclusive com publicações, que nós podemos sim, alfabetizar no 1º ano e aprofundar todos os conteúdos, os direitos de aprendizagens do 2º ano e no 3º ano consolidam esse bloco de alfabetização com todos os direitos de aprendizagem. O que nós temos certa dificuldade é com alunos incluídos, ali nós temos que ter vários cuidados, não que ele não aprenda, é o tempo dele é que é diferente, por exemplo, nós temos alunos que quando ele entra no 1º ano, ele se socializa, ele se contextualiza, ele trabalha do jeito dele, o professor sempre colocando a positividade, tudo aquilo que ele pode fazer, ele demora até 2 a 4 anos para se alfabetizar. Nós temos hoje um aluno que entrou no 1º ano, hoje no 5º ano ele está começando a ler, então ele pode, pode só que o tempo dele é diferente e isso a gente já tem uma trajetória alinhada dentro da escola que é assim que acontece, a gente sempre tem brigas com os professores, o professor sempre tem aluno ideal, muitas vezes o professor não tem aquela noção de como esse aluno incluído trabalha, como o cérebro dele trabalha, qual é o comportamento, qual é a atitude dele, nós temos várias deficiências... mental hoje intelectual e esses são os alunos que a gente tem muita dificuldade de trabalhar. O aluno cego, o aluno surdo é muito mais fácil, porque tem o Braille, que tem... do que o intelectual, é um problema, é uma questão de estudo, de desafio, de pesquisa.

E uma outra coisa que a gente deixa claro dentro das nossas conversações que a sala, o ambiente alfabetizador deve ser um ambiente de pesquisa. Os métodos estão todos interligados, o professor tem que teoricamente saber qual é o objeto do trabalho dele, no momento que ele sabe quem é, o que eu posso utilizar diante de uma situação, bom é exatamente que o Pacto trabalha, é fazer... instrumentalizar o professor para que ele saiba utilizar todas as ferramentas e instrumentos necessários para que o aluno possa aprender e consolidar essa alfabetização até os 8 anos. Esse é o objetivo, é possível, é, mas aí nós temos que entrar primeiro na qualificação do professoras vezes nós temos material, as escolas tem material mas incrivelmente nesses últimos anos todas as políticas públicas tanto o governo estadual, como o governo federal, eles disponibilizaram bastante material, a biblioteca do professor riquíssima que trabalha todas aquelas problemáticas que o professor enfrenta na sala de aula, tanto na alfabetização como nos anos finais. O nosso grande problema, o nosso grande desafio é fazer com que o professor leia esse material, e nessa qualificação deles a gente está fazendo isso, trazer esse material para a discussão. E sobre a avaliação e não reprovação é bem... é uma coisa bem polêmica, a reprovação automática não, a gente não pode, mas uma progressão continuada isso é possível. Qual é a nossa experiência na escola todos os alunos eles são alfabetizados, letrados, letramento matemática até os oito anos só que aqueles que são alunos incluídos nós temos certa dificuldade, mas o que nós fizemos com os alunos que não saem alfabetizados até o 3ºano? Nós temos aqui um projeto, nós temos uma coisa que eu coloco sempre para os nossos professores, nós temos um projeto aqui na escola "avançar" o aluno vai para o 4ºano, mas às vezes ele não domina, ele está num nível alfabético, ele está aquém dos outros colegas que estão lá, o que a gente faz, a gente coloca esse aluno nos níveis onde ele se encontra, o aluno do 4ºano muitas vezes ele frequenta uma turma de 3º ou 2ºano, onde o professor vai desestabilizar essa hipótese dele depois quando ele consegue, ele resolveu o conflito dele, ele volta para o 4ºano. O aluno é um aluno nômade dentro da escola, esse projeto possibilita isso, então nós temos alunos do 4ºano freqüentando o 2ºano e tem os alunos do 3ºano freqüentando o 4ºano, é raro é, nós temos 4 ou 5 alunos, mas toda a escola fazendo isso, isso é um trabalho da supervisão fazer esse tipo de monitoramento, nós aqui na escola monitora todos os alunos, nós utilizamos aquele instrumento da sala... a organização da sala de aula, grupos áulicos, é uma coisa que o pós-construtivismo, que o GEEMPA faz muito bem, que tem mudado muito os resultado nas escolas, não é classificar o aluno, mas é colocar ele num nível psicogenético para que o professor possa fazer esse tipo de diagnóstico, então nós temos todos os alunos sendo monitorados em sua aprendizagem. Podemos dizer hoje que o Pedrinho lá do 2ºano está no alfa 1, alfa 4 ou alfa 3. E o que o professor está fazendo com isso, 1 vez por semana ou 2 vezes por semana no segundo semestre 2 vezes a gente faz totalmente um rodízio dos alunos dentro as escola, todos os alunos que estão no alfa 4 por exemplo, alfa

3 no nível de nasalização, que tem dificuldade com “NH”, o “AO”, o “AM” no final eles tem um conflito e a hipótese cognitiva, o professor num certo dado momento vai trabalhar esta dificuldade isso não significa que são turmas homogêneas, o Pacto não trabalha com turmas homogêneas, totalmente heterogêneas e a gente trabalha com essa parte do aluno não ideal. Nós temos dentro da sala de aula todos os níveis de aprendizagem. Num dado momento eles são sim homogeneizados, a gente coloca num grupo homogêneo, certa dificuldade, depois separa. Isso dá muito bem com os grupos áulicos são todo um processo que tu trabalha com o professores. Então, a reprovação a gente é... tem que fazer com que a aluno não reprove, todo professor, nossa orientação vale nesse sentido é não deixar o aluno reprovar, fazer de tudo, investigar o quanto dá pra não reprovar. Claro que no 4º e 5º ano nós temos alunos e geralmente são os que os professores não conseguem trabalhar muito bem, são os alunos incluídos, o que fazer com o aluno incluído, ele trabalha e a gente coloca tudo que ele pode fazer e o que ele faz e aí muitas vezes se deixa reprova de 2 em 2 anos, de 3 em 3 anos pra que ele possa fazer, retomar alguma habilidade que ele não conseguiu, desenvolver. Pessoalmente eu sou contra a gente tem que fazer de tudo para que ele chegue ao final do ciclo, com todas as aprendizagens concluídas.

8. Tu achas que o Pacto pode produzir mudanças na qualidade da alfabetização no Brasil e produzir efeitos de longo prazo na qualidade da leitura e escrita dos estudantes brasileiros? Por quê?

Eu acho que sim, outro problema que a gente tá vendo, notando no PNAIC é exatamente essa... alguns professores estão... quando não colocam essa... nossas orientações em prática, ele tem que estar sendo realimentado, o professor não pode... uma política de época, um ano de alfabetização e letramento e matemática e se interrompe um política pública, esse é o grande problema, o PNAIC, como o Pró-letramento, ele teve uma época e terminou então o que nós percebemos quanto formadores, orientadores, essa interrupção de programas, de projetos, e não é porque a gente faz uma qualificação de dois anos, interrompe esse processo e a isso vem junto com um projeto maior, projeto de planejamento, tanto das esferas estadual e federal que interrompem essa política pública e isso faz com que não tenha êxito. A gente trabalha... anos anteriores tinha 3 projetos de alfabetização no estado, Airton Senna, o Alfa e Beto e o Geempa, quer dizer se interrompeu esse projeto e esses professores acham que não tem mais continuidade e não precisam mais trabalhar assim, e eles não se dão conta que a teoria, a parte teórica é a mesma mas enfim políticas eles interrompem esse trabalho e esse é efeito devastador e negativo tanto para o processo de leitura e para qualquer escrita, a alfabetização e letramento e isso é em todas as esferas, municipal, estadual e federal. O que nós precisamos é uma política pública estável, de vários anos, que o professor se qualifica dentro desse conceito e dentro desse

contexto e que tenha continuidade e não que venha um governo de plantão, e isso se reflete muito na rede estadual, rede municipal também. A gente não tem essa política pública estável, quando o governo sai, não, essa política pública continua porque estava dando, e na educação o resultado é em longo prazo, tu não vai ver esse resultado daqui um ano, dois anos, sim, mas a vários anos, num período maior, e as pesquisas podem fazer isso diagnosticar se essa política é eficiente ou não mas nós acreditamos que sim, é projeto que nasce, uma conversa que é horizontal, que é construída com o alfabetizador, então a gente acredita sim que pode e deve fazer e o que pode acontecer que as pesquisas podem indicar isso que há um desleixamento do professor, o professor não vai fazer, vai perder o ânimo, isso aqui foi para um determinado governo, não vou mais seguir isso, eu não vou me preocupar com essa parte mais teórica, isso pode acontecer.

9. Em que medida tu consideras que a escola (professores, supervisores, alunos e famílias) se sente comprometida com esse objetivo?

O que nós encontramos, muitas escolas estaduais não abraçaram o Pacto, eles acham que o Pacto é um ente, um corpo estranho que veio se colar à escola têm diretores, têm gestores que eles enxergam o Pacto desse jeito, não é uma política pública da escola e tem gestores que acham que o Pacto é um corpo estranho dentro da escola. O Pacto é de toda escola e o currículo do Pacto do Ciclo de Alfabetização é do Pacto, é esse ciclo que vai ser avaliado, na avaliação ANA, anualmente, em novembro existe uma prova, essa prova externa avalia como está sendo trabalhado esse processo dentro de cada escola, o aluno tem... essa avaliação é um diagnóstico, não é um classificação, um diagnóstico e em cima desse diagnóstico a supervisão ela pode estabelecer várias metas ela pode redimensionar várias coisas na alfabetização, dentro da escola, mas o gestor não enxerga isso, ver desse jeito, gestor muitas vezes enxerga que é uma coisa estranha da escola e que a gestão tem que providenciar espaço tem que liberar os professores para isso e tem muitos diretores que não enxergam como política pública da escola, uma coisa federal, uma coisa nacional dentro das metas que o governo se comprometeu, que é signatário, de outros projetos internacionais maiores, é, não todas, a maioria das escolas estão no Pacto, na alfabetização como no ensino médio, mas nós enfrentamos isso, tem gestores que acham uma coisa pontual de governo. Eles não olham como uma política pública.

10. Tu tens conhecimento sobre os estudos da neurociência em relação ao processo de alfabetização? Esses estudos foram contemplados em algum momento nas reuniões, discussões ou material disponibilizado pelo Pacto e são relevantes para a prática pedagógica na escola?

Uma das coisas que a gente sempre mostra para os professores é que a neurociência está trazendo muitas novidades e ela é uma ciência que avança

com a tecnologia, tão fascinante e muito, e a velocidade muito maior que o professor tenha ciência disso. O professor sabe que a neurociência está estudando o cérebro, têm várias coisas, ela vem, essa ciência, exatamente, confirmar algumas coisas que os teóricos sabiam a 30, 40, 100 anos atrás. Hoje com os instrumentos que medem, que são invasivos, que dá pra ver através da imagem, alguns teóricos já desconfiavam disso e isso é muito bom e uma das coisas que revela que o cérebro é o centro das coisas da aprendizagem se descobre que através da neurociência que todo o corpo aprende isso se reflete nos jogos que a gente utiliza no PNAIC. Porque os jogos, os jogos trabalham várias coisas que Piaget já diz sobre assimilação, acomodação, todas essas fases interessantes e hoje a neurociência vem comprovar aquilo que eles estavam desconfiados. Que dava os teóricos, davam margem eles apostavam, a gente trabalha sim, com isso, trabalha vários artigos para confirmar pra sedimentar, pra dizer olha professora aqui está sendo confirmado ou outras coisas novas que estão por vir que a gente está descobrindo. Então uma das coisas que a gente dá ênfase é nos jogos, que todo corpo aprende, que o aluno tem que se movimentar, o aluno tem que brincar, a ludicidade, como o cérebro responde essa questões e isso tá muito ligado com a neurociência, tem obras interessantes a gente discute isso com os professores, e o Pacto vem exatamente no material dele vem com alguns artigos que vem ao encontro disso, olha hoje é importante fazer isso, porque está sendo comprovado pela neurociência e por outras ciências que isso é que favorece a aprendizagem nesse sentido ou naquele sentido é bem, faz parte das nossas discussões no Pacto. Essas novas descobertas da neurociência, e a família a gente tem muito comprometido, nós temos um projeto da escola que compromete os pais, o que nós fizemos no primeiro ano, quando o pai ingressa na nossa escola, nas primeiras semanas é feito um diagnóstico de todos os alunos do primeiro ano, diagnóstico e entrevista, nós queremos conhecer esse aluno que está vindo para cá, a gente faz algumas atividades que a gente faz e faz o diagnóstico e situando onde ele está, em que nível ele está, tem alunos que chegam silábicos e tem alunos que chegam quase alfabetizados então esse diagnóstico o professor tem que ter pra começar o planejamento, o planejamento sempre vem em cima do diagnóstico, quando nós fizemos esse planejamento, sempre nas horas de unidocência, quinzenalmente nós temos 4 horas para fazer esse planejamento e discussão, onde a gente também trabalha questões mais conceituais, a gente coloca o que é um gênero textual, como a gente pode explorar uma notícia de jornal, como nós podemos levar o jornal para a discussão para dentro da sala de aula, o que fazer com uma foto, o humor, os infográficos hoje, como interpretar isso, os nossos alunos do 1º ano estão fazendo gráficos e os pais onde entra os pais nessa 1ª semana a gente tem uma entrevista com os pais e numa reunião onde todos os pais são chamados onde a professora coloca o jeito dela trabalhar, não é método que a gente tem vários e dependendo da situação, mas nós temos um mestre que é o pós-construtivismo isso não vale para o Pacto, o Pacto não trabalha só isso,

trabalha todos eles e resgata algumas coisas da vivência do professor e problematiza se o professor está usando o fônico, a nossa função é problematizar é esse método correto, é esse... não é muito limitado para certas coisas você precisa de outros, você precisa de uma concepção melhor disso e aí entra a neurociência, outras áreas que o professor vai ter que dominar, mas na escola a gente fala com os outros professores de fazer uma reunião onde o professor explica o jeito dele trabalhar, qual é o método mestre que ele está usando e como ele vai fazer com que o aluno avance tanto no processo da leitura como na escrita... e os pais comparecem, no 1º ano é totalmente diferente, depois com o tempo, no 2º ano a gente faz a mesma coisa, 3º ano também quando o pai sabe como o aluno aprende e lá em maio, junho, julho a maioria já está lendo eles vêm retornam para a escola oh meu filho está lendo, e sempre o professor explica que ele está neste estágio. Qual é a próxima etapa, que nós vamos fazer, nós vamos fazer que ele avance para cá, quais os conteúdos que ele vai ter que aprender, então tudo isso é sempre informado para os pais, esse processo é sagrado na nossa escola, a gente não abre mão desse processo, porque o que faz isso dá uma credibilidade para o professor, dá credibilidade para o trabalho, para o professor, ele é a autoridade e ele que sabe, ele tem que saber como a criança aprende, ele tem que dominar o pensamento da criança, tanto na leitura como na escrita, ele tem que saber o processo que ele vai seguir e o pai tem que ter confiança no professor e o professor tem que dar conta de um ambiente alfabetizador, ele tem que estabelecer isso, no momento que os pais enxergam isso dá muita credibilidade, é uma alegria pra eles quando a criança começa a ler, mas tem que fazer esse trabalho.

Coordenador - Cm16

1. Descreva a tua experiência como coordenador do Pacto. Como está sendo o desafio de orientar teus colegas professores alfabetizadores com relação ao ensino e à aprendizagem da leitura?

Minha experiência como coordenador do PNAIC, o PNAIC quando surgiu a notícia em julho de 2012, que o MEC divulgou que haveria um programa focando na atividade do professor nas classes de alfabetização a gente pegou com as duas mãos a secretaria não vacilou, fizemos adesão logo porque era facultativo os municípios, que quisessem e adesão se dava em partes tanto tu podia aderir ao programa eu acho que implicaria participar das avaliações, fazer a Provinha Brasil que a gente já vinha fazendo e participar da ANA e a outra etapa que a gente tinha que confirmar no sistema era se a gente aderiria também aos programas, programas de formação de professores, claro que era tudo que a gente queria, nós vínhamos da implantação de um ano anterior, em 2011 vínhamos da implantação do Bloco Inicial de Alfabetização e faltava sim uma formação para os professores desses anos iniciais, 1º, 2º e 3º, então veio a calhar pra nós essa formação, veio a calhar por isso a gente aceitou de plano. Aí houve mudança de gestão aqui, mas isso não alterou em nada estava em curso a gente indicou as professoras entre professoras alfabetizadoras e a experiência como coordenação foi bem assim... deu bastante trabalho e a gente assim teve que organizar a forma de funcionamento desses encontros de formação que são obrigatórios faz parte do programa, não queríamos criar mais dificuldades para o professor, há uma resistência natural a formação em serviço, há, dentro do horário já há essa resistência, imagina fora que era a característica do PNAIC, era a formação fora da carga horária do professor, então a gente... inicialmente, fizemos a proposta de agrupamentos dando várias opções de dias, turnos e mais acabou a gente refazendo tudo porque nós tínhamos iniciado criando grupos de 1º, 2º e 3º aí veio orientação da nossa instituição formadora que é Santa Maria de que os grupos deveriam ser mistos, 'né' refizemos e deu tudo muito certo e conseguimos atender as opções dos professores e colocando turmas as segundas de noite, as quintas de noite e aos sábados de manhã, inclusive um grupo funcionava uma noite e um sábado por mês, pois havia obrigatoriedade de cumprir 8 horas mensais de formação então deu bastante trabalho mas deu uma resistência inicial mas não demorou muito pra essa percepção dos professores mudar e eles passarem a gostar de se encontrarem, no mínimo trocarem as suas angústias, pra mim foi uma experiência muito rica porque a gente coleta informações a gente ouve professores, a gente sente o que eles tinham de dificuldade, podia trazer aqui para a secretaria e poder discutir o que a gente podia melhorar. Como está sendo o desafio de orientar os professores em relação ao ensino e aprendizagem da leitura, o que trouxe de bom... o PNAIC é esse

acompanhamento, os cadernos de formação em Santa Maria não eram bem explorados e eles tinham o passo a passo, o professor recebe o material de formação que é um kit, de caderno de oito unidades e as nossas cinco orientadoras de estudos iam a Santa Maria e retornavam com a informação que os cadernos... eles praticamente, não eram abordados e eles tinham atividades ricas pra aplicar junto aos professores para desenvolver junto aos nossos professores, eram mais de cem em 2013, e nós por nossa conta resolvemos seguir lá desde o primeiro caderno que é a unidade um, usar os quadros de acompanhamento das turmas, então tinha vários quadros, da linguagem tinha os quadros divididos em eixos, então nós nem pegamos esse, porque eles eram muito detalhados, pegamos as onze capacidades básicas da linguagem e pedimos para nossas professoras usar aquilo no decorrer do ano, trimestralmente usamos aquele quadro, para avaliar quanto os alunos nossos adquiriram aquelas capacidades totalmente, parcialmente e não adquirida, isso deu uma boa leitura pra gente e tivemos uma surpresa que no final do ano o SIMEC abriu no sistema uma aba pra inserir essas informações e na média os municípios do estado que não vinham fazendo isso tiveram que fazer uma análise, uma leitura de final de ano, nós tínhamos um comparativo, então isso serviu pra gente na Secretaria internamente pra analisar isso, debater as nossas falhas 'né' de supervisão de acompanhar o que estava acontecendo, o que não estava acontecendo no ritmo esperado, eu acho que é isso.

2. Como tu vê a iniciativa do Pacto?

Eu achei o máximo, eu achei que alguma coisa tinha que vir porque a gente tem essa percepção de que o aluno que tem problema na escolaridade até o final do ensino fundamental, ele vai ter um problema muito maior se não sair com o instrumental necessário que é a instrução plena da alfabetização nos anos iniciais. Então a gente tem agora o bloco, 1º, 2º e 3º ano, o aluno de 3º ano tem que sair lendo e escrevendo, lendo com desenvoltura, entendendo o que lê 'né', conhecendo gêneros, porque isso garante pra ele maiores chances de ir adiante com êxito.

3. Existem diferentes formas de alfabetizar. Em relação ao uso ou não de métodos de alfabetização, que método ou métodos tu tens observado que são usados pelos professores? E qual a orientação do Pacto?

O PNAIC não orienta sobre métodos, ele sugere atividades, ele dá quadro de capacidades, mas ele não sugere métodos. E isso é uma falha que eu, que não tenho, praticamente não tenho experiência docente em anos iniciais, mas tenho experiência em supervisão, eu vejo e já li dito por outras pessoas que têm pesquisas, que acompanham. Eu acho que foi a Ester Grossi que disse, com o advento do construtivismo nós abandonamos o método, que acho se usava o método fônico, até por ali, não sei que anos, anos 80, final dos anos 80, então nós usávamos um método sem entender ele direito, mas

dava certo né, aí veio a teoria do construtivismo, então a gente adotou uma teoria e abandonou um método, né. Então, nós ficamos só na teoria e ela não foi bem entendida eu acho e mesmo que tivesse sido. Eu acho que ela valeu pra um recorte da nossa educação, pra uma situação de país que a gente tinha e de escola pública que a gente tinha, mas eu acho que ele não está mais atendendo a nossa necessidade né, não tá contribuindo efetivamente pra concretização da alfabetização plena.

4. O Pacto fez tu mudares a tua opinião em relação aos métodos de alfabetização?

Não porque ele não fala em método, não.

5. Quais as principais mudanças que o Pacto trouxe para o trabalho em sala de aula?

Esta pergunta acho que não consigo responder por que não acompanho o trabalho lá nas salas de aula das professoras do Pacto. O que posso é me lembrar dos relatos das próprias professoras, lá no Seminário Final de 2013. Pelos relatos, percebi que os materiais recebidos, os livros de literatura infantil para cada ano, os acervos complementares e a criação dos cantinhos de leitura nas salas, foram grandes motivadores tanto para as crianças quanto para as próprias professoras. A grande maioria dos projetos relatados teve origem em alguma leitura, de algum livro que encantou a turma. Outro ganho, embora em menor escala porque nem todas as escolas implementaram isto, foram os tempos conquistados pelas professoras do ciclo inicial, para que pudessem se reunir sistematicamente na escola, com a supervisão escolar, para discutir metodologias, aprofundar estudos, ou simplesmente confeccionar materiais.

6. Tu achas que o Pacto contribuiu para a qualificação do ensino da leitura? De que forma?

Eu acho que contribuiu no sentido que ele trouxe materiais pra uso dos professores, neste aspecto ele contribuiu e isso foi uma coisa muito observada no ano passado, quando as professoras começaram a receber os kits de leitura, pra cada ano, veio kit específico, com 40 títulos mais ou menos pra 1ºano, títulos pra 2ºano e títulos pra 3ºano, além disso, vieram 3 acervos complementares também cada qual com 40 títulos entre eles muitos livros de literatura infantil, são bem usados pelas professoras. Há muitos anos eles vieram de novo, quer dizer, o material era bom e as professoras ficaram encantadas com esse material, no seminário final a gente observou que eles foram usados sim porque todas elas desenvolveram algum projeto a partir de alguns livros didáticos e relataram, relatos muito ricos e esse material fascinou as professoras e pelo jeito fascinou também as crianças porque foi obrigatório também a... pelo fato de ter tornado obrigatório a criação de um cantinho de

leitura e cada sala, inclusive elas tinham que postar no SIMEC, fotografias comprovando a criação desse cantinho então eu acho houve sim uma valorização deste incentivo à leitura, agora dá aquisição da habilidade da leitura em si a gente não tem como avaliar porque não há instrumento para isso, isso já é uma... na própria provinha Brasil, quando é aplicada no final do 2ºano naquela diagnóstica no início e final de 2ºano é uma deficiência reconhecida pelo INEP porque como é que tu vai avaliara a leitura, tem que ter alguns critérios e avaliar aluno a aluno, é uma coisa bem difícil e o Pacto também não trouxe instrumento pra gente avaliar leitura então a aquisição da habilidade ela tá, não estamos conseguindo medir no momento.

7. Qual a tua opinião sobre o Ciclo de Alfabetização de 3 anos? Há necessidade de 3 anos para a alfabetização? E sobre a não reprovação durante o Ciclo?

Certamente que não há necessidade de três anos, não há. Muitas, muitas, Ester Grossi disse que um ano chega e ela comprova lá com o jeito dela. Só que tem os incluídos né, mas os incluídos, eles sempre devem ser avaliados o crescimento deles em relação a eles mesmo, de onde eles estavam pra onde eles conseguiram evoluir, então, mas na média deveria ser possível né. Havendo um trabalho prévio de estimulação lá na pré-escola, havendo um contato anterior das crianças com o mundo da leitura e escrita, porque essa é a queixa que nossas escolas trazem, que em muitos casos a criança vem de casa diretamente para o 1º ano e mesmo que ela tenha passado por uma escola de educação infantil, creche às vezes o foco não é esse, porque muitas creches e escolas não são atendidas por professores e não tem esse conhecimento, não sabe exatamente como estimular, como melhor estimular. Deve ter outros fatores que quem estuda sabe melhor do que eu, mas o ciclo, o ciclo... O ciclo de alfabetização e a não reprovação, nós estamos justamente retomando esse assunto aqui na Secretaria, o ciclo ele veio por uma sugestão do MEC, inclusive ele não foi impositivo, a não retenção ela foi impositiva, me parece por um parecer do Conselho Nacional do 1º para o 2ºano. A adoção dos ciclos ficou a autonomia dos municípios adotar ou não. O nosso município adotou, então naquele período no final de 2011, foi adotado o ciclo de alfabetização e nós mantivemos o regime seriado e agora é bem difícil a gente lidar com isso, porque tem a parte legal e as orientações específicas de ciclo, as orientações específicas falam. A gente está retomando aqui as orientações do MEC, que um aluno que não tem o domínio dos conhecimentos lá do seu 1ºano de escolaridade, ou que ele falta bastante a escola e em razão disso ele não tem a aquisição das habilidades previstas para o 1ºano e essas habilidades inclui sim, estar alfabetizado ao final do 1º mesmo no bloco, então ele poderia ficar com a mesma professora no 1ºano de novo no ano seguinte, só que nós adotamos a ideia de bloco e mantivemos séries, então os nossos alunos no final do 1ºano tem que ter um

resultado final e no final do 2ºano também e se há, a não retenção, ele tem que ser aprovado obrigatoriamente 'né'. Mesmo não tendo as capacidades plenamente consolidadas ou o mínimo delas, então no censo escolar que é o retrato, é o espelho, é muito importante falar no censo porque é dali que saem todos os estudos, todos as estatísticas que subsidiam estudos sobre a qualidade da escola, tantas outras coisas sobre a educação no Brasil. No censo se o município adota bloco inicial 'né', em regime ciclado, ele tem uma estrutura específica no censo, que não abre pra nós, pra nós abre seriação 'né', então nós temos que fazer alguma coisa a respeito porque a gente tem sim, casos que seriam muito mais produtivo para aluninho de 1ºano, ele precisa de mais tempo no 1º ano, porque se ele vai para o 2º, ele tem as demandas do 2º, mais as do 1º, importantes não consolidadas e a bagagem fica pesada pra ele, e ele vai assim pro 3º 'né', fica mais pesada ainda, então seria importante ele permanecer com aquela professora pra dá conta daquilo que ele não conseguiu.

8. Tu achas que o Pacto pode produzir mudanças na qualidade da alfabetização no Brasil e produzir efeitos de longo prazo na qualidade da leitura e escrita dos estudantes brasileiros? Por quê?

Eu acho que ele pode produzir sim ao longo prazo se houver sempre um acompanhamento, se houver uma cobrança de resultados, de metas a cumprir. A gente nota que esse simples fato das nossas professoras de 1º e 2º ano usarem aquela... fazer aquele acompanhamento em 11 itens básicos. Este ano entrou a matemática, a matemática também tem oito, tem mais umas 17 capacidades básicas de matemática, só isso já tá dando rumo pra professora, pra que ela veja o seu aluno desde o começo do ano até o final do ano e do que ele foi capaz né, agora essa de passar esse aluno adiante sem ele ter esse domínio pleno e como cada município faz isso é tão diferente país a fora, é muito diferente. Vamos ver com a ANA agora, porque este ano, a Avaliação Nacional da Alfabetização que vai ser aplicada ao final dos 3ºs anos, como uma atividade do PNAIC. A ANA ano passado ela foi experimental, todos os 3ºs anos fizeram e os resultados não foram divulgados 'né'? Este ano ela vai ser uma avaliação externa de 3ºano, a gente vai ter um parâmetro. Então, e o que eles vão fazer com os resultados não atingidos? O que vai acontecer com gestor municipal, com o gestor escolar, o professor? Se nós vamos ter mais responsabilidades? Se houver esse acompanhamento eu acho que ele pode fazer diferença sim, mas sem acompanhamento não, e com esses subsídios sempre. Acho que não pode desmobilizar o professor. Eu acho que o professor está sempre em formação, por mais que isso seja difícil pra ele fora do horário. A gente pode articular isso talvez, dentro do horário de atividade do professor. Ele não pode ser desmobilizado, ele tem que estar sempre no conjunto, com seus pares ou no mínimo na escola olhando o que ele faz e projetando pra diante.

9. Em que medida tu consideras que a escola (professores, supervisores, alunos e famílias) se sente comprometida com esse objetivo?

‘Aí’, aí, é difícil, eu acho que os professores ficam bastante sozinhos. ‘Tá’, as nossas escolas têm, todas as escolas têm supervisora na escola, mas não há o envolvimento total, de todos, há grandes exemplos de supervisão nas escolas, mas às vezes ele também não tá bem subsidiado e não participa de formações como esta. Talvez fosse interessante o supervisor também saber o que o professor está estudando ‘né’, o que ele está recebendo pra ele poder participar, mais efetivamente. Esse acompanhamento e das famílias depende muito do contexto ‘né’, tem família que tem material escrito, os pais tiram tempo pros alunos, mas eu acho isso cada vez mais escasso, porque as pessoas trabalham ‘né’, e os nossos alunos são filhos de pessoas, muitos são filhos de pessoas que têm baixa escolaridade, então eles também não valorizam. A nossa cultura hoje é muito visual, então não contribui pra, pra gente valorizar a escrita. É muito mais fácil assistir na televisão ou no computador ou pelo celular, que quase todo mundo tem, as crianças têm, é até difícil lidar com isso nas escolas, às vezes, então é difícil e o compromisso da escola como um todo acho que não tá havendo ainda. Eu vejo pela fala deles, dos professores que eles ainda se sentem bastante sozinhos com esse compromisso de atrair os alunos pra leitura, as direções têm um viés muito administrativo ainda ‘né’. E a escola tem uma rotina muito atribulada, a falta de professor, o supervisor vai atender, o próprio diretor. Então, nós temos muito o que fazer neste aspecto.

10. Tu tens conhecimento sobre os estudos da neurociência em relação ao processo de alfabetização? Esses estudos foram contemplados em algum momento nas reuniões, discussões ou material disponibilizado pelo Pacto e são relevantes para a prática pedagógica na escola?

Eu tenho conhecimento sim, um pouco, mas tenho de falas, de palestras que eu assisti, de relatos de palestras de colegas que assistiram em Porto Alegre e tem uma professora nossa que é a professora do CEMEJA, a Lucilene¹ está no doutorado sobre esse assunto, foi bem elucidativo. A gente trouxe a Lucilene pra falar com as nossas professoras alfabetizadoras acho que uns anos atrás, mas foi uma iniciativa nossa. O PNAIC não faz referência a isso ‘tá’, aliás, todo o discurso oficial, falando assim, de orientações do MEC ‘né’, ele está muito atrelado ao construtivismo, ele não vai ao desapegar tão fácil disso ‘tá’. Eu me lembro os programas de formação que o MEC intermediava com as nossas escolas através do planejamento do plano de ações articuladas dos municípios o Alfa e Beto que adotam os princípios do método fônico e eu acho que também das neurociências, eu vejo na página deles que eles estão falando bastante disso e promovendo eventos e postando materiais também referentes, o Alfa e Beto ele foi sumariamente excluído do leque de opções que o MEC oferecia pra formações de professores, então teve escolas da rede estadual principalmente, que tiveram professores

formados pelo Alfa e Beto, mas hoje não mais, eu acho que é porque ele não se coaduna com o discurso oficial, então não espero que venha dali alguma coisa, porque é uma resistência a ser vencida ainda. E acho que a neurociência essa abordagem, ela faz muito sentido e não faz sentido a gente ficar apegada eternamente a uma concepção. Faz 30 anos 'né'? Porque pelo menos não ouvir o novo, não analisar 'né'? Então, mas não é citado, esses autores não são citados na literatura oficial, nada que divirja do construtivismo é citado em bibliografia do MEC.

¹ Lucilene Bender de Souza, mestre em Letras e doutoranda, palestrante e autora do livro *Aprendendo Palavras Através da Leitura* – EDUNISC. Santa Cruz do Sul, 2011.

ANEXO F

Acervos complementares enviados em caixas às escolas:

ANO 1	
Acervo 1	Acervo 2
Era uma vez uma gota de chuva	Essa não é minha cauda
ABC dos animais	Pingo-d'água
O que Ana sabe sobre... os alimentos saudáveis	Balas, bombons, caramelos
O mundinho azul	Que delícia de bolo!
A abelha	A baleia corcunda
Pinga pinga pingado	Animais e opostos
Quem vai ficar com o pêssego?	Livro dos números, bichos e flores
Beleléu e os números	Tem alguma coisa embaixo do cobertor!
Nunca conte com ratinhos	Águas
Sofia, a andorinha	De mãos dadas
Lilás, uma menina diferente	Os feitiços do vizinho
O menino e a gaiola	Gente de muitos anos
A velhinha na janela	O menino Nito: então, homem chora ou não?
Minha família é colorida	Carta do tesouro para ser lida para as crianças
A joaninha que perdeu as pintinhas	O grande e maravilhoso livro das famílias
O Pequeno Paraquedista	O Tempo
A bola dourada	Família Alegria
Como vou	Dandara, o dragão e a lua
Ruas, quantas ruas	Ar – Pra que serve o ar?
Maracatu	Godô dança
Clic-clic, a máquina biruta do seu Olavo	Chapeuzinho vermelho e as cores
Uma tarde do barulho	É o bicho!
Sombra	Mamãe é um lobo!
Música no zoo	Canteiro: músicas para brincar
De avestruz a zebra	Bichonário
Turma da Mônica: folclore brasileiro	O livro das adivinhas
Soltando os bichos	Beijo de bicho
Cadê o docinho que estava aqui?	A história da tartaruga
Era uma vez uma bota	Pato! Coelho!
O casamento do rato com a filha do besouro	Abacadabra

Acervos complementares enviados em caixas às escolas:

ANO 2	
Acervo 1	Acervo 2
História de Dentinho	Tanta água
A quarta-feira de Jonas	O caminho do rio
Tudo por causa do pum?	Não afunde no lixo!
A poluição tem solução	Rosa dos ventos
Albert	Matar sapo dá azar
Quem é o centro do mundo?	Viagens de um pãozinho
A economia de Maria	Assim ou assado?
Apostando com o monstro	Quem ganhou o jogo? Explorando a adição e a subtração
Usando as mãos: contando de cinco em cinco	Era uma vez... 1, 2, 3
Quem é a Glória?	O silencioso mundo de flor
A caixa preta	Ser criança é... Estatuto da criança e do adolescente para crianças
Não é brincadeira	Frederico Godofredo
Juntos na aldeia	Pigmeus: os defensores da floresta
Mas que bandeira!	Bruna e a Galinha d'Angola
Escrita: uma grande invenção	Rupi! O menino das cavernas
Tarsila, menina pintora	Txopai e Itôhã
Primeiros mapas, como entender e construir	Estrelas e planetas
Mão e contra-mão	Mapa de sonhos
Plantando as árvores do Quênia: a história de Wangari Maathai	Festa da Taquara
O céu azul de Giotto	Arco-íris
Desvendando a orquestra formando plateias do futuro	O tabuleiro da baiana
A escola do cachorro sambista	Desvendando a bateria da escola de samba
Para comer com os olhos	Tarsila e o papagaio Juvenal
Bumba-boi	Seurat e o arco-íris
Abecedário hilário	Ciranda do abc
Bichos são todos...bichos	Ciranda das vogais
Para que serve um livro?	Delícias e gostosuras
Todas as cores do mar	O lugar das coisas
Iguais, mas diferentes	É um livro
Gato, castelo, elefante?	Grande pequeno

Acervos complementares enviados em caixas às escolas:

ANO 3	
Acervo 1	Acervo 2
Rimas saborosas	Em busca da meleca perdida
Por que somos de cores diferentes?	Uma viagem ao espaço
Rubens, o semeador	Por que os gêmeos são tão iguais?
Dudu e a tagarela Bac	O ônibus mágico – no interior
Se o lixo falasse...	Dudu e o professor Aspergilo
Um por todos, todos por um: a vida em grupo dos mamíferos	Meu primeiro livro dos cinco sentidos
Almanaque Maluquinho – pra que dinheiro?	Irmãos gêmeos
Os filhotes do vovô coruja	Poemas problemas
Pés na areia: contando de dez em dez	O pirulito do pato
Viagem ao mundo indígena	O livro do pode-não-pode
Pretinho, meu boneco querido	Passarinhos e gaviões
O livro das combinações: quando um país joga junto	A pipa e a flor
O senhor das histórias	Alberto: do sonho ao voo
Ciranda	Histórias encantadas africanas
A Árvore da Família	Os Guardados da Vovó
Histórias de avô e avó	Histórias da nossa gente
Tempo, tempo, tempo: quem pode com ele?	Seringueira
As panquecas da Mama Panya	Como fazíamos sem...
Canção dos povos africanos	Sabores da América
Ritmo é tudo	Pintura aventura
Batuque de cores	O herói de Damião em a descoberta da capoeira
Gravura aventura	Rádio 2031
A rainha da bateria	Cores em cordel
Seu Flautim na Praça da Harmonia	Maluquices musicais e outros poemas
ABC doído	BIS
Um sapo dentro de um saco	A menina, o cofrinho e a vovó
As paredes têm ouvidos	O que dizem as palavras
Jabuti sabido e macaco metido	Sem pé nem cabeça
Festival da primavera: aventuras do Araquã	Histórias à brasileira: A donzela guerreira e outras
João das letras	Viviana, a rainha do pijama